

GLÁUCIA DO CARMO XAVIER

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (PUC-MG) e é mestre em Educação (PUC-MG). Realizou estágio de pós-doutorado na área da Sintaxe Gerativa, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF). Possui duas especializações na área da Psicopedagogia e licenciou-se em Letras (UNI-BH). É professora efetiva do IFMG, onde atua desde o Ensino Médio ao Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. É líder do grupo de estudos GEPET.

Editora CRV

O ASPECTO VERBAL

sob a ótica da Teoria Gerativa

O aspecto verbal sob a ótica da Teoria Gerativa apresenta um estudo aprofundado sobre aspecto, em um viés formalista. O debate sobre aspecto é feito buscando o entendimento dessa categoria, a partir dos conceitos de (a)telicidade e (im)perfectividade. Nesse esforço, o livro diferencia tempo verbal de aspecto verbal, uma vez que esses conceitos podem se sobrepor. A diferenciação de tempo e aspecto é um conhecimento necessário para a compreensão do funcionamento da Sintaxe, quando se pesquisam categorias funcionais. Como objetivo principal, a obra demonstra de que forma o aspecto pode ser representado no módulo mental e como o aspecto é gerado nas sentenças do português brasileiro. Para isso, o livro retoma o histórico da Teoria Gerativa, os pressupostos do Programa Minimalista e os processos computacionais presentes no momento da formação de uma sentença. A obra aborda a função dos predicadores, argumentos e adjuntos, além de trazer os conceitos de papel temático e Caso, que são tão caros para o entendimento da Sintaxe. Estudiosos da gramática formal, com foco em temas como aspecto, Teoria Gerativa, advérbio e tempos verbais poderão encontrar neste livro muitas respostas para as suas questões de pesquisa.

Editora CRV

ISBN 978-85-444-3171-9



O aspecto verbal é uma categoria funcional que vem sendo estudada, cada vez mais, na atualidade. Devido à necessidade de entendimento sobre aspecto, suas diferenças com tempo verbal e suas relações com advérbio, este livro apresenta um estudo aprofundado sobre essas três categorias. Esta obra é o resultado de uma pesquisa de doutorado e, como objetivo principal, apresenta a representação sintática do aspecto. Todo o debate é inserido no arcabouço da Teoria Gerativa. Assim, as noções de (a)telicidade e (im)perfectividade, inacusatividade e inergatividade são trazidas para o centro deste estudo e podem ser compreendidas por meio dos resultados da pesquisa empreendida.

Editora CRV

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Gláucia do Carmo Xavier

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O ASPECTO VERBAL SOB A ÓTICA DA TEORIA GERATIVA

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2019

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Foto da Autora: Ana Elisa Costa Novais
Revisão: Prof.ª Dr.ª Gláucia do Carmo Xavier

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

X3

Xavier, Gláucia do Carmo.
O Aspecto Verbal sob a ótica da Teoria Gerativa / Gláucia do Carmo Xavier – Curitiba : CRV, 2019.
216 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-444-3171-9
DOI 10.24824/978854443171.9

1. Linguística 2. Língua Portuguesa 3. Aspecto Verbal – Gramática 4. Teoria Gerativa I. Título II. Série.

CDU 8 CDD 410

Índice para catálogo sistemático
1. Linguística 410

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!

DISPONÍVEL NO Google Play
Baixar na App Store

2019
Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: **www.editoracrv.com.br**

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Élsio José Corá (UFFS)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield University, FU, Estados Unidos)
Jane Borges (UFSCAR)
Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc.*

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

ABREVIATURAS

A - Argumento
ADV - Advérbio
AGR - Concordância
ASP - Aspecto
AspEM - Aspect for event measurer
AspOR Aspect for originator
AUX - Auxiliar
BTS - Basic Tense Structures
CDTS - Derived Tense Structures
COMP - Complementizador
EPP - Princípio de Projeção Estendida
Estrutura-P - Estrutura Profunda
Estrutura-S - Estrutura Superficial
FEO - Fact- Event Objects
FL - Faculdade de Linguagem
FLB - Faculdade de Linguagem Ampla
FLN - Faculdade de Linguagem Estrita
GU - Gramática Universal
HA - Hipótese de Adjunção
HE - Hipótese de Especificador
INFL ou **I** - Flexão
IP - Inflexion Phase (Sintagma de Flexão)
K - Caso
ME - Momento de Evento
MF - Momento de Fala
MR - Momento de Referência
MV - Modelo Variacional
N - Nome
NURC - Projeto da Norma Urbana Oral Culta
OI - Infinitivo Opcional
P - Preposição
PB - Português Brasileiro
PFI - Princípio da Interpretação Plena
PM - Programa Minimalista
PSN - Parâmetro do Sujeito Nulo
RC - Regras de Competição
RCU - Restrição de Checagem Única
RTC - Rule for Temporal Connectives

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

S - Sentença
SC - Sintagma Complementizador
SN - Sintagma Nominal
SOT - Sequency of Tense
SP - Sintagma Preposicional
ST - Sintagma de Tempo
SV - Sintagma Verbal
Sv - Sintagma de verbo leve ou verbo light
T - Tempo
TRL - Teoria da Regência e Ligação
UTAH - Uniformity of Theta Assigment Hypothesis
VP - Verb Phrase
V - Verbo
ϴ - Papel Temático

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11
A autora

PREFÁCIO 13
Arabie Bezri Hermont

INTRODUÇÃO 15

1 ASPECTO 21

2 TEORIA GERATIVA 47

3 TEMPO 75

4 ADVÉRBIO 107

5 METODOLOGIA 123

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA AMOSTRA I 129

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS
DAS AMOSTRAS II E III 161

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 193

NOTIFICAÇÕES PARA LEITORES(AS) DESTA OBRA 205

REFERÊNCIAS 207

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

APRESENTAÇÃO

"O Aspecto Verbal sob a ótica da Teoria Gerativa" foi escrito em sua primeira versão na forma de tese de doutorado com o título "O estudo do aspecto em uma perspectiva minimalista: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais", defendida na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em setembro de 2016. O objetivo da pesquisa, que agora se transforma em livro, foi descrever a representação do aspecto à luz da Teoria Gerativa. Para alcançar este objetivo geral, a pesquisa buscou compreender as relações entre os aspectos gramaticais (perfectividade/imperfectividade) e aspectos semânticos (telicidade/atelicidade), descrever as relações entre o aspecto semântico e verbos inacusativos e inergativos, verificar como os advérbios e os complementos verbais podem determinar o aspecto de uma sentença e propor uma representação sintática do aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro.

No momento de escrita da primeira versão deste texto, o fôlego da autora teve que ser redobrado, pois literatura sobre a descrição do aspecto em uma perspectiva funcionalista pode ser encontrada sem dificuldade, mas quando se deseja buscar o entendimento do aspecto em uma perspectiva formalista da língua, a literatura é mais restrita. O enfoque dado ao tema "aspecto" é recente, uma vez que, comumente, os estudos aspectuais eram considerados como sendo semelhantes a estudos sobre tempos verbais. Para exemplificar, apenas no ano de 2017, no Brasil, ocorreu o primeiro evento internacional sobre aspecto, o I CITAM (Congresso Internacional de Tempo, Aspecto e Modo). Esse fato também demonstra a necessidade de divulgação e publicação de textos científicos sobre o assunto, principalmente quando o texto for além de apenas descrições de tipos aspectuais. Observa-se que o campo de estudos sobre a temática está aberto para novas abordagens, sobretudo, para receber novas publicações com resultados de pesquisas.

Portanto, foi com a intenção de divulgar uma obra mais completa, com parte teórica robusta e análise de dados sobre aspecto, em uma abordagem formalista, que este livro foi publicado em formato e-book, com acesso livre e gratuito para que ele possa chegar às mãos de qualquer pesquisador(a) com interesse sobre: aspecto, Teoria Gerativa, advérbios, verbos inacusativos, tempo verbal, complementos verbais, além de outras categorias afins. Ou seja, grande parte do que se refere ao estudo sintático do aspecto poderá ser encontrado nesta obra.

A autora

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

PREFÁCIO

Este livro tem a sua origem na tese de doutorado de Gláucia do Carmo Xavier, orientada por mim. "O Aspecto Verbal sob a ótica da Teoria Gerativa", como o próprio nome indica, tem o objetivo maior de compreender a categoria aspectual à luz da Teoria Gerativa. Xavier aborda a temática principal, tentando entender como a categoria temporal, que situa um determinado evento no passado, no presente e no futuro, relaciona-se à categoria aspectual, uma noção de tempo interno à situação ou ao evento. A autora realiza ampla pesquisa a partir de um *corpus* de falas espontâneas de indivíduos adultos falantes do português brasileiro. Ao realizar sua pesquisa, Xavier abre espaço para, pelo menos, três outros caminhos perfeitamente interligáveis, mas que apresentam suas singularidades, quais sejam: a relação entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical; a importância de se levar em conta os complementos verbais e adjuntos adverbiais na configuração aspectual; e a relação entre os traços de telicidade e atelicidade e os tipos de verbos intransitivos, os inacusativos e os inergativos.

Nessa perspectiva, a autora, usando muitos exemplos, promove uma reflexão acerca da relação entre sintagmas verbais caracterizados pelo traço de telicidade (que expressa fim inerente), tal como em "A moça atingiu o cume da montanha", e as formas verbais consideradas perfectivas e a relação entre sintagmas verbais marcados pela atelicidade (que não expressa fim inerente), como, por exemplo em "João corre", e morfemas de imperfectividade que, em português, ocorrem nas formas verbais do presente e do pretérito imperfeito.

Ao tratar da telicidade ou da atelicidade de determinada situação verbal, a autora lançou luz aos estudos da área quando demonstra a importância de se considerarem os advérbios na configuração do sintagma verbal. Nesse contexto, os exemplos trazidos demonstram que o posicionamento do advérbio, tradicionalmente tido como termo acessório da oração, muitas vezes, não é livre.

Outra direção para a qual a pesquisa de Xavier nos aponta é a relação entre traços de telicidade e de atelicidade e verbos inacusativos e inergativos, respectivamente. Na literatura sobre o assunto, os verbos inacusativos, que apresentam a alternância verbal, tal como em "A carta chegou" e "Chegou a carta", e cujo SN "a carta" tem o papel temático de paciente, tanto na posição de sujeito, quanto na de objeto, normalmente, têm o final previsto, configurando-se, portanto, como télicos. Já os verbos inergativos, tal como "O menino sorri", em que não é prevista a alternância verbal com tanta naturalidade, são ligados, mais recorrentemente, à atelicidade. Xavier aplica

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

vários testes para verificar essa relação e apresenta um resultado que vai de encontro ao que a literatura vem demonstrando. Esta obra demonstra em que situações os verbos inergativos não são considerados atélicos e qual é o papel do verbo de ligação nessa linha de investigação.

Estou certa de que o trabalho de Xavier, além de nos apresentar respostas aos questionamentos propostas na pesquisa, indica-nos perguntas que vão ao encontro de necessidades reais para o estudioso do tema maior, que é o aspecto verbal, tanto no viés gerativista, quanto na perspectiva de outros quadros teóricos, pela riqueza de dados, de descrição e de reflexão.

Arabie Bezri Hermont

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

INTRODUÇÃO

Estudos sobre aspecto têm sido cada vez mais frequentes no português brasileiro. Esse é um tema rico e atualmente tem crescido o número de pesquisas na área. Por uma definição de aspecto, pode-se citar Comrie (1976) que o conceitua como uma constituição temporal interna da situação. Não raro, o conceito de aspecto vem acompanhado da ideia de tempo, fazendo com que o limite entre os conceitos de aspecto e de tempo verbal, por vezes, seja tênue. Assim, este livro abarca a ideia de aspecto com o foco no desenvolvimento e duração de um evento e a ideia de tempo, sempre ligada à localização dele.

Este livro foi originalmente escrito como tese de doutorado sob o título "O estudo do aspecto em uma perspectiva minimalista: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais", defendida no programa de pós-graduação em letras da Pintificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em 03 de setembro de 2016. A pesquisa em questão faz parte de uma pesquisa maior, coordenada pela professora Arabie Bezri Hermont, no grupo de pesquisa ELINC (Grupo de Estudos em Linguagem e Cognição). O objetivo principal das pesquisas do grupo, assim como desta investigação, é descrever e explicar a gramática como parte de um sistema cognitivo do homem. Esta pesquisa, especificamente, propõe-se a mostrar como se dá a representação do aspecto verbal na gramática mental. Para tal, lançou-se mão de teorias que tratam dessa categoria e suas relações.

Os estudos de Vendler (1967) contribuem para este livro. O autor sugere quatro tipos de verbos: *activity, accomplishments, achievements e states.* O primeiro, *activity*, sugere uma ação com período indefinido como "nadar", *accomplishments* já sugere uma ação com período definido, como "pintar um quadro". Os verbos *achievements* não indicam ação, mas eventos, pois são pontuais como "encontrar". E os *states* não indicam nem ação e nem evento, mas um estado com tempo indefinido de ocorrência, como "amar". Essas noções podem indicar o término da ação, tendo assim um evento télico. Do contrário, quando não é possível prever o término da ação, como em "nadar", tem-se uma ação ou processo atélico.

Os estudos de Comrie (1976) também contribuem para a compreensão de aspecto. O autor faz uma divisão da noção de aspecto gramatical e de aspecto semântico/lexical. O aspecto gramatical pode ser dividido em perfectivo ou imperfectivo e apresenta relação com a morfologia do verbo, registrando eventos que já ocorreram ou não. O aspecto semântico/lexical pode ser dividido em télico ou atélico e apresenta relação mais direta com noções semânticas do que sintáticas. O aspecto gramatical se refere à noção de uma ação

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

já concluída (aspecto perfectivo) ou que ainda esteja em desenvolvimento (aspecto imperfectivo). O aspecto semântico/lexical télico abarca a ideia de uma ação que tende a um fim e o aspecto semântico/lexical atélico a uma ação que não apresenta limites claros capazes de findar a ação.

Arad (1996) também traz uma abordagem sobre aspecto. A autora afirma que o predicado, como um todo, tem mais importância no estudo do aspecto porque as regras aspectuais são determinadas pelos tipos de eventos, devido aos argumentos e adjuntos presentes na sentença. Assim, não só o verbo define o aspecto, mas todo o SV e, nesse sentido, as operações ocorridas na Sintaxe são importantes. Arad (1996) pontua que um verbo inacusativo, por apresentar apenas argumento interno, como em "A carta chegou", indica o término da ação, enquanto os verbos inergativos, como em "João correu[1]" indicam apenas o ponto de início da ação. Arad (1996) apresenta uma hipótese para a representação sintática do aspecto. Ela defende dois nós aspectuais, um para as sentenças que têm um originador do evento e outro para as sentenças que têm um limitador do evento.

Outra autora que defende a representação do aspecto na árvore sintática é Wachowicz (2006). Essa, diferentemente de Arad, concentra seus estudos sobre aspecto nas perífrases verbais e, a partir daí, postula que haja um nó aspectual para acomodar o aspecto de verbos auxiliares e outro nó para acomodar o aspecto de verbos plenos.

Sobre a noção de tempo, já foi explicitado que, muitas vezes, ela está atrelada à noção de aspecto. Como contribuição nesse estudo, tem-se Hornstein (1993), o qual argumenta que o sistema de tempo é traçável na Sintaxe. Hornstein postula alguns princípios que serviriam como regras para que o sistema temporal possa ser interpretado semanticamente. O autor fundamenta seu raciocínio com base em Reichenbach o qual apresenta sua noção de tempo usando três momentos: o Momento do Evento (ME), o Momento da Fala (MF) e o Momento de Referência (MR). Hornstein (1993) cita sua teoria como neorreichenbachiana, pois, diferentemente de Reichenbach (1947), ele não acredita que os três momentos se relacionem simultaneamente.

Essa teoria neorreichenbachiana sugere que o MR em relação com o ME poderia se referir ao aspecto, uma vez que há um ponto de referência em relação ao evento; enquanto o MR, em relação ao MF, poderia se referir a tempo, já que não apresenta relação direta com o evento em si. Portanto, o que se pretende é testar essas hipóteses de trabalho, com o objetivo de mostrar como ocorre a representação do aspecto verbal no momento da derivação de sentença.

1 Todos os exemplos expostos com os nomes Liza, João ou João Antônio foram criados pela autora para este livro. Os exemplos que forem retirados de outros autores virão com referência.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Apresentadas as noções teóricas que nortearão o livro, podem-se delinear como objetivos desta obra:

a) entender como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro;

b) verificar se os demais elementos que constam no Sintagma Verbal, como advérbios e complementos, podem determinar telicidade ou atelicidade e, se sim, em que medida isso se dá;

c) delimitar a relação entre (a)telicidade e as estruturas inacusativa e inergativa;

d) identificar a relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade, à medida que muitas formas verbais télicas surgem na forma perfectiva.

As hipóteses estabelecidas nesta investigação são:

a) a camada flexional é dividida em pelo menos duas projeções: uma específica de tempo e outra de natureza aspectual;

b) elementos como advérbios e complementos verbais determinam o aspecto semântico;

c) estruturas inacusativas tendem a ser mais télicas que atélicas;

d) há relação entre formas télicas e formas perfectivas e entre as formas atélicas e formas imperfectivas.

Esta pesquisa descrita neste volume terá uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa. Partir-se-á da fundamentação teórica seguindo para uma abordagem quantitativa, com cruzamento de dados, indicando porcentagens e probabilidades de ocorrências de aspecto com o auxílio do pacote de programas estatísticos Varbrul e do Teste X^2.

A partir de sentenças de falantes reais, nos inquéritos do NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), serão classificados os aspectos gramaticais e semânticos (ou lexicais) e verbos inergativos e inacusativos. Também serão classificados os argumentos e adjuntos adverbiais, levando-se em conta todo o SV. Por fim, retornar-se-á à abordagem qualitativa, significando e interpretando os dados obtidos.

O que justifica este livro nesses moldes é que, "*na verdade, ainda existem muitas questões teóricas e metodológicas em plena discussão entre os estudiosos do gerativismo interessados no Sistema Computacional*" (KENEDY, 2013, p. 248). Com os resultados desta pesquisa, poder-se-á contribuir com

o estudo, em especial, da Camada Flexional, nos moldes da Teoria Gerativa, inserida no Programa Minimalista.

Assim, o primiero capítulo desta pesquisa tratará sobre o objeto de estudo: as noções de aspecto e suas propriedades. O capítulo apresenta as noções formalistas de Vendler (1967), Smith (1991), Chierchia (2003), Verkuyl (2003) e Arad (1996). Essas teorias foram escolhidas, pois contribuem para a hipótese de que haja na Sintaxe um Sintagma Aspectual. Há também conceitos e descrições aspectuais funcionalistas de autores brasileiros como Câmara Jr.(1956/1992), Castilho (1968/2014) e Travaglia (2006); elas são necessárias, pois tratam do aspecto na língua portuguesa.

No segundo capítulo, tem-se a exposição dos pressupostos da Teoria Gerativa, marco teórico da investigação trazida neste livro. Nesse capítulo, serão abordadas questões fundamentais sobre a Teoria, processos de formação de sentença, posições argumentais, operações que ocorrem no Sistema Computacional e demais noções relevantes que se relacionam com o aspecto verbal. Após apresentar o tema principal e a teoria que regerá as postulações da pesquisa, têm-se os temas "tempo" e "advérbio" que se relacionam diretamente ao estudo do aspecto no viés gerativista.

O terceiro capítulo versará sobre tempo. Será apresentada uma seção sobre tempo gramatical e a Teoria de Reichenbach (1975) sobre o momento de fala (MF), momento de evento (ME) e momento de referência (MR), além da teoria de Bull (1968), com os quatro eixos que orientam os tempos verbais. Em seguida, será apresentado o estudo de tempo no Gerativismo proposto por Hornstein (1993). Por fim, tem-se a morfologia de tempos verbais no português e um estudo de Wachowicz (2006) sobre a marcação de tempo e aspecto nas perífrases, demonstrando como a camada flexional pode ser cindida.

Finalizará a parte teórica deste livro o capítulo quatro, sobre advérbio. O objetivo é identificar as relações entre advérbio, tempo e aspecto. O capítulo apresenta as teorias da Hipótese da Adjunção, de Ernst (2002), e a Hipótese do Especificador, de Cinque (1999), sendo que esta última teoria de Cinque postula que advérbios ocupam a posição de especificadores de projeções máximas, uma vez que carregam traços de tempo e aspecto. Por isso, muitas vezes, os advérbios ocupam posições à esquerda do verbo para checar traços de tempo e de aspecto no momento da formação das sentenças. Ainda será trazida a abordagem de Rocha e Lopes (2015) que afirma que a posição dos advérbios é estabelecida pelo cruzamento entre forma e função semântica dos adjuntos. As autoras fazem o estudo considerando advérbios em português e uma projeção aspectual.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

A metodologia será apresentada no capítulo cinco. Nele, estarão descritos os passos para a construção da pesquisa, iniciando a seção com os objetivos e as hipóteses de trabalho. Em seguida, a apresentação do *corpus*, ou seja, inquéritos do NURC e as descrições de como os dados serão analisados e quantificados no programa Varbrul.

No capítulo seguinte, o sexto, ter-se-á a análise dos dados referente à primeira amostra. Nesse momento, serão apresentados os cruzamentos dos dados, os cálculos obtidos e suas interpretações. Devido às limitações de algumas análises da primeira amostra no capítulo seis, há a inserção de mais duas amostras. O capítulo sete se dedica às análises e às interpretações dos dados da segunda e terceira amostras. No capítulo sete, a relação dos verbos inergativos e inacusativos com o aspecto será exposta, além das relações entre perfectividade/telicidade e imperfectividade/atelicidade. O advérbio também será tema central desses dois capítulos e será descrita a relação dele com o aspecto da sentença.

Por fim, no oitavo capítulo, serão apresentadas as considerações finais do trabalho que serão expostas em dois momentos distintos. O primeiro se referirá às conclusões dos testes e das análises qualitativas e quantitativas dos dados. Já no segundo momento, terá foco a articulação entre os resultados obtidos na pesquisa ora realizada.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

1 ASPECTO

O tema central deste livro é o aspecto e, como primeiro passo, faz-se importante compreender o conceito de tal noção. Assim, nesta obra, parte-se do princípio de que o aspecto pode ser entendido como uma noção temporal interna à situação, levando-se em conta sua duração e completude, não o seu tempo de ocorrência.

Em exemplos como "João correu pela casa" e "João corria pela casa", vê-se que a primeira ação é tida como finalizada (aspecto perfectivo) e a segunda não (aspecto imperfectivo). Esses são exemplos de aspectos gramaticais.

Já nas frases "Liza mastigou a bala" e "Liza engoliu a bala", observa-se que, apesar de o tempo verbal de ambas estar no pretérito perfeito, há uma ideia de duração da situação que é diferenciada. "Mastigar" e "engolir" apresentam tempos internos distintos; o primeiro dá a ideia de ação contínua (aspecto atélico) e o segundo passa a noção de evento pontual (aspecto télico). Esses exemplos demonstram o que vem a ser aspecto semântico ou lexical.

Apresentando agora as frases "João caminha na praia" e "João caminha até a escola" também se observa um contorno temporal diferente do verbo, neste momento não só pelo verbo, mas pelos complementos e adjuntos. O sintagma preposicional "na praia" não revela um limite para o término da ação de caminhar, daí a noção de atelicidade, mas o sintagma preposicional "até a escola", sim, ocasionando a noção de telicidade, uma vez que o término se dará quando João chegar à escola. Nas duas frases, o tempo verbal é o mesmo, mas a noção de duração e completude se diferem. Vê-se, então, que adjuntos podem ou não propiciar a noção de aspecto semântico ou lexical.

Nesse primeiro momento do capítulo, será apresentada uma revisão da literatura sobre aspecto verbal. A primeira parte da revisão bibliográfica será feita com base em Vendler (1967), Smith (1991), Chierchia (2003) e Verkuyl (2003). Essa primeira seção abordará tipos de verbos representando tipos de estado, processos e eventos. São classificações necessárias para a compreensão dos conceitos trazidos na seção posterior (1.2) a qual classificam tipos de aspecto a partir de Comrie (1976). O movimento feito nesse capítulo, partindo de uma classificação mais geral, com base nos tipos de estado, processos e eventos, indo em direção a uma classificação mais particular, de tipos de aspecto, é caro para o entendimento da noção de sintagma aspectual e sua representação sintática, trazida na seção 1.3 baseada em Arad (1996). Essas três primeiras seções tratam do aspecto numa perspectiva formalista.

Em seguida, ter-se-á a revisão bibliográfica de aspecto com base em autores brasileiros como Castilho (1968, 2014), Câmara Jr. (1956, 1992) e

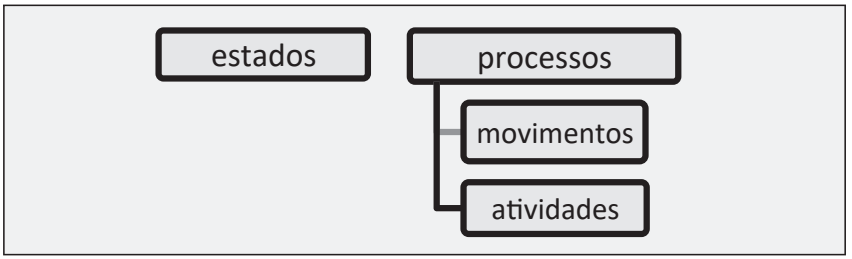
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Travaglia (2006) que fazem importante descrição de aspecto no português brasileiro contribuindo para este trabalho. Por fim, será apresentada a definição de aspecto adotada nesta pesquisa.

1.1 O aspecto além do verbo

A primeira sistematização da noção de aspecto foi feita por Aristóteles (384- 322 a. C.), notável filósofo grego. Ele classificava os verbos em duas grandes categorias: estados e processos. Entre os processos, há a subclassificação de movimentos (*kinesis*) e atividades (*energia*). Para Aristóteles, os estados não eram propriamente ações, mas uma situação que ocorria durante um tempo sem sofrer modificações. Já a diferença entre movimentos e atividades é que os predicados de movimentos (*kinesis*) descrevem um processo com fim predeterminado e os predicados de atividades (*energia*) descrevem um processo que não tende a um fim (ILARI; BASSO, 2014).

Quadro 1 – Classificação dos verbos em Aristóteles



Fonte: Ilari e Basso (2014, p. 153).

Zeno Vendler (1967), filósofo americano, propõe uma classificação semelhante à de Aristóteles. Vendler sugere quatro tipos de verbos: *states*, *activity, accomplishments e achievements.* Os "*state terms*" são verbos como "*saber, reconhecer, amar*" (p. 23), não envolvem dinamicidade e persistem no tempo, tendo sua duração como indefinida. Vendler também exibe um "esquema de tempo" dos verbos considerados como "processos" e propõe duas importantes espécies de verbos. Uma delas é denominada "*activity terms*" e corresponde a verbos como "*correr*" e "*puxar o carrinho*" (p. 22), os quais iniciam a partir de um tempo e não apresentam um ponto de término. Os "*activity terms*" expressam homogeneidade e uma parte do processo é igual ao todo. Opostos ao "*activity terms*", Vendler denomina "*accomplishment terms*" e exemplifica com "*correr uma milha*" e "*desenhar um círculo*" (p. 22). Os "*accomplishment terms*" tendem a um fim, são heterogêneos e há um tempo definido e único para que a situação ocorra.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Outro tipo de verbo são os "*achievement terms*", como "*atingir o topo, perder, achar um objeto*" (p. 26). Ocorrem em um momento único, num instante definido de tempo. Eles podem ser datados e capturam o início ou o clímax do ato. Assim se pode dizer "*Eu estou escrevendo uma carta*", mas não "*Eu estou atingindo o topo*[2]" (p. 27), pois as funções dos verbos diferem, em função da natureza do complemento. Em "*Ele está pensando sobre Jones*" (p. 27), tem-se um processo, uma vez que este verbo descreve o que alguém está fazendo, diferentemente de "*Ele pensa que Jones é um patife*" (p. 27), neste exemplo, tem-se um estado.

Para Vendler, os quatro tipos de verbos abarcam as possíveis ocorrências em relação ao tempo[3]. Se se pensar partindo de um tempo mais ilimitado em direção a um mais pontual, tem-se a seguinte ordem:

a) *State* = tempo indefinido (odiar, gostar, conhecer, acreditar).
b) *Activity* = período indefinido (correr, andar, nadar, empurrar).
c) *Accomplishment* = período de tempo definido (pintar um quadro, fazer uma cadeira, construir uma casa).
d) *Achievement* = instante definido e indivisível (começar, parar, vencer a corrida, cruzar a fronteira).

Smith (1997) é uma autora que baseia seus estudos em Vendler e define aspecto como:

> Aspecto tradicionalmente refere-se a pontos de vista gramaticalizados, como o perfectivo e imperfectivo. Recentemente, os estudiosos passaram a considerar a relação entre ponto de vista e estrutura da situação, assim o alcance do termo "aspecto" ampliou-se. O termo inclui agora propriedades temporais de situações ou tipos de situação. Pontos de vista e tipos de situação transmitem informações sobre os aspectos temporais da situação, tais como início, final, mudança de estado e duração. Essa noção de temporalidade é distinta de linhas temporais, embora esteja relacionado a isto. Aspecto é o campo semântico da estrutura temporal das situações e suas emergências (SMITH, 1997, p. 1, tradução nossa)[4].

2 Em português, é comum utilizar verbos com natureza télica no gerúndio. Isso dá uma ideia de ação contínua e progressiva, como em "atingindo o topo". No entanto, o verbo "atingir" é considerado télico e visto como um bloco único, em que o início, meio e término da ação se dão no mesmo instante. Similar a esse verbo, tem-se em português o verbo "encontrar", também télico e pontual, mas, por vezes, utilizado no gerúndio.

3 O autor nomeia *verbs and times.*

4 *Aspect traditionally refers to grammaticized viewpoints such as the perfective and imperfective. Recently, as people have come to apreciate the relation between viewpoint and situation structure, the range of the term 'aspect' has broadened. The term now includes temporal properties of situations, or situations types. Viewpoints and situation types convey information about the temporal aspects of situation such as beginnings, end, change of state, and duration. This notion of temporality is distinct*

Para a autora, o aspecto fornece uma perspectiva temporal para a sentença e isso é expresso por um grupo de tipos de verbos associados a determinadas situações particulares e acrescenta mais um tipo de verbo, os semelfactivos[5]. Ela define os semelfactivos como eventos de estágio único, não acompanhados de advérbios ou complementos de duração. Eles apresentam traços de dinamicidade, atelicidade e instantaneidade. Ex.: "*bater à porta, soluçar, bater uma asa, pregar um prego (uma vez), socar a mesa (uma vez)*"[6] (SMITH, 1997, p. 29-30).

Para Smith, os tipos de verbos ficariam assim definidos:

a) *State* = período indeterminado e único. É estático e durativo. Ex. "*amar Mary*" (p. 3), "*O quadro está dependurado na parede*", "*Steve está sentado na cadeira*", "*Tigres comem carne*", "*Dinossauros estão extintos*" (p. 33).
b) *Activity* = evento relativamente homogêneo, sugere um estágio temporário e não tende a um fim, pode-se usar "por X horas" e não "em X horas". É dinâmico, durativo e atélico. Ex. "*Sandra correu por três horas*" (p. 2), "P*assear no parque*" (p. 3), "*Eles estão ampliando a estrada*" (p. 24), "*O gatinho perseguiu seu rabo*" (p. 25).
c) *Accomplishment* = apresenta fases heterogêneas e tende a um ponto final natural da ação. É dinâmico, durativo e télico. Permite o uso de "em". Ex.: "*Sandra desenhou o círculo em cinco minutos*", "*Construir uma casa*", "*Caminhar até a escola*", "*John construiu uma cabine no último verão*" (p. 29).
d) *Achievement* = é instantâneo e apresenta um estágio único. Não aceita o imperfeito. É dinâmico, télico e instantâneo. Na maioria das vezes são controlados por agentes e aceitam o advérbio "deliberadamente", em alguns casos também aceitam o advérbio "acidentalmente". Ex.: "*Jones notou as marcas*" (p. 3), "*reconhecer, quebrar um vidro, encontrar, perder*" (p. 30), "*ver um cometa, chegar em Boston, explodir uma bomba, rasgar um papel, definir um parâmetro*" (p. 31).
e) Semelfactive = não tem estágio preliminar e nem resultativo, frequentemente ocorrem em sequência repetitiva mais do que em um estágio único. "*São eventos que ocorrem muito rapidamente, sem nenhum efeito ou resultado da ocorrência do evento*"[7] (SMITH,

from temporal location, although related to it. Aspect is the semantic domain of the temporal structure of the situations and their presentation.

5 "*Semelfactives are events that occur very quickly, with no outcome or result other the occurrence of the event*" (Smith, 1997, p. 29).

6 "*knock at the door, hiccup, flap a wing, hammer a nail (once), pound on the table (once)*" (SMITH, 1997, p. 29-30).

7 "*are events that occur very quickly, with no outcome or result other the occurrence of the event*" (SMITH, 1997, p. 29).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

1997, p. 29). Ex.: "*Ele está batendo na porta*" (p. 4), "Mary tossiu" (p. 18), "bater a asa" (p. 29).

Com o quadro a seguir, fica mais didático observar o comportamento dos tipos de verbos em relação ao aspecto. Como se vê, todos são passíveis de mudança e os *achievements* e *semelfactives* não são durativos. Já os *accomplishments* e os *achievements* são télicos e tendem a um término.

Quadro 2 – Situações em Smith

SITUAÇÕES	MUDANÇA	DURATIVIDADE	TELICIDADE
States	[-]	[+]	[-]
Activity/process	[+]	[+]	[-]
Accomplishments	[+]	[+]	[+]
Achievements	[+]	[-]	[+]
Semelfactive	[+]	[-]	[-]

Fonte: Elaborado pela autora baseado em Smith (1997).

Portanto, para a autora, o aspecto é um domínio semântico expresso por categorias linguísticas. O significado aspectual é expresso através de situações e tipos de verbos. Sobre a estrutura sintática do aspecto, ela afirma ainda que os morfemas de tempo (*tense*) são gerados em cada sentença e que, no Programa Minimalista, o tempo verbal é uma categoria funcional que aparece sob o nó do Auxiliar (SMITH; PERKINS; FERNALD, 2007).

Esse posicionamento de Smith, Perkins e Fernald (2007) pode sugerir que o aspecto também apresente um Sintagma no módulo linguístico, pois o tempo verbal é considerado uma categoria funcional e os traços formais de tempo ocupam o núcleo do Sintagma Flexional. Dessa forma, pode-se sugerir, com base também na afirmação dos autores, que possa haver um Sintagma para aspecto no intuito de acomodar os morfemas de "*tense*" que indicam, além do tempo, o modo e o aspecto.

Outra definição interessante, baseada em Vendler, é de Chierchia (2003) que cita três classes acionais principais: eventos, processos (ou ações) e estados. Com a definição do autor, vê-se a diferença entre evento e ação, uma vez que esses conceitos, por vezes, não são claros. Ação (ou processo) corresponderia a situações que não têm um ponto de culminância e podem ser interrompidos. Já os eventos são descritos por situações "*dotados de um ponto de culminância intrínseco*" (CHIERCHIA, 2003, p. 489). E os verbos de estado "*não descrevem coisas que acontecem, como os eventos ou os processos, mas estados, como 'saber latim' ou 'ser brasileiro'*" (p. 489).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Para Chierchia (2003), o termo evento é adotado levando em conta as eventualidades télicas, do contrário, quando se pode interromper, tem-se uma ação. Os eventos são dotados de culminação. As ações (ou processos) são conjuntos articulados de eventos, tanto que, se for tomada uma parte de um processo, obter-se-á um processo do mesmo tipo. "*Processos ou estados são pluralidades, ou seja, conjuntos de eventualidades*" (CHIERCHIA, 2003, p. 505).

Chierchia (2003) também reafirma que a preposição "em" mede a duração de um evento desde o início até a sua culminância. Por isso, ela não é compatível para medir estados e processos.

(1) **Léo empurrou o carrinho de pipoca em dez minutos* (p. 496).
*(2) * Léo amou Eva em muitos anos* (p. 497).

Com estados e processos, usa-se a preposição "por" e isso pode servir de teste para classificar classes acionais de verbos, como télicos e atélicos.

(3) Léo empurrou o carrinho de pipoca por uma hora (p. 496).
(4) Léo amou Eva por muitos anos (p. 497).

Mais uma vez, vê-se que adjuntos e argumentos são importantes para a classificação (ou mesmo a modificação) de classes acionais do verbo (p. 497):

(5) **Léo engoliu a bala que eu lhe dei por uma hora.*
(6) Leo engoliu balas por uma hora.
(7) *Léo correu em uma hora.
(8) Léo correu até a escola em uma hora.

Nem sempre a distinção entre eventos, processos e estados é simples. "*O mesmo fenômeno, por exemplo, 'o girar da terra ao redor do sol', pode ser visto como um processo (o girar), como um evento télico (o completar uma revolução) ou como um estado (estar em órbita)*" (CHIERCHIA, 2003, p. 538). Para o autor, a distinção independe da gramática e suas determinações, uma vez que pode ter várias interpretações. "*As classes acionais e aspectuais e os modos como o tempo verbal é codificado variam apenas limitadamente de uma língua para outra* [...]" (p. 538).

Verkuyl (2003), assim como Vendler, também propõe uma classificação dos verbos. Ele classifica em estado, processo e evento. A partir dessa classificação tripartida, Verkuyl classifica o verbo e seu complemento:

State [+/- SQA] [-ADD TO] = (+/- télico) (- dinâmico, – progressivo)

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Process [-SQA] [+ADD TO] = (- télico) (+ dinâmico, + progressivo)
Event [+SQA] [+ADD TO] = (+ télico) (+ dinâmico, + progressivo)

Verkuyl (2003) propõe uma composicionalidade aspectual em que o aspecto não é uma propriedade do verbo apenas, mas uma composição resultante da relação do verbo e seus argumentos. Para ele, o conjunto do verbo, mais argumento interno e demais complementos resultam em uma unidade aspectual semântica. O autor afirma que a informatividade aspectual é codificada nos elementos e maneiras pelas quais eles se relacionam sintaticamente.

Segundo Verkuyl (2003, p. 1), o complemento é necessário para a classificação de aspecto, ele postula que "*Isso faz com que a composicionalidade seja um princípio orientador no domínio de fenômenos aspectuais, como é em outros domínios semânticos*"[8]. O autor acredita que a composicionalidade aspectual pode ser entendida como uma espécie de amálgama de significado de verbo e argumentos. Para essa afirmação, ele se diz basear em Chomsky, em que a noção de estrutura de frase é tida em sua completude. Assim, a tese é a de que o significado de uma estrutura complexa seja computável, com base em suas partes constituintes, e de que o aspecto seja composto por um feixe de traços.

Esse autor compara o aspecto a uma molécula construída a partir de átomos pela forma como são agrupados. Para ele, a sentença carrega uma composição aspectual constituída a partir de níveis inferiores. O processo chega ao fim depois que outros princípios passam por operações em um domínio maior. A informação semântica é expressa por traços mais ou menos (+/-) [ADD TO] 'dinâmicos, progressivos e não estativos' e traços mais ou menos (+/-) [SQA] 'télicos' localizados no determinante de um NP, podendo apresentar quantidade específica, delimitando situações. Nesse sentido, as propriedades semânticas podem ser comparadas a átomos semânticos (VERKUYL, 2003).

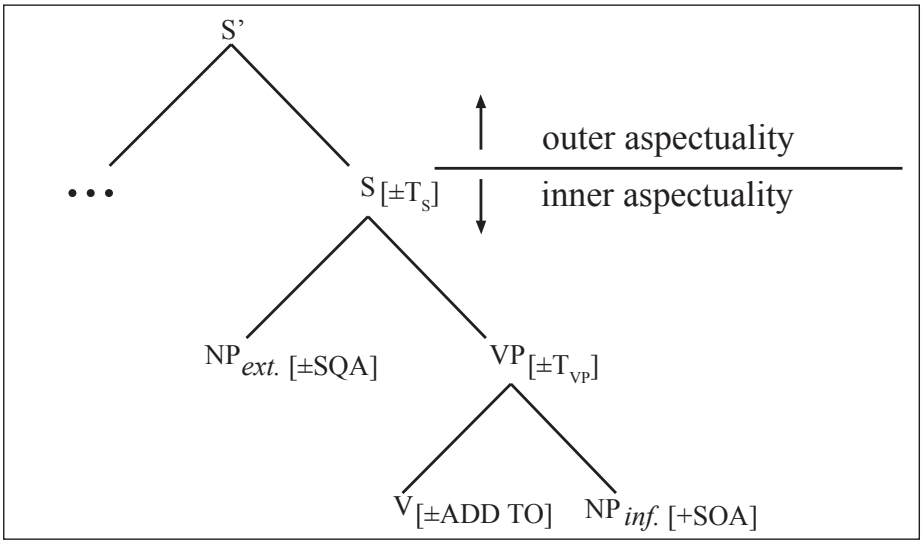
O autor afirma ainda que a relação entre o verbo e seu argumento interno é diferente da relação entre o verbo e seu argumento externo. Assim, há dois diferentes níveis de estrutura frasal envolvidos nessa operação. Ele afirma não ter a resposta se, em níveis mais baixos, a informação particular for armazenada, se for explicitada por um maquinário algébrico o qual computa significados ou se o fato de existir dois níveis de carregamento de informação (um mais baixo e outro mais alto) puder reger a relação VP a partir de um princípio cognitivo geral. Porém acredita que se deve continuar a seguir o caminho de computar o significado da sentença a partir de informações

8 *It makes compositionality a guiding principle in the domain of aspectual phenomena, as it is in other semantic domains* (VERKUYL, 2003, p. 1).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

semânticas de base expressas em níveis mais baixos. Para representar essa ideia, ele apresenta a seguinte figura:

Figura 1 – Representação aspectual em Verkuyl



Fonte: Verkuyl (2003, p. 2).

Nessa figura, Verkuyl apresenta uma aspectualidade interior, composta a partir de um feixe de traços semânticos contidos em VP (+/-dinâmicos, +/-progressivos, +/-estativos, +/- télico) e uma aspectualidade exterior, representada como um nível mais alto, em que o aspecto é expresso na sentença como um todo.

A postulação de Vendler, Smith, Chierquia e Verkuyl é fundamental para este livro, pois, quando afirmam que o aspecto pode ser expresso por tipos de verbos associados com determinadas situações, vê-se que apenas os verbos por si só nem sempre conseguem expressar o aspecto por completo. Acredita-se que é o contorno de toda a ação verbal que define o aspecto. Outro dado interessante abordado nesta seção é a diferenciação dos termos ação e evento. Este indica uma situação pontual e aquele, uma situação progressiva que pode sofrer interrupções.

1.2 Tipos de aspecto

A seção anterior apresentou o aspecto numa perspectiva composicional. Agora, a noção aspectual é acrescida da noção de duração e limite chamado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

de aspecto semântico ou lexical, em que o foco se dá na situação que tende ou não a ter fim. Ele também será analisado sob o ponto de vista de sua completude, chamado de aspecto gramatical.

Para Comrie, aspecto é definido como "*diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação*[9]" (1976, p. 3). O autor adverte sobre o cuidado para não confundir tempo e aspecto, apesar de haver relação entre as duas categorias. Ele alerta que

> [...] tempo é uma categoria dêitica, localiza situações no tempo, geralmente com referência a um momento presente, embora também com referência a outras situações. Aspecto não se dedica ao tempo relativo da situação a qualquer outro ponto de tempo, mas sim com a circunscrição temporal interna da situação; pode-se afirmar a diferença entre o tempo como uma situação – interna (aspecto) e tempo – situação externa (tense) (COMRIE, 1976, p. 5, tradução nossa)[10].

Além de diferenciar tempo de aspecto, Comrie (1976), assim como outros autores, também se refere a três diferenças na discussão do aspecto a partir de tipos de verbos: estados, processos e eventos. Os estados são caracterizados como situações estáticas e os processos e eventos como situações dinâmicas. Os processos são as situações dinâmicas vistas em progresso e os eventos são as situações dinâmicas vistas como completas. O evento se refere a uma situação única, completa e pontual, conforme se verifica no trecho de Comrie (1976, p. 51), "*Assim, o termo processo significa uma situação dinâmica vista de forma imperfectiva, e o termo evento significa uma situação dinâmica vista de forma perfectiva*[11]".

Segundo Comrie (1976), o aspecto pode ser classificado em dois grupos: o aspecto gramatical e o semântico. Em cada um deles há uma subdivisão, o aspecto gramatical seria dividido em perfectivo e imperfectivo e o aspecto semântico seria dividido em télico e atélico. Essas noções apresentadas por Comrie são relevantes e instigam a análise do aspecto em português pelo viés formal da língua.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

9 "*aspects are diferente ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*" (COMRIE, 1976, p. 3).

10 *Tense is a deictic category, locates situations in time, usually with reference to the present moment, though also with reference to other situations. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense).*

11 "*Thus the terms ´process´ means a dynamics situation viewed imperfectively, and the term évent´means a dynamics situations viewd perfectively*" (COMRIE, 1976, p. 51).

Quadro 3 – Quadro aspectual em Comrie

Aspecto gramatical	Perfectivo	Imperfectivo
Aspecto semântico ou lexical	Télico	Atélico

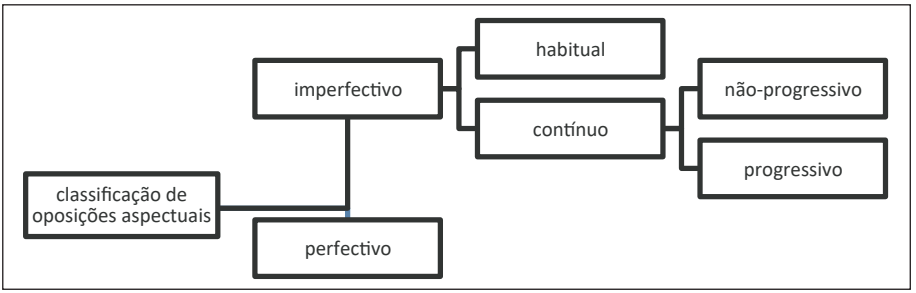
Fonte: Elaborado pela autora baseado em Comrie (1976).

Para Comrie, o perfectivo vê a situação de fora, como um todo e única, sem distinção de fases que compõem a situação. O imperfectivo vê a situação de dentro, prestando atenção na estrutura interna da situação. Quanto ao aspecto perfectivo, Comrie (1976) reforça que ele indica uma ação concluída, com início, meio e fim, o que não quer dizer completa.

Outro autor que também trata de aspecto é Binnick (1991). Ele conceitua essas mesmas categorias de forma diferente: o aspecto perfectivo como uma situação completa e o imperfectivo como uma situação incompleta. No entanto, apesar de nomenclaturas diferentes, o que não é raro no campo de estudos do aspecto, parece que os sentidos propostos pelos autores são semelhantes. Assim, o perfectivo denota uma situação finalizada, mesmo que só em parte e o imperfectivo, uma situação em curso.

Sobre o imperfectivo, Comrie ressalta que algumas línguas possuem uma categoria única para expressá-lo, mas existem outras em que o imperfectivo é subdividido em imperfectivo habitual e contínuo. No contínuo, há ainda o progressivo e o não progressivo.

Figura 2 – Classificação de oposição aspectual em Comrie



Fonte: Comrie (1976, p. 25).

Seguindo as orientações da figura acima, a habitualidade é como a iteratividade, uma repetição. É a ocorrência sucessiva de várias instâncias de uma dada situação. No entanto, a mera repetição não é suficiente para que uma situação seja habitual. "*O palestrante inclinou-se, tossiu cinco vezes, e disse*" (p. 27). Esse é um exemplo, "*Simon costumava acreditar em fantasmas, Jones costumava viver na Patagônia*" (p. 27). A habitualidade ocorre quando uma

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

situação pode ser prolongada por um período de tempo ou pode se repetir um número suficiente de vezes ao longo de um período.

Sobre o progressivo[12], com o subtipo do contínuo, no inglês, não é possível utilizá-lo com formas que utilizam verbos de percepção como ver e ouvir. Mas no português isso é possível. Comrie exemplifica "*Estou te vendo lá embaixo da mesa; você não está ouvindo*" (COMRIE, 1976, p. 35). Isso é possível porque, apesar de ser um verbo de estado, a situação é dinâmica. Comrie assume que é complexo um conceito básico de progressivo, mas uma possibilidade de significado seria a indicação de um estado temporário de uma situação contingente. No inglês, de maneira geral, o *–ing* é um ingrediente essencial para a forma progressiva. Para Binnick (1991, p. 459), "*o progressivo é um tipo de imperfectivo*".[13]

Com os exemplos "*John está cantando*" e "*John está fazendo uma cadeira*" (p. 44), Comrie (1976) inicia a discussão de propriedades aspectuais semânticas. O segundo exemplo refere-se a uma situação que tende a um fim, seja por pouco, seja por longo tempo. Se John parar a ação de fazer uma cadeira, ela não será completa, mas se John parar de cantar, ainda assim será verdade que ele cantou. "Fazer uma cadeira" tem um ponto final para a ação e "cantar" pode ser prolongado indefinidamente ou interrompido em algum ponto sem alterar a completude da situação. Então, "*situações como as descritas como, fazer uma cadeira, são chamadas télicas, aquelas descritas por cantar, atélicas*"[14] (p. 44). Mas Comrie alerta: "*Situações não são descritas por verbos sozinhos, mas pelo verbo juntamente com os seus argumentos*"[15] (p. 45).

Nesse sentido, dizer que 'John está cantando', tem-se uma situação atélica, mas dizer que 'John está cantando uma canção', passa a ser télica. Além de considerar os argumentos e adjuntos, não se pode descartar o contexto. Ele exemplifica:

> Em uma situação de sala de aula em que os alunos estão se revezando na leitura, John leu terá a interpretação específica de que concluiu a sua parte. No entanto, embora seja difícil encontrar frases que são ambiguamente télicas ou atélicas, isso não afeta a distinção semântica geral feita entre situações télicas e atélicas (COMRIE, 1976, p. 46, tradução nossa)[16].

12 Apesar de Comrie apresentar o quadro aspectual, é importante ressaltar que o progressivo, por vezes, não é considerado uma variação de aspecto, mas uma variação de morfologia. O aspecto seria o contínuo. Isso pode ser visto nos casos de verbo de estado, em que o aspecto é contínuo, mas a morfologia de progressivo é incompatível.

13 "*The progressive is a type of imperfective*" (BINNICK, 1991, p. 459)

14 "*Situations like that describe by make a chair are called telic, those like that described by sing atelic*" (COMRIE, 1976, p. 44).

15 "*...situations are not described by verbs alone, but rather by the verb together with its arguments*" (COMRIE, 1976, p. 45).

16 "*In a classroom situation where the pupils are taking turns at reading, John has read will have the specific interpretation that he has completed his turn. However, although it is difficult to find sentences that are unambiguously telic or atelic, this does not affect the general semantic distinction made between telic and atelic situations*".

O que se viu nessa seção é que o aspecto pode ser classificado como semântico (télico/atélico) ou gramatical (perfectivo/imperfectivo). Em ambas as situações, ele é definido não só pelo verbo, mas por todo o Sintagma Verbal, incluindo, por vezes, os advérbios. Essas duas grandes classificações (aspecto gramatical/aspecto semântico) são suficientes, pois abarcam outras noções como aspecto progressivo, habitual, entre outras. Nessa medida, levando-se em conta não só o verbo isolado, mas toda a sentença com seus argumentos e adjuntos, torna-se importante pesquisar a representação sintática do aspecto.

1.3 Os sintagmas aspectuais

Nesta terceira seção do capítulo, será apresentada a teoria de Maya Arad (1996) sobre os Sintagmas Aspectuais. A teoria dela é importante para esta obra, pois oferece uma hipótese consistente, até o momento, para a possibilidade de haver sintagmas aspectuais na Sintaxe. Arad (1996) lança a hipótese de a Sintaxe ser sensível ao aspecto do verbo, seus complementos e adjuntos, a partir de uma interface existente entre o Léxico e a Sintaxe. Para isso, ela partiu dos dados de Benua e Borer (1996). Esses dados apresentam diferentes abordagens. Para Arad, há uma parte das interpretações sintáticas dos argumentos que depende do predicado todo, indo além das especificações da entrada lexical e que, pelas informações léxicais disponíveis, o verbo atribui regras aspectuais que especificam os participantes do evento.

Para defender o seu ponto de vista, Arad (1996) demonstra a Uniformidade de Hipótese de Designação de Papel Temático (*Uniformity of Theta Assignment Hypothesis – UTAH*). A UTAH é uma função que determina a relação entre a Sintaxe e o Léxico visando relacionar regras temáticas e posição de sintagmas. Tal função não permitiria que dois papéis temáticos fossem atribuídos ao mesmo argumento. Assim, a autora acredita que a estrutura sintática de argumentos não é determinada exclusivamente pelo Léxico, mas, sim, pela interface léxico-sintática, com um bidirecionamento de regras.

Baseada em Tenny (1992), Arad afirma que as propriedades aspectuais do verbo é que determinam o mapeamento de argumentos pela Sintaxe. Segundo Arad, isso se daria através dos argumentos internos, como objetos diretos, pois apenas eles poderiam delimitar os eventos, conforme se verifica no excerto a seguir:

> Em particular, apenas os argumentos que medem o evento descrito pelo verbo (daí medidores) aparecem na posição de objeto direto. Um medidor é um argumento que sofre alguma mudança de estado ou movimento, servindo como uma escala para a qual o evento pode ser visto como processo[17].

17 Na primeira seção deste capítulo, a definição de evento é diferente de processo, portanto é importante deixar claro que a noção de Arad, quando afirma que "o evento pode ser visto como

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

> Um medidor é uma noção aspectual: um evento que tem um medidor é necessariamente um evento que é limitado no tempo (um evento télico): o evento termina quando a mudança de estado (ou outra alteração) à qual o medidor está condicionado ocorre (ARAD, 1996, p. 5, tradução nossa)[18].

Dois exemplos que a autora oferece para complementar a citação acima são "*John cortou a grama*" (p. 5) diferentemente de "*John matou Bill*" (p. 5). Se a tarefa de cortar a grama for interrompida pela metade, é possível dizer que a grama foi cortada, mesmo não sendo em sua totalidade. Já em "*John matou Bill*", o evento não é gradual e não se pode interrompê-lo, pois a mudança de estado também determina a mudança do evento. São interessantes os exemplos trazidos pela autora, pois os dois verbos (cortar/matar) pertencem à categoria de télicos (*accomplishments/achievements*), se forem levadas em conta as definições de Vendler (1967) e Smith (1991). Contudo, só podem ser considerados como durativos ou não a partir da análise do complemento do verbo pelo argumento interno representado no objeto direto.

Ainda de acordo com a autora, o evento, por vezes, é codificado pelo limite no tempo inerente ao verbo. Os objetos podem limitar o tempo do evento. Advérbios também podem limitar, como em "*trabalhar por duas horas, trabalhar de duas às três*[19]" (ARAD, 1996, p. 6), mas não são propriedades inerentes ao verbo, ou seja, pode-se dizer apenas "*John trabalhou*" (p. 6).

Arad assume que a interpretação télica de verbos de movimento é obtida através da formação de um predicado complexo (SV + SP) na qual a telicidade é inerente porque há um complemento que limita a ação verbal. Por isso, "*a correlação entre sintaxe e semântica é baseada em propriedades aspectuais. Interpretação Aspectual é atribuída nas projeções funcionais ao invés de no VP*[20]" (ARAD, 1996, p. 13).

O modelo de Arad (1996) propõe que os argumentos sejam gerados nos especificadores de projeções aspectuais onde é atribuída, a eles, interpretação aspectual. Assim existiriam dois nós no sistema computacional para a

processo" não contradiz o que foi apresentado anteriormente, mas indica que a situação descrita pelo verbo em conjunto com seu argumento (no caso o objeto direto) pode implicar telicidade ou atelicidade, ou seja, modifica o sentido da situação, chamada aqui de "processo", por Arad.

18 "*In particular, only arguments that measure out the event that the verb describes (hence measurers) appear at the direct object position. A measurer is an argument that undergoes some change of state or motion, which serves as a scale upon which the event may be seen as proceeding. A measurer is an aspectual notion: an event that has a measurer is necessarily an event which is bounded in time (a telic event): the event terminates when the change of state (or other change) that the measurer undergoes has taken place*" (ARAD, 1996, p. 5).

19 Como se pode notar, para Arad (1996) complementos iniciados com "por" podem limitar eventos. Essa postulação é diferente de Vendler que cita "Sandra correu por 3 horas" e alega que complementos iniciados com "por" não limitam a ação, em contraste com os complementos iniciados por "em".

20 "*The correlation between syntax and semantics is based on aspectual properties. Aspectual interpretation is assigned in functional projections rather than in the VP*" (ARAD, 1996, p. 13).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

representação do aspecto, o AspEM (*Aspect for event measurer*) e o AspOR (*Aspect for originator*). O AspEM seria interpretado como uma medida de um evento, descrito por um verbo e o predicado é dado com uma interpretação télica. O segundo nó é o AspOR, nesse caso, o argumento seria interpretado como originador de um evento, com apenas um ponto de início no tempo e seria representado pelo especificador dessa projeção aspectual[21].

De acordo com o modelo de Arad, um verbo inacusativo[22], que apresenta apenas um argumento interno, como "Cresceram as taxas de juros", descreve um evento télico no nó AspEM, isso porque esse tipo de argumento é gerado na mesma posição do objeto direto e só apresenta um ponto de término. Já o verbo inergativo, com apenas um argumento externo, como em "João caminha", ocorre no nó AspOR, uma vez que por ocupar a posição de sujeito e ser agente, marca apenas o início do evento que tem interpretação atélica. Por essa razão, a autora afirma que a diferenciação de verbos inergativos e inacusativos pode ser capturada na Sintaxe.

> A diferença entre inacusativos e inergativos é, assim, capturada na sintaxe (o único argumento de um verbo inacusativo é gerado na mesma posição em que os objetos são gerados. Ao mesmo tempo, as diferenças semânticas entre as duas classes (inacusativos sendo não agentivo e télico, inergativo sendo agentivo e atélico) são um resultado imediato. Esse modelo também pode explicar o problema dos verbos de comportamento variável sem invocar várias entradas lexicais (ARAD, 1996, p. 7, tradução nossa)[23].

Os eventos descritos por um verbo transitivo especificam tanto o início quanto o fim e apresentam duas projeções aspectuais. O que Arad sugere é que a informação lexical que é visível na Sintaxe contenha o número de argumentos que o predicado toma. Em seguida, tem-se a informação aspectual do evento como télico ou atélico. Se ele for descrito como [+telic] irá para o nó [+EM], se for descrito como [-telic] significa que terá uma não especificação para o nó [+EM].

De acordo com a proposta da autora, é pela estrutura sintática que a interpretação aspectual se dá. Não é possível ter uma interpretação télica sem que o

21 Arad não apresenta representações arbóreas, mas uma interpretação para o nó AspOR em que ela sugere que seja gerado em especificadores de projeções aspectuais para acolher o originador (agente) de uma ação é compatível com o especificador de Sv, onde nasce o sujeito e, nesse caso, onde surgiria o originador de uma ação. Também é necessário analisar a posição de especificador de nó aspectual com a posição em que Caso Nominativo é atribuído. Essas interpretações e suas representações serão retomadas no capítulo de análise dos dados.

22 Verbo intransitivo que apresenta apenas argumento interno.

23 "*The difference between unaccusatives and unergatives is thus captured in the syntax (the single argument of an unaccusative verb is generated at the same position where objects are generated). At the same time, the semantic differences between the two classes (unaccusative being non-agentive and telic, unergative- agentive and atelic) are an immediate result. This model can also account for the problem of variable behavior verbs without invoking multiple lexical entries*" (ARAD, 1996, p. 7).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

argumento seja gerado no especificador de AspEM, ou uma interpretação agentiva (ou atélica) sem que o argumento seja gerado no especificador de AspOR. Para uma interpretação aspectual, é necessário um medidor que possa delimitar o evento.

Arad apresenta dois exemplos que clareiam a afirmação acima: (I) *John empurrou o carrinho* e (II) *John empurrou o carrinho até Nova Iorque* (ARAD, 1996, p. 9). No primeiro caso, o carrinho, apesar de ser um argumento, não é um medidor, pois é possível empurrar o carrinho sem se ter um ponto final no evento. Já em (II), SP "até Nova Iorque", com função adverbial, indica o ponto final do evento que só termina quando o carrinho alcança Nova York. Nesse sentido, para que a interpretação seja télica, é necessário um medidor do evento.

A autora também assume que o nó AspOR está acima de AspEM, o que significa que a posição de sujeito está acima da posição de objeto. Isso ocorreria, pois a associação de uma interpretação aspectual à posição sintática de agente aparece na posição de sujeito. Também há evidências na associação da posição de Caso com posição em que ocorre interpretação aspectual. Por exemplo, o Caso acusativo que é atribuído por determinados objetos diretos, correlaciona com a interpretação télica. Assim, Arad afirma que as projeções aspectuais checam Caso e possuem conteúdo semântico.

O que há de mais significativo na interface léxico-sintática é que Caso e papel temático estão associados a posições sintáticas, mais que a função dos próprios argumentos. Por outro lado, o número de argumentos é exigido pela interface e, para haver interpretação semântica, necessita-se de: (a) ou de um originador do evento (ou agente), (b) ou de um medidor além do evento, como um advérbio, (c) ou ainda um delimitador de evento, como um objeto, para satisfazer o verbo (ARAD, 1996).

Para descrever a seleção de argumentos, Arad (1996) postula duas regras, como consequência do modelo que ela criou de AspOR e AspEM: (I) muitos verbos descrevem o início ou ponto final do evento; (II) se houver três argumentos, necessariamente, um designará o caminho e outro o limite. Se o argumento for gerado no especificador de AspEM, ele receberá uma interpretação télica de um medidor.

No caso de um argumento dativo[24], ele não será interpretado como agentivo, porque não é gerado no especificador de AspOR. A ideia de significado é mais ligada à posição sintática do que do próprio argumento particularmente. Um exemplo disso seriam as seguintes sentenças (ARAD, 1996, p. 23):

a) *O agricultor carregou o feno no caminhão.*
b) *O agricultor carregou o caminhão com feno.*

24 Indica o objeto indireto ou destinatário, os determinantes do objeto indireto e o complemento nominal (MAFRA, 2013, p. 30).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Apesar de as sentenças parecerem semelhantes, elas implicam sentidos diferentes. Na primeira sentença, tem-se a ideia de que todo o feno foi carregado pelo agricultor, mas não há noção explícita de que o caminhão não estava necessariamente cheio. A segunda tem o sentido de que o caminhão estava cheio, entretanto, não quer dizer que todo o feno foi carregado. Isso implica uma diferença aspectual, pois o argumento gerado no especificador de AspEM sempre será um medidor da situação. No modelo de Arad, a explicação é que o agente, no caso, o agricultor, é gerado em AspOR e o argumento que define o limite do evento é gerado em AspEM. Assim, em cada caso, seja o feno, seja o caminhão estará em AspEM, como mostra a interpretação (p. 24):

a) *[*AspOR *o agricultor [*AspEM+EM *feno [*VP *carregar no caminhão]]].*
b) *[*AspOR *o agricultor [*AspEM+EM *o caminhão [*VP *carregar com feno]]].*

Em resumo, Arad (1996) argumenta que, a partir do significado, os verbos selecionam os argumentos. Se houver um argumento interno como medidor, o SV poderá ser interpretado como télico. Já um SV que apresente um argumento com papel temático de agente terá uma interpretação atélica com nó em AspOR. A interface sintática do evento é interpretada então como télica ou atélica.

As análises de Arad (1996) parecem abrir caminhos na pesquisa sobre a representação do aspecto na árvore sintática. Este trabalho também proporá a inclusão de um nódulo sintático na árvore, ainda que venha a se distinguir, de alguma forma, da proposta de Arad.

A seguir, serão apresentadas algumas noções de aspecto em língua portuguesa advindas de autores brasileiros.

1.4 O aspecto no português brasileiro

Esta seção do capítulo dedica-se ao aspecto na língua portuguesa. Ela traz alguns estudos significativos no âmbito do aspecto desde os registros iniciais no Brasil, ocorridos na década de 50, até a atualidade e complementa a noção de aspecto trazida até o momento nesta tese a partir das especificidades da língua portuguesa, além de contribuir com a exposição de exemplos sobre aspecto no português.

Os primeiros registros que se têm no português brasileiro sobre aspecto são de Mattoso Câmara Jr. (1956). No Dicionário de Fatos Gramaticais, Câmara Jr. (1956, p. 40) define o aspecto como:

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

> Propriedade, que tem uma forma verbal, de designar a duração ou o resultado do processo que ela exprime, em vez, ou ao lado, da designação do tempo (v.) da ocorrência. Assim, pode indicar-se que o processo foi instantâneo (ASPECTO PONTUAL ou AORISTO); que se prolongou e está sendo considerado em seu curso, ainda não concluído (ASPECTO CURSIVO ou IMPERFEITO); que está considerado em seu fim e concluso (ASPECTO CONCLUSIVO ou PERFEITO); que está concluso e com um resultado permanente (ASPECTO PERMANSIVO); que está considerado em seu começo (ASPECTO INCEPTIVO ou INCOATIVO); que consiste numa série de processos repetidos (ASPECTO ITERATIVO ou FREQUENTATIVO).

O autor diz ainda que, apesar de a base da conjugação verbal ser o tempo, as noções de aspecto se complementam. Justifica-se, portanto, o nome "pretérito imperfeito", uma vez que o aspecto é cursivo, contrastando como pretérito perfeito em que o aspecto é conclusivo. Para ele, alguns verbos têm, em sua própria significação, o aspecto. E exemplifica (p. 41):

a) Cair – pontual.
b) Partir – inceptivo.
c) Chegar – conclusivo.
d) Andar – cursivo.
e) Saber- permansivo.

Já na obra "Estrutura da Língua Portuguesa" (1992), com a primeira edição em 1970, Câmara Jr, ao estudar a categoria "tempo", fala em uma apreciação semântica que pode ser encontrada nas formas nominais e que nelas a oposição é aspectual e não temporal. Isso porque "*entre o gerúndio e o particípio há essencialmente uma oposição de aspecto: o gerúndio é imperfeito, ao passo que o particípio é de aspecto concluso ou perfeito*" (CÂMARA JR, 1992, p. 102-103). Para o autor, o valor de pretérito ou de voz passiva, nesses casos, não é mais do que seu valor de aspecto perfeito ou concluso. Entretanto, o infinitivo não implica noção de aspecto, nem tempo ou modo.

Câmara Jr. não aborda a noção de telicidade e as várias classificações do aspecto. Assim, ele resume em perfeito, imperfeito, pontual, inceptivo, iterativo e permansivo.

Além de Câmara Jr., há vários autores brasileiros importantes que tratam do aspecto, porém o que primeiro fez um trabalho completo, no Brasil, foi Ataliba de Castilho (1968). O trabalho denomina-se "Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa" e possui 126 páginas sobre o assunto. Ele foi baseado na tese de doutorado de Castilho, defendida na USP em dezembro de 1966.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O autor inicia o trabalho tratando sobre os verbos e suas categorias. Cita, "primeiramente", o aspecto como um processo que define a duração da ação verbal e afirma que o aspecto expressa uma ideia mais concreta e objetiva do que a categoria de tempo, uma vez que está mais ligado à noção de processo. E nesse sentido, ele faz a definição:

> *O aspecto* é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra "aspecto" (que encerra a raiz **spek* = "ver") e insiste na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal (CASTILHO, 1968, p. 14).

Castilho (1968) apresenta quatro tipos de aspecto[25]: imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado. Ao primeiro, tem-se uma ação que indica duração. Ao perfectivo, uma ação cumprida. Ao aspecto iterativo está ligada a ação repetida e se nada disso for indicado, tendo a ausência do aspecto, tem-se o aspecto indeterminado. O autor considera o aspecto uma categoria de natureza léxico-sintática. Essa caraterização é devida ao sentido expresso pela raiz do verbo e dos demais elementos sintáticos que interferem na duração da ação verbal, tais como os adjuntos adverbiais, o complemento e o tipo oracional.

Assim, Castilho apresenta um quadro aspectual.

Quadro 4 – Primeiro quadro aspectual de Castilho

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

Fonte: Castilho (1968, p. 49).

Após a especificação do quadro, ele relata que não é possível se limitar às noções de duração e completamento e que, no interior de cada conceito, é possível encontrar concepções que não podem ser desprezadas, como as ideias de mudança de estado, progressão, cessamento e resultado. Sobre a duração, há três subdivisões[26]:

25 Esta seção será construída de acordo com a obra de Castilho. Dessa forma, assim como fez o autor, os exemplos serão demonstrados mais adiante, após os conceitos.

26 O autor não traz exemplos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

a) Aspecto imperfectivo inceptivo: "*duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos*" (p. 49). Pode ser o começo da ação puro ou com mudança de estado. Nesse último caso, passa a se chamar aspecto imperfectivo inceptivo incoativo.
b) Aspecto imperfectivo cursivo: "*duração de que não se conhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento*" (p. 49). Há duas variantes: o processo cursivo puro e o aspecto imperfectivo cursivo progressivo que difere do primeiro, pois insiste num desenvolvimento gradual do processo.
c) Aspecto imperfectivo terminativo: "*duração de que se conhece o término*" (p. 49).

Em relação ao completamento, ele também apresenta três subdivisões: o perfectivo pontual (perfectivo, por excelência), o perfectivo resultativo, "*que indica o resultado consequente do acabamento da ação*" (p. 50) e o perfectivo cessativo, "*depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente*" (p. 50).

Sobre o entendimento de 'repetição', Castilho apresenta duas variações: o aspecto iterativo imperfectivo, "*que é um verdadeiro coletivo de ações durativas*" (p. 50), e o aspecto iterativo perfectivo, que é a repetição pontual. Entretanto, quando a repetição se faz inconsistente, ele denomina de hábito. Por fim, tem-se o aspecto indeterminado, o qual "*caracteriza-se por não ser nem imperfectivo, nem perfectivo*" (p. 50).

Castilho (1968) apresenta, em seguida, um quadro completo do aspecto do português, mas deixa claro que não pretende aprisionar as definições, já que "*a língua é o produto de um equilíbrio instável em que a tradição e a evolução se digladiam*" (p. 50).

Quadro 5 – Quadro aspectual completo de Castilho

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo Inceptivo Cursivo Terminativo
Completamento	Perfectivo Pontual Terminativo Cessativo
Repetição	Iterativo Iterativo imperfectivo Iterativo perfectivo
Negação da duração e do completamento	Indeterminado

Fonte: Castilho (1968, p. 51).

Conforme Castilho, aspecto manifesta-se como uma categoria de natureza léxico-sintática. Portanto, o semantema do verbo é importante para a definição de aspecto. O autor identifica dois tipos:

a) Télicos = "*matar, morrer, cair, engolir, atirar, descobrir, iluminar, mergulhar, rejeitar etc*" (p. 55)
b) Atélicos = "*mastigar, viver, escrever, acompanhar, dormir, andar, aturar, aumentar, chover, contemplar, escutar, pensar, rir, etc*" (p. 56)

Sobre a relação do aspecto e os adjuntos adverbiais, Castilho traz o exemplo: "*Os preços caem lentamente*" (p. 59). Nas palavras do autor, "cair" seria um verbo télico, porém, ao lado do adjunto adverbial "lentamente", torna-se atélico. Outros complementos também alteram o aspecto. No exemplo "*Lançou um olhar fraternal*" *(p. 59)*, o aspecto é cursivo, diferente de "*Lançou-lhe uma pedra*" (p. 59), que é pontual. "*Dou-te um conselho* (p. 59)" é pontual, "*a mulher deu nêle uns gritos*" (p. 59) é iterativo. Nesse último caso, o plural é indicativo da iteratividade, pois a iteração é o coletivo de ações repetidas, daí a mudança de aspecto.

Castilho também cita afixos no estudo. Os sufixos –ecer e –ejar (amanhecer/empalidecer/fraquejar/palejar[27]) indicam incoação. No estudo das perífrases, há uma longa lista de caracterizações, como, por exemplo, "ir/vir + gerúndio", "*Um grito de sirene veio crescendo de longe*" (p. 77). Quando ele se refere ao aspecto indeterminado, traz exemplos como "*A Terra gira em torno do Sol*" (p. 103), "*Uma semana tem sete dias*" (p. 103) e outras "verdades eternas" conforme ele denomina esses casos.

No trabalho mais recente de Castilho (2014), é possível observar que algumas concepções do autor, referentes a aspecto, foram modificadas. Em Castilho (2014), o tema aspecto está contido na seção "Semântica do verbo" e afirma que, "*Ao predicar, o verbo transfere seus traços semânticos inerentes aos seus argumentos*" (p. 415) e que "*a predicação dispõe de várias propriedades semântico-sintáticas, tais como a estrutura argumental (a rede temática, o sistema de casos), as classes acionais, o aspecto, o tempo, o modo, a voz etc*" (p. 416).

Comparando o trabalho de 2014 com o anterior, de 1968, Castilho (2014) introduz o conceito de "classes acionais do verbo" e traz dois exemplos "*A criança brinca no jardim*" *e* "*A criança caiu do balanço*" (p. 416). A partir dos exemplos, ele aborda a predicação perfectiva, com começo e fim simultâneos, como é o caso de "cair", ou imperfectiva, que exclui a pontualidade, como é o caso de "brincar". Diz ainda que Bull (1960) adota, para isso, a terminologia

27 Tornar-se pálido.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

télico e atélico, e que será a terminologia adotada por ele na obra. Castilho unifica os verbos imperfectivos como atélicos e perfectivos como télicos. Portanto, ele classifica classe acional em télica ou atélica.

Conduzido pelo trabalho de Sten (1953), Castilho (2014) acredita que "*os valores semânticos representados nas classes acionais são genéricos, visto que a língua pode deixá-los de lado em determinadas circunstâncias*" (p. 416). E exemplifica com o verbo "afogar-se" – "*X se afogava, estava a ponto de afogar-se, mas felizmente uma pessoa o socorreu, de sorte que não se afogou*" (p. 416). Nesse caso, um verbo télico, como "afogar-se", poderá receber uma interpretação imperfectiva se estiver conjugado no pretérito imperfeito. Assim, é preciso levar em conta as diferentes flexões modo-temporais, pois, se alguém pergunta se X se afogou (pretérito perfeito), a resposta será "não". Se perguntarem se X se afogava, a resposta será "sim". Frente a essas questões, outro estudioso citado por Castilho (2014), Garey (1957), propõe que, se verbos no gerúndio, interrompidos no pretérito perfeito, tiverem interpretação perfectiva, o verbo será atélico, como por exemplo: "*Se alguém estava brincando, mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou?*" (p. 417). Se sim, mesmo que seja por um tempo mínimo, significa que o verbo é atélico. Mas, se a resposta for negativa, como o exemplo de "afogar-se", o verbo terá um sentido télico.

A flexão modo-temporal sempre deverá ser levada em conta, o que é algo novo, em relação ao texto de 1968. Isso é relevante, mesmo ele já tendo iniciado um debate sobre as relações do presente, do imperfeito e do gerúndio, como imperfectivos; e do pretérito perfeito e do particípio, como perfectivos.

Outro dado novo trazido por Castilho é o conceito de face qualitativa ou quantitativa do aspecto. A face qualitativa do aspecto tem a ver com a fase de processamento de um evento, se ele está numa fase inicial, medial ou final ou ainda se representa uma ação pontual em que o início coincide com o fim. Ele está referindo-se a perfectivo e imperfectivo.

Todavia, se a ação descreve a ocorrência de uma única vez, como em "*calou-se*" (p. 419), ou uma reiteração, como em "*vivem dizendo*" (p. 419), tem-se a face quantitativa do aspecto que ele denomina de: semelfactivo (ocorrência singular) e iterativo (ocorrência múltipla).

O autor, em 2014, reafirma a importância dos traços semânticos dos argumentos sentenciais, tanto interno como externo, e principalmente dos adjuntos adverbiais nas sentenças.

> Observando-se a relação verbo-adverbial, constata-se que os advérbios ora confirmam a classe acional do verbo, ora a alteram. Numa ou noutra situação, configura-se a ocorrência de aspectualizadores imperfectivos e aspectualizadores perfectivos (CASTILHO, 2014, p. 563).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

As combinações entre as noções trazidas por Castilho são interessantes. Por exemplo, o advérbio "a manhã toda" com um verbo atélico, "*andaram a manhã toda*" (p. 567), confirma a imperfectividade. Em "*caíram a manhã toda*" (p. 567), confirma a iteratividade.

Uma diferença entre um trabalho e outro de Castilho é que agora ele taxativamente afirma que "*o componente léxico é irrelevante na composição iterativa*" (p. 426), designando tal noção somente aos sufixos –etar e –itar.

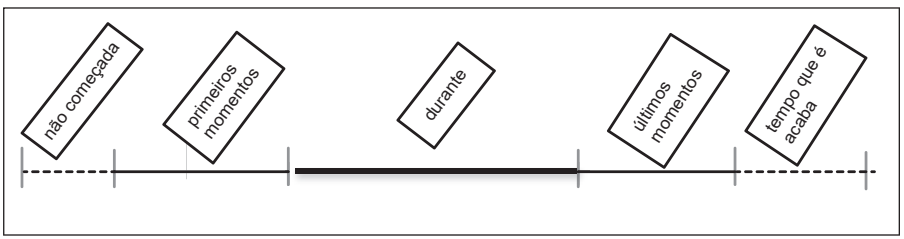
Como se viu, o autor dedicou-se bastante ao estudo do aspecto no português brasileiro e, após Castilho, Travaglia é um dos autores que mais tem se dedicado ao estudo do aspecto e possui uma obra rica sobre o tema: "O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão", com sua primeira edição em 1981. Uma grande qualidade deste livro são os 1469 exemplos trazidos sobre o assunto[28].

Dos autores vistos até agora, Travaglia é o que mais categorizou o aspecto. Na construção de um quadro aspectual é o que mais sobrepôs noções. Para Travaglia,

> Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO[29], não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (2006, p. 40).

Para o autor, no estudo de aspecto, várias ocorrências devem ser levadas em conta: (I) duração, (II) fases e (III) situação. Quanto à duração do evento, tem-se duração limitada, ilimitada, contínua e descontínua. Sobre as fases, tem-se um evento não começado, iniciado em seus primeiros momentos, durante a sua realização, em seus últimos momentos e acabada, como mostra o desenho a seguir:

Figura 3 – O tempo na ocorrência de um evento



Fonte: Travaglia (2006, p. 51).

28 Nesta seção de Travaglia, os exemplos serão identificados pela numeração em que se encontram na obra dele e não pela página, como estava sendo feito até então com Castilho e Câmara Jr. Isso foi feito para preservar a forma como o autor tratou os exemplos em seu livro

29 Ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase (TRAVAGLIA, 2006, p. 39).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Em relação aos tipos de situação, tem-se a telicidade (verbo télico e atélico), situação dinâmica e estática, inceptiva e terminativa; pontual, narrada e referencial. O que o autor faz, em seu trabalho, é o cruzamento entre essas noções e, a partir deles, Travaglia nomeia os tipos de aspecto.

1- Aspecto perfectivo = quando a situação é completa:
(57) Célia andou indo ao cinema com Élio.
2- Aspecto imperfectivo = apresenta uma situação incompleta:
(163) A festa terminava quando ele saiu.
3- Aspecto durativo = apresenta uma duração contínua limitada:
(157) João ficará atendendo às pessoas.
4- Aspecto indeterminado = apresenta uma duração contínua ilimitada:
(171) Eu trabalho em uma loja de peças.
5- Aspecto iterativo = apresenta uma duração descontínua limitada:
(187) Ela me acenou várias vezes.
6- Aspecto habitual = apresenta uma situação descontínua ilimitada:
(198) Ele usava fumar após as refeições.
7- Aspecto pontual = apresenta situação pontual que não tem duração:
(219) Caxias ataca o inimigo e vence-o.
8- Aspecto não começado = apresenta uma situação por começar:
(132) A cozinha está por limpar.
9- Aspecto não acabado ou começado = situação iniciada e antes do término:
(50) Estou lendo um livro interessante.
10- Aspecto acabado = situação concluída e terminada:
(71) O pobre animal morreu pouco a pouco.
11- Aspecto inceptivo = situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos:
(106) José começou a falar na segunda aula.
12- Aspecto cursivo = situação em pleno desenvolvimento:
(65) A valente tropa fraquejava.
13- Terminativo = situação nos últimos momentos ou no ponto de término:
(109) Rita terminou de limpar a casa às 11 horas.
14- Não aspecto = quando nenhuma noção aspectual está presente. É comum nos modos subjuntivo e imperativo:
(237) Você tem de prestar atenção.

Em seus estudos, Travaglia cruza vários aspectos mostrando que uma mesma sentença pode abarcar várias noções. Assim, o exemplo (252): "*Flávio está pintando um quadro há duas horas*", apresenta uma situação imperfectiva, cursiva, não acabada e durativa.

O que se pôde ver até aqui com autores brasileiros é que o estudo que vem sendo feito há quase 60 anos avançou bastante. Nota-se hoje que, para o estudo do aspecto no português, devem-se levar em conta os morfemas, o radical do verbo e todo o sintagma verbal.

Na próxima seção, a última do capítulo, tem-se o posicionamento que será adotado neste livro, em relação aos conceitos expostos até o momento.

1.5 O conceito de Aspecto para este livro

Todas as obras das seções anteriores apresentadas até aqui indicam conceitos importantes para este livro. O objetivo foi apresentar diversas noções e, agora, apontar quais delas ou quais pontos trazidos pelos teóricos serão adotados. De acordo com os autores examinados, o aspecto verbal será compreendido como uma constituição temporal interna da situação[30].

Complementando o conceito acima, fazendo uso de todas as concepções apresentadas, pode-se afirmar que o aspecto tem ligação com a ideia de desenvolvimento, duração, frequência e limite de uma situação, seja ela um evento, seja um estado, ou seja, um processo (ação) representado pelo verbo, por seu complemento e/ou adjunto adverbial. De acordo com o que se viu, o aspecto pode ser classificado em aspecto semântico ou gramatical. O aspecto semântico pode ser indicado pelo radical, por vezes, por sufixo e, principalmente, pelos demais elementos linguísticos contidos no SV, como os complementos e advérbios. Essa noção também pode ser subdividida em duas outras de caráter mais geral. Pode ser considerada télica quando se refere às situações que apresentam limite no desenvolvimento, duração ou frequência. Ou pode ser considerada atélica quando não apresenta limite, referindo-se a eventos, estados e ações que demandem um *input* de energia, no caso, ações, ou os processos durativos representados pelos estados.

O aspecto gramatical é indicado por morfema que, simultaneamente, no português, também indica modo e tempo verbais. O aspecto gramatical pode ser subdividido em perfectivo e imperfectivo. O primeiro refere-se às situações já ocorridas e o segundo, às situações ainda em curso.

Trabalhar-se-á, portanto, neste livro, com a ideia de que o perfectivo indica uma ação cumprida e o imperfectivo indica uma ação em desenvolvimento. Baseando em Castilho (2014) será defendido que, no estudo do aspecto, é preciso levar em conta a flexão modo-temporal. Como o autor sugere, os tempos presente, pretérito imperfeito e a forma de gerúndio podem ser manifestações do aspecto imperfectivo e o tempo pretérito perfeito e a forma do particípio,

30 "*aspects are diferents ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*" (COMRIE, 1976, p. 3).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

manifestações do aspecto perfectivo. Uma das hipóteses deste livro é de que há relação entre aspecto télico e perfectivo, e aspecto atélico e imperfectivo.

Viu-se que Travaglia faz uma classificação mais detalhada, o que é estimado quando se pretende abranger as especificidades das situações. Porém, assim como Câmara Jr. (1956), esta obra pretende enumerar a menor quantidade de tipologias aspectuais possível. Para isso, observou-se que muitas nomenclaturas podem ser abarcadas por outras mais gerais. Dessa forma, elegeu-se a classificação de Comrie (1976), de aspecto gramatical para as noções de perfectivo e imperfectivo e de aspecto lexical ou semântico para as noções de télico e atélico.

Por fim, em relação à representação do aspecto verbal na Sintaxe, este volume se apoiará nos estudos de Arad (1996), em relação à postulação da existência de um sintagma para aspecto e que, portanto, tempo e aspecto são cindidos. Não necessariamente será adotada a mesma construção arbórea que Arad sugere, mas a ideia de incluir um nódulo de aspecto na árvore sintática é uma das hipóteses deste trabalho, conforme delineado na Introdução.

O próximo capítulo trará o marco teórico essencial para o entendimento das questões deste trabalho. A Teoria Gerativa foi escolhida para compreender como o aspecto verbal pode ser representado mentalmente e como ele pode se relacionar com demais categorias presentes em uma sentença.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

2 TEORIA GERATIVA

Este capítulo pretende apresentar a Teoria Gerativa que será o marco teórico principal. Para isso, serão apresentados, inicialmente, os pressupostos da Teoria, principais conceitos, as fases pelas quais a teoria passou até hoje, como se compreende a derivação de um sintagma e de uma sentença, além das operações presentes no momento da formação da estrutura.

Na segunda metade do capítulo, serão descritas as relações entre os elementos da sentença, como verbos e argumentos, e as posições que ocupam no momento da derivação. A demonstração dessas relações é relevante, pois há hipóteses de que a representação do aspecto, que é objeto de análise deste livro, tem relação direta com a posição dos verbos, dos argumentos e dos adjuntos, além da designação de Caso e papel temático.

2.1 Pressupostos da Teoria Gerativa

O estudo da Teoria Gerativa e sua origem remetem ao século XVII com a tradição da gramática filosófica. Nesse momento, filósofos como Descartes e Humboldt já tinham uma forte opinião sobre a importância de uma gramática explicativa que defende que "*a linguagem é um bem particular da espécie humana*" (CHOMSKY, 1973, p. 23). Assim, há três séculos, já havia pesquisadores defendendo a hipótese de que o estudo da linguagem se relaciona com o estudo da mente.

No entanto, a tendência de estudos da linguagem que surgiram no século XVIII se voltou mais fortemente para a linguística estrutural-descritiva moderna a que quase dominou a pesquisa durante o século passado, até o começo de 1950. Nesse momento, os pesquisadores da época não tinham dúvida de que um arcabouço comportamentista seria o mais adequado para acomodar o campo inteiro do uso linguístico. Entretanto, Chomsky começou a questionar essa corrente de pensamento. Considera-se 1957 o ano de nascimento da Linguística Gerativa, ocasião em que Chomsky publicou seu primeiro livro, "Estruturas Sintáticas".

O principal argumento de Chomsky era o de que os estímulos apresentados às crianças na fase de aquisição da linguagem eram pobres e insuficientes. Dominar a língua natural nos três primeiros anos de vida, levando em conta que as frases ouvidas pelas crianças, por vezes, apresentam construções imprecisas (rupturas, hesitações, trocas de sons e incompletudes) ia contra a tese de que elas só falavam o que ouviam.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O Argumento da Pobreza de Estímulo, na Teoria Gerativa (que assim ficou conhecido), é uma variação do "Problema de Platão". Segundo Platão, havia poucas evidências e dados para o vasto conhecimento que os homens tinham do mundo. Para ele, a experiência era insuficiente e deveria haver um conhecimento mental a respeito. Assim, Chomsky defendeu a ideia de que haveria uma competência além da experiência do falante.

Retomando o racionalismo clássico de Platão, Chomsky defende a ideia do antiempirismo e do inatismo. O inatismo deve ser entendido como algo pertencente a uma herança genética que dê à criança, em fase de aquisição da linguagem, uma capacidade de ir além dos dados obtidos, em grande parte, empobrecidos. Segundo Chomsky (1973, p. 43), "*o estudo da gramática universal, assim entendido, é o estudo da natureza das faculdades intelectuais humanas*". Com isso, há muitas semelhanças entre a gramática filosófica do século XVII e a Teoria Gerativa, conforme se pode verificar na citação abaixo:

> Um ponto de semelhança é o que se refere exatamente a esta questão de teoria explicativa. A gramática filosófica, de modo muito semelhante ao da gramática generativa corrente, criou-se na oposição autoconsciente à tradição descritiva, que interpretava a tarefa do gramático como consistindo simplesmente em registrar e organizar os dados do uso, uma espécie de história natural (CHOMSKY, 1973, p. 29).

A pesquisa em Gramática Gerativa chomskyana levanta as seguintes questões essenciais: como a gramática mental de um indivíduo é representada em sua mente? Como o conhecimento da linguagem é adquirido? Como um indivíduo põe seu conhecimento linguístico em uso? Como as propriedades relacionadas à linguagem se realizam nos mecanismos do cérebro? Para obter respostas a essas questões, a pesquisa de Chomsky apresenta uma metodologia dedutiva[31].

Para Chomsky (1995), o comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido também como uma dotação genética interna ao organismo humano, pois se relaciona com um estado da mente/cérebro, independente de outros elementos no mundo. Para Chomsky (1995, p. 16), a mente "*possui aspectos dedicados à linguagem – a que chamamos a sua Faculdade da Linguagem*" especificamente associados à produção e à compreensão da língua. A Faculdade da Linguagem possui um estado inicial desde o nascimento de uma pessoa, denominado Gramática Universal, cuja complexidade de organização é rica e uniforme para toda espécie humana. Durante o crescimento de todo ser humano, semelhante a qualquer outra organização fisiológica,

31 Método científico que considera a conclusão como implícita nas premissas e o conhecimento como não dependente da experiência para confirmar respostas. Geralmente, parte-se de um conhecimento geral para o particular.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

anatômica ou mental, a Faculdade de Linguagem passa por fases em seu desenvolvimento e atinge o estado final, chamado de língua-I[32], composto pelo Léxico e o Sistema Computacional.

A Gramática Universal é regida por princípios, os quais podem ser compreendidos como propriedades universais das línguas naturais. São os princípios que "*oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar, assim como condições específicas que determinam como a gramática de qualquer língua pode ser usada*" (CHOMSKY, 1973, p. 83). Por outro lado, os parâmetros devem ser entendidos como as possibilidades de variação entre as línguas, isto é, as possibilidades de diferenças sintáticas entre as línguas naturais.

A proposição fundamental formulada por Chomsky é a de que a criança nasce biologicamente equipada com uma gramática, na qual se encontram todos os dispositivos que possibilitam a aquisição de uma língua natural[33]. A Teoria Gerativa defende a ideia de que a linguagem, complexa como é, constitui-se como uma das coisas que diferenciam os homens dos animais (HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002).

2.2 Trajetórias da Teoria Gerativa e a formação do Sintagma Flexional

Ao longo de mais de cinco décadas, os estudos gerativistas passaram por diversas modificações e reformulações. Desde o nascimento da teoria até os dias de hoje, três importantes etapas podem ser observadas: Teoria Padrão, Teoria da Regência e Ligação e o atual Programa Minimalista. Nesta seção, as três etapas serão apresentadas sempre relacionadas ao desenvolvimento das várias concepções acerca da camada flexional de uma sentença, uma vez que esse tema é objeto de estudo deste trabalho.

Um período importante para a Teoria Gerativa foi a partir do final da década de 50, quando Chomsky e seus companheiros desenvolveram a Teoria Padrão, datada de 1965. A essa teoria, foram incorporadas questões semânticas com o objetivo de explicar sentenças, como a célebre frase de Chomsky (1957): "*Ideias verdes incolores dormem furiosamente*". Chomsky evidenciou que a fonte do problema de sentenças como essa está no sentido e não na estrutura. É uma sentença gramatical, pois sua estrutura está correta, no entanto, não é interpretável. Em comparação, uma sentença como "*Eu pegar*

32 "*Podemos considerar que a língua-I tem duas componentes: um léxico e um sistema de princípios (regras, operações) chamamos Sistema Computacional (da linguagem humana)*" (CHOMSKY, 1995, p. 18).

33 A língua natural é o sistema de comunicação verbal que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade (ex.: português, inglês, japonês, italiano etc.).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

azul leão", pode ser interpretável, mas não seria dita por um falante nativo do português. Assim, a teoria tentava dar conta das diferenças entre os modelos de gramáticas de várias línguas (XAVIER; MORATO, 2014).

Por uma unidade entre os modelos, os estudiosos gerativistas chegaram à conclusão de que as regras poderiam explicar essas questões. De acordo com Chomsky, uma sentença apresenta um SN (Sintagma Nominal)[34] e um SV (Sintagma Verbal), ou seja, S → SN SV. Nesse viés, a formação do tempo se daria em SV. Mais tarde, para acomodar dados que continham perífrases, a sentença ficou assim: S → SN Aux SV. O nódulo Aux (auxiliar) que foi inserido abarcaria tempo (T) e concordância (AGR) (CHOMSKY, 1975). Em 1976, foi proposto que, no lugar de "Aux", deveria ser "INFL", nódulo que abarcaria todas as flexões de tempo e não só os auxiliares, ficando S → SN INFL SV (EMONDS, 1976 apud HERMONT, 2005).

À medida que as regras de cada estrutura fossem descritas, acreditava-se que tinham atingido a adequação descritiva da língua. Porém, viram que era possível criar mais de uma regra para a mesma estrutura. Daí, vinham outros questionamentos: como uma criança que está adquirindo a língua poderia memorizar tantas regras com tão pouca memória?

Assim, na década de 60 e 70, notou-se que, "*para atingir a adequação explicativa, uma teoria da linguagem tem de caracterizar o estado inicial da faculdade da linguagem e mostrar o modo como este projeta a experiência no estado atingido*" (CHOMSKY, 1995, p. 41). Seria necessário um novo modo de se pensar o processo de aquisição da língua. Com essa lacuna na explicação do funcionamento, em 1981, foi publicado o Modelo de Princípios e Parâmetros e a Teoria da Regência e Ligação. Nele, a linguagem era vista como um módulo mental com princípios universais e, para cada princípio, um parâmetro binário a ser fixado. Tentava-se implementar ou estabelecer uma adequação explicativa sobre o funcionamento da língua e sua aquisição, avançando no poder explicativo.

Voltando ao histórico dos estudos da camada flexional, ainda em 1981, com a Teoria de Regência e Ligação, Chomsky propôs que INFL (chamado agora por ele apenas de I) fosse tratado como uma categoria gramatical e núcleo da sentença, com o sujeito em SN ocupando o especificador de I (INFL). A proposta era que todos os auxiliares ocupassem o núcleo de I, uma vez que eles carregam a flexão de tempo. Essa proposta então passou a ser chamada de Hipótese do Sujeito Interno ao SV. Dessa maneira, o especificador de INFL nunca seria ocupado com itens lexicais e o movimento de sujeito ocorreria porque "*a concordância sujeito-verbo está associada ao Caso nominativo*" (CHOMSKY, 1995, p. 221).

Na Teoria da Regência e Ligação (TRL), a gramática seria dividida em vários níveis em que haveria uma Estrutura Profunda (Estrutura-P) e uma a

34 De acordo com o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, a palavra sintagma quer dizer: unidade linguística composta de um núcleo (p.ex., um verbo, um nome, um adjetivo etc.) e de outros termos que a ele se unem, formando uma locução que entrará na formação da oração.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

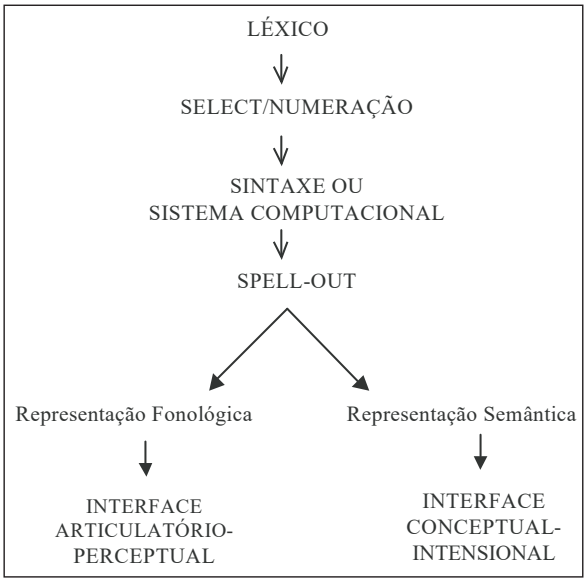
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Estrutura Superficial (Estrutura-S)[35]. "*As funções gramaticais da estrutura profunda desempenham um papel central na determinação do significado da sentença*" (CHOMSKY, 1973, p. 46). Já a Estrutura-S "*está estreitamente relacionada com sua forma fonética e, especificamente, determina a entonação da expressão oral representada*" (CHOMSKY, 1973, p. 46).

Na tentativa de minimizar os processos formadores das sentenças, como ocorria até então, surge o Programa Minimalista em 1995. Porém, o Programa Minimalista "*não é um novo modelo no quadro geral da Teoria Gerativa, mas sim uma extensão, adaptada em muitos pontos e refletindo uma nova forma de teorização*" (FERRARI NETO, 2012, p. 26). As estruturas profunda e superficial, por exemplo, são descartadas e uma nova arquitetura é proposta. Vê-se que os sistemas mentais precisam ter ligações com sistemas externos para que haja uma geração da linguagem, com o objetivo tanto de produção quanto de recepção da linguagem. Tudo isso sempre pensando no menor esforço, daí o nome Programa Minimalista.

A seguir, tem-se o *design* do Programa Minimalista para a representação da sentença:

Figura 4 – *Design* do Programa Minimalista



Fonte: Elaborado pela autora.

35 As raízes dos termos Estrutura Profunda e Superficial encontram-se na tradição clássica da gramática filosófica. "*A teoria da estrutura profunda e superficial parece bastante simples, ao menos num esboço tosco. No entanto, foi bem diferente de tudo quanto a precedeu e, o que é ainda mais surpreendente, desapareceu quase sem deixar traços à medida que a linguística moderna se desenvolvia no final do século passado*" (CHOMSKY, 1973, p. 32). O que se vê que Chomsky fez no século XX foi retornar com a ideia de Estrutura P e S.

O esquema apresentado demonstra que, a partir do Léxico que "*especifica os itens que participam nas operações do sistema computacional, com as suas propriedades idiossincrásticas*"[36] (CHOMSKY, 1995, p. 245), as categorias lexicais e funcionais com seus traços são selecionadas para formar as sentenças. Essa seleção recebe o nome *select* e forma uma Numeração. A ideia é que esses itens já vêm da Numeração com traços definidos como traços de gênero, de número, plural, de categoria, de caso etc. Após a seleção, ocorre no Sistema Computacional a derivação das sentenças. Para que a sentença formada no Sistema Computacional seja expressa e compreendida, a operação chamada *spell-out* entra em ação. É ela que permite a divisão da estrutura sintática para as interfaces fonológica e semântica.

> Uma intuição que tem servido de guia no Programa Minimalista é que as operações se aplicam em qualquer ponto, sem qualquer estipulação especial; e se uma escolha errada for feita, a derivação fracassa. Vamos assumir que também o Spell-Out funciona assim, tal como as outras operações. Depois do Spell-Out, a componente fonológica não pode selecionar da numeração qualquer item com traços fonológicos. Esta situação é uma exigência para qualquer teoria, mesmo aquela com os pressupostos empíricos mais fracos; de outro modo, as relações som-significado cairiam pela base (CHOMSKY, 1995, p. 321).

Assim, a sentença formada passa pela representação fonológica, quando ganha forma para que haja a articulação dos sons da fala e pela representação semântica, diretamente ligada aos significados. A seguir, Kenedy (2013) afirma como se dá, para os gerativistas, a relação entre os sistemas de interface.

> Tecnicamente, os gerativistas afirmam que a linguagem produz as representações do par (π, λ) sob as imposições do Princípio da Interpretação Plena (em inglês, Full Interpretation – às vezes chamado apenas de FI- pronuncia-se "éfe-i").[...] Quando o sistema de pensamento consegue acessar e usar as informações de π e, ao mesmo tempo, o sistema sensório-motor consegue acessar e usar informações de λ, dizemos que as representações do par (π, λ) são interpretáveis nas interfaces, isto é, dizemos que as representações são legíveis ou convergentes. Se uma representação é convergente, então ela foi gerada de acordo com o Princípio da Interpretação Plena (KENEDY, 2013, p. 122).

Com o Programa Minimalista, em 1995, e retomando a formação do Sintagma Flexional em cada etapa, Chomsky adota a mudança na concepção da estrutura da sentença. Em relação ao SV, ele apoia Pollock (1989) que, em seus estudos, observa que ao comparar a língua inglesa com a francesa, o

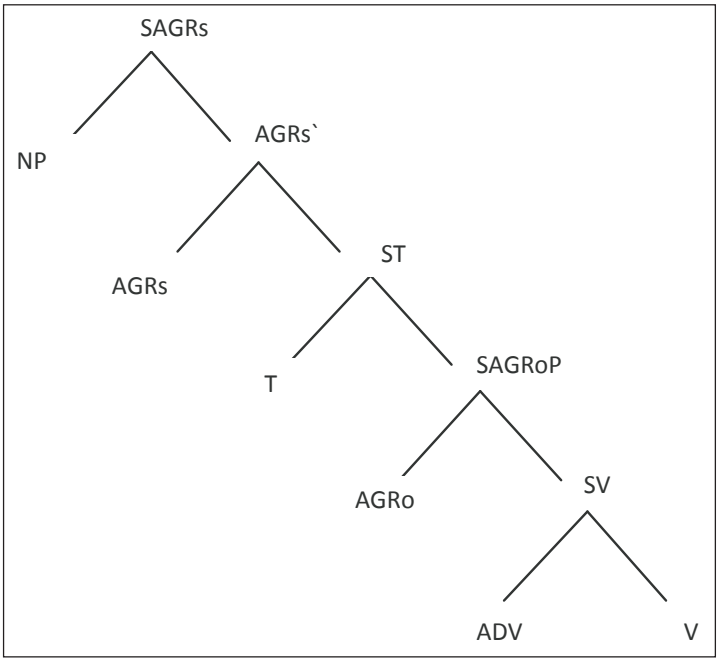
36 "*Estas propriedades incluem a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática, e as suas características semânticas*" (CHOMSKY, 1995, p. 70).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

advérbio, os quantificadores e as partículas de negação vêm antes do verbo: em outros casos, vêm depois e em outros, o verbo estaria entre essas categorias. Com isso, ele conclui que não poderia haver apenas um nó para acomodar os verbos. Chomsky incorpora a sugestão de que a estrutura teria um nó para tempo, outro para negação, outro para concordância.

Porém divergências ocorreram e Chomsky (1995) sugeriu dois tipos de concordância: uma em que o verbo concorda com o sujeito (AGRs) e outra em que o verbo concorda com o objeto (AGRo), sugerindo a seguinte estrutura arbórea:

Figura 5 – Estrutura sintática com dois tipos de AGR



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Chomsky (1995), tanto "AGR" como "T" teriam traços para valorar propriedades de SV e SN. Por isso, ocorreria a movimentação, para checar traços, chamada hoje de valoração. Observam-se, nesse momento, três propostas para a formação de tempo na sentença. Entretanto, ainda em Chomsky (1995), ele observa que AGR não poderia ser nódulo de sintagma, já que o traço φ (fi) de concordância para verbo é não interpretável[37], ou seja, tanto "nós vamos" quanto "nós vai" são sentenças compreendidas pela interpretação

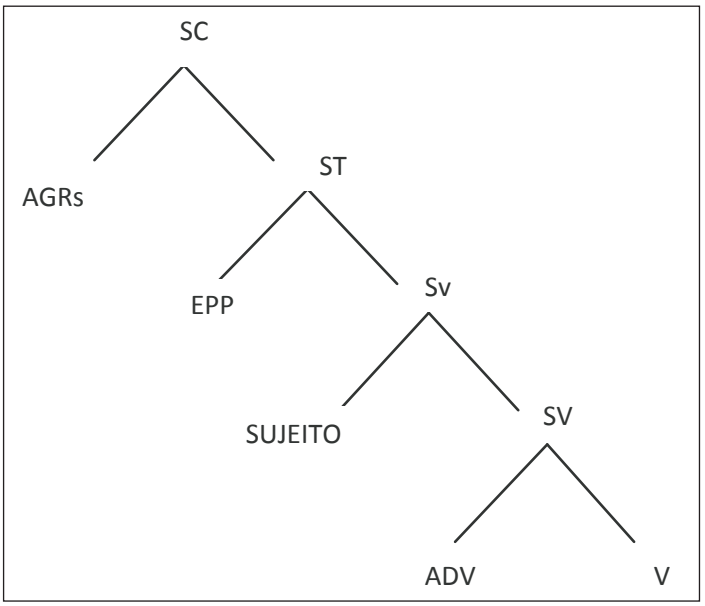
37 Traços que não apresentam interpretabilidade semântica, sendo conferidos substancialmente no sistema computacional.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

semântica. Assim não haveria necessidade de checagem de traço para concordância em verbos, por isso não era mais preciso um nódulo só para este tipo de concordância. "AGR" poderia então ser integrado ao tempo (I), ideia que é confirmada em Chomsky (1998)[38].

Essa concepção segue o Princípio de Economia do Programa Minimalista. O qual rege que só pode ser projetado o que há conteúdo. Com isso, a estrutura arbórea muda novamente e, com o Princípio da Projeção Estendida – EPP (Extend Projection Principle), conclui-se que o nódulo ST abarca o verbo finito que carrega os traços (φ) de pessoa, número e gênero. Então o sujeito, para concordar com o verbo, precisa ter traços (φ) correspondentes ao de "T". O sujeito é atraído para especificador de ST, uma vez que está relacionado aos traços (φ) do verbo (RADFORD, 2004). A mudança agora retrata a seguinte estrutura[39]:

Figura 6 – Estrutura sintática com EPP



Fonte: Elaborado pela autora.

38 Apesar de Chomsky finalizar seu texto (1995) retirando o nódulo AGR, ele deixa claro em vários momentos que as questões relacionados à AGR não foram todas respondidas. "*Se a discussão até aqui está no caminho certo, eliminamos toda uma série de razões aparentes para incluir Agr no inventário lexical. O problema da existência de Agr fica mais restrito, ainda que não o tenhamos eliminado. Nem todos os argumentos em favor de Agr foram considerados*" (CHOMSKY, 1995, p. 502).

39 Nessa estrutura, tem-se o Sv ou VP shell, ele é um sintagma (como se fosse uma extensão do SV) que acomoda verbos auxiliares ou verbos leves (*ligth*) que são afixais por natureza representando uma força para determinados verbos, como no caso dos inacusativos, em que o argumento interno ocupa o lugar de sujeito, mas não é agente da ação. Em sentenças como "A porta fechou no dedo do menino", o verbo leve cumpriria um papel de "faz" fechar a porta, uma vez que "a porta" não é agente da ação.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Na estrutura anterior, quando o Caso não é valorado no alvo[40], é valorado como Nominativo pela sonda[41] que carrega o tempo finito. O movimento se completa com a subida do sujeito para especificador de ST para completar a projeção. Por isso "*a concordância S-V está associada a Caso Nominativo*" (CHOMSKY, 1995, p. 221).

Em 2001, Chomsky postula que a estrutura sintática é constituída por fases e que cada fase seria um nódulo completo da árvore. Cada fase é c-comandada por outra. Ao final de cada fase e operação, nada pode ser modificado ou refeito. Assim, a sentença forma-se e fica pronta para o *Spell Out*. "S*e um traço forte permanece depois de Spell-out, a derivação fracassa*" (CHOMSKY, 1995, 280). Por fim, é possível afirmar que só existem nós para as categorias que são interpretadas fonética e semanticamente.

2.3 Categorias lexicais e funcionais

As categorias lexicais, também chamadas de palavras de conteúdo, são consideradas como uma classe aberta, pois são infinitas, uma vez que é possível formar outras palavras a partir delas. As categorias lexicais são os nomes, verbos, adjetivos e partículas. São palavras de conteúdo descritivo. Já as categorias funcionais servem primeiramente para carregar informação sobre a função gramatical de tipos particulares de expressões dentro de uma sentença. Elas estão relacionadas à desinência, ao número, ao modo e à pessoa. Determinantes e quantificadores são categorias funcionais (Determinantes corresponderiam a artigos, pronomes, quantificadores; Tempo corresponderia a auxiliares e morfemas; Complementizadores corresponderiam às conjunções). As categorias funcionais são consideradas uma classe fechada, uma vez que as palavras contidas nelas são finitas. São palavras de conteúdo gramatical com a função única de estabelecer relação sintática entre os itens, por isso se diz que elas são responsáveis pelos movimentos e processos dentro da Sintaxe.

Na proposição da Sintaxe Gerativa, tanto as palavras de conteúdo, quanto as categorias funcionais cumprem a função de núcleo. Pode-se dizer que são as categorias funcionais que fazem com que o sistema sintaxe funcione efetivamente ou que a sintaxe seja motivada pela manifestação dos traços das categorias funcionais. Quer dizer, "*as categorias funcionais têm grande importância na determinação da ordem das palavras nas diversas línguas naturais*" (HERMONT, 2005, p. 59).

No Léxico, é determinado o conjunto de traços pertinentes para a língua em exposição, a que itens lexicais os traços devem ser associados, de que natureza

40 Posição de destino de um constituinte que será movido.
41 Posição de base onde está um constituinte antes de ser movido.

o traço é, se interpretável ou não interpretável, a fim de entrar na sintaxe da língua e definir os valores paramétricos para essa língua. Chomsky (1995) relaciona o Léxico aos parâmetros de uma língua, enquanto os princípios são relacionados ao Sistema Computacional, mais universal, chamado por ele de sistema de princípios. Entende-se, então, que traços são informações em forma de códigos no léxico, por isso, a partir de traços "*a entrada lexical fornece a informação exigida para as computações*" (CHOMSKY, 1995, p. 331).

A proposta é que haja três tipos de traços: os semânticos, os fonológicos e os formais. Os traços semânticos cuidam de assumir um significado entre os valores presentes no léxico do falante. Os traços fonológicos estabelecem relações com o sistema articulatório-perceptual e dizem respeito aos sons. Já os traços formais trazem informações para serem usadas no sistema computacional, ou seja, estabelecem relações que os itens lexicais devem ter entre si no interior de uma sentença.

O item lexical "comprar", por exemplo, em uma sentença como "Ela compra doce", traz traços formais como: é verbo, localiza-se no núcleo do predicado, apresenta dois argumentos, um para quem compra e outro para o que é comprado e é um item que precisa receber marcas de tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Assim como "comprar" precisa receber traços formais, fonológicos e semânticos, todos os itens no léxico também deverão receber esses três tipos de traços.

Os traços formais podem ser intrínsecos ou opcionais. Os intrínsecos já vêm marcados do Léxico com traços categoriais, de pessoa, gênero etc. Os opcionais são traços que são acrescentados quando os itens lexicais saem do Léxico, como o traço de número, de caso, concordância de verbos etc. Um traço formal muito importante na elaboração de sentenças é o traço categorial. É ele que define a posição do item na sentença. Os traços categoriais mais comuns são V(verbo), N (nome), A (adjetivo), P (preposição), ADV (advérbio).

É possível dizer que, a partir dos traços formais vindos do Léxico, é que os itens sofrem diferentes operações na Sintaxe, ou seja, o Sistema Computacional é regulado a partir dos traços formais. Consequentemente, a diferença entre as línguas tem relação com o Léxico, uma vez que os diversos parâmetros que diferem as línguas também têm relação direta com ele. A diferença entre traços interpretáveis e traços não interpretáveis se dá pelo fato de que os interpretáveis constituem conteúdos de valor semântico, enquanto os não interpretáveis adquirem seu valor a depender da relação sintática estabelecida no decorrer de um determinado contexto da estrutura linguística (CHOMSKY, 1995).

Um bom exemplo são os traços de número e pessoa. No domínio verbal, esses traços não têm valor definido porque dependem da relação na estrutura sintática; já no domínio nominal, de mesma natureza, os valores são definidos,

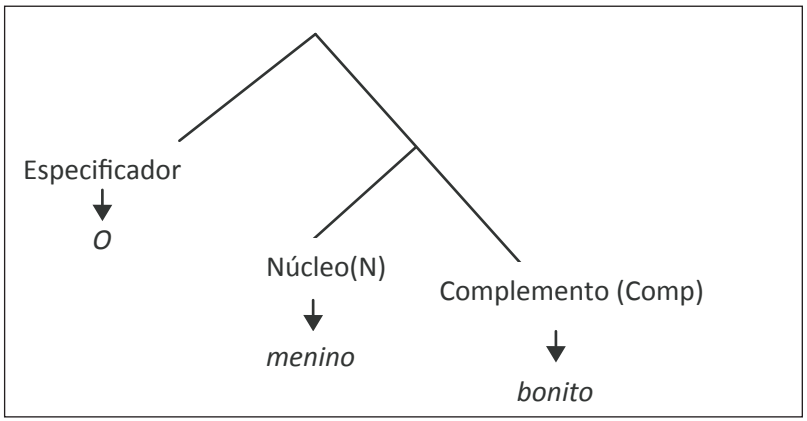
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

porque carregam valor lexical. Nas palavras "menino" e "meninos", por exemplo, dizemos que os traços de número são interpretáveis, pois podem dar diferentes interpretações semanticamente. Já traços de número para verbo são não interpretáveis, pois, semanticamente, não há diferença entre "meninos compraram" e "meninos comprou". Em síntese, traços interpretáveis conhecidos como traços – φ (fi) são os dependentes de uma representação semântica e fonológica e os traços não interpretáveis não apresentam interpretabilidade semântica sendo conferidos substancialmente no sistema computacional.

No momento da derivação das sentenças, há também a atuação de operações, como *merge* e *move,* e nessa formação de estruturas têm-se os sintagmas que são agrupamentos de palavras e apresentam um núcleo. As sentenças são formadas por sintagmas. Segundo o Programa Minimalista, uma sentença é formada por um sintagma complementizador (SC), um sintagma flexional (SF/ atualmente, também conhecido como sendo sintagma de tempo- ST), um sintagma do verbo *light* ou leve (Sv) e um sintagma verbal (SV). Vale dizer que todo sintagma apresenta um especificador, um núcleo e um complemento. Ele tem que ter um núcleo e a combinação dois a dois.

Figura 7 – O sintagma



Fonte: Elaborado pela autora.

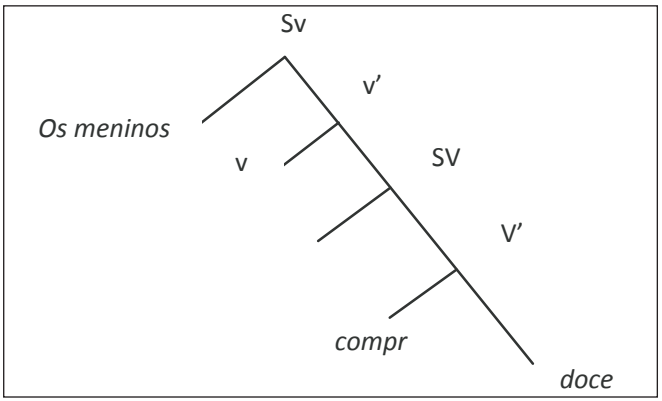
Como se pode ver, os sintagmas são representados como 'galhos de uma árvore' em uma combinação binária, chamado, na Teoria Gerativa, de forma arbórea. As árvores são as representações dos processos mentais no sistema computacional, quer dizer, representa-se na árvore o que ocorre no sistema computacional no momento em que a sentença é construída.

No Sistema Computacional ocorrem operações como *merge* (ou concatenação), em que as palavras e expressões se juntam de duas a duas, essa

operação recebe o nome de Princípio da Binaridade. Além dessa operação, pode ocorrer a operação *move* (ou movimento) que, como o próprio nome indica, movimenta os itens na sentença. Chomsky (1995) postula que a operação *merge* se relaciona com os princípios da GU e a operação *move* com os parâmetros de cada língua.[42]

Pode-se dizer que nas árvores há três[43] posições para cada sintagma: projeção máxima, projeção intermediária e projeção mínima. Esses três diferentes níveis de projeção denotam classificações a respeito de sintagmas e palavras nas sentenças. Uma projeção máxima é um sintagma, uma projeção intermediária é constituída pelo núcleo e pelo complemento. A projeção mínima seria o núcleo verbal ou nominal, ou seja, um dos extremos da classificação do sintagma. A sentença "Os meninos compraram doce" nasceria assim:

Figura 8 – Início da formação de uma sentença



Fonte: Elaborado pela autora.

Para entender melhor: o verbo "comprar", para se tornar "compraram", precisa se movimentar para valorar traços de tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Nessa movimentação, ele deixa uma cópia. Dessa forma, ao visualizar o processo final, na árvore, é como se alguns sintagmas estivessem vazios, mas, na verdade, eles estariam preenchidos com cópias. Após a operação *move*[44]*,* a sentença anterior ficaria assim:

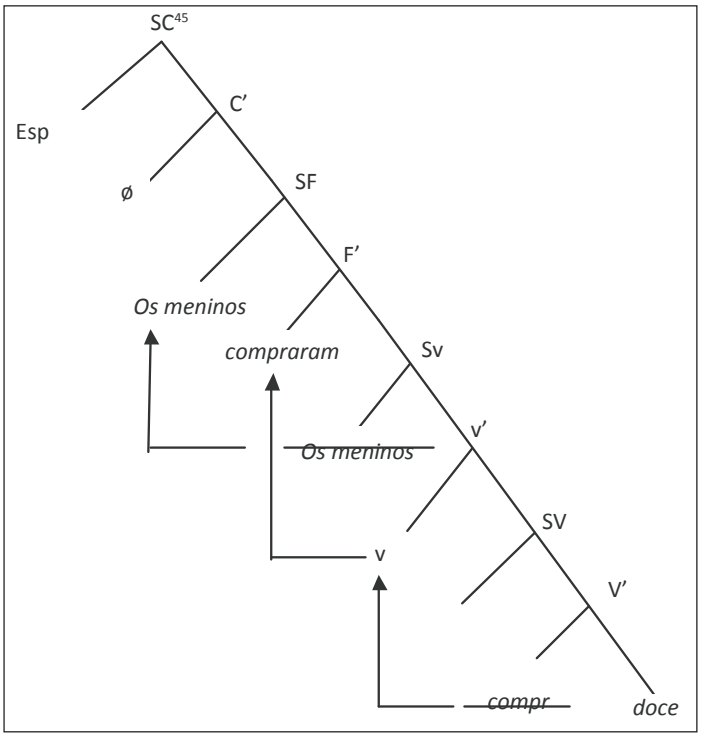
42 "Qualquer sistema parecido com a linguagem não pode deixar de ter uma operação do tipo de Compor, mas a operação Atrair/Mover reflete peculiaridades da linguagem humana, entre elas as propriedades do último recurso determinadas pela morfologia, às quais dedicamos uma atenção especial" (CHOMSKY, 1995, p. 503).

43 No Programa Minimalista, não se adotam mais as posições intermediárias, mas, como é didático e consagrado na literatura, para facilitar a compreensão, manter-se-á a noção de três projeções, inclusive a intermediária.

44 Nos últimos tempos, a noção *move* (movimento) foi substituída pela noção de *attract* (atração) e logo em seguida, pela noção de *Agree*, que pressupõe a transmissão de traços por parte da categoria

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Figura 9 – Derivação da sentença após a operação *move*



Fonte: Elaborado pela autora.

O verbo principal de uma sentença originaria-se no núcleo SV, em seguida, ele assumiria a posição de núcleo de SF na árvore para ter os traços de tempo, número e pessoa valorados. Já o sujeito da oração se originaria no especificador de Sv, porém, no especificador de ST, haveria um traço, chamado de traço de EPP[45], que atrairia o sujeito.

Após cada movimentação feita, não há possibilidade de voltar e se refazer nada. Há ainda a proposta de Condição de Impenetrabilidade de Fase, que se refere justamente à finalização de cada construção de sentença. A cada operação finalizada na Sintaxe, a sentença é enviada para receber sua forma fonológica e sua forma lógica.

De acordo com o exemplo apresentado, o verbo "comprar" ocuparia inicialmente a posição de núcleo do SV, mas, como o verbo não estaria valorado

que tem traços valorados a uma categoria que ainda não tem os traços correspondentes valorados. *Move* pode ser entendido como cópia + *merge*.

45 EPP: *Extended Projection Principle* (Princípio da Projeção Estendida). Foi um princípio definido para que certos núcleos tenham um especificador, ou seja, uma exigência para que as sentenças tenham um sujeito.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

no que diz respeito a traços de T (tempo) e C (concordância), ele passaria pelo Sv e chegaria ao núcleo de SF, pois aí o verbo já estaria flexionado. Já o sujeito se originaria no especificador de Sv e seria atraído pelo EPP, o Princípio determinante para a concordância S-V. Nesse caso, o especificador de SF que recebe o sujeito seria a sonda (que está em cima) e o elemento no especificador de Sv seria o alvo (que está embaixo). Pode-se constatar que os traços não valorados é que são responsáveis pelos movimentos. Quanto aos movimentos, há também o Princípio da Localidade, que indica que o alvo deve estar suficientemente próximo à sonda para ser atraído de perto, minimizando outras operações, pois a operação *move*, por vez, "*só eleva um traço*" (CHOMSKY, 1995, p. 371).

2.4 Predicadores, argumentos e papéis temáticos

Como já foi dito, os traços formais são os grandes responsáveis pelas relações existentes entre um item e outro na formação de uma sentença. Conforme alguns itens precisam receber traços e ser valorados, há movimentos e operações que estabelecem a posição desses itens na sentença, as relações sintáticas entre eles e as marcas de tempo, modo, aspecto, número e pessoa (para alguns itens). Um dos traços mais importantes é o traço categorial, pois é a categoria gramatical que um item apresenta.

Outro traço formal é o traço de seleção. Ele é importante porque há itens que necessariamente selecionam outros itens, como é o caso dos verbos. O verbo "comprar", por exemplo, seleciona, no mínimo, dois itens: um para quem compra e outro para o que é comprado. Os itens que possuem traços de seleção são chamados de predicadores, podem ser verbos ou nomes, e os que não selecionam outros itens são chamados de argumentos. Quando os itens são finalmente selecionados, se dá a saturação. A partir daí, ocorrem as operações e os movimentos. Quando os argumentos não são saturados ocorre a agramaticalidade[46].

Um predicador pode ter, no máximo, um argumento externo e dois internos. O argumento externo ocuparia um lugar de especificador e é geralmente seu sujeito ou agente. Os internos são selecionados imediatamente e são os complementos, por isso Chomsky afirma que a relação Spec-núcleo é assimétrica,

46 Agramatical é diferente de inaceitável. "*A noção de aceitável não deve ser confundida com a de gramatical. A aceitabilidade é um conceito que pertence ao estudo da performance, enquanto que gramaticalidade pertence ao estudo da competência.*[...] *As frases gramaticais não aceitáveis, muitas vezes, não podem ser usadas, por razões que têm a ver não com a gramática, mas antes com limitações de memória, com factores estilísticos e de entonação, com os elementos icônicos do discurso (por exemplo, a tendência para colocar o sujeito e o objeto lógicos ao princípio e não no fim) e assim por diante*" (CHOMSKY, 1975, p. 92-93).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

só após a composição de predicador e argumento interno que o argumento externo é concatenado. Os argumentos são concatenados na operação *merge*. À medida que a operação vai unindo os itens de dois em dois, os argumentos vão assumindo suas posições. "*Os argumentos internos ocupam as posições de especificador e de complemento de V. Desse modo, o argumento externo não pode estar abaixo de [Spec, v]*" (CHOMSKY, 1995. p. 429).

Os argumentos são selecionados conforme sua semântica (s-seleção – está relacionado às estruturas conceituais dos argumentos) e conforme sua categoria sintática (c-seleção), se é SN, SA, SC, por exemplo. Se for tomada a frase: "A Liza comeu a maçã", o predicador "comeu" seleciona dois argumentos: um externo, "a Liza", e outro interno, "a maçã". Ou seja, quanto ao traço c-seleção, o predicador "comeu" selecionou dois SN's. Se houvesse, por exemplo, a seleção "Pela Liza comeu da maçã", com a seleção de dois SP, a sentença seria agramatical. "*Um predicador define, portanto, a categoria exata de seus argumentos*" (KENEDY, 2013, p. 159). É a partir do traço de seleção que é possível ter a orientação se o item é predicador ou não, quantos argumentos serão requeridos, se o argumento ocupará uma posição de especificador ou complemento, levando em conta os papéis temáticos.

Para a Teoria Gerativa "*os papéis temáticos são traços inscritos nas propriedades de seleção de um item lexical predicador. Tais traços são relevantes para a interface conceitual da linguagem humana*" (KENEDY, 2013, p. 161). Dessa forma, os traços formais de papel temático viriam inscritos no item lexical e seriam marcados nos argumentos na operação *merge*, que liga o verbo a seus argumentos. Essa operação ocorre de maneira composicional, pois, no momento em que o verbo mais o argumento interno se unem, os traços semânticos de um são concatenados ao do outro e juntos vão estabelecer um papel temático ao argumento externo ou ao segundo argumento interno do verbo, se houver.

Para isso, o sistema define a estrutura argumental e a grade temática. A marcação de papel temático ocorre primeiro, assim "*nenhum elemento pode ser movido para um posição temática. Quando um argumento é movido para uma posição Casual, já não pode ser movido de novo visto que todas as condições relevantes se encontram agora satisfeitas*" (CHOMSKY, 1995, p. 91). Vê-se que "*a relação núcleo-complemento é mais local, fundamental e relacionada ao papel temático*", já a "*a relação Especificador mais núcleo é restante*" (CHOMSKY, 1995, p. 249).

O que se nota é que o tema "argumento" e também seus respectivos papéis temáticos podem estar diretamente ligados à formação do aspecto verbal, objeto de análise deste trabalho, pois se sabe que determinados argumentos podem modificar o sentido do verbo e, consequentemente, sua duração, completude, frequência, ou seja, seu aspecto. Se o papel temático é marcado primeiro e

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

também primeiramente é a relação do predicador com o argumento interno, imagina-se que o aspecto verbal seja expresso tão logo a sentença comece a ser formada. Essas informações teóricas são caras para a análise dos dados deste trabalho à medida que se quer saber se, havendo um Sintagma Aspectual, qual é a posição dele na sentença.

Por fim, outra hipótese, a partir da literatura, é a de que o aspecto não poderia estar acima de especificador de SF (posição de sujeito) o qual determina Caso Nominativo. Tomando o aspecto gramatical, por vezes, ele é materializado com morfemas os quais também caracterizam número e pessoa. Dessa forma, seria mais difícil ele estar acima de sujeito que só pode ser determinado após a concordância, pelo Princípio EPP, ainda mais pelo fato de que, acima de SF, tem-se SC, sintagma representado por itens já fora da sentença.

Há também hipóteses (ARAD, 1996; CIRÍACO; CANÇADO, 2004) de que determinado predicador, com seu traço de seleção, pode determinar o ponto de início ou o ponto de término de uma ação.

> Processualmente, sabe-se que os verbos inacusativos são entendidos como aqueles que visam apenas ao ponto final do evento. Assim, há de se esperar que os verbos inacusativos formem predicados de *achievement*. Muitos autores já correlacionaram a idéia de telicidade aos inacusativos, dentre eles, Hout (2004), que trata a inacusatividade como uma distinção configuracional condicionada à checagem da propriedade da telicidade na posição de objeto (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 14).

Tanto Arad (1996) quanto Ciríaco e Cançado (2004) interligam a ideia de aspecto a tipos de verbos, como os inacusativos e inergativos. Os verbos inacusativos e inergativos são verbos intransitivos, isto é, não apresentam argumento interno e externo, conjuntamente. Nesse caso, o verbo inergativo seleciona apenas um argumento, o externo que é o sujeito, exemplo: "João gargalhou". O verbo inacusativo também seleciona apenas um argumento, porém, o argumento interno e que, por vezes, ocupa a posição de sujeito; exemplo: "A laranja apodreceu".

Em exemplos como "A carta chegou", em que o verbo é inacusativo e que é possível fazer o teste da posposição como "Chegou a carta", observa-se apenas a notificação do ponto final da ação. Já em "João sorriu" que tem uma ideia de sujeito agentivo e, portanto, de verbo inergativo, tem-se uma ideia de ação contínua, iniciada de forma intencional por seu agente. Por ser uma ação contínua, é possível fazer o teste de X minutos[47]: "João sorriu por 10 minutos" ou "João tossiu por 10 minutos". Porém não são possíveis: "A carta

47 Segundo Ilari e Basso (2004), expressões durativas, como *por X minutos*, fazem alusão apenas ao tempo transcorrido desde o início do evento, mas não ao final dele. São expressões que não consideram o ponto final, não sendo aceitas por eventos télicos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

chegou por 10 minutos", ou mesmo, "A laranja apodreceu por 10 minutos". Essa proposição estreita a relação dos verbos inacusativos e inergativos com a condição do aspecto.

A literatura indica (ARAD, 1996) (CIRÍACO; CANÇADO, 2004) que os verbos inacusativos seriam télicos, até mesmo porque o argumento interno, que pode ocupar a posição de sujeito, pode ser considerado um complemento limitador da ação, ou seja, a ação tende a terminar. Cançado (2003, 2005b) analisa um *corpus* de 40 verbos monoargumentais do português brasileiro e observa relação estreita entre inacusatividade e a propriedade aspectual de *achievement*. Ou seja, observa relação entre inacusatividade e verbos pontuais, não durativos, os quais se referem apenas ao ponto final do evento.

No caso dos inergativos, há indicação de serem verbos atélicos, em que a ação não tenderia a um fim naturalmente, podendo ser uma ação mais durativa. Se forem retomados os exemplos "A carta chegou" e "A laranja apodreceu", é possível notar que as sentenças só demonstram o ponto final da ação, isto é, o resultado de algo que já ocorreu, no caso, a chegada da carta e o fato de a laranja já estar podre. Já estes exemplos "João sorriu" ou "João chorou", não se tem o resultado da ação, pelo contrário, tem-se apenas o ponto de início, além de serem ações que podem perdurar por um bom tempo. Afirmações como essas serão verificadas nessa tese com rigor e os dados serão analisados *a posteriori*.

Alguns exemplos para as relações entre papel temático e aspecto são:

a) João anda até a escola.
b) João anda feliz.[48]

É possível afirmar que em (a) João é agente, pois é o desencadeador de uma ação e age com controle. Em (b), João é experienciador, uma vez que está em um determinado estado mental. É também devido aos papéis temáticos que pode haver uma relação diferente em relação ao aspecto verbal. Nesses casos, (a) e (b) também se diferenciam no que diz respeito à relação aspecto/telicidade, já que em (a) a ação tende a um fim, que é a chegada à escola e em (b) não tende a um fim, ou seja, o aspecto seria atélico, uma vez que o verbo não denota ação, mas estado.

Como se viu, os papéis temáticos são as funções que o verbo atribui ao sujeito e seus complementos. Esse conceito foi introduzido por Gruber (1965) que os nomeava de relações temáticas, Fillmore (1968) que os chamava de casos semânticos profundos e Jackendoff (1972), papéis temáticos (RADFORD, 2004). Naquele momento, as funções gramaticais como sujeito, objeto e outros tipos de complementos foram vistos como insuficientes para

48 Neste exemplo, o verbo tem sentido de verbo de ligação: João está feliz e não que ele "caminha" feliz.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

uma análise mais completa de construções como: (a) “A lata virou” ou (b) “O menino virou a lata”. Nessas construções, é possível observar que há uma relação entre o verbo “virar”, “menino” e “lata”. Porém a substituição de lata em uma sentença, de objeto para sujeito, impõe uma necessidade de um modo diferente de analisar o sujeito “lata”, uma vez que “a lata não vira”, mas sim “alguém vira a lata”. Daí surge a necessidade do estudo desses papéis executados pelos argumentos.

No estudo dos papéis temáticos, os verbos não são considerados apenas como ações ou fenômenos, porém são acrescidos de sentidos de experienciação, sensações, percepções, capacidade de relacionar coisas etc. O mesmo ocorre com o sujeito e demais complementos; no caso do sujeito, ele não é visto apenas como agente. Além disso, há algumas divergências entre diferentes autores para os conceitos de alguns dos papéis. Para esse trabalho, foram considerados os seguintes papéis temáticos, sugeridos por Cançado (2005) no estudo do Português Brasileiro:

a) Agente – desencadeador de uma ação, age com controle.
   Ex.: O *menino* virou a lata.
b) Causa – desencadeador de uma ação, age sem controle.
   Ex.: *A chuva* derrubou o telhado. – *A inflação* preocupa o povo brasileiro.
c) Paciente – o que sofre uma ação, ocasionando uma mudança de estado.
   Ex.: O menino rasgou *o papel*.
d) Experienciador – é um ser animado que mudou ou está em um determinado estado mental ou perceptual.
   Ex.: *Liza* sentiu saudades. – *João* gosta de brincar. – *Eles* observaram o jardim.
e) Tema – entidade que é deslocada por uma ação.
   Ex.: O menino virou *a lata*.
f) Objeto estativo – entidade à qual se faz referência sem que ela seja afetada.
   Ex.: Eu li *o jornal.*
g) Beneficiário – Entidade que é beneficiada por uma ação.
   Ex.: Maria presenteou *Carla* em seu aniversário.
h) Alvo – entidade para onde algo se move (em sentido literal ou metafórico).
   Ex.: O pai contou a verdade *para os filhos*. – João enviou um e-mail *à escola*.
i) Instrumento – meio pelo qual a ação é desencadeada.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Ex.: Liza rabiscou *com canetinha* o documento.

j) Locativo – lugar em que algo acontece ou está.
Ex.: A briga ocorreu *na escola*.

k) Fonte – entidade de onde algo se move (em sentido literal ou metafórico).
Ex.: Liza chegou *da escola*. – João fez a dobradura a partir *do desenho animado.*

Apesar da tentativa de descrever os papéis temáticos, observa-se que é um tema complexo, com muita abstração na descrição dos significados. Primeiramente, porque há uma dificuldade em atribuí-los, pois ora pode haver mais de um papel para um único argumento, ora pode haver uma exigência de ter mais papéis temáticos para suprir necessidades de sentido que o argumento possa ter. Também, veem-se muitas vezes sentenças simplistas para conceitos complexos como o conceito de "beneficiário" que, na maioria das fontes, apresenta exemplos sem muito grau de dificuldade para seu entendimento inicial, como "ganhar na loteria", "receber um presente" etc.

Com o intuito de identificar com mais facilidade o papel temático de agente para um argumento, Jackendoff (1972) propõe testes. Ele sugere que se coloque a expressão "com a intenção de". Outro teste seria compor a sentença assim: "o que X fez foi...". Para o teste de "paciente" seria: "o que aconteceu com Y foi". Por exemplo, em (a) João comprou uma bicicleta, o que João fez foi comprar uma bicicleta e o que aconteceu com a bicicleta foi o João tê-la comprado.

Jackendoff (1972) entende que pode existir mais de um papel temático para cada argumento e para isso propõe dois planos em sua teoria: um plano temático e um plano de ação. O plano temático abarca os papéis que argumentos receberiam em relação a noções de movimento e espaço, como tema, alvo, locativo e fonte. Já o plano de ação, diz respeito aos papéis temáticos de argumentos com noções de agente e paciente, como agente, experienciador, paciente, beneficiário e instrumento. Por outro lado, na Teoria Gerativa, Chomsky (1988) estabelece que existe o Critério-Theta, isso significa que haja uma ocorrência de um papel temático para cada argumento, indo de encontro às ideias de Jackendoff.

Para isso, o traço categorial não informa apenas se o item é verbo ou pertencente à outra categoria. No caso da categoria SV há subcategorias como: verbos transitivos, inergativos e inacusativos. De acordo com essas subcategorias, diferentes argumentos são selecionados. Os verbos transitivos são aqueles que selecionam argumento externo e um ou dois argumentos internos. Já os verbos inergativos e inacusativos apresentam apenas um argumento. Os

inergativos selecionam apenas argumento externo e os inacusativos apenas argumento interno. O verbo "correr", por exemplo, é um verbo inergativo, uma vez que ele só seleciona um argumento externo com papel temático de agente, "Ela corre", "João correu", "Eu corri". Nesses casos, não há a seleção de argumentos internos e isso é inerente ao verbo.

Os verbos inacusativos, como, por exemplo, "Chegou a primavera", só selecionam um argumento interno e apresentam apenas argumento com papel temático de paciente. Além disso, esse argumento nunca poderá ser marcado como Caso acusativo, ou seja, com pronomes oblíquos, se for levada em conta a nomenclatura da gramática normativa. Uma forma de generalização é que verbos que só possuem um argumento com papel temático típico de sujeito são inergativos e os verbos que só possuem um argumento com papel temático associado à posição de objeto são inacusativos. Um segundo teste é o da posposição, pois o verbo inacusativo aceita bem a ordem verbo-sujeito, visto que o argumento de um verbo inacusativo é naturalmente um objeto (CIRÍACO; CANÇADO, 2004).

Outra teoria relevante sobre os verbos inacusativos é a Teoria da Generalização de Burzio. Nessa teoria, na falta do sujeito, o objeto recebe Caso Nominativo. Isso porque toda sentença precisa de um sujeito para satisfazer o Princípio da Projeção Estendida (EPP). Assim, no caso de construções inacusativas, por exemplo, que não há sujeito, o objeto ocupa essa posição. Burzio justifica afirmando que o caso não marcado favorece o nominativo, pois é o caso menos marcado. A Teoria da Generalização de Burzio contribui para o entendimento dos verbos inacusativos e as movimentações de objeto para a posição de sujeito (WOOLFORD, 2003).[49]

Entretanto, a classe dos inacusativos é mais complexa do que se pode imaginar. Inicialmente, ela é composta por verbos monoargumentais (os chamados intransitivos) e que apresentam apenas argumento interno. O que se vê é que há inúmeros outros verbos que não são considerados intransitivos, pela noção da gramática tradicional, mas são monoargumentais, como é o caso dos verbos de ligação. Em exemplos como "Liza é alegre", nota-se que o verbo "ser" não seleciona argumento, ele representa uma categoria funcional e tem a função de indicar à sentença noções de tempo, aspecto, número e pessoa. O que ocorre, na verdade, é que "Liza" é argumento de "alegre". Este é um caso em que o predicador não é um verbo.

49 Case in unaccusative constructions starts with the assumption that all sentences need a subject. When there is no subject, as in unaccusative constructions, the object becomes the subject (either by a change in grammatical relations or (LF) Movement). Another approach ties the need for a nominative Case to the EPP (Extended Projection Principle) which requires an external subject. This idea is proposed in various forms in Sigurðsson 1989, Solá i Pujols 1992, Burzio 2000, and Mahajan 2000. Because dative and ergative subjects can satisfy the original EPP, this approach essentially adds to the EPP the requirement that nominative must be checked (WOLLFORD, 2003, p. 306).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Portanto, quando se tem verbos que não selecionam argumento, mas a sentença apresenta sujeito, fica evidente que o sujeito não foi selecionado pelo verbo, dando a este verbo uma característica inacusativa. Nesses casos, o item lexical que ocupa a posição de sujeito de verbos de ligação não é argumento externo desse verbo (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 152).

Como o verbo inacusativo não seleciona argumento externo, outra característica é poder aceitar vários tipos semânticos de sujeito, uma vez que o item lexical está apenas ocupando a posição de sujeito, mas não satisfazendo a exigência de seleção de argumento com atribuição de papel temático. Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 152) exemplificam com o verbo costumar em:

a) Aquela menina costuma passear no frio.
b) Pedras costumam rolar pela montanha.
c) A bondade costuma ser escassa em tempos de crise.
d) Costuma chover nesta época do ano.

Uma vez que o verbo "costumar" não atribui papel temático a nenhum argumento externo como o de agente, com traços semânticos característicos desse papel temático como (+humano) ou (+ animado), vê-se que o fato de o verbo não selecionar argumento externo com traços específicos é um indício de que um verbo inacusativo "*não reage à troca de seu sujeito por outros de tipos semânticos variados*" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 152). A diferença pode ser constatada quando se substitui um verbo inacusativo por outro que seleciona argumento externo (inergativo ou transitivo).

Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 152) mostram isso em:

e) Aquela menina odeia passear no frio.
f) * Pedras odeiam rolar pela montanha.
g) * A bondade odeia ser escassa em tempos de crise.
h) * Odeia chover nesta época do ano.

O comportamento de não selecionar argumento externo também se amplia a verbos como parecer, convir, constar, obstar, haver, entre outros. Esses são verbos que não suportam nenhum tipo de argumento externo (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 147):

i) Parece que a Maria enfrenta os problemas com coragem.
j) Há dinossauros neste parque.

Mesmo quando em exemplos como o (i) em que o complemento for uma sentença infinitiva, com a presença de dois verbos, um na forma finita e outro

na forma infinitiva, vê-se que não é possível fazer uma análise única, como se fosse uma locução verbal (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 147, 149):

k) A Maria parece enfrentar os problemas difíceis com bravura.
l) A Maria deseja enfrentar os problemas com coragem.

Em casos como os mostrados acima, há uma diferença significativa entre os dois exemplos: em (k) "Maria", apesar de ser sujeito do verbo "parece", não é argumento externo dele, pois o verbo não atribui papel temático à "Maria". Diferentemente a isso, ocorre em (l), em que "Maria" é argumento externo de "deseja". O verbo "desejar" seleciona um argumento externo com papel temático de experienciador e isso pode ser comprovado ao se tentar trocar "Maria" por outra palavra com traços semânticos distintos como: a pedra, a felicidade etc. Já em (k), o verbo não seleciona nenhum argumento externo e, consequentemente, não atribui a ele papel temático. Isso pode ser comprovado com a inserção de outros itens lexicais, com traço semântico diferente, na posição de sujeito do verbo "parecer" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 149):

m) O cachorro parece gostar do patrão.
n) A pedra parece pairar no vazio.
o) A felicidade parece ter acabado.
p) Parece chover na ilha.

Outra constatação que se faz é quando o complemento de verbos inacusativos é uma sentença infinitiva, como o próprio exemplo (k). É impossível uma análise única, pois o argumento externo do verbo principal não é argumento externo do verbo inacusativo (interpretado pelas gramáticas tradicionais como verbo auxiliar).

Nesse sentido, os verbos modais (parecer, poder, dever, ir) também fazem parte da classe dos verbos inacusativos, pois, assim como os verbos, chamados de ligação, eles não atribuem papel temático, apenas apresentam os traços formais da sentença. Nessa situação, o argumento externo do verbo principal ocupará a posição de sujeito da sentença para satisfazer o Principio EPP e não para que o papel temático seja atribuído. Um exemplo seria (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 153):

q) A Maria deve trazer a mochila dela.

Considerando o mesmo raciocínio, há os complementos de verbos modais e verbos de ligação (como são conhecidos) que são expressos com o gerúndio

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

ou os verbos "ter e haver" com particípio. Mioto, Silva e Lopes (2007) chamam esses dois complementos (gerúndio e particípio) de inacusativo aspectual.

r) Maria anda chorando (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 156).
s) Maria havia chorado.

Por fim, os autores afirmam que (2007, p. 157-158) "*as SC selecionadas como complemento de um verbo inacusativo são de complexidade variada*":

t) Viver é lutar.
u) Parece verdadeiro que a Maria é corajosa.

Retomando a análise dos monoargumentais, de forma geral, outro fato que corrobora o entendimento dos verbos inacusativos, os inergativos e a classificação dos papéis temáticos é o fato de que as posições na camada de base são posições argumentais e que podem atribuir papel temático tão logo a operação *merge* seja concretizada na base da formação da sentença (KENEDY, 2013). Assim, com o fato de o item receber papel temático e ser alocado em determinada posição, ele é classificado como inacusativo ou inergativo tão logo a sentença comece a ser formada. Cançado (2005) reforça a importância dos papeis temáticos para a formação das sentenças:

> Essas informações a respeito dos papéis temáticos dos verbos fazem parte do conhecimento semântico da língua que o falante adquire. Portanto, espera-se que essas informações não somente a respeito do número e do tipo sintático dos complementos que um verbo pede, ou seja, a sua transitividade, mas também devemos saber que tipo de conteúdo semântico esse complemento tem, ou seja, se é um agente, um paciente, etc. São essas informações que orientam a formação das sentenças na sintaxe (CANÇADO, 2005, p. 121).

Ao estudar a formação da sentença na Sintaxe, observa-se que há posições em que são atribuídos os papéis temáticos e outras em que isso não ocorre. Para a Teoria Gerativa, o papel temático pode ser atribuído no SV, mas não no SF ou SC. Isso porque um "*SN é o mecanismo linguístico que permite a identificação de seu status como argumento (externo ou interno) e é essa identificação que nos indicará o papel temático a ser atribuído a tal sintagma*" (KENEDY, 2013, p. 240). Assim, ele é atribuído no especificador e no complemento de SV, lugar em que a sentença é formada inicialmente e onde o verbo aparece em sua forma finita. Com a operação *move*, o verbo ganha traços de tempo, modo, pessoa, número e aspecto no núcleo de SF. O sujeito movimenta-se para o especificador de SF que é uma posição argumental, mas não é temática. No caso do sujeito,

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

por exemplo, ele é associado à categoria funcional, pois está relacionado à flexão do verbo finito, mas não ao núcleo lexical do verbo.

Ainda sobre a representação sintática, a Teoria Gerativa afirma que os argumentos podem estar na posição de especificador e complemento de SV, os argumentos são discriminados, ou na posição de especificador de SF. Porém especificador de SC não é uma posição argumental, porque "*essa posição destina-se especialmente aos sintagmas que exprimem, dentre outras coisas, valores de força ilocucional da sentença*" (KENEDY, 2013, p. 231). É nas posições de base que os SN são selecionados como argumento e, portanto, são posições argumentais e temáticas já que é nas posições de base que os papéis temáticos também são atribuídos. Caso um SN precise desempenhar outra função sintática, além do papel temático atribuído, como, por exemplo, ser um tópico interrogativo, ele será apagado de sua posição inicial e será movido para uma posição em SC. Mas vale lembrar que será interpretado em outra posição, a inicial, pois foi onde seu papel temático foi atribuído.

As relações temáticas têm sido usadas para desempenhar um papel central na descrição de uma gama de fenômenos linguísticos como, por exemplo, para argumentar que a distribuição de alguns tipos de advérbios é determinada tematicamente. O advérbio "deliberadamente" só poderia ser utilizado com argumentos agentivos. Ex.: (a) João deliberadamente abraçou Liza. Porém não poderiam ser utilizados em: (b) A lata deliberadamente rolou na rua. Ao contrário, o adjetivo "pessoalmente" não poderia ser utilizado com argumentos agentivos ou com argumentos com papel temático de tema. Ex.: (c) Pessoalmente, eu abracei a Liza. Ou (d) Pessoalmente, você me abraçou. Mas podem ser usados com experienciadores: (e) Pessoalmente, eu não gosto de animais (RADFORD, 2004).

Ao mesmo tempo em que essas afirmações podem ser utilizadas como forma de identificação de papéis temáticos, elas vão além, podem dizer também sobre posições que esses elementos ocuparão na estrutura sintática, como é o caso dos estudos de Cinque (1999), que serão vistos no capítulo sobre advérbios.

A voz passiva também ajuda a compreender como os papéis temáticos não podem ser modificados, apesar de os argumentos poderem sofrer modificações nas posições sintáticas. Por exemplo:

a) O cachorro mordeu José;
b) José foi mordido pelo cachorro.

Em (a), José recebe o papel temático de paciente. E mesmo que a sentença seja passada para a voz passiva, como ocorreu em (b), José, mesmo ocupando a posição, agora, de sujeito, continuará com o papel temático de paciente. Dessa forma, em (a), José sai de complemento de SV (argumento

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

interno) para, em (b), ocupar a posição de especificador de SF (argumento externo), isso porque o especificador de SF é uma posição argumental. Assim, ele pode receber um novo argumento, no entanto, seu papel temático continua o mesmo, ou seja, especificador de SF não é posição temática, apenas argumental. O papel temático só é atribuído em SV.

Sobre como o Critério-theta é atribuído aos argumentos, Radford (2004, p. 252-253) afirma que "*Parece claro que, em constituintes V- bar do verbo + complemento, o papel temático do complemento é determinado pelas propriedades semânticas do verbo*"[50]. Porém, isso pode ser contrariado quando mesmo com verbos diretos como "quebrar" se atribuírem a argumentos internos papéis temáticos como tema ou paciente, em sentenças como:

a) Levi quebrou sua perna.
b) Levi quebrou o brinquedo.

O exemplo (a) tem um valor semântico diferente do exemplo (b). Sendo assim, apesar de o Critério-theta afirmar que há apenas um papel temático para cada argumento e que a escolha do verbo, por vezes, define o papel temático que será atribuído, há casos em que o mesmo verbo, com o mesmo valor semântico, pode demandar diferentes papéis temáticos para uma mesma estrutura relacionada aos argumentos de um verbo. Quer dizer, em ambas as situações (a) e (b), o verbo "quebrar" seleciona um argumento externo e um interno, porém, esses argumentos podem ter papéis temáticos distintos, apesar de o verbo apresentar o mesmo sentido. Assim, em (a) Levi seria experienciador e em (b) poderia ser um agente. Isso é relevante, uma vez que, segundo Chomsky (1986), o papel temático do sujeito não é determinado pelo verbo apenas, mas por todo o SV, ou seja, verbo + complemento.

2.5 Processos computacionais e posições argumentais

Viu-se na seção anterior que há posições sintáticas que são argumentais, outras que podem atribuir papéis temáticos, assim como posições com e sem Caso[51]. Essas noções são importantes para essa tese, pois, ao tentar compreender como e quando se dá a noção de aspecto na sentença, é necessário saber como e quando se dão as posições argumentais, uma vez que há a hipótese de que o aspecto verbal se relaciona com elas. Dessa maneira, conforme se verá a seguir, há posições em que os itens já saem do Léxico e se acomodam nelas, justamente por já terem seus papéis temáticos definidos ou suas posições argumentais definidas e,

50 "*It seems clear that in V-bar constituents of the form verb+complemente, the thematic role of the complemente id determined by the semantic properties of the verb*" (RADFORD, 2004, p. 252-253).

51 Expressão de um papel ou função que um sintagma exerce na frase (MAFRA, 2013, p. 29).

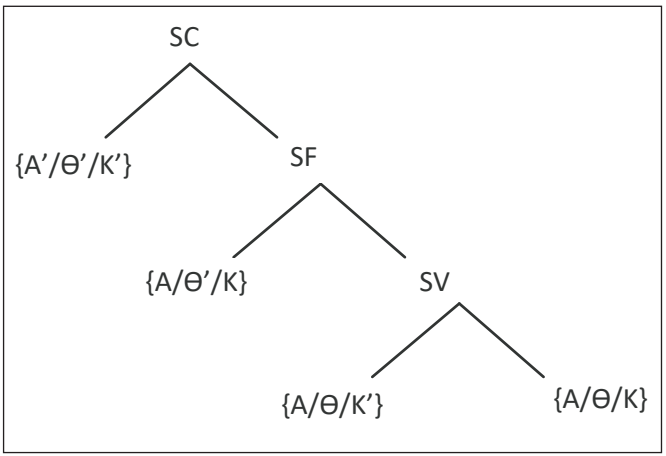
talvez, isso seja imprescindível para o entendimento da representação do aspecto verbal na formação da sentença. Provavelmente, essa também seja uma forte evidência da relação dos estudos de aspecto verbal tratados na Teoria Gerativa.

A definição de três propriedades é muito importante no momento da construção de uma sentença. Saber qual é o Caso, a posição do argumento e seu papel temático é imprescindível. "*A função do caso consiste em tornar uma cadeia argumental visível para a marcação temática*" (CHOMSKY, 1995, p. 91). Isso porque na definição de Caso definem-se também os argumentos. Por exemplo, se o Caso for nominativo, ele será associado ao argumento externo. Se for acusativo, ao primeiro argumento interno, ou ablativo, ao segundo argumento interno. Uma propriedade auxilia a definição de outra, pois, da mesma forma que um Caso nominativo se relaciona a um argumento externo, a possibilidade de o papel temático ser agente ou experienciador é muito maior do que ser tema ou beneficiário, por exemplo.

Da mesma forma que essas três propriedades se relacionam (Caso, Argumento e Papel Temático), elas também estão intimamente ligadas aos predicadores, como os verbos. Portanto, entendendo quais são as posições em que são atribuídas essas propriedades, compreendem-se melhor as operações *merge* e principalmente *move*, uma vez que os verbos aparecem na forma finita inicialmente e pode ser a partir do Caso e papel temático atribuído que ele também recebe traços de tempo, modo, aspecto, pessoa, número e até mesmo voz.

Seguindo o esquema proposto por Kenedy (2013, p. 239), com a árvore separada em três camadas principais: SC, SF e SV, compreender-se-á melhor a afirmação acima.

Figura 10 – Posições de Caso, Argumento e Papel Temático



Fonte: Kenedy (2013, p. 239).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Sabe-se que a formação da sentença se inicia no SV e, nessa posição, tanto no especificador, quanto no complemento, há atribuição de papel temático (Θ) e, consequentemente, pode-se afirmar que são posições argumentais (A). Sobre o Caso (K), ele é atribuído apenas no complemento de SV, uma vez que, nessa posição, o SV licencia o Caso acusativo, porém na posição de especificador de SV não se atribui Caso. É também nesta primeira fase da construção da sentença que o verbo aparece na forma não finita, ainda sem os traços categóricos.

Em SF, no especificador, há a posição argumental (A) e de atribuição de Caso (K), mas não se modifica ou recebe nenhum outro papel temático (Θ'). Isso ocorre porque é no especificador de SF que o Caso nominativo é licenciado, pois é a posição de sujeito. É também em ST que o verbo receberá os traços de tempo. Ele sai de SV e, já com o Caso nominativo licenciado, poderá fazer toda a concordância recebendo os traços de tempo, pessoa, número, modo e, provavelmente, de aspecto. É importante notar que, como o Caso acusativo se dá na primeira fase, os argumentos interno e externo são localizados. E ao movimentar o argumento externo para o especificador de SF, ele recebe Caso e auxilia no recebimento de traços do verbo.

No momento da primeira fase, o verbo ainda está em sua forma não finita, portanto, neste momento, pode ser que o aspecto verbal gramatical ainda não tenha sido atribuído. No entanto, já se tem o argumento interno que pode ser muito relevante na definição do aspecto verbal semântico como um limitador da situação dando ao SV um caráter télico ou atélico.

Por fim, em SC não se atribui papel temático (Θ'), nem Caso (K'). Tampouco é uma posição argumental (A'). Nessa fase, a sentença já está praticamente formada. O que ocorre nesse momento é a definição do que se chama de força ilocucional da sentença. Por exemplo, em "João comprou que doce", "que doce" inicialmente ocupa o complemento de SV, recebe Caso, argumento e papel temático. Por fim, é possível que ele vá para especificador de SC apenas para topicalizar a sentença transformando-a em "Que doce João comprou?".

O detalhamento de posição na formação da sentença pode colaborar no entendimento de questões como o tipo de verbo, por exemplo. Ao atribuir essas propriedades, identifica-se se o verbo é inacusativo, transitivo etc.; o que pode contribuir muito nos estudos sobre o aspecto verbal e que todas as operações ocorridas no Sistema Computacional são relevantes para a formação dele.

2.6 A Teoria Gerativa na tese em estudo

Neste capítulo foi visto que a Teoria Gerativa surgiu na década de 50, mas sua origem remete ao século XVII, com a gramática filosófica. No estudo da linguagem, a Teoria Gerativa se interessa mais pela Competência, pela Gramática Universal e seus princípios. Viram-se os percursos feitos pela Teoria desde os meados do século passado e de uma perspectiva mais descritiva, a Teoria seguiu para um rumo mais explicativo e cada vez mais minimalista na forma de entender a derivação de uma sentença.

Durante as diferentes fases da Teoria, o entendimento da camada flexional também sofreu modificações sobre seu entendimento. De uma concepção em que todos os elementos indicadores de tempo estariam presentes no sintagma INFL, passou-se por outra concepção em que se discutiu a existência de um sintagma para tempo e outro para concordância, chegando a uma estrutura em que há um sintagma para tempo, outro para auxiliar e a postulação de que só as categorias interpretáveis, fonética e semanticamente, possuem nódulos, assim, a concordância perdeu seu *status* de sintagma.

Hoje, a Teoria apresenta-se no formato do Programa Minimalista o qual defende a ideia de que a Sintaxe trabalha visando sempre um padrão de economia de operações no momento da derivação. Com isso, surge uma das perguntas deste trabalho que é sobre o entendimento da formação do aspecto verbal no momento da derivação da sentença, tentando compreender quais e em que medida as operações estão ligadas ao aspecto verbal.

Esse arcabouço teórico apresentado será necessário para embasar as hipóteses de que o sintagma de tempo pode ser cindido em sintagma de tempo e sintagma de aspecto. Essa hipótese se baseia, também, pelo histórico da Teoria Gerativa, em relação ao Sintagma Flexional, uma vez que ele já foi entendido como único, abarcando todas as hipóteses de marcação de tempo.

Na seção 2.4 falou-se sobre como os verbos selecionam seus argumentos no momento da derivação e como ocorre a atribuição de papel temático para cada argumento. O mais importante nessa seção é a possibilidade de, a partir desses conceitos e processos, verificar se há uma relação direta entre verbos, argumentos com seus papéis temáticos e o aspecto da sentença, uma vez que determinados argumentos podem indicar limite ou não para a ação verbal e, por conseguinte, a ideia de (a)telicidade. Isso amplia a concepção de que o aspecto não está apenas no verbo e seu semantema, mas em todo o contorno da ação verbal, incluindo argumentos e adjuntos.

O próximo capítulo relacionará os conhecimentos apresentados neste livro sobre aspecto e Teoria Gerativa, na tentativa de verificar a possibilidade da cisão de sintagma temporal e aspectual.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

3 TEMPO

Este terceiro capítulo é dedicado ao tempo. Binnick (1991, p. 456) afirma que "*tempo é tão entrelaçado com aspecto que nenhuma consideração de tempo sozinha pode adequadamente relatar os usos das formas verbais*"[52]. No entanto, este livro pretende demonstrar que a distinção de tempo com relação à categoria aspecto, no Sistema Computacional, é necessária. Assim, é fundamental ter o entendimento de tempo como localização do evento e aspecto como desenvolvimento e duração dele.

Este capítulo está dividido da seguinte forma: inicialmente, aborda-se a noção de tempo linguístico sob o ponto de vista dos três momentos de Reinchenbach (1947), a partir da ideia de que cada tempo gramatical se relaciona com um tempo de fala, de evento e de referência e o ponto de vista de Bull (1968) com os quatro eixos de orientação do tempo. Posteriormente, traz-se a relação morfológica de tempo e aspecto e, em seguida, a teoria de tempo de Hornstein (1993). Por fim, apresenta-se a postulação de Wachowicz (2006) de que tempo e aspecto são cindidos e a noção de tempo adotada nesta obra.

3.1 Tempo e linguística

O tempo linguístico pode ser representado lexicalmente pelas desinências modo-temporais dos verbos, por advérbios de tempo e pelos verbos em si que lexicalmente fazem pensar em ações transcorridas no tempo (IAGALLO, 2015). Pretende-se analisar, neste capítulo, o tempo linguístico e sua relação com aspecto. Para isso, este trabalho iniciará a partir dos três pontos temporais ou, como será chamado aqui, os três tempos, propostos por Reichenbach, na década de 40. Como o autor mesmo sugeriu, "*Uma análise mais detalhada revela que as indicações de tempo marcadas pelo tempo verbal são de uma estrutura bastante complexa*"[53] (REICHENBACH, 1975, p. 288). Ele afirmou que, nessa estrutura complexa, "*os tempos verbais determinam o tempo com referência ao ponto de tempo do ato de fala, do token*[54] *enunciado*"[55] (REICHENBACH, 1975, p. 287- 288). Dessa forma, Reichenbach postula que há três indicações: antes do tempo da fala, simultâneo ao tempo da fala

52 "*Tense is so closely interwoven with aspect that no account of tense alone*" (BINNICK, 1991, p. 456).
53 "*A closer analysis reveals that the time indication given by the tenses is of a rather complex structure*" (REICHENBACH, 1975, p. 288).
54 Reichenbach afirma que "O signo individual é chamado de *token*" (1975, p. 4).
55 "*The tenses determine time with reference to the time point of the act of speech of the token uttered*" (REICHENBACH, 1975, p. 287- 288).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

e posterior a esse tempo. Assim, os três tempos são: o momento do evento (ME), momento da fala (MF) e o momento de referência (MR).

O momento do evento (ME) ou ainda tempo do evento se refere ao intervalo de tempo em que ocorre a ação, o estado descrito ou o evento. É por isso que o ME se manifesta mais concretamente por um referente definido (CORÔA, 2005). Segundo Ilari (1981), ele é o momento em que se dá o momento descrito, o tempo da predicação, ou melhor dizendo, o tempo da realização do predicado.

Já o momento da fala (MF) não pode ser concebido como um momento de tempo concreto, mas uma classe temporal. O MF está mais relacionado à pessoa do discurso e ao ato da comunicação em si do que a um intervalo de tempo. Pode ser conceituado como o momento da enunciação. Ou ainda, o momento da realização da fala. Dessa forma, o MF é sempre o agora, o presente.

O momento de referência (MR) é o mais abstrato dos três e, às vezes, por isso mesmo, o mais complexo, também pelo fato de sua natureza ser estritamente teórica. MR está mais ligado a um tempo psicológico, mais livre para retroceder ou ir adiante, do que a um tempo cronológico. É também mais conveniente chamá-lo de sistema de referência, uma vez que sua estrutura difere dos outros dois momentos. É a partir dele que o ouvinte consegue fazer a ligação entre o momento do evento e o da fala, pois é realmente um momento de referência para os demais; "*é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte*" (COROA, 2005, p. 41). Segundo Reichenbach (1975), por vezes, a determinação do MR é dada pelo contexto. O autor sugere um exemplo para ilustrar os três momentos:

> A partir de uma frase como 'Peter tinha ido', vemos que a ordem de tempo expressa na temporalidade verbal não diz respeito a um evento, mas dois eventos, cujas posições são determinadas em relação ao ponto de discurso. Vamos chamar esses pontos de *ponto de evento* e *ponto de referência*. No exemplo, o ponto do evento é o momento em que Pedro foi; o ponto de referência é um tempo entre este ponto e o ponto de enunciação. Em uma sentença individual como no exemplo anterior, não é claro qual é o ponto utilizado como o ponto de referência. Essa determinação é dada pelo contexto do enunciado (REICHENBACH, 1975, p. 288, tradução nossa)[56].

56 *From a sentence like 'Peter had gone' we see that the time order expressed in the tense does not concern one event, but two events, whose positions are determined with respect to the point of speech. We shall call these time points the point of the event and the point of reference. In the example the point of the event is the time when Peter went; the point of reference is a time between this point and the point of speech. In a individual sentence like the one given it is not clear which time point is used as the point of reference. This determination is rather given by the contexto of speech* (REICHENBACH, 1975, p. 288).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Binnick (1991), ao sumarizar Reichenbach (1975), apresenta o MF como o agora, o ME como um evento ou estado de coisas e o MR como um ponto de vista da situação. Apesar de Binnick não afirmar sobre a relação de MR e aspecto, é importante que este trabalho, na análise dos dados, se debruce sobre a possibilidade de o MR indicar aspecto, uma vez que o aspecto, comumente, é definido como ponto de vista de uma situação (SMITH, 1997; COMRIE, 1976; CASTILHO, 1968). Não há uma certeza sobre no fato de "o ponto de vista" do qual Binnick fala, sobre aspecto, ser o mesmo dos outros autores citados neste trabalho, porém imagina-se que sim.

Outro fator que direciona para esta possibilidade é a afirmação de Binnick de que, segundo Reichenbach, o tempo dos advérbios é o tempo do MR e não o ME. Mais adiante, será visto como os advérbios, por vezes, indicam o aspecto da sentença. Essas postulações podem sugerir que advérbio como MR pode indicar o aspecto da sentença. Isso é apenas um indicativo e será retomando na análise dos dados.

Como uma tentativa de demonstração do MR, têm-se as duas sentenças abaixo:

(1) Liza comia mamão.
(2) Liza comeu mamão.

No exemplo (1), não é possível afirmar que "Liza" terminou de comer, levando em conta a utilização do pretérito imperfeito. Mesmo assim, o ouvinte é convidado, mesmo que inconscientemente, a remeter-se ao passado, quando a atividade acontecia ou ainda acontece, pois não se pode afirmar seu término. Já no exemplo (2), com o uso do pretérito perfeito, o ouvinte consegue vislumbrar o término da ação e visualizá-la por completo, não sendo necessário se remeter ao passado, pois, 'daqui do presente', o ouvinte, como em uma visão espacial, percebe o início, meio e fim da ação.

No caso do exemplo (1), diz-se que o tempo do evento e de referência é passado e o tempo da fala é presente, já que o ouvinte precisa se remeter ao passado para vislumbrar a ação. No caso do exemplo (2), o tempo do evento é passado, o tempo da fala é presente e o tempo de referência também é presente, uma vez que o ouvinte 'daqui do presente' consegue situar a ação que já terminou 'e ficou no passado'. Por isso, Corôa (2005, p. 41) conceitua o momento de referência como "*sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade*". Portanto, ao chamar o MR de sistema de referência, parece que ele é colocado em outra esfera, como ele realmente se encontra, numa esfera de entendimento diferente dos MF e ME. Exemplo:

(3) Em 2010, nasce João Antônio.
(4) Em 2013, nasce Liza.

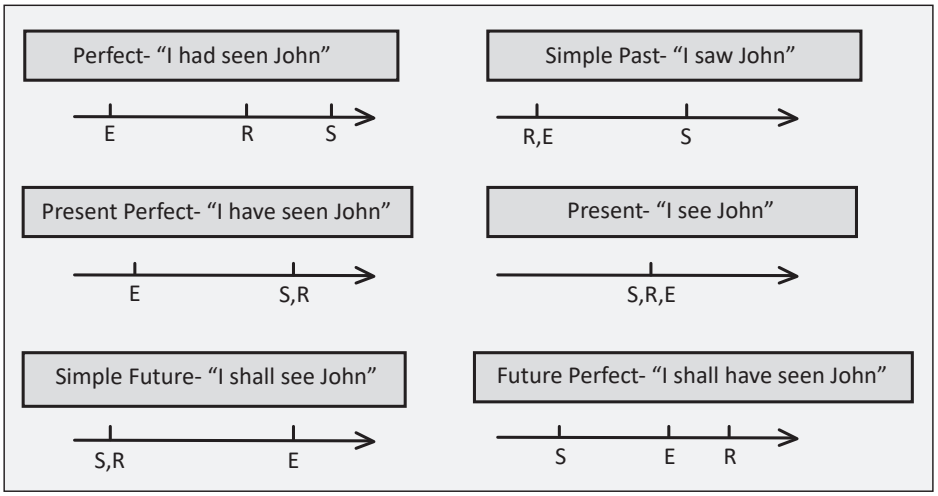
Mesmo o tempo verbal estando no presente nas duas sentenças, o advérbio explicita o MR situando o momento de evento. Os dois tempos marcados morfologicamente no presente mantêm-se dentro de um sistema referencial que não vai de encontro ao conhecimento de mundo. Por outro lado, quando há eventos simultâneos, essa definição de simultaneidade só é possível se houver um ponto fixo de referência como em:

(5) Enquanto você estuda, eu faço o almoço.

A construção teórica desses três tempos é relevante, pois compreende a ideia temporal de todos os morfemas de tempo utilizando o mesmo critério, no caso o MF, ME e MR. Assim, para cada sentença em que haja palavra definidora de tempo, é possível definir o MF, o ME e o MR (que é o ponto de referência para a definição dos dois outros tempos).

Para Reichenbach, a direção do tempo é representada como uma linha, sempre da esquerda para a direita. Para os tempos do inglês, ele sugere[57]:

Quadro 6 – Direção do tempo em Reichenbach



Fonte: Reichenbach (1975, p. 290).

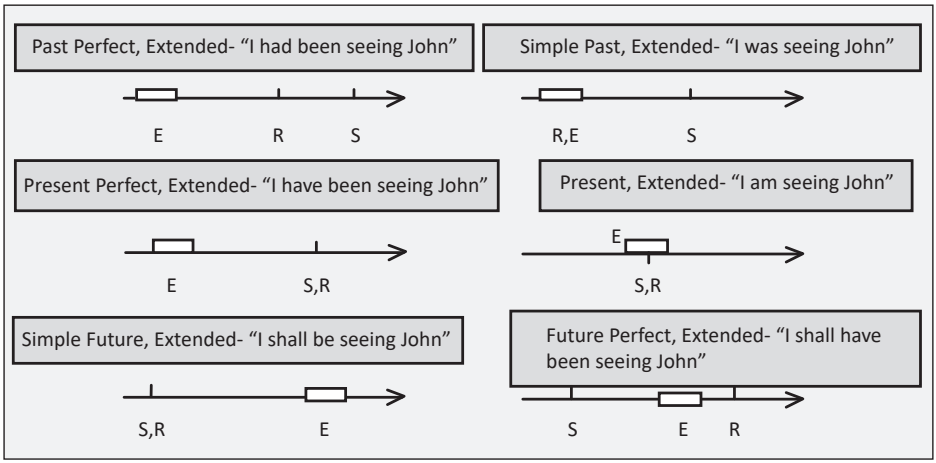
Reichenbach (1975) também afirma que, em alguns tempos, ocorre uma extensão do evento. "*A língua inglesa utiliza o particípio presente para*

57 E= tempo do evento, S= tempo de fala, R= tempo de referência. A vírgula significa simultaneidade.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

indicar que o evento abrange um certo período de tempo[58]" (p. 290). O autor reitera que algumas dessas extensões do evento não significam duração, mas repetição. Reichenbach (1975) exemplifica:

Quadro 7 – Extensão do tempo do evento em Reichenbach



Fonte: Reichenbach (1975, p. 290).

As representações de Reichenbach retratam a língua inglesa e, como ele mesmo afirma, há diferenças de representação dos três momentos em diferentes idiomas. Ele exemplifica com o alemão, latim, turco, grego e francês. Para tratar do assunto em português brasileiro, tem-se Corôa (2005)[59]. Ela baseia-se em Reichenbach para interpretar o tempo nos verbos em português e que será visto adiante.

Além da teoria de tempo de Reichenbach (1975), há Bull (1968). Ele também apresenta uma teoria de tempo relativo. Em Reichenbach, o tempo é uma linha sempre direcionada para frente, já em Bull, é possível retroceder ou avançar, pois os eventos estão ordenados e, a partir de um ponto, podem ser direcionalmente anteriores, simultâneos ou posteriores. A teoria de Bull é baseada na relação de eixos de orientação. Há o presente e o pretérito e versões antecipatórias e retrospectivas de um, direcionado a outro.

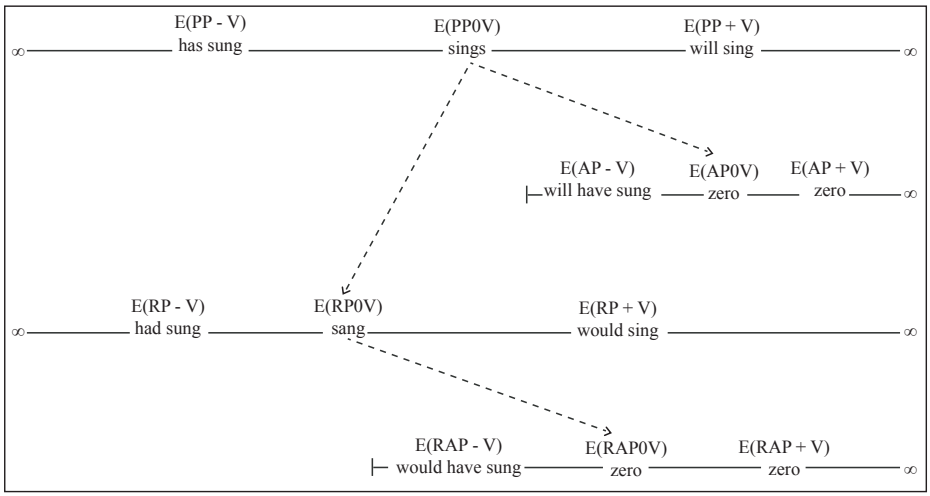
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

58 "*The English language uses the presente participle to inidicate that the event covers a certain strecth of time*" (REICHENBACH, 1975, p. 290).

59 Corôa (2005) baseou-se em Reichenbach (1975) para fazer um estudo do tempo nos verbos do português brasileiro. Apesar de o trabalho dela abordar o tema em uma dimensão discursiva (diferentemente desta tese), os dados da autora serão trazidos, uma vez que contribui para este estudo, com reflexões e exemplos em língua portuguesa.

Por outro lado, a proposta de Bull é, em alguma medida, similar à de Reichenbach, pois os quatro eixos de orientação propostos por Bull são, de alguma forma, equivalentes aos pontos de referência no sistema de Reichenbach. A seguir, há o esquema de Bull:

Figura 11 – Sistema temporal de Bull



Fonte: Bull (1968, p. 31).

Cada eixo (representado por cada linha) estabelece um relacionamento de ordem entre os eventos e é centrado em um ponto principal, segundo Bull. À medida que o tempo passa, a experiência no eixo PP (*Point Present*) pode ser direcionada a algum outro ponto temporal. PP pode ser entendido também como *Principal Point,* uma vez que "*pode ser concebido abstratamente como um ponto matemático sem nenhuma dimensão*" (MARQUES, 1982, p. 9), concebido como momento da elocução que permite ao homem colocar-se no tempo. Esse ponto PP é o ponto de partida para qualquer evento, é a partir dele que as representações temporais são realizadas. Com base no PP (*Point Present*), é possível recuar para o passado no eixo RP (*Retrospective Point*) podendo ser relembrado um evento já ocorrido ou apontar para o eixo AP (*Antecipated Point*) podendo antecipar um evento.

A letra "P" refere-se aos eixos de orientação, por isso está presente em todos os eixos. "V" representa os vetores. "E" representa evento. O Símbolo E (P0V) representa um evento simultâneo, E (P-V) um evento anterior e E (P+V) um evento posterior. Assim, ao longo de cada eixo, há um ponto com vetor 0 que representa o presente, -V corresponde ao passado e +V corresponde ao futuro, com base em algum morfema temporal.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Para Bull (1968), o evento pode apresentar três possibilidades de relação de ordem que são sempre constantes. O PP (*Point Present*), como ponto principal representando o presente; o RP (*Retrospective Point*) como ponto retrospectivo; o AP (*Antecipated Point*) e o RAP (*Retrospective Antecipated Point*) como projeções de PP (*Point Present*) e RP (*Retrospective Point*).

RAP (*Retrospective Antecipated Point*) é considerado um ponto de retrospectiva antecipada. O RP (*Retrospective Point*) é sempre anterior a PP (*Point Present*) e o AP (*Antecipated Point*) é sempre uma antecipação de PP (*Point Present*). Esses são os quatro eixos de Bull: PP (*Point Present*), RP (*Retrospective Point*), AP (*Antecipated Point*) e RAP (*Retrospective Antecipated Point*).

Bull afirma que a percepção do evento e a verbalização dele são dois eventos sequentes no tempo, já Reichenbach chama isso de ME e MF. De acordo com Binnick (1991), a teoria de Bull tem uma importante característica que a diferencia de Reichenbach, pois Bull conseguiu acomodar os oito diferentes tipos de verbos do inglês, citando inclusive o *conditional perfect* (*would have*) que Reichenbach não cita.

Bull consegue acomodar tempos verbais, pois "*o sistema de tempo só existe quando há indicação de um eixo de orientação e morfemas que indiquem direção*" (MARQUES, 1982, p. 11). Para Bull, qualquer ato de observação torna-se automaticamente um eixo de observação referente ao PP tendo alguma direção. O autor permite três vetores, ou seja, três direções. Dessa forma, o sistema funciona sempre a partir do eixo PP.

Se se refere a um evento do passado, a experiência, em PP, é direcionada para algum vetor do eixo RP e a direção final do vetor será determinada através dos morfemas temporais. Se se toma um evento futuro, a direção, com a partida em PP é para um dos vetores do eixo AP o qual tem seu início a partir do vetor P0V, quando comparado ao eixo acima. Isso ocorre porque os eventos futuros não apresentam morfemas temporais de passado.

Entretanto, se se quer representar um tempo futuro com referência a um passado, no caso o RAP (*Retrospective Antecipated Point*), é necessário que se parta do eixo PP, passe primeiro no eixo RP (*Retrospective Point*) e, só depois dessa referência a um evento passado, pode-se tomar uma direção antecipada a esse passado, chegando ao RAP (*Retrospective Antecipated Point*). No português, isso poderia ser representado pelo pretérito mais-que-perfeito, o qual faz uma referência a um passado anterior a outro passado.

Como toda teoria, há as críticas, uma delas sobre a teoria de Bull é citada por Mc Coard, em Binnick (1991):

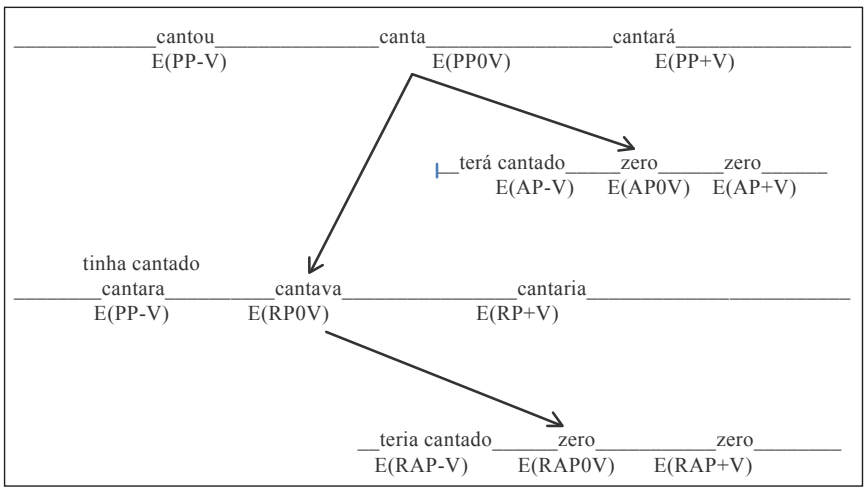
> A tática de Bull de separar todos os eixos um dos outros... traz uma certa artificialidade nela mesma. Há uma cegueira completa para certas conexões que mantêm entre eixos. Isso sugere indiretamente, que associando o pretérito

> perfeito e o presente em diferentes eixos, pode ser, pelo menos em parte, uma deturpação" (MC COARD apud BINNICK, 1991, p. 118, tradução nossa).[60]

Entretanto, independente de críticas, o modelo apresentado por Bull é interessante, pois acomoda os tempos verbais e isso parece incluir os do português brasileiro também. Com essa possibilidade de acomodação, além do fato de representar o tempo antecedendo e retrocedendo, parece relevante para o estudo do aspecto, o qual lida com a perfectividade e a imperfectividade, além de categorias como duração e frequência do evento. Os vetores e os eixos mostram com clareza o início e o término da ação, associado à forma verbal.

No modelo de Bull, há doze formas hipotéticas de tempo, na tentativa de satisfazer várias línguas e suas possibilidades. Como a forma verbal é muito importante no estudo do aspecto, seja sob a forma de morfema em verbos plenos, seja pela presença do verbo auxiliar, este livro propõe uma adaptação do modelo de Bull para o português. Assim, no momento da análise dos dados, tanto a proposta de Bull (1968) como a de Reinchenbach (1975) podem ser muito úteis no entendimento da cisão de tempo e aspecto na formação da sentença e suas representações na sintaxe. Espera-se que, com este estudo do tempo, seja possível relacionar morfema tempo-aspectual, verbos auxiliares e a materialidade do aspecto gramatical.

Figura 12 – Sistema temporal adaptado de Bull para o português brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Bull (1968).

60 "*Bull`s tactic of separating all the axes one from the other... brings with it a certain artificiality of its own. There is a complete blindness a certain connections that do hold to between axes. This suggests indirectly that associating the preterit and presente perfect with diferente axes may be, at least part , a misrepresentation*" (MC COARD apud BINNICK, 1991, p. 118)

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Pode-se observar que o primeiro eixo traz os pontos principais representados pelos tempos primitivos. O segundo eixo traz as possibilidades de anteceder o ponto presente, uma vez que o eixo não permite representar o que ocorreu antes, pois tem seu início a partir do P0V. Já o terceiro eixo representa as possibilidades de pretérito. Por fim, o último eixo representa uma retrospectiva antecipada. Nessa possibilidade, o ponto E(AP-V) representa o "*que olhou para trás em algum momento no futuro*"[61] (BINNICK, 1991, p. 118).

A observação que se faz é em relação ao pretérito perfeito composto "tem cantado" que carrega a ideia de uma ação já iniciada, mas não findada. O sistema de Bull parece não ter espaço para essa categoria. Inicialmente, o conceito parece ser semelhante ao do pretérito imperfeito, porém o pretérito imperfeito pode ter finalizado antes do presente e o pretérito perfeito composto não. Nesse, a ação, com certeza, não foi finalizada. Em alguma medida, o pretérito perfeito composto pode também carregar a ideia do aspecto semelfactivo ou iterativo, em que a ação é concluída e/ou pode ser repetida: "João Antônio tem cantado todo domingo na igreja". Acredita-se que o pretérito perfeito composto do português se encaixaria no ponto E(RP0V), apesar da diferença entre os dois tempos verbais, já comentada.

Em relação aos demais eixos e vetores, o português brasileiro parece ter tido seus tempos verbais do indicativo acomodados no esquema. Para o momento, a representação, sugerida por este livro, fica assim:

1º Eixo	E(PP-V) – pretérito perfeito E(PP0V) - presente E(PP+V)- futuro do presente
2º Eixo	E(AP-V) – futuro do presente composto E(AP0V) – zero E(AP+V) – zero
3º Eixo	E(PP-V – pretérito mais-que-perfeito/ pretérito mais-que-perfeito composto E(RP0V)- pretérito imperfeito E(RP+V)- futuro do pretérito
4º Eixo	E(RAP-V) – futuro do pretérito composto E(RAP0V) – zero E(RAP+V)- zero

Sobre a indicação das setas presentes no sistema de Bull, tem-se sempre o ponto inicial do presente, partindo do "agora" para se ter uma orientação

61 "*...that will be looked back on at some time in the future*" (BINNICK, 1991, p. 118).

simultânea, posterior ou anterior. Partindo do presente, o tempo pode ter a orientação para o futuro (2º eixo), para o pretérito (3º eixo) ou para o futuro com referência no passado, como é o caso do 4º eixo.

A priori, o modelo de Bull contribui para o estudo do aspecto porque, a partir dos tempos verbais, ele indica início e término da ação, duração e desenvolvimento. A localização dos vetores em cada eixo, comparados aos demais, indica seu início e término. A linha entre um vetor e outro indica sua duração. Por exemplo, o E(RP0V) [cantava] representado aqui pelo pretérito imperfeito no segundo eixo, está após o pretérito mais-que-perfeito (que está antes do pretérito perfeito do eixo um). Além disso, E(RP0V) [cantava] está após o pretérito perfeito e antes do presente (também em comparação ao eixo um).

Já o próximo tempo pretérito desse terceiro eixo, E(RP+V) [cantaria] que é o futuro do pretérito, está depois do presente, ou seja, se for analisado o pretérito imperfeito, mesmo em eixos distintos, ele se inicia antes do presente e só é possível ser interrompido por outro tempo em seu mesmo eixo, após o presente. Isso indica a duração do pretérito imperfeito: inicia no passado e pode perdurar até o presente. O futuro do pretérito E(RP+V) [cantaria], se também for comparado com o presente no eixo um, está à frente, representando o "olhar para trás de algum momento do futuro", conforme Binnick (1991). Portanto, os modelos de representação da categoria "tempo" podem ser de grande valia para o estudo do aspecto.

Nesta seção, foram apresentados tópicos gerais importantes da teoria de Reinchenbach (1975) e Bull (1968) sobre as representações temporais. A partir delas, espera-se compreender melhor a cisão de tempo e aspecto na representação sintática mental. A próxima seção trará de forma detalhada cada tempo gramatical na perspectiva de Reichenbach (1975).

3.2 Tempo gramatical

Neste tópico, será analisado cada tempo gramatical do português levando em conta os três tempos de Reichenbach (1975) e baseando-se nas representações lógicas propostas por Corôa (2005).

Analisando a sentença:

(6) Liza tinha desenhado quando João chegou da escola.

É possível perceber que todos os dois eventos registrados ocorrem em uma linha do tempo, ou mesmo teia do tempo universal em que todos nós estamos inseridos, no caso, os dois eventos ocorrem em um determinado passado e não em um presente ou futuro. Quanto ao aspecto, o evento "desenhar" difere-se

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

do "chegar" em relação à duração, à fase, ao completamento, à telicidade, dentre outros critérios. Quanto ao tempo gramatical, pode-se classificar o "tinha desenhado" como pretérito mais-que-perfeito e o "chegou" como pretérito perfeito".

É nessa medida que os tempos gramaticais do português serão analisados agora, sempre levando em conta os três momentos propostos por Reichenbach.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

3.2.1 O tempo presente

Analisando o tempo presente, é possível afirmar que os três momentos ocorrem simultaneamente e podem ser representados da seguinte forma: ME, MF, MR, entendendo que a vírgula (,) simboliza simultaneidade.

(7) João come pão.

Nesse exemplo, o MF é o presente, o ME também é o presente e, por sua vez, o MR é o presente, isso porque o sistema fixo de referência está diretamente ligado à fala e ao evento, uma vez que João come o pão agora.

Abaixo, têm-se três formas diferentes de representar o presente:

(8) O Sol aquece a Terra.
(9) Filho de peixe, peixinho é.
(10) Dilma governa o Brasil.

Ainda assim, é possível afirmar que a representação ME, MF, MR diz respeito a qualquer forma de presente. Nesses casos, "*quando queremos expressar, não repetição ou duração, mas validade em todos os momentos, usamos o tempo presente*"[62] (REICHENBACH, 1975, p. 292). Para Binnick (1991), o presente denota eventos que conciliam com MR e MF, reforçando a ideia do MF como sendo sempre "o agora".

No caso de (8), a sentença é considerada atemporal, o que dá a ideia de que o Sol aquece a Terra sempre e que esse evento é contínuo em todos "os presentes" que houver. A ação permanece sempre ativa, o que faz pensar que o MF sempre estará contido no ME, assim o MR será sempre atualizado.

Já (9), considerado como presente gnômico, dá ideia de verdade eterna, isso ocorre em todos os ditados populares com o tempo verbal no presente, daí a noção de sempre presente e atualizada a afirmativa, isso dá ao MR uma espécie de elasticidade coincidente com o ME e que, por sua vez, terá o MF incluído nos outros dois momentos.

62 "*When we wish to express, not repetition or duration, but validity at all times, we use the presente tense*" (REICHENBACH, 1975, p. 292).

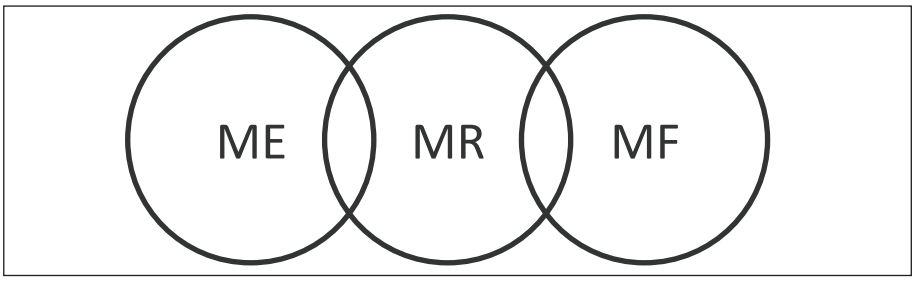
O exemplo (10) dá a ideia de hábito no momento da enunciação, mesmo que o evento não seja ininterrupto, ou seja, Dilma pode governar o Brasil, mas em diversas circunstâncias pode fazer outras atividades como almoçar, dormir, viajar a passeio etc. Contudo, as interrupções da atividade de governar o Brasil não anulam a posição de alguém que governa. Assim, o ME, MF e MR são simultâneos.

Já o exemplo (11), a seguir, chamado também de presente histórico, leva o ouvinte a visualizar um passado que parece ser seu contemporâneo, como se o MR se deslocasse para o passado, mas abarcando o MF e o ME.

(11) Em 1969, o homem chega à Lua pela primeira vez.

Além disso, é possível "*considerar cada um dos tempos do verbo como expressando um valor básico, sobre o qual os adjuntos operariam para dar origem aos valores que prevalecem no uso concreto de sentenças*" (ILARI, 1997, p. 25,). Essa perspectiva permite a interpretação de que os momentos não precisam ser simultâneos em sua totalidade, porém a parcialidade é o bastante. A sentença (11) demonstra bem a questão da simultaneidade de momentos. Nesse exemplo, é possível perceber que o ME e o MF não coincidem, mas há fragmentos do ME que coincidem com fragmentos do MR e há também partes do MR que se entrecruzam com o MF, ou seja, com o momento da enunciação. É na interseção que se vê possibilitada a junção dos três momentos, conforme se pode verificar na figura abaixo:

Figura 13 – O presente histórico



Fonte: Côroa (2005, p. 47).

Apesar da variação nos limites de cada momento, a forma de presente se mantém estável quanto à simultaneidade dos três momentos em uma estrutura mais ampla e abrangente. Para Comrie (2004), a definição de presente seria uma marcação entre passado e futuro, o que não anula a concepção dos três momentos. Para esta tese, seria uma concepção de um não tempo, como um tempo *default*, sem marcação de nenhum tempo, ou seja, sem morfema de

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

passado ou futuro. Considerando essa proposta, Corôa (2005) propõe uma representação lógica para o tempo presente.

ME,MF,MR

$$\exists(x)\ \exists(y)\ \exists(z)\ ((T(x) \wedge T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge S(x,y,z))$$

X=ME
Y= MF
Z= MR
P (x)= conteúdo da sentença
S= relação de simultaneidade

A fórmula é lida da seguinte maneira:

- Existe ao menos um ME, um MF e um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre simultaneamente.

3.2.2 O tempo pretérito

Em uma análise das possibilidades de pretérito na língua portuguesa, há três formas: o perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito. Independentemente de qualquer uma delas, o tempo passado representa uma localização no tempo antes do presente momento (COMRIE, 2004). Segundo Binnick (1991), o pretérito coincide com o tempo de referência que precede o tempo de fala[63]. Numa possibilidade de pretéritos, como uma conceituação mais tradicional, o perfeito é tido como "*uma ação completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior, nem contemporânea*" (ALMEIDA, 2009, p. 229). Ex.:

(12) João saiu.

Em:

(13) João saía quando Liza entrou.

63 Esse conceito de Binnick (1191), em português, parece não ser coerente apenas com pretérito imperfeito.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tem-se o pretérito imperfeito "saía" que é entendido como a ação que é passada em relação à enunciação e, ao mesmo tempo, presente com relação à outra ação (ato de entrar).

Já em

(14) João saíra quando Liza entrou.

Para o verbo "sair", tem-se o emprego do pretérito mais-que-perfeito. Nesse caso, "*a ação expressa pelo verbo sair é passado em referência ao ato da palavra (*estou falando agora, mas a ação sair já se passou[64]) *e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período*" (nesse caso 'entrei') (ALMEIDA, 2009, p. 229*).*

Relacionando o tempo pretérito aos três momentos, é notória a delimitação precisa de que o ME está, em qualquer que seja o pretérito, antes do MF. Isso leva a criar as seguintes possibilidades matemáticas que Corôa se propõe a testar a existência de cada possibilidade abaixo (lembrando que 'a vírgula' representa simultaneidade e 'o traço', anterioridade):

I. ME – MR – MF
II. ME – MF – MR
III. ME, MR – MF
IV. ME – MR, MF

A partir dessas possibilidades, encontra-se um tempo gramatical para cada uma, como será feito a seguir.

3.2.2.1 Pretérito perfeito e mais-que-perfeito

A sentença – (14) João saíra quando Liza entrou – é um exemplo que demonstra a relevância da identificação do MR. Quanto ao pretérito mais-que-perfeito, a identificação dos três momentos parece facilitada, já que se tem o ME antes do MF, que é antes do MR, "*mais concreto por se identificar com o momento de um outro evento*" (CORÔA, 2005, p. 49).

Assim, pode-se crer que, no pretérito mais-que-perfeito, o ME – MR – MF, a sentença (14) demonstra bem: quando Liza entrou, João já tinha saído. O ME é a saída do João, a enunciação é "agora" no presente, e o MR é "quando Liza entrou". Por isso, Corôa afirma (p. 49) que, no mais-que-perfeito, o "*MR é indiscutível e frequentemente se materializa na própria oração*".

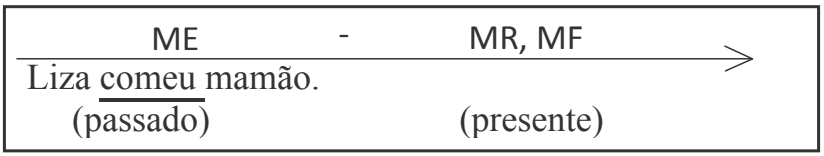
64 Os parênteses no decorrer da citação são observações desta pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Voltando à segunda possibilidade matemática de Corôa: ME – MF – MR, parece evidente que não há essa possibilidade no português. O ME no pretérito é sempre anterior e o MF sempre posterior, o que varia é somente a anterioridade ou a simultaneidade desses momentos em relação ao MR.

A quarta possibilidade: ME – MR, MF representa o pretérito perfeito, para Corôa (2005). A sentença (2) – Liza comeu mamão- é um exemplo. O MR é simultâneo ao MF, que estão no presente, e o ME é o passado. No pretérito perfeito, como a ação já ocorreu, o ouvinte, daqui do presente, consegue vislumbrar a ação por completo, por isso a referência está no presente, junto à enunciação. Nesse caso, não há nenhuma necessidade de o ouvinte ser reportado ao passado. É como se, numa visão espacial, o evento no passado pudesse ser visto, por completo, estando o ouvinte na esfera do "presente", onde está também a referência.



Considerando a representação lógica do pretérito mais-que-perfeito, tem-se:

ME-MF-MR

$$\exists(x) \quad \exists(y)\, \exists(z)\, ((T(x) \hat{} T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge A(x,z) \wedge A(z,y))$$

A leitura da fórmula é:

- Existe ao menos um ME, um MF, um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre tendo o ME antes do MR e o MR antes do MF.

A representação do pretérito perfeito é:

ME-MF,MR

$$\exists(x) \quad \exists(y)\, \exists(z)\, ((T(x) \hat{} T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge A(x,y) \wedge S(y,z))$$

A leitura da fórmula é:

- Existe ao menos um ME, um MF, um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre tendo o ME antes do MF e o MF como simultâneo ao MR.

Resta agora analisar a terceira possibilidade matemática para o pretérito que é ME, MR – MF e entender como essa possibilidade representa o pretérito imperfeito.

3.2.2.2 Pretérito imperfeito

Se for tomado como base o exemplo:

(17) João Antônio assistia a desenhos quando era pequeno.

Vê-se que o pretérito imperfeito é a descrição de algo que ocorreu no passado e visto também de uma perspectiva de passado, pois esse tipo de pretérito não fixa o evento no passado, ou seja, não há como afirmar que o evento não ocorra mais no MF. "*Deste modo, no passado simples, o ponto de o evento e o ponto de referência são simultâneos, e ambos estão antes do ponto de expressão*" (REICHENBACH, 1975, p. 289). Corôa (2005) sinaliza bem essa ideia quando lança mão do discurso indireto para provar o MR do pretérito imperfeito no passado e também o uso de duas sentenças comparativas, como:

(18) João diz: "Quero macarrão".
(19) João disse que queria macarrão.

Com o discurso indireto, o verbo 'dizer' foi modificado para o pretérito perfeito e o presente se transforma em imperfeito. Isso indica que, no discurso indireto, é o imperfeito que relata o presente. Essa característica aproxima a ideia de presente e imperfeito, pois os dois não limitam o acontecimento em um tempo fixo.

A seguir, há mais dois exemplos que demonstram uma situação diferente:

(20) João chorava e nada o fazia parar.
(21) João chorou e nada o fez parar.

Observando os dois exemplos acima, pode-se ver que apenas o perfeito tem ideia de resultado e passa a denotar um estado definitivo, diferentemente do imperfeito. Em (20), há inúmeros motivos que se pode listar para demonstrar que outras ações interrompiam o "chorar" e, por isso, João não parava de

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

chorar. Já em (21), consegue-se "ver" toda a ação do momento presente da enunciação e constatar que o evento se encerrou por completo. Pode-se dizer, então, que o "perfeito" apresenta um dado já consumado e que o "imperfeito" não oferece o resultado da ação.

Binnick (1991) sugere o imperfectivo como representação de uma ação estendida no presente seguida de um fato que foi interrompido no passado. Esse conceito de Binnick, para o imperfectivo, parece se adequar bem com o pretérito imperfeito no português.

Assim, a representação do pretérito imperfeito é:

ME,MF-MR

$$\exists(x)\ \exists(y)\ \exists(z)\ ((T(x) \hat{} T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge A(x,y) \wedge S(x,z))$$

Pode-se ler a fórmula da seguinte maneira:

- Existe ao menos um ME, um MF, um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre tendo o ME antes do MF e o ME como simultâneo ao MR.

3.2.3 O tempo futuro

O tempo futuro é concebido como algo incerto, uma vez que ainda não aconteceu. Ou seja, o futuro ainda não pode ser afirmado ou vivido, apenas desejado ou preparado. Por isso, Binnick (1991) apresenta o futuro coincidindo o tempo de referência seguido do tempo de fala. Para Comrie (2004), o tempo futuro define uma situação localizada em um tempo subsequente ao momento presente. Nessa concepção, para o estudo do tempo futuro linguístico, podem-se apresentar possibilidades reais, mas sempre levando em consideração que, em todas as possibilidades, o ME precisa estar sempre após o MF:

I. MF, MR – ME
II. MR – MF – ME

Na primeira possibilidade, tem-se o MF e o MR simultâneos e o ME não começado. Nesse caso, pode-se exemplificar com:

(22) João assistirá ao desenho.

Pelo visto, tem-se na possibilidade I o futuro do presente. Para Reichenbach, segundo Corôa (2005), o ME fica isolado no futuro e o MR coincide

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

com o MF. A autora argumenta isso, utilizando de novo o discurso indireto, como no exemplo que se segue:

(23) João disse que assistirá ao desenho.

No discurso indireto, o verbo "dizer" precede o evento e é simultâneo à enunciação, sendo, neste caso, o MR.

Há ainda a possibilidade apresentada por Ilari (1997) de no futuro do presente o MR ser simultâneo com o ME, mas, com o argumento de Corôa, percebe-se que isso não se fundamenta.

Nesse caso, tem-se a seguinte representação lógica para o *futuro do presente*:

MF,MR-ME

$$\exists(x)\ \exists(y)\ \exists(z)\ ((T(x) \curlywedge T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge A(x,y) \wedge S(y,z))$$

A fórmula é lida como:

- Existe ao menos um ME, um MF, um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre tendo o MF antes do ME e o MF simultâneo ao MR.

Na possibilidade II, tem-se o futuro do pretérito. Nesse caso, um evento não começado precedido pela enunciação que estaria precedida pelo MR. O acontecimento não começado já era previsto antes da fala. Isso é possível já que o evento é futuro sob uma perspectiva passada.

(24) João assistiria ao desenho.

(25) João disse que assistiria ao desenho.

Isso poderia ser afirmado se for levado em conta que, ao passar a sentença (24) para o discurso indireto, entende-se que, antes da enunciação, há outro momento, já previsto. Ele seria então o MR.

Para o futuro do pretérito, tem-se a seguinte representação lógica:

MR-MF-ME

$$\exists(x)\ \exists(y)\ \exists(z)\ ((T(x) \curlywedge T(y) \wedge T(z)) \wedge P(x) \wedge A(z,y) \wedge A(y,x))$$

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tal representação pode ser lida da seguinte forma:

- Existe ao menos um ME, um MF, um MR, tal que o tempo do ME, MF e MR como conteúdo da sentença ocorre tendo o MR anterior ao MF e o MF anterior ao ME.

O que se viu nessa seção dos tempos gramaticais no português possibilita uma reflexão acerca da representação temporal e aspecto verbal e da diferença entre tais categorias. Após toda a explanação sobre as possibilidades de representação dos tempos verbais, observa-se que a relação dos três momentos corrobora o entendimento do aspecto verbal gramatical. Isso é possível, pois, com os três momentos, têm-se a ideia de perfectivo e imperfectivo quando a representação possibilita ter a visão do falante de fora ou de dentro da ação e também a noção de télico e atélico quando os MR, exemplificados, por vezes, pelo advérbio, dá a noção de situações que tendem ou não a terminar.

Essas noções serão analisadas com mais rigor no capítulo de análise dos dados. Lá, essas noções serão postas em análise, em conjunto com as ideias de Hornstein (1993) que serão expostas a seguir.

3.3 Hornstein – uma noção de tempo na Teoria Gerativa

Hornstein (1993) afirma que estruturas sintáticas mentais permitem que regras de interpretação semântica possam ser simplificadas para que a gramática do tempo as abarque. A proposta do autor é que, sem o domínio do tempo, a interpretação semântica não pode ser determinada na estrutura sintática. Isso porque o tempo é mediado por componentes sintáticos autônomos na Sintaxe. E mais, para ele, a substituição de uma noção unicamente sintática para a complementação de um estudo também semântico, tem sido uma postura de sucesso nos estudos gerativistas.

O exemplo dado da seção anterior [*Liza esteve comido mamão] exemplifica bem o que Hornstein (1993) postula. Para o autor, há regras temporais sintáticas no momento de derivação das sentenças que funcionam como situação *sine qua non* para a interpretação temporal delas. No exemplo acima, o auxiliar já carrega o traço aspectual de [+perfectividade], e parece que isso é uma regra que impede que o verbo principal da perífrase também carregue o mesmo traço aspectual, sob pena de a sentença se tornar agramatical.

A partir dos exemplos (I) *John beijou Mary*, (II) *John está beijando Mary*, (III) *John beijará Mary* (HORNSTEIN, 1993, p. 10), o autor introduz a discussão sobre tempo. E apesar de as três sentenças mostrarem um conteúdo comum, cada uma dá uma diferente localização temporal relativa a um momento de fala. No inglês, isso é feito por morfemas do sistema verbal, em

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

outras línguas isso também pode ser feito por advérbios. Para ele, tempo e aspecto estão intimamente ligados, porém são separados por módulos distintos.

> Tempo e aspecto estão, sem dúvida, intimamente relacionados, e interagem de forma bastante ampla. No entanto, vou assumir que eles formam módulos separados em vez de um único sistema inclusivo. Tempo verbal, no caso do núcleo, localiza os eventos que representam as sentenças no tempo. Isso é para ser contrastado com o "contorno temporal" interno do evento, que é especificado dentro do sistema aspectual. Assumindo que essa distinção amplamente respeitada entre tempo e aspecto é sustentável, vou concentrar-me no primeiro (HORNSTEIN, 1993, p. 11 (tradução nossa)[65].

O autor, que dedica seus estudos à categoria de tempo, defende que o sistema temporal constitui um nível linguístico independente dentro do Sistema Computacional e baseia seus estudos em Reichenbach (1975). De acordo com Hornstein, o que Reichenbach (1975) defende é que a distinção entre a sintaxe do tempo e a interpretação dela é empiricamente motivada. Já Hornstein (1993) postula que em uma teoria neorreichenbachiana em que os tempos são ordenados linearmente bem como são interpretados. Isso significa que a representação sintática de tempo apresenta uma estrutura linear, além do que é requerido para uma interpretação de tempo. Para Hornstein (1993), o tempo é construído por um complexo ordenado linearmente em três pontos: MF, ME e MR. Esses tempos (MF, ME e MR) podem ser sintaticamente individuais, fazendo com que a interpretação temporal não determine a estrutura sintática do sistema de tempo. Vê-se isso no exemplo dado [*Liza esteve comido mamão]. É a estrutura sintática do sistema de tempo que determina a interpretação temporal e não o contrário.

Ele postula que é uma característica sintática dos tempos nas línguas naturais que os traços de tempos primitivos (passado, presente, futuro) sejam ordenados linearmente. Ele denomina BTS (*Basic Tense Structures*) a estrutura de tempos básicos/primitivos e DTS (*Derived Tense Structures*) a estrutura de tempos derivados, como o pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, futuro do presente etc. Para ele, DTS requer a preservação de BTS. Hornstein (1993) afirma que BTS é composto pela relação de MF e MR com MR e ME. Ele defende que os três momentos não se relacionam diretamente o tempo todo, como defende Reichenbach (1947), principalmente que o MF e o ME não são ligados diretamente, pois MF e ME não são parte

65 *Tense and aspect are no doubt intimately related, and interact quite extensively. However, I will assume that they form separate modules rather than a single inclusive system. Tenses, in the core case, locate the events that sentences represent in time. This is to be contrasted with the internal" temporal contour" of the event, which is specified within the aspectual system. Assuming that this widely respected distinction between tense and aspect is tenable, I will concentrate on the former* (HORNSTEIN, 1993, p. 11).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

da representação de tempo, mas sim derivados de uma relação primária entre (MF e MR) com (MR e ME). Segundo ele, essas relações entre MR e ME podem ser fixadas por morfemas, como é o caso do *have* em inglês.

No inglês, *have* sempre fixa um ME anterior ao MR, independente se é *past perfect, future perfect* ou *present perfect*. Esses traços ajudam a definir, primeiramente, uma estrutura sintática de tempo e só depois uma interpretação temporal. Para isso, ele defende regras na composição da estrutura de tempo. A primeira que ele menciona é o CDTS (*Constraint Derived Tense Structures*) que é uma restrição na manipulação sintática de tempo, mas não nas interpretações temporais. Um exemplo disso seria a formação de sentenças agramaticais ou mesmo uma reorganização linear dos três momentos, a partir de uma modificação adverbial.

Tomando a sentença "*João Antônio brincou na areia*", com a inserção do advérbio "ontem", a sequência de momentos será ME-MR,MF. Porém, se for introduzido o advérbio "neste exato momento", a sequência modificará para ME, MR, MF. Assim, o advérbio vai tomando espaço nessa teoria que ele chama de neorreichenbachiana e adquirindo funções que só mesmo o advérbio poderia cumprir. No exemplo: "*Liza tinha comido seu lanche às 15h*" e "*Liza comeu seu lanche às 15h*", o que modifica a posição dos momentos não é o verbo e, sim, o advérbio. Na primeira sentença, a ideia é de que, às 15h, o lanche já tinha sido comido e a segunda tem a interpretação temporal de que Liza só começou a comer quando o relógio bateu 15h. Daí,a postulação de que a interpretação temporal é subdeterminada pela estrutura sintática dentro deste domínio.

Para Hornstein (1993), a relação entre sintaxe de tempo e interpretação temporal não é perfeitamente transparente, por isso ele postula que há princípios que norteiam a formação do tempo na estrutura sintática. O CDTS é um princípio. A sentença "*João Antônio construiu um castelo de areia enquanto Liza brincou*" é gramatical, mas "*João Antônio tinha construído um castelo de areia enquanto Liza brincou*" já não é mais tão natural, tampouco "*João Antônio construiu um castelo de areia enquanto Liza tinha brincado*". Portanto, ele afirma que é necessário um princípio que restrinja algumas formações.

Para a Teoria de Reichenbach, os MF, MR e ME são ordenados por duas relações: linearidade e associatividade. Ou seja, segue-se uma linha de tempo "reta" e os três momentos relacionam-se o tempo todo. Como essa Teoria prevê um número de tempos possíveis, Hornstein afirma que é uma grande contribuição no estudo das línguas nativas, além de o filósofo oferecer uma teoria séria sobre os tempos universais. No entanto, essa teoria não prevê todos os tipos de verbos e nem os advérbios como modificadores que levam às ambiguidades. Por isso, segundo Hornstein, é inaceitável que não seja traçável o sistema de tempo, pois é por esses traços, incluindo o advérbio como um deles, que o sistema de tempo é delineado.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

No estudo do advérbio, o autor afirma que o advérbio pode ser dêitico ou anafórico. Este livro traz exemplos, como em "*Ontem, João Antônio nos visitou há uma semana*" e "*Amanhã, João Antônio nos visitará em uma semana*". Com essa noção, ele reafirma a postulação de que o MF com ME não têm uma relação direta entre si. Para ele, quando o MR é especificado (por meio de um advérbio, por exemplo) e o ME é modificado para um advérbio anafórico, a interpretação temporal do ME é determinada pela relação do MR e não orientada pelo MF. Assim, os tempos adverbiais podem ser mapeados no MR ou no ME, mas não no MF e podem combinar com tempos simples transformando-os em tempos complexos. O fato de Hornstein (2003) não se limitar a uma análise intrasentencial contribui para o entendimento do tempo em situações intersentenciais.

Um exemplo de que os advérbios modificam a estrutura BTS é o que ele chama de "*setential adjuncts*": quando, enquanto, depois, antes, até, desde etc. Em "*João Antônio construiu um castelo de areia enquanto Liza brincou com boias*" é diferente de "*João Antônio construiu um castelo de areia quando Liza brincou com boias*". O segundo ME, "quando Liza brincou com as boias" é anterior ao primeiro ME. Assim, havendo uma possível coincidência dos momentos, a localização temporal desses pontos é relativa a outro ponto que é determinado por um conectivo temporal de conteúdo lexical, o qual conecta as duas orações, no caso, os adjuntos adverbiais. Por isso, ele postula um segundo princípio de tempo, o RTC (*Rule for Temporal Connectives*) e sugere que as regras de interpretação para estruturas de tempos complexos podem ser sensíveis ao sentido dos conectivos de tempo.

Nas sentenças abaixo, vê-se que a diferença de aceitabilidade envolve uma ordem extrínseca, juntamente com o CDTS (*Constraint Derived Tense Structures*):

a) Ontem, Liza deixou BH fez uma semana.

b) *Fez uma semana, Liza deixou BH ontem.

c) Amanhã, Liza deixará BH em uma semana.

d) *Em uma semana, Liza deixará BH amanhã.

Observa-se que, em b), falta uma ordem linear para ser preservada em DTS, por isso, viola-se o CDTS. Outra constatação é a de que o tempo passado é fortemente ordenado e apresenta um funcionamento diferente com os advérbios:

e) João, você dorme no quarto da Liza amanhã?

f) João, você dorme no quarto da Liza agora?

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

g) João, você dorme no quarto da Liza hoje?

h) *João, você dorme no quarto da Liza ontem?

Assim, Hornstein acredita que há um princípio que funcione para determinar a ordem linear de momentos em que eles possam ser interpretados como contemporâneos. Uma especificação desse princípio é a relação básica entre (MF e MR) e (MR e ME).

> Em outras palavras, onde a informação temporal não desambigua ordem, um princípio inato do sistema de tempo o faz. Esse princípio age para determinar com exclusividade a ordem linear de pontos nos casos em que eles são interpretados como coexistentes. Vou sugerir uma especificação desse princípio depois de discutir se BTSs são realmente básicos e se eles são compostos de duas relações distintas e mais básicas: uma relação SR[66] e uma relação RE[67] (HORNSTEIN, 1993, p. 108, tradução nossa)[68].

Em "*João Antônio saiu da cidade depois que Liza partiu para o exterior*" e "*Assim como João Antônio saiu da cidade, Liza partiu para o exterior*", observa-se que, com o conectivo de tempo, a atual estrutura viola o CDTS de restrição de linearidade modificando a interpretação. Com essa constatação, Hornstein (1993) inicia a análise das orações encaixadas. Ele cita Chomsky (1986) e o Princípio da Interpretação Plena, e Belletti e Rizzi (1988) com a dominância das projeções máximas, dando ao advérbio um papel crucial para a formação do tempo na sentença.

No estudo das orações encaixadas, ele parte de duas afirmações:

- o MF, MR e ME são estruturas unitárias ou compostas de duas: as relações MF e MR e as relações MR e ME.
- a recursão é uma propriedade do sistema de tempo.

Retomando os estudos das orações encaixadas, Hornstein acredita que o MR é o limite para a interpretação temporal e que ME é reconhecido pelo sistema de tempo de forma inata. Além disso, o MR das orações encaixadas estaria ancorado no ME da oração principal. Assim, ele estaria presente em todas as subdivisões de formação de tempo:

66 Momento de Fala e Momento de Referência.

67 Momento de Referência e momento de Evento.

68 *In other words, where temporal information does not disambiguate order, an innate principle of the tense system does. This principle acts to uniquely determine the linear order of points in cases where they are interpreted as contemporaneous. I will suggest a specification of this principle after discussing whether BTSs are really basic of whether they are composed of two separate and more basic relations: an SR relation and an RE relation.*

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Exemplo: 1) João disse que a Liza está rabiscando a parede.
2) João disse que a Liza estava rabiscando a parede.

Na segunda sentença, Liza pode ainda estar rabiscando a parede ou não estar mais. As interpretações de tempo das orações encaixadas são dependentes da interpretação temporal da oração principal, mesmo que não haja mudança na morfologia da forma de tempo da oração principal. Portanto, um novo fenômeno é detectado, o SOT (*Sequency of Tense*). Hornstein (1993) argumenta que SOT é uma operação universal estrutural dentro do sistema de tempo, incide em uma teoria neorreichenbachiana de tempos básicos e interage com PFI, o Princípio da Interpretação Plena. A relevância de SOT estaria na função de ligar a oração encaixada com a principal, uma vez que um tempo presente pode ser modificado com advérbio de futuro. Já o advérbio de futuro não pode modificar um tempo passado, pois violaria o CDTS.

Por fim, o autor relembra que existem indícios de que os tempos derivaram de advérbios em línguas românicas. Ele baseia-se também nesse dado para afirmar, ao final da obra, que os advérbios também são tempos e que o sistema de tempos requer que o MF ancore no MR e que o MR ancore no ME. O RTC e o SOT são regras do sistema de tempo e o CDTS e o PFI são propriedades inatas da faculdade de linguagem.

Para completar o capítulo de tempo, serão expostas considerações sobre morfologia verbal e sua relação com tempo e aspecto e, também, uma análise sobre tempo e aspecto nas perífrases verbais.

3.4 Tempo e aspecto em verbos plenos e perífrases

Ainda no debate de tempos gramaticais, tem-se como um contribuinte no estudo sobre tempo e aspecto verbal o estudo dos morfemas. Partindo do pressuposto de que o "*morfema é a unidade mínima da estrutura gramatical*" (CASTILHO, 2014, p. 51), no caso dos verbos, tem-se uma gama de "*morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa*" (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 92).

Os verbos apresentam três tipos diferentes de morfemas: o radical (também chamado de morfema lexical) é responsável por irmanar as palavras da mesma família e se agrega aos demais morfemas; a vogal temática, que caracteriza a conjugação dos verbos, e as desinências que indicam número, pessoa, tempo, modo e aspecto. Em alguns casos, tem-se o morfema-zero. Ele é o "*aproveitamento da ausência de marca material para expressar um valor gramatical*" (CASTILHO, 2014, p. 52), é muito comum nos verbos e será útil no estudo do aspecto sob a ótica da morfologia verbal.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Binnick (1991) afirma que "*tempo pode ser marcado morfologicamente por uma variação na própria forma do verbo ou sintaticamente, por um auxiliar ou por ambos*" (BINNICK, 1991, p. 425)[69]. Neste capítulo, será visto como o tempo e o aspecto, como categorias funcionais, podem ser marcados morfologicamente e até mesmo por meio de auxiliares.

O que se pretende com essa primeira parte desta seção é um estudo morfológico do verbo, e uma demonstração de como, em alguns momentos, o tempo verbal, materialmente, é cindido em tempo e aspecto. Para isso, serão expostas algumas conjugações no modo indicativo (que é o modo verbal em que o aspecto gramatical se revela em língua portuguesa), em diferentes tempos verbais, nas três pessoas do singular e plural. Em seguida, serão apresentados os comentários[70].

Quadro 8 – Presente

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE MODO/TEMPO/ ASPECTO	DESINÊNCIA DE NÚMERO/PESSOA
Cozinh	-ø-	-ø-	-o
Cozinh	-a-	-ø-	-s
Cozinh	-a-	-ø-	-ø
Cozinh	-a-	-ø-	-mos
Cozinh	-a-	-ø-	-is
Cozinh	-a-	-ø-	-m

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Pretérito perfeito

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE MODO/TEMPO/ ASPECTO	DESINÊNCIA DE NÚMERO/PESSOA
Cozinh	- ø -	-ø-	ei
Cozinh	-a-	-ø-	-ste
Cozinh	- ø -	-ø-	ou
Cozinh	-a-	-ø-	-mos
Cozinh	-a-	-ø-	-stes
Cozinh	-a-	-ø-	-m

Fonte: Elaborado pela autora.

69 "*Tense may be marked morphologically, by avariation in the form of the verb itself (walk vs. walked), or syntactically, by na auxiliary word (will walk), or by both (walk, has walked) (I.a-c)*" (BINNICK, 1991, p. 452).

70 Todas as tabelas desta seção foram elaboradas pela autora com base em dados de gramática normativa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Quadro 10 – Pretérito imperfeito

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE MODO/TEMPO/ ASPECTO	DESINÊNCIA DE NÚMERO/PESSOA
Cozinh	-a-	-va-	-ø
Cozinh	-a-	-va-	-s
Cozinh	-a-	-va-	-ø
Cozinh	-a-	-va-	-mos
Cozinh	-a-	-ve-	-is
Cozinh	-a-	-va-	-m

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 11 – Futuro do presente

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE MODO/TEMPO/ ASPECTO	DESINÊNCIA DE NÚMERO/PESSOA
Cozinh	-a-	-re-	-i
Cozinh	-a-	-rá-	-s
Cozinh	-a-	-rá-	-ø
Cozinh	-a-	-re-	-mos
Cozinh	-a-	-re-	-is
Cozinh	-a-	-rã-	-o

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Futuro do pretérito

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE MODO/TEMPO/ ASPECTO	DESINÊNCIA DE NÚMERO/PESSOA
Cozinh	-a-	-ria-	-ø
Cozinh	-a-	-ria-	-s
Cozinh	-a-	-ria-	-ø
Cozinh	-a-	-ria-	-mos
Cozinh	-a-	-rie-	-is
Cozinh	-a-	-ria-	-m

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando as tabelas, é possível constatar que, nos tempos do presente e pretérito perfeito do indicativo, há o morfema-zero na desinência

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

de modo/tempo/aspecto. Porém, apesar de ele ser foneticamente nulo, ele existe semanticamente. É o que Castilho (2014) afirmou anteriormente, não há materialidade, já que o morfema não é realizado foneticamente, mas há valor gramatical. No caso de tais morfemas, a mesma desinência que indica tempo, também indica aspecto e modo.

Se por um lado há o morfema ø (tanto do presente, quanto do pretérito perfeito) codificando cumulativamente noções de modo, tempo e aspecto; de outro lado, há o morfema –va-, foneticamente explícito, fazendo o mesmo. Assim, pode-se afirmar que, em língua portuguesa, tem-se, nas formas verbais simples, o morfema acumulando as três noções (modo/ tempo/ aspecto). Parece que um raciocínio similar é feito por Giorgi e Pianesi (1997), em Bertinetto; Bianchi (2003, p. 4) quando afirmam que "*a mesma marcação morfológica expressa diferentes significados numa mesma língua*[71]".

Entretanto, é possível perceber as noções de tempo e de aspecto, distintamente, no estudo das perífrases. Um exemplo que pode ser dado para introduzir essa reflexão é:

1- Liza está comendo mamão.

2- Liza estava comendo mamão.

Nos exemplos acima, vê-se que o verbo auxiliar da perífrase acumula noções de tempo e aspecto, tanto no morfema nulo em "está", quanto no morfema -va- de "estava". No entanto, o verbo principal não indica tempo, indica apenas aspecto. Isso pode ser verificado no morfema –ndo- que marca o gerúndio e uma ideia de aspecto imperfectivo.

Travaglia (2006) fez um estudo sobre o aspecto verbal nas perífrases do português. É interessante notar que a afirmação dele: "*observar-se-á que, muitas vezes, o tipo de verbo principal altera o aspecto expresso pela perífrase*" (TRAVAGLIA, 2006, p. 162), indica que a marcação de aspecto pode estar de forma predominante no verbo principal e seu tipo que o autor classifica como télico, atélico, de estado, processo ou evento. Essa postulação reforça a ideia de que o verbo auxiliar indica tempo e, por vezes, aspecto, mas que o verbo principal, predominantemente, indica aspecto.

Wachowicz (2006) afirma que "*as teorias aspectuais não costumam analisar perífrases*", mas que há a hipótese de que alguns auxiliares "*têm informação aspectual que combina com a estrutura da sentença*" (WACHOWICS, 2006, p. 56). A autora defende que verbos auxiliares como "vir, ter e estar" carregam historicamente o traço de duração e atelicidade,

71 "the very same morphological device expresses different meanings within the same language" (BERTINETTO; BIANCHI, 2003, p. 4).

daí a hipótese de eles carregarem informação aspectual. Outra indicação de que alguns auxiliares podem trazer a ideia de aspecto, é o fato de que a teoria reichenbachiana pode ajudar a esclarecer a questão de o aspecto ser marcado no auxiliar, além de ser marcado no verbo principal.

Para Wachowicz (2006), o aspecto está na relação entre o ME e o MR e, para ela, os auxiliares "vir, ter e estar" marcam o MR, assim, o verbo auxiliar "*abre o intervalo do momento de referência dentro do qual os momentos de evento podem ser distribuídos*" (WACHOWICS, 2006, p. 58). O que se vê nesses estudos é que há a possibilidade de o tempo e o aspecto serem marcados no verbo auxiliar. Porém, numa perífrase, não há possibilidade de o tempo ser marcado no verbo principal, apenas o aspecto.

Retomando o comentário de Travaglia (2006), é isso que se vê: o verbo principal geralmente marca o aspecto, mas não o tempo, por isso Travaglia (2006) afirma que o verbo principal pode alterar o aspecto, porém não se pode dizer o mesmo em relação a tempo. Diante do que foi aqui exposto, há argumentos que favorecem a sugestão de que, durante a derivação de uma sentença na Sintaxe, haja um Sintagma aspectual independente do Sintagma Flexional.

Ainda no trabalho de Wachowicz (2006), a autora afirma que auxiliares como "estar", no perfectivo, são incompatíveis com o perfectivo de verbos principais:

3- Liza esteve comendo mamão.

4- *Liza esteve comido mamão.

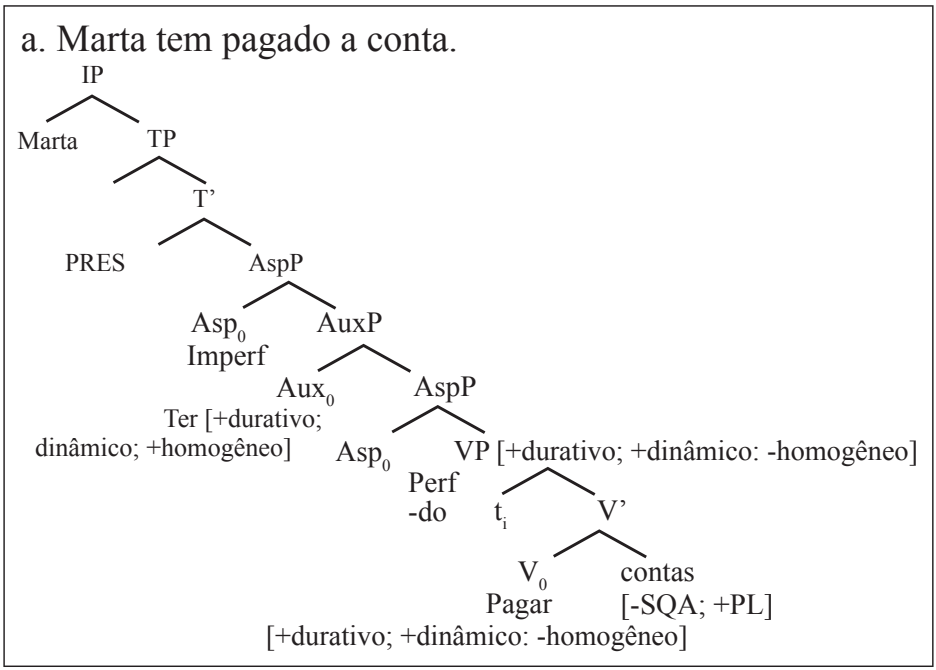
Como mostram as sentenças anteriores, o auxiliar em (3) colabora para o valor perfectivo de "comer", mesmo que o verbo principal esteja no gerúndio que, geralmente, indica imperfectividade. Assim, demonstra uma hipótese de que o auxiliar também carrega noção aspectual, podendo alterar o aspecto de uma perífrase.

Porém, em (4) a sentença se torna agramatical justamente pelo fato de haver duas indicações de perfectividade na mesma sentença, ou seja, como o auxiliar já carrega a informação aspectual de [+perfectividade], parece que o verbo principal não pode carregar a mesma noção, "*o que parece evidenciar que dois contextos perfectivos não coocorrem dentro da mesma sentença*" (WACHOWICZ, 2006, p. 64).

Isso indica que, numa perífrase, o auxiliar pode carregar traços de tempo e aspecto, mas que o verbo principal só pode carregar traços de aspecto. Essa hipótese reforça a ideia de que tempo e aspecto são cindidos na representação de uma estrutura sintática. A autora demonstra isso com uma representação arbórea (p. 66):

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Figura 14 – Representação arbórea de Wachowicz (2006)



Fonte: Wachowicz (2006, p. 66).

Para Wachowicz (2006), tempo e aspecto são cindidos e o sintagma aspectual pode ser representado em dois momentos, um abaixo do AuxP e outro acima. Esta postulação é interessante, pois acomodaria as noções aspectuais do auxiliar e do verbo principal.

As pesquisas de aquisição da linguagem já vêm observando essa cisão. Hermont e Morato (2014) afirmam que há evidências de dissociação de tempo e aspecto na sintaxe. Em crianças pequenas, por vezes, só há a manifestação de aspecto, como "*Eu queria que cê dormindo comigo./ Zogandu bola*" (HERMONT; MORATO, 2014, p. 224) em que ocorre manifestação morfológica do aspecto, evidenciado nas formas verbais no gerúndio ("dormindo" e "zogando"). Em outras vezes, há a manifestação de tempo e aspecto (p. 224): "*Pensa que eu tô ouvindo./ Eu tôôô iiindo!*" (HERMONT; MORATO, 2014, p. 224). Isso leva a pensar que, além de tempo e aspecto serem dissociados, o aspecto teria seus traços valorados primeiramente no Sistema Computacional e, por conseguinte, surgiria na superfície, já que é documentado, na fala, o aspecto sem tempo em crianças em fase de aquisição da linguagem. Com essas evidências, cria-se a hipótese de que o aspecto seja marcado no verbo principal e o tempo e aspecto, no verbo auxiliar. Com essa hipótese

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

e considerando pesquisas de aquisição da linguagem, tempo e aspecto são cindidos em diferentes sintagmas no Sistema Computacional.

Retomando o estudo das perífrases, que colaboram no entendimento da cisão de tempo e aspecto, Wachowicz (2006) acredita que o aspecto está na relação do ME com MR, isso se dá, pois o ME é representado pelo verbo principal e o MR pelo verbo auxiliar. Além disso, a autora afirma que "*É consenso na literatura que a leitura temporal depende da relação entre o momento da fala e o momento de evento; e o da leitura aspectual depende da relação entre o momento de evento e o momento de referência*" (WACHOWICZ, 2006, p. 66).

A essa mesma conclusão, chega Sant'Ana (2010) que relaciona a teoria de Hornstein (1993) com os estudos de aspecto de Comrie (1976). Para ele, o ME e o MR seriam o aspecto, entendido por Comrie (1976) como tempo interno da situação, uma vez que há um ponto de referência em relação ao evento. Já o MF seria uma representação de tempo (*tense*) que, segundo Hornstein (1993), há ligação direta apenas com o MR e não com o evento em si. Seria, então, o tempo externo à situação.

Esses estudos são interessantes e trazem hipóteses significativas para o estudo do tempo e do aspecto para este livro.

3.5 O entendimento de tempo verbal para esta obra

Não há dúvidas de que o tempo mantém uma relação muito próxima com a ideia de aspecto verbal. Apesar disso, acredita-se, como citado por Hornstein (1993), que o sistema temporal seja independente do aspecto. Essa é, portanto, a primeira hipótese dessa obra em relação às categorias "tempo e aspecto": elas se relacionam, mas são representadas distintamente na gramática mental. Portanto, assim como há o ST, pode haver SAsp.

As teorias trazidas neste capítulo e no anterior concordam que tempo e aspecto são categorias distintas. Isso corrobora a proposta de cisão da camada flexional, em tempo e aspecto.

Uma hipótese de representação da estrutura sintática para a cisão de tempo e aspecto é dada por Wachowicz (2006). A autora sugere que haja dois nós para aspecto, um acima de SAux e outro abaixo. Assim, as noções aspectuais de verbos auxiliares e de verbos principais seriam abarcadas.

Para a teorização da formação do tempo, a dominância das projeções máximas é importante, pois, conforme Hornstein (1993), há o princípio do CDTS e com ele o tempo das orações encaixadas é c-comandado pelo tempo das orações principais, evitando agramaticalidades. Isso reforça a ideia de que, tomando a oração principal primeiro, assim que ocorre a saturação, a oração

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

encaixada precisa seguir o princípio do CDTS. Isso seria uma confirmação de que a estrutura sintática predetermina a interpretação semântica.

Hornstein (1993) defende que o advérbio é, na verdade, marca de tempo, por vezes representado por MR. O autor cita ainda que o advérbio, por vezes, é o responsável pela modificação na estrutura de tempo de uma sentença, por isso ele afirma que os advérbios modificam BTS [*Basic Tense Structures*]. Ele acredita ainda que MF e ME não se relacionam diretamente. O que se vê é que o perfectivo será sempre anterior ao MF, independentemente da localização do MR. Já o imperfectivo pode trazer os três momentos simultâneos, como sugere Reinchenbach (1975), ou o MR simultâneo com MF, tendo o ME separado do MF (ME,MR-MF).

Uma hipótese bastante interessante que se tem, a partir da teoria neorreichenbachiana, de Hornstein, é que o tempo primitivo, denominado por ele de BTS [*Basic Tense Structures*] esteja ligado a tempo e, os tempos derivados, chamados de DTS [*Derived Tense Structures*] estejam relacionados a aspecto. Essa hipótese surge quando se observa que é no tempo derivado que há manifestação do aspecto, ou seja, pode-se ter um passado, mas só se tem o aspecto a partir da morfologia do tempo secundário. Um exemplo para isso seria "Eu comi – Eu comia – Eu tinha comido". Nesses casos, a interpretação de passado é a mesma, quer dizer, o tempo primitivo demonstra o tempo, porém há diferentes aspectos representados a partir do tempo derivado. Daí, a hipótese de que o tempo derivado possa ser aspecto. É a morfologia do tempo derivado que determinará a perfectividade ou a imperfectividade de uma sentença. Outro dado que reforça essa hipótese é o fato de Hornstein (2003) afirmar que o advérbio apresenta traços de tempo e modifica a estrutura BTS, isto é, caso não haja marcação morfológica de tempo derivado na sentença, seja no verbo pleno, seja no auxiliar, mas haja advérbio em uma estrutura BTS, ela pode passar a ter marcação de aspecto, justamente por haver a presença de um advérbio.

Tem-se no próximo capítulo o quarto e último capítulo teórico deste trabalho. O capítulo seguinte dedicar-se-á ao estudo do advérbio e a relação dele com o aspecto verbal.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

4 ADVÉRBIO

Conforme foi dito no capítulo anterior, de acordo com Hornstein (1993), advérbio é um traço de tempo. Neste livro, a ideia de advérbio parte dessa postulação. Nesta perspectiva, a relação de advérbio e aspecto se estreita, surgindo a hipótese de que o advérbio pode definir ou modificar o tempo e o aspecto de uma sentença. Espera-se verificar essa hipótese no próximo capítulo de análise dos dados.

Como ponto de partida sobre o entendimento de advérbio sob a ótica da Teoria Gerativa, têm-se dois caminhos para a compreensão dos advérbios na formação das sentenças, há a Hipótese da Adjunção (HA), baseada em Ernst (2002) e a Hipótese do Especificador (HE), baseada em Cinque (1999).

4.1 A Hipótese da Adjunção e a Hipótese do Especificador

Para a Hipótese de Adjunção, os advérbios são vistos como adjuntos (ERNST, 2002) e elementos que apresentam uma mobilidade sintática e, dessa forma, podem ser inseridos à direita da árvore, uma vez que não são complementos. Nessa abordagem, os advérbios são adjungidos a quantas projeções intermediárias forem necessárias. Pare ele,

> Uma vez que muitos adjuntos parecem ter múltiplas posições na superfície, a hipótese nula na teoria atual deveria ser a de que eles também apresentem várias posições correspondentemente; isso é o que é previsto pela livre escolha dos itens do léxico no curso da construção de uma árvore (ERNST, 2002, p. 3, tradução nossa).[72]

De acordo com Ernst (2002), os advérbios não são lineares com os argumentos, pois não são requeridos por predicadores e nem são predicadores, nesse sentido são considerados adjuntos. Para o autor, as línguas podem ter núcleos à esquerda ou à direita, assim como os advérbios e orações adverbiais que, muitas vezes, são geradas à direita do verbo. Para sustentar a argumentação, ele postula que não existe pausa com alguns adjuntos à direita do verbo, quando eles estão em sua posição de escopo. Quando esses adjuntos passam para a posição à esquerda, há a necessidade da vírgula, na escrita, uma vez que ele deixa sua posição de escopo. Isso seria uma das hipóteses de que à esquerda do verbo, a posição não seria natural, a ponto de precisar da vírgula.

72 "*Since many adjuncts seem to have multiple surface positions, the null assumption in current theory ought to be that they also have correspondingly multiple base positions; this is what predicted by the free choice of items from the lexicon in the course of building up a tese*" (ERNST, 2002, p. 3).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

No exemplo (a), a seguir, em comparação com (b), a pausa é necessária porque o advérbio foi movido da posição de escopo dele que seria no início da sentença. Já quando ele está em sua posição de escopo, conforme (c), não há necessidade de pausa (ERNST, 2002, p. 33).

a) "*Ela tinha perdido, {aparentemente/francamente}, o aniversário da irmã dela*".
b) "**Ela tinha perdido {aparentemente/francamente} o aniversário da irmã dela*".
c) "*{Aparentemente/francamente} Ela tinha perdido o aniversário da irmã dela*".[73]

Ernst afirma que, para o advérbio ser gerado à direita, mas na superfície da sintaxe poder aparecer em outra posição, é necessário que haja movimento de constituinte após Spell-out. Ele confirma isso em: "[...] *constitui evidência para movimento pós Spell-out, já que os princípios que garantem o movimento para cima e o escopo são mediados pela posição hierárquica*" (ERNST, 2002, p. 33).[74]

Por outro lado, já se afirmou no capítulo de Teoria Gerativa que "*se um traço forte permanece depois de Spell-out, a derivação fracassa*" (CHOMSKY, 1995, p. 280). A afirmação de Chomsky e a de Ernst não são compatíveis. A postulação de Hornstein (2003) quando afirma que advérbio é um traço de tempo, portanto um traço forte, reforça a afirmação de Chomsky. Assim, parece que o advérbio não poderia permanecer após Spell-out. As afirmações de Chomsky e Hornstein, *a priori*, vão de encontro à teoria de Ernst.

Nessa Hipótese da Adjunção, o advérbio se une ao núcleo mais complemento em uma hierarquia de nível mais alto. Em uma representação arbórea, ele situaria como um apêndice no sintagma. Essa teoria leva em conta que os advérbios não podem ser equivalentes a complementos ou especificadores, pois não são requeridos por predicadores e núcleos. Nesse sentido, "*advérbios podem ser adjungidos onde quer que eles recebam sua interpretação, determinado em parte pelas exigências lexicais do advérbio em questão, pela exigência de outros itens lexicais, e pelos princípios gerais de composição semântica dos advérbios*" (ERNST, 2010, p. 183).[75]

73 "*She had missed, {apparently/frankly}, her sister's birthday./* She had missed {apparently/frankly} her sister's birthday./{Apparently/frankly} she had missed her sister's birthday*" (ERNST, 2002, p. 33).

74 "[...] *constitute evidence for post-Spell-out moviment, as the principles that ensure upword moviment and escope mediated by hierarchical position*" (ERNST, 2002, p. 33).

75 "*... adverbials may adjoin wherever they receive their proper interpretation, determined in part by the lexical requirements of the adverbial in question, by the requirements of other lexical items, and by general principles of semantic composition for adverbials*" (ERNST, 2010, p. 183).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Na defesa da Hipótese da Adjunção, Ernst (2002) não atribui tanta importância ao movimento de verbo. O que Ernst faz é atribuir mais valor ao aspecto semântico do advérbio e seu escopo do que aos aspectos sintáticos.

Ernst (2010) defende que haja um FEO (Fact-Event Objects). Isso pode ser entendido como uma proposição em que diferentes tipos de advérbios são selecionados por diferentes proposições e eventos, levando em conta o escopo e, consequentemente, a interpretação da sentença, mais que a posição dos elementos dela. Conforme o autor, existem três grupos de advérbios, em relação ao escopo deles: "*aqueles sem requisitos de escopo (adjuntos participantes), aqueles com exigência maior de escopo (por um FEO particular: (adjuntos predicacionais) e aqueles com exigência de escopo menos rígida (adjuntos funcionais)* (ERNST, 2010, p. 143)[76]".[77]

As propriedades da teoria de Ernst são que (a) os advérbios são adjungidos livremente em XP ou nódulo X', (b) que eles podem ser adjungidos onde quer que eles recebam a propriedade de interpretação, determinadas, em parte, pelos requisitos lexicais do advérbio em questão, (c) que são os princípios sintáticos-semânticos que mapeiam os advérbios. Dessa forma, as descrições de eventos e proposições são construídas em camadas e, caso haja interpretação baixa (chamada por ele de "low" ou "event-internal") em vP, as interpretações a partir dos advérbios são barradas em vP e (d) determinadas projeções de sintagmas como (VP, vP, Asp etc.) nem sempre são necessariamente mapeadas por alguma "entidade" semântica (ERNST, 2010).

No caso de (c), ele argumenta que um evento interno modificador pode criar um novo evento de um predicado básico. E exemplifica com "*Xiaoming está (aparentemente) calmamente (*aparentemente) sentado*" (ERNST, 2010, p. 183).[78]

Por fim, há algumas críticas a respeito da teoria de Ernst (VOGEL, 2004). A primeira é que ele mesmo não esconde o fato de que a teoria não estabelece distinção entre argumento e adjunto. Outra questão é que Ernst (2002) concentra seus estudos, majoritariamente, nos advérbios e diz pouco sobre orações adverbiais. No inglês, por exemplo, há sintagmas preposicionais que podem ser argumentos ou adjuntos e, quando eles são adjuntos, são adverbiais, mas o teórico não aborda esses casos. Por fim, o fato de não reconhecer o movimento de verbo como algo importante. Por exemplo, na língua Jarawara, e em outras pelo mundo afora, alguns sufixos de verbos têm significado adverbial, porém

76 "*those without scope requirements (participant adjuncts), those with tight scope requirements (for a particular FEO: predicational adjuncts), and those with somewhat looser scope requirements (functional adjuncts)* (ERNST, 2010, p. 143).

77 Participant adjuncts são sintagmas preposicionais que indicam lugar, instrumentos etc. Functional adverbs são os advérbios de tempo, frequência e negação, que, por sinal, são os que interessam a essa pesquisa. E os FEOs são os modais, advérbios de modo. Alguns exemplos são: briefly, obviously, surprisingly, stupidly, not, maybe etc.

78 "*Xiaoming is (apparently) quietly (*apparently) sitting*" (ERNST, 2010, p. 183).

esse sentido só ocorre através do movimento de verbos, o que poderia afirmar possibilidade do advérbio como núcleo de sentença.

Por outro lado, a HE (Hipótese do Especificador), baseada em Cinque (1999), é a favor da ideia de que o advérbio não ocupa posições de adjuntos, mas de especificadores de projeções funcionais porque eles podem carregar traços de tempo, assim constituem parte integral da sentença e não acessória. Nesse trabalho, essa Hipótese será defendida.

A Hipótese do Especificador, em alguma medida, vai ao encontro da Teoria de Hornstein (1993), apresentada no capítulo anterior, que afirma que os advérbios são também traços de tempo. Todo esse modelo de Cinque (1999) se assemelha ao modelo de Kayne (1994), no sentido de que os advérbios, por não serem considerados adjunções, na representação sintática, também terão valoração de traços, no momento da derivação. Há também Binnick (1991) que afirma que o escopo do advérbio é relativo ao de tempo, pois os tempos não são independentes dos advérbios.

Chomsky (1995) também se refere à valoração de traços quando afirma que "*os especificadores são tipicamente alvo de movimento*" (p. 101). Isso faz sentido quando se afirma que advérbio é traço de tempo, pode ocupar posições à esquerda e são especificadores de projeções máximas.

> A proposta de Kayne, portanto, exclui a possibilidade de adjunção à direita, já que após o núcleo somente há posição estrutural para complementos. Além disso, já que a ordem imposta pelo c-comando assimétrico é núcleo – complemento, as estruturas que apresentam a ordem inversa são, na verdade, derivações resultantes da aplicação da operação de movimento do complemento. Como não há relação de checagem de traços entre o adjunto e o núcleo, a única possibilidade, utilizando o modelo de Kayne, para explicar o ordenamento fixo relativo de advérbios é estabelecer que advérbios são inseridos na sintaxe como especificadores (SANT'ANA, 2010, p. 47).

Alguns pressupostos básicos da teoria de Cinque (1999) são que certas sequências de advérbios são rigidamente ordenadas, enquanto outras não, e que certos tipos de advérbios em todas as línguas ocorrem em áreas particulares da sentença, mais abaixo ou mais acima, por exemplo. Dessa forma, o autor acredita que os advérbios se localizam em zonas bem definidas ou há uma ordem em que eles ocorram.

Segundo Cinque, os advérbios são, então, especificadores únicos de projeções máximas e existe uma hierarquia de projeções funcionais. Para ele, os advérbios de cada classe preenchem a posição de especificador único de uma projeção máxima distinta. O primeiro exemplo que o autor apresenta é: geralmente > já > normalmente > mesmo assim > ainda não > parcialmente > satisfatório> nem sequer > ainda (CINQUE, 1999).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Cinque afirma que pode acontecer de o advérbio ocupar diversas posições, mas é raro, o comum é reconhecer posições rígidas para eles. Duas posições mais comuns para os advérbios são antes ou depois dos complementos. Ele acredita que os advérbios podem ser gerados independentemente nessas duas posições ou que elas são associadas a movimentos.

Observa-se também que os advérbios podem ter diferentes interpretações se estão em diferentes posições. Para isso, o autor defende que pode haver três posições de base para que o advérbio seja gerado com diferentes sentidos. Ele cita um exemplo (JACKENDOFF, 1972 apud CINQUE, 1999, p. 19) :

a) *John tinha respondido às perguntas deles inteligentemente.*
b) *John inteligentemente tinha respondido às perguntas deles.*
c) *John tinha inteligentemente respondido às perguntas deles* [79].

Outra postulação de Cinque é a existência de duas posições para que os advérbios do mesmo tipo possam ser simultaneamente encaixados. Ele afirma que "*uma indicação clara de que existem de fato duas posições distintas é o fato de que elas podem ser preenchidas simultaneamente*" (CINQUE, 1999, p. 27).[80] Nos exemplos a seguir, retirados do autor (p. 27), observa-se que o advérbio mais alto se refere ao evento, enquanto o mais baixo ao ato/verbo.

d) *John twice (often/rarely/...) knocked on the door twice (three times/ often...).*
e) *John twice (often/rarely/...) knocked twice (three times/ often...) on the door.*

A partir do estudo do creolo, que, segundo Cinque (1999), foi amplamente observado por Bickerton (1974), Muysken (1981) e Woisetschlaeger (1977), há a hipótese de que o princípio da Gramática Universal requer "*que o Aspecto seja interpretado antes de Modo, e Modo antes de Tempo* (CINQUE, 1999, p. 58)"[81]. Essa postulação é muito relevante para este trabalho, uma vez que se quer mostrar como é o mapeamento sintático do aspecto. Ele também apresenta a teoria de Gibson (1986), "*a qual Gibson (1986) toma, como foi visto, por motivação um Modal*[82] *> Tempo > Aspecto (em contrastes com outros creolos)*" (CINQUE, 1999, p. 59).[83] Nessa outra teoria, o aspecto,

79 "*John has answered their questions cleverly./ John cleverly has answered their questions./ John has cleverly answered their questions*" (CINQUE, 1999, p. 19).
80 "*A clear indication that there are indeed two distinct positions is the fact that they can be simultaneously filled*" (CINQUE, 1999, p. 27).
81 " *that Aspect be interpreted before Mood, and Mood before Tense* (CINQUE, 1999, p. 58)"
82 Should, should (have), might (have), could (have).
83 "*which Gobson (1986) takes, as noted, to instantiate a Modal Tense Aspect order (in constrast to other creoles)*" (CINQUE, 1999, p. 59).

para o creolo, estaria abaixo de tempo. A teoria de que o aspecto esteja abaixo de tempo também é defendida no português nas pesquisas de aquisição de linguagem e também por Cinque, mais no final da obra:

> Da mesma forma, como observou em Foley and Van Valin (1984, p. 209), aspecto é mais estreitamente relacionado com o predicado (que expressa diferentes maneiras de ver o evento expresso pelo predicado) do que tempo (que localiza o tempo de um evento – qualquer que seja sua composição aspectual – no que diz respeito ao tempo de fala). Como consequência disso é natural que o tempo opere em algo que o aspecto já operou; em outras palavras, que ele é externo (mais alto) ao aspecto (CINQUE, 1999, p. 135, tradução nossa).[84]

Cinque acredita que aspecto está abaixo de tempo, uma vez que o aspecto tem uma relação mais estreita com o predicado e considera que o tempo opera em algo que já foi processado pelo aspecto. Como um experimento às postulações de Cinque sobre as ocorrências e coocorrências de advérbios, esta pesquisa traz alguns exemplos da obra de Cinque e outros em português na tentativa de verificar as afirmações até agora.

f) Ontem, Liza, provavelmente, não estava assistindo ao DVD.
g) Ontem, Liza não estava, provavelmente, assistindo ao DVD.

Para o momento, parecem ser gramaticais as sentenças anteriores em que há entrada de vários advérbios do mesmo tipo em posições diferentes. Abaixo estão seis exemplos de Cinque em que dois aspectos frequentativos podem ocupar a mesma posição (1999, p. 92-93):

h) Quando encontramos algo isso <u>frequentemente</u> <u>já</u> foi encontrado por alguém.
i) Esta propriedade <u>já</u> foi descoberta <u>muitas vezes</u> <u>nos últimos 50 anos</u>.
j) Gianni, <u>sabiamente</u>, <u>muitas vezes</u> encontra a mesma pessoa <u>com frequência</u>.
k) Gianni, <u>raramente</u> encontra a mesma pessoa <u>com frequência</u>[85].
l) Gianni <u>novamente</u> bateu na porta <u>outra vez</u>.
m) Gianni <u>raramente</u> fala <u>muitas vezes</u> <u>de novo</u> com a mesma pessoa.[86]

84 "*Similarly, as remarked in Foley and Van Valin (1984, p. 209), aspect is more closely related to the predicate (it expresses diferente ways of viewing the event expressed by the predicate) than tense (which locates the time of the event – whatever its aspectual make up – with respect to the speech time). As a consequence of that, it is natural that tense operates on something on which aspect has already operated; in other words, that it is external to (highier than) aspect*" (CINQUE, 1999, p. 135).

85 Grifo nosso.

86 *When we find something this has <u>often already</u> been discovered by someone/This property has <u>already</u> been discovered <u>often</u>, in the last fifty years./Gianni, wisely, <u>often</u> dates the same person*

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

A seguir, este trabalho se propõe a trazer duas duplas de exemplos em português com advérbios de habitualidade e de tempo.

n) No ano passado, sempre eu nadava toda 3ª e 5ª.
o) No ano passado, eu, geralmente, nadava toda 3ª e 5ª.
p) Geralmente, eu sempre compro os presentes de Natal com antecedência no shopping.
q) * Eu sempre compro os presentes de Natal com antecedência no shopping, geralmente.
r) Ainda hoje, ele nunca chega atrasado.
s) Ele sempre, até hoje, chega atrasado.
t) Recentemente, ele chamou o advogado dele urgentemente.
u) * Urgentemente, ele chamou o advogado dele recentemente.

O que se vê é que, conforme os exemplos "t" e "u", a teoria de Cinque defende uma hierarquia de posicionamento de advérbios, em que alguns tipos ocupam posições mais elevadas na sentença, como é o caso do "geralmente". Para Cinque (1999), o advérbio "já" aparece sempre antes do verbo, enquanto o "rapidamente", por exemplo, pode ocorrer antes ou depois do verbo (1999, p. 100).

Cinque (1999) defende a hierarquia de advérbios e núcleos funcionais como uma propriedade primitiva dos componentes computacionais. Para ele, a hierarquia é uma construção do Sistema Computacional da linguagem e que tempo, modo e aspecto, de fato, têm uma hierarquia fixa. O autor sugere, no entanto, que as posições hierárquicas não são utilizadas sempre, pois os núcleos necessariamente viriam com um valor marcado ou um valor *default*, então é concebível que todas as sentenças utilizem toda a estrutura funcional, com a escolha da combinação de marcado ou *default*.

Abaixo, a hierarquia defendida por Cinque é apresentada em dois momentos. O primeiro (1999, p. 77) em uma forma mais enxuta, como se vê abaixo:

a) [Frankly *Mood speech act > [surprinsingly Mood evaluative > [allegedly Mood evidential > [probably Mod epistemic > [once T(Past) > [then T (Future) > [perhaps Mood irrealis > [cleverly? [usually Asp habitual [already T(Anterior) > [no longer Asp perfect > [Always? [?Asp retrospective [? Asp durative [?Asp progressive [?Asp prospective [completely ?Asp completive [tutto?[well?[? Voice?[Asp celerative [? Asp semelrepetitive [? Asp iterative*

often./Gianni, rarely dates the same person often./Gianni again knocked on the door again./Gianni rarely speaks often again with the same person (CINQUE,1999, p. 92-93).

O segundo momento (p. 106) está em uma forma mais detalhada e é chamado por ele de "segunda aproximação". Para diferenciar as duas propostas, as categorias acrescentadas no segundo momento foram apresentadas em azul.

b) [frankly *Mood speech act [fortunately Mood evaluative [allegedly Mood evidential [probably Mod epistemic [once T(Past) [then T (Future) [perhaps Mood irrealis [necessarily Mood necessity [possibly Mood possibility [usually Asp habitual [again Asp repetitive (I) [often Asp frequentative (I) [intentionally Mod volitional [quickly Asp celerative(I) [already T(Anterior) [no longer Asp terminative [still Asp continuative [always Asp perfective (?) [just Asp retrospective [soon Asp proximative [briefly Asp durative [characteristically (?) Asp generic/progressive [almost Asp prospective [completely Asp Sg Completive (I) [tutto Asp PIC Completive [well Voice [fast/early Asp celerative(II) [again Asp repetitive (II) [often Asp frequentative (II) [completely Asp SgCompletive (II)*

Essa hierarquia é construída por Cinque baseada em vários idiomas, as primeiras ordens de Modo foram motivadas por uma ordem relativa de sufixos de ato de fala e um Modo que expressa surpresa no Koreano que foi traduzido para o inglês como "*That bird must have died!*" (p. 71). Dessa forma, toda a sequência de Modo e a sequência hierárquica de Tempo passado e futuro se baseiam em línguas denominadas por Cinque, como Turkish, Hixkaryana, Guyanese Creole, Sino-Tibetan, Oksapmin, Mongolian, Malayalam, entre outras. Já a hierarquia de aspecto foi encontrada no Basque, Autroasiatic, Kammu, Isekiri, Niger-Congo, Sea Island Creole, Tokelau, Haitian, entre outros.

O ponto positivo da Hipótese do Especificador, tendo Cinque como um representante importante, ajuda a pensar como o aspecto, por vezes, expresso pelos advérbios, pode estar representado sintaticamente, já que, em muitas ocasiões, o advérbio está acima de tempo. Uma questão para o próximo capítulo deste livro é: se advérbio é um traço de tempo podendo demonstrar o aspecto e ocupar determinadas posições fixas, como e onde ele pode ser representado? Porém, para isso, será necessário analisar sentenças em português. Cinque faz experimentos e demonstrações em diversos idiomas. Esta obra, entretanto, a partir das teorias apresentadas pretende analisar a língua portuguesa e assim contribuir para as teorias postas até o momento sobre a representação sintática do aspecto.

4.2 O advérbio na língua portuguesa

Viram-se, na seção anterior, duas formas de estudo do advérbio em uma perspectiva formalista, na tentativa de representá-lo sintaticamente. Das duas

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

perspectivas apresentadas, esta obra se identifica com a Hipótese do Especificador, pois entende que o advérbio é um traço de tempo e que por isso ele não pode ser compreendido sempre como adjunto, mas sim como uma categoria funcional, posicionando-se no especificador de projeções máximas.

Esta segunda seção trará outra análise formalista do advérbio, porém, em língua portuguesa, na tentativa de compreender como os falantes do português brasileiro usam essa categoria, vista aqui como uma categoria funcional. Em seguida, no próximo capítulo, com o *corpus* da pesquisa, a proposta é verificar se, a partir de exemplos do português, é possível adequá-los à teoria da hierarquia de advérbios de Cinque, com o objetivo de avançar no estudo do aspecto e na representação sintática dele, já que o advérbio, muitas vezes, determina o aspecto da sentença.

4.2.1 O advérbio na língua portuguesa em um viés formalista

Ainda em um viés formalista, Rocha e Lopes (2015) apresentam que, no momento da formação de uma sentença, o predicador pode requerer, no máximo, três argumentos, um externo e dois internos. No entanto, como os advérbios não são selecionados por predicadores, "*não há na sintaxe nenhuma restrição quanto ao número de adjuntos que possam ocorrer em uma dada sentença.* [...] *contudo que há restrições dos próprios adjuntos, especialmente os advérbios, em relação ao tipo de elemento a que vão se adjungir*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 157).

Um exemplo trazido pelas autoras é (2015, p. 154):

a) *A Rose deu os brinquedos para as crianças.*
b) *A Rose [provavelmente deu] os brinquedos para as crianças. (mas não os guardou depois).*
c) *A Rose deu [provavelmente os brinquedos] para as crianças. (mas não as roupas).*
d) *A Rose deu os brinquedos [provavelmente para as crianças]. (mas não para os adolescentes).*
e) *Provavelmente, a Rose deu os brinquedos para as crianças. (é provável que o tenha feito, mas também pode ter se esquecido de fazê-lo).*

Elas defendem que alguns advérbios, como "provavelmente", podem ocorrer em várias posições na sentença, no entanto, apesar de não ditarem uma hierarquia de advérbios, afirmam que:

> os adjuntos, embora mais livres do que, por exemplo, os complementos, são elementos bastante bem comportados no que se refere a posições que

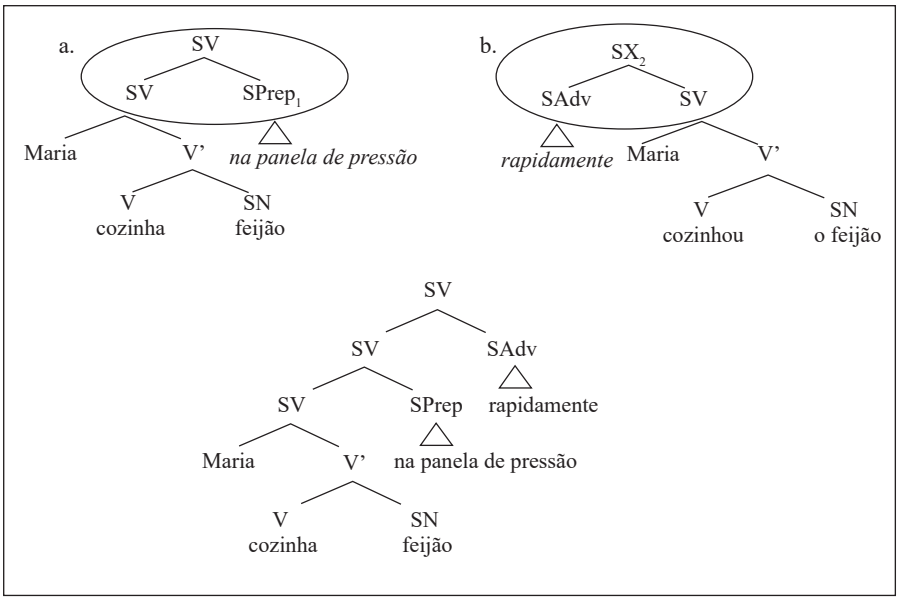
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

> possam ocupar na sentença, à recursividade, à proibição de movimento de elementos que os constituem (ROCHA; LOPES, 2015, p. 156).

Para elas, como os advérbios não mantêm relação de concordância e Caso com o verbo, eles não podem modificar a natureza categorial de um elemento. O que eles fazem é acrescentar camadas hierárquicas sobre a categoria, assim, esse processo faz criar uma nova posição estrutural no topo, quando se une a um nódulo já existente. As autoras afirmam que os advérbios podem se posicionar à esquerda ou à direita do SV, no entanto, essa liberdade na posição é ditada pela natureza do adjunto. Rocha e Lopes (2015, p. 159) trazem algumas árvores sintáticas para exemplificar as sentenças:

1. *Maria cozinha feijão [na panela de pressão].*
2. *Maria [rapidamente] cozinhou o feijão.*

Figura 15 – Representações arbóreas de advérbios



Fonte: Rocha e Lopes (2015, p. 159).

A explicação que as autoras dão para a última árvore, que acomoda os dois advérbios, é que é possível reunir mais de um adjunt'o à sentença quando se expande o SV em mais camadas. No entanto, os adjuntos, como já foi dito anteriormente nessa seção, não são selecionados por predicadores, mas escolhem os elementos aos quais serão adjungidos. Daí, a justificativa de "rapidamente" aparecer à esquerda na segunda árvore e, à direita, na terceira.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Na segunda árvore, o advérbio está fora do SV, pois só foi representada a parte essencial da sentença. Já na terceira árvore, o advérbio aparece à direita, dentro do SV. Assim, as autoras demonstram como alguns advérbios podem estar à esquerda ou à direita da sentença.

Dessa forma, quando o advérbio marca tempo e aspecto, parece não haver liberdade, em relação à sua representação sintática, uma vez que não pode haver muita disparidade na informação dada pelo adjunto e a flexão temporal presente no SF. Ou seja, o que as autoras afirmam vai ao encontro da Teoria de Hornstein (2003) que prevê regras temporais para a ocorrência do advérbio, uma vez que ele também é traço de tempo. Assim, não pode haver uma sentença considerada gramatical com: "**Ontem João chorou hoje/ *Ontem João vai chorar/ *Maria já sempre trouxe o presente*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 160).

O que se vê nesses exemplos das autoras é uma concordância ao que Hornstein postula sobre o fato de não se poder violar o CDTS (*Constraint Derived Tense Structures*). Quer dizer, existe uma propriedade inata da Faculdade de Linguagem que determina a ordem linear de momentos para que eles sejam interpretados como contemporâneos. Nos exemplos agramaticais acima, de acordo com Hornstein (2003), o princípio foi violado, já que há manifestações de tempos não lineares em cada sentença.

Conforme Hornstein (2003), a relação entre MF e MR e a relação entre MR e ME não se dão de forma coerente. Isso pode ser afirmado se for levado em conta que o advérbio, como marca de tempo, pode ser representado, às vezes, como MR. Os exemplos de Rocha e Lopes (2015, p. 161), a seguir, parecem evidenciar essa postulação, apesar de as autoras não citarem a teoria de Reichenbach (1947) ou Hornstein (2003). O que se vê nos exemplos a seguir é que a marca de tempo pode ser representada por morfemas, como se verá a seguir ou com advérbios, uma vez que cumprem essa função:

3. *Ela chor<u>ou</u> muito.*
4. *Ela est<u>eve</u> chorando por muito tempo.*

Apesar de o ME ter se dado antes do MF nas duas sentenças acima e isso ser comprovado pelo morfema que denota modo, tempo e aspecto (grifados), só o exemplo (4) apresenta marca de aspecto progressivo presente na forma de gerúndio em "chorando". Retomando os advérbios "já" e "sempre", observa-se que eles são aspectuais, na medida em que exercem a mesma função de uma forma verbal não finita, como um gerúndio ou um particípio que podem marcar um aspecto terminativo ou progressivo, como fazem, respectivamente, os advérbios "já" e "sempre". As autoras demonstram (ROCHA; LOPES, 2015, p. 160):

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

5.
a. *Maria já trouxe o presente.*
b. Maria sempre traz algum presente.
c. *Maria já sempre trouxe algum presente.

Tanto "já" quanto "sempre" cumprem papel de tempo e aspecto na sentença. Porém, eles apresentam manifestações temporais não lineares, por isso não são compatíveis. "Sempre" dá ideia de atelicidade, enquanto "já" dá ideia de telicidade. Esse comportamento é similar ao de morfemas aspecto-temporais. É necessário que haja correlação entre eles na sentença.

As autoras apresentam uma forma de identificar os advérbios aspectuais diferenciando-os dos temporais. Para isso, elas sugerem que, se se pode responder a uma pergunta com o mesmo adjunto que ela foi construída, o adjunto será aspectual. Mas se a pergunta não puder ser respondida com o mesmo adjunto, significa que ele será um advérbio temporal e não aspectual. O exemplo dado é (ROCHA; LOPES, 2015, p. 161):

6. __*Você já foi ao zoológico?*
__ Já.
7. __Ontem você foi ao zoológico?
__ **Ontem.*

Uma observação importante a fazer em relação aos advérbios aspectuais e sobre suas posições sintáticas é que, até o momento, esta pesquisa aponta que os advérbios aspectuais parecem ter um escopo maior, como se observa em "já" e "sempre". O "já", como foi notificado por Cinque (1999), ocorre sempre numa posição pré-verbal, ou seja, em uma posição alta. Diferentemente, têm-se os advérbios, chamados pelas autoras de "puros", uma vez que não causam efeito de escopo e por isso podem ser encaixados indefinidamente à direita, em uma posição pós-verbal, como elas exemplificam (p. 163):

8. *João viajou [de carro] [para Curitiba] [pela BR-101] [no sábado] [com a namorada] [após o lanche] [sem dinheiro algum]...*

Isso é considerado importante neste trabalho, pois indica, inicialmente, que os advérbios aspectuais podem ter posições fixas na sentença, assim como tempo, modo e modalidade, conforme já afirma Cinque (1999). Isso será observado nos dados da pesquisa.

Quando se fala em escopo de advérbio, observa-se que ele pode se adjungir a um SV, projetando mais uma camada no sintagma (10). O advérbio

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

pode ser realizado por SC, em uma sentença inteira (9) ou por um SPrep (11), como mostram os exemplos abaixo (ROCHA; LOPES, 2015, p. 161):

9. *Quando eu quero levar assim uma merenda,* [...] *eu geralmente eu levo maça. (DID RJ).*
10. *A via de acesso pra lá atualmente é uma barbaridade... (D2 SSA).*
11. *Nós não fiamos (por) muito tempo em Curitiba. (DID RJ).*

Além dessas possibilidades de ocorrência que também indicam posição do advérbio e, consequentemente, representação sintática do aspecto, há classificações adverbiais, diferentemente dos aspectuais, como os modalizadores (talvez, realmente, provavelmente, possivelmente, praticamente etc.) e os focalizadores (também, só, justamente, até etc.) que, também, definem o aspecto. Em "Liza praticamente comeu a maçã", o "praticamente", apesar de não ser classificado como advérbio aspectual, dá à sentença uma ideia de aspecto imperfectivo, uma vez que modifica a ideia perfectiva do pretérito perfeito em "comeu", passando a indicar que a ação de comer não se completou. O aspecto focalizador "até", em "João Antônio anda até o fim da rua", também modifica uma ideia de atelicidade presente na ação de "andar". Por conta do "até o fim da rua", o verbo que era caracterizado como *activity*, na classificação de Vendler (1967), passa a ser *accomplishment*.

Essas observações indicam que todo advérbio deve ser analisado cuidadosamente quando o objetivo for classificar o aspecto da sentença. Outra questão importante sobre os advérbios é que, além de observar em que medida ele interfere no aspecto, é preciso verificar seu escopo e sua posição de realização, pois, se ele indica aspecto, sua posição sintática ajuda a definir a representação sintática do aspecto.

Se o aspecto, por meio do advérbio, pode estar representado em um SC, SPrep ou SV, é preciso verificar se essa realização sintática do aspecto fixa posições hierárquicas, como sugere Cinque (1999), uma vez que o aspecto seria, nessa perspectiva, uma categoria funcional. As possibilidades, até agora são: (1) o aspecto concentra-se na posição inicial ou final da sentença, quando o aspecto for representado por um SC ou SPrep; (2) o aspecto é indicado próximo aos verbos, quando for um acréscimo de uma camada de SV.

Como afirmam Rocha e Lopes (2015), a posição dos advérbios é estabelecida pelo "*cruzamento entre forma e função semântica dos adjuntos*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 172). Isso só reforça a importância de analisar, no *corpus* desta pesquisa, não só as categorias como verbos, adjuntos e complementos de forma isolada, mas integradas ao contexto.

As autoras assumem que os adjuntos temporais (que também podem indicar aspecto) se juntam ao SF, acima de SV, como em:

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

12. *Até o professor naquele tempo queria que eu competisse* (DID POA) (ROCHA; LOPES, 2015, p. 175).

No entanto, para esse mesmo exemplo, elas assumem que "o professor" é tópico e não sujeito na posição de especificador de SF e que se pode constatar essa análise quando se duplica o sujeito, fazendo com que a sentença fique "o professor naquele tempo ele queria que eu competisse". O questionamento que este livro faz nesse momento é: se o advérbio "naquele tempo" está acima do sujeito, ele não estará em SF, mas em SC. Consequentemente, o aspecto representado pelo advérbio em SC estará em posição inicial, assim como em outros exemplos apresentados. Dessa forma, poderia se afirmar que o aspecto pode se realizar também em SC?

Quanto aos advérbios aspectuais, elas afirmam que eles ocupam preferencialmente alguma das quatro posições: antes do verbo, entre verbo auxiliar e verbo principal, após o verbo ou após o complemento, sem perder de vista que os sentidos se alteram em função do escopo do advérbio (ROCHA; LOPES, 2015, p. 176).

13. *Pedro ainda não tinha visto o filme.*
14. *Pedro não tinha ainda visto o filme.*
15. *Pedro não tinha visto ainda o filme.*
16. *Pedro não tinha visto o filme ainda.*

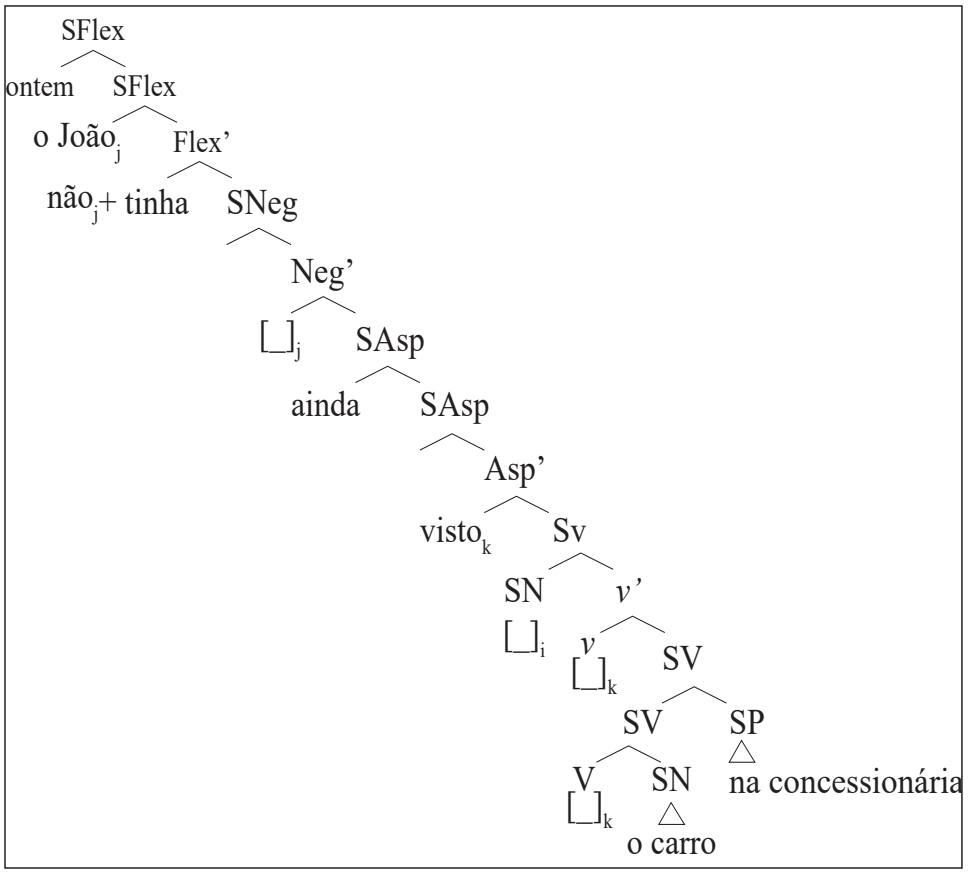
Quanto aos modalizadores, como em "Liza praticamente comeu a maçã", elas afirmam que "*eles podem ser gerados em adjunção a SV, mas podem, igualmente, se adjungir a projeções máximas mais altas, já que tendem a se concentrar em posição pré-verbal*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 177). O que não fica claro, no texto delas é por que esses adjuntos são gerados e se movimentam ao invés de já serem gerados em sua posição "final", na forma como aparecem após *Spell out*?

Por fim, as autoras trazem uma informação interessante que se assemelha à teoria de Cinque. Até o momento, elas assumem que os advérbios se adjungem a algum sintagma já existente como o SC, SPrep e SV. No entanto, abrem uma seção especial para tratar da negação e do aspecto.

De acordo com as autoras, a justificativa para que elas assumam que o SAsp tem um nódulo é "*o fato de que as línguas naturais dividem os eventos em perfectivos e imperfectivos*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 183). Por outro lado, elas afirmam que não há como fazer uma representação única de SASp em que todas as situações possam ocorrer. A contribuição delas, nesta obra, em relação à representação sintática do aspecto, é a seguinte:

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Figura 16 – Sintagma Aspectual



Fonte: Rocha e Lopes (2015, p. 184).

Segundo as autoras, os advérbios aspectuais ocupam preferencialmente uma das seguintes posições: pré-verbal, adjungido a SF; entre dois verbos, adjungido a SAsp ou na posição pós-verbal, adjungido a SV.

4.3 O estudo do advérbio para este livro

Este volume assumirá a teoria da Hipótese do Especificador. Como se viu, os advérbios são considerados especificadores de projeções máximas de sintagmas funcionais. Isso ocorre porque eles são considerados traços que precisam passar pela checagem no momento da derivação. Com isso não podem estar numa posição de adjunto, exercendo uma função acessória.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Em concordância com a Teoria de Hornstein (2003), os advérbios, na verdade, são traços de tempo e, por vezes, eles indicam a temporalidade da sentença em detrimento da flexão verbal. Dessa forma, os advérbios precisam ocupar a posição de especificadores, uma vez que, como adjuntos não haveria necessidade de checagem de traços numa relação com os núcleos sintagmáticos. Ainda assim, admite-se que, por vezes, o advérbio possa parecer à direita do verbo. Porém, isso ocorre quando os advérbios não apresentam efeito de escopo, como os de lugar, por exemplo.

Sobre a teoria de Cinque, apresentada aqui, esta tese parte do pressuposto que os advérbios são especificadores e podem ter uma hierarquia na sua ocorrência. Ainda sobre Cinque, apesar de haver estudos em várias línguas sobre a hierarquia dos advérbios e que para a Teoria Gerativa isso possa ser suficiente, pois se ocorreu, mesmo que poucas vezes e/ou poucas línguas, indica que precisa ser explicado por uma teoria que pressuponha uma gramática mental. Acredita-se, no entanto, que é preciso verificar em mais línguas, principalmente, em línguas mais conhecidas e populares. Nota-se que os registros de Cinque foram feitos em línguas menos conhecidas e isso restringe a possibilidade de comprovação por outros pesquisadores

Por fim, conforme Rocha e Lopes (2015), o advérbio é um tema em que a sintaxe e semântica precisam ser levadas em conta na definição de posições sintáticas relativamente fixas. Isso reforça a importância da metodologia nesta obra, por optar em trabalhar com a sentença inteira e não só os verbos, ao pesquisar aspecto. Acredita-se que advérbios e complementos têm papel importante no estudo do aspecto.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

5 METODOLOGIA

O objetivo geral desta obra consiste em demonstrar a representação do aspecto verbal no Sistema Computacional, ou seja, mapear a sintaxe das construções aspectuais. Pretende-se, como um dos objetivos específicos, descrever as relações sintáticas entre o aspecto e demais categorias como tempo e advérbio. Objetiva-se também investigar as relações entre o aspecto e os tipos de verbos, prioritariamente os inergativos e inacusativos e entre o aspecto e os argumentos internos. Por fim, pretende-se propor uma configuração que dê conta da representação do aspecto na Sintaxe. Para isso, a pergunta-problema da pesquisa foi: como o aspecto verbal é representado na Sintaxe e quais são as relações mais relevantes entre aspecto e as demais categorias funcionais e lexicais?

A fim de promover-se didatismo e clareza, o objetivo geral e os objetivos específicos serão reapresentados no quadro a seguir:

Quadro 13 – Objetivos da pesquisa

Objetivo Geral	Demonstrar como se dá a representação do aspecto verbal à luz da Teoria Gerativa.
Objetivos Específicos	Entender como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro; Verificar se os demais elementos que constam no Sintagma Verbal, como advérbios e complementos, podem determinar telicidade ou atelicidade e, se sim, em que medida isso se dá. Delimitar a relação entre (a)telicidade e as estruturas inacusativa e inergativa. Identificar a relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade, à medida que muitas formas verbais télicas surgem na forma perfectiva.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses objetivos específicos se fazem necessários, uma vez não será possível compreender como o aspecto verbal é representado na Sintaxe sem ter clareza do conceito dele e das relações existentes entre aspecto e demais elementos da sentença. Espera-se, portanto, que, com esse estudo, seja possível, efetivamente, propor a representação do aspecto no Sistema Computacional, tomando como base os pressupostos da Teoria Gerativa.

A publicação desta obra justifica-se pelo fato de que "*pouca atenção tem sido dada à categoria de aspecto*" (TRAVAGLIA, 2006, p. 15) e, "na *verdade, ainda existem muitas questões teóricas e metodológicas em plena discussão entre os estudiosos do gerativismo interessados no Sistema Computacional*"

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

(KENEDY, 2013, p. 248). Apesar de as pesquisas sobre aspecto terem sua frequência aumentada nos últimos anos, como mesmo foi afirmado na introdução deste livro, vê-se que, para a categoria "tempo", há na literatura um conjunto de estudos muito mais amplo do que para a categoria "aspecto". Isso ocorre de maneira geral e também no âmbito dos estudos gerativistas.

Sobre aspecto verbal, em português brasileiro, é mais comum encontrar livros que objetivam a descrição do aspecto trazendo um conceito mais voltado para uma abordagem funcionalista. Nesse sentido, este material pretende contribuir para os estudos formalistas com a abordagem de um tema que leva em consideração não só definições, bem como suas relações com outras categorias e também sua representação no módulo linguístico.

Com os resultados, espera-se, portanto, contribuir no aprimoramento do poder descritivo e explicativo do Programa Minimalista da Teoria Gerativa. Isso só se torna possível, pois o Programa Minimalista "*se trata de um programa de pesquisa aberto, que poderá reformular-se continuamente na busca de melhor descrição possível de nossa cognição linguística*" (KENEDY, 2013, p. 248). Este livro justifica-se, também, devido ao aprimoramento do modelo gerativista, pois a Gerativa é considerada, ao lado de tantas outras, uma Teoria recente, com pouco mais de 50 anos de vida.

Outra contribuição desta obra baseia-se no método a ser utilizado. A pesquisa terá uma abordagem qualitativa e quantitativa. A abordagem quantitativa será de grande valia, pois com ela os dados serão confrontados e ter-se-á uma probabilidade formal a respeito das ocorrências de aspecto. Essa abordagem não tem sido comum, uma vez que o tema aspecto verbal, geralmente, é demonstrado a partir de exemplos de sentenças ou verbos isolados nos textos acadêmicos e, em sua maioria, poucos exemplos. É momento de quantificar e analisar as ocorrências para que o estudo do aspecto verbal evidencie enunciados mais confiáveis, em relação às ocorrências.

Como hipótese inicial de trabalho, acredita-se que o aspecto verbal semântico possa se dar a partir de traços vindos do léxico que são recebidos em posições argumentais, temáticas e de Caso, como já foi debatido no capítulo um. Ou seja, o aspecto semântico é gerado a partir das relações entre os elementos de uma sentença em formação. Espera-se também poder afirmar que o aspecto verbal não é uma questão apenas do verbo, mas de todo o SV, como foi visto no primeiro capítulo.

Outra hipótese é a de que o aspecto gramatical possa ser determinado através de traços ou morfemas que, simultaneamente, determinam tempo, modo e aspecto, como é o que ocorre com as desinências verbais de modo, tempo e aspecto. Acredita-se que tais processos de geração do aspecto verbal possam ocorrer em operações, como *merge* ou *move,* no momento da formação

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

de sentenças. E, por fim, espera-se verificar a relação (a)telicidade e estrutura inergativa e inacusativa, uma vez que a teoria sugere que as estruturas inacusativas tendem a ser télicas. Para poder responder às questões propostas e comprovar ou refutar as hipóteses descritas acima, serão analisados inquéritos do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro[87]). Assim, essas questões de competência linguística serão analisadas através do desempenho dos falantes nos inquérito. Na primeira seção da análise dos dados, foram estudados 90 ocorrências de SV. Na segunda etapa do trabalho, mais 124 ocorrências e a terceira etapa foi constituída por 106 ocorrências.

5.1 O NURC

O NURC – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro-, que está disponível *on-line*, teve o objetivo de estudar a variante culta da língua portuguesa. O acervo do projeto é constituído de inquéritos a partir de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90. A digitalização do material se deu para a análise de estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos da oralidade e para que estudiosos, no futuro, pudessem estudar a língua falada do século XX.

Esse material representa o desempenho linguístico de falantes dos sexos feminino e masculino, nascidos no Rio de Janeiro, todos com nível superior completo, distribuídos em três faixas etárias – de 25 a 35 anos, de 36 a 55 e 56 anos em diante. As gravações foram feitas em três situações: aulas e conferências, diálogos informais e entrevistas. O Arquivo Sonoro da fala do Rio de Janeiro é constituído por 394 entrevistas com 493 informantes. As entrevistas são compostas de 238 (60,4%) do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID), 99 (29,1%) do tipo Diálogo entre dois informantes (D2) e 57 (14,4%) de Elocuções formais (EF).

5.2 Amostra

Os inquéritos do NURC constituem o universo do qual as amostras foram retiradas. A amostra foi composta por quatro inquéritos, todos em situação de entrevista do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID). O tema do primeiro inquérito é sobre moradia; o segundo fala sobre animais e rebanhos; o terceiro, sobre cidade e comércio; e o último sobre cinema, televisão, rádio, teatro, circo.

O primeiro inquérito é diferenciado, pois foi analisado separadamente dos demais e é muito importante, uma vez que representou uma análise

87 Será apresentado na próxima seção.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

experimental nesta pesquisa. Tentou-se fazer uma análise "*tão exaustiva quanto possível*", como sugere Guy e Zilles (2007, p. 39). O objetivo desta primeira amostra foi testar as hipóteses iniciais de pesquisa, descartar ou acrescentar, se necessário, outros fatores que podem influenciar o aspecto verbal, pois, segundo os autores,

> Não se deve esperar concluir a análise definitiva na primeira tentativa. Pelo contrário, [...] hipóteses serão formuladas, testadas e refinadas, talvez algumas sejam descartadas e outras novas, criadas. Isso pode levar à incorporação de fatores ou grupos adicionais à análise (GUY; ZILLES, 2007, p. 39).

Dos três outros inquéritos, foram tomadas 55 frases com 154 orações e foi analisado o SN, SV e, quando havia, SADV. Neste segundo momento, a seleção não foi aleatória como no primeiro, uma vez que os resultados referentes à primeira amostra sugeriram influências de determinadas variáveis sobre outras. A amostra foi sistemática, já que as sentenças foram retiradas do inquérito a partir de um esquema preestabelecido. O critério, no segundo momento, foi de selecionar sentenças no modo *realis* que tivessem verbos inacusativos e inergativos, que, ocasionalmente, tivessem advérbios e que os verbos de ligação no interior de sentenças selecionados não entrassem na análise, uma vez que o foco do trabalho seriam verbos que selecionam argumentos que podem influenciar na telicidade ou atelicidade.

Para a amostra, foram definidas sete variáveis qualitativas nominais[88] a serem analisadas. Foram elas: (1) aspecto gramatical (perfectivo/imperfectivo), (2) aspecto lexical (télico/atélico), (3) tipos de verbos (transitivos, inacusativos, inergativos), (4) modo (*realis/irrealis*), (5) argumentos externos e (6) internos e (7) advérbios presentes nas sentenças. As variáveis foram cruzadas e quantificadas tanto em números absolutos e relativos.

5.3 Cruzamento de dados

As variáveis a serem analisadas, já enumeradas na seção anterior, passarão por um cruzamento dos dados referentes a cada uma delas. Assim, a ocorrência de aspecto gramatical perfectivo será cruzada com a ocorrência de aspecto semântico télico e atélico. Da mesma forma, a ocorrência de aspecto gramatical imperfectivo será cruzada com a ocorrência de aspecto semântico télico e atélico. O objetivo deste cruzamento é verificar a relação existente estre as classificações de aspecto gramatical e aspecto semântico, ou seja,

88 As variáveis qualitativas são aquelas distribuídas em categorias expressas por palavras. Quando elas são nominais podem ser especificadas em qualquer ordem, diferentemente das ordinais.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

se a carga semântica télica ocorre com mais frequência na forma gramatical perfectiva e se a carga semântica atélica ocorre com mais frequência na forma gramatical imperfectiva.

Outro cruzamento de dados será feito com os verbos transitivos, inacusativos e inergativos. Pretende-se cruzar a ocorrência destes tipos de verbos com a telicidade. O objetivo desse cruzamento de dados é testar a hipótese de que há relação entre aspecto télico e verbos inacusativos e aspecto atélico e verbos inergativos.

Haverá também o cruzamento de dados de sentenças com advérbios e sem advérbios, com o objetivo de verificar se a presença de advérbio, principalmente os advérbios aspectuais, pode influenciar na telicidade da sentença.

5.4 O Varbrul e a análise quantitativa dos dados

Após a definição das variáveis a serem investigadas, para cada cruzamento define-se a variável dependente, que é o que se quer medir; e a variável independente, que é o que influencia a medição. Após a enumeração de possíveis grupos de fatores que podem causar efeito no comportamento das variáveis dependentes, é momento de "*testar o efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente. Portanto trata-se de análises univariadas*" (GUY; ZILLES, 2007, p. 98). Neste livro, haverá análises univariadas. Todavia, como também se quer saber o efeito combinado dessas variáveis, haverá análise multivariada, isso porque ela "*permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes*" (GUY; ZILLES, 2007, p. 105), como é o caso desta obra. Vê-se que, neste volume, uma variável dependente (por exemplo, a telicidade) pode ser influenciada por outras variáveis independentes (perfectividade, presença de verbo inacusativo, presença de advérbio aspectual etc.). Para essas situações, usa-se o Varbrul que é "*um conjunto de programas computacionais de análise multivariada*" (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

> O Varbrul contribui para a construção de um modelo matemático dos dados- de fato, é desenhado para isso. A modelagem matemática desse tipo é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na estatística; vai muito além do mero objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral – e testável – de como funciona um sistema inteiro. [...] O Varbrul é uma ferramenta especificamente estruturada para facilitar tal atividade teórica do linguista (GUY; ZILLES, 2007, p. 107).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O Varbrul, portanto, foi a ferramenta escolhida para ser utilizada na abordagem quantitativa dos dados, uma vez que os objetivos específicos deste estudo pretendem verificar e descrever em que medida determinadas variáveis influenciam na ocorrência de outras. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 105), "*o programa também permite o pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes*". Como o Varbrul facilita a construção de um modelo quantitativo dos processos linguísticos, será a partir dele que as hipóteses serão testadas, neste primeiro momento.

Dessa forma, com a primeira amostra de 90 verbos, objetivou-se responder às questões propostas na tese a partir de testes não paramétricos[89]. Portanto, como ainda não se conhecia a população investigada, no caso, o aspecto verbal no Português Brasileiro (PB), através das sentenças do NURC, optou-se por um teste não paramétrico, o teste do X^2 (Chi-quadrado). Esse teste informa com que certeza os valores observados podem ser aceitos como regidos pelas teorias estudadas até então. Com ele, pretende-se verificar a relação entre os aspectos gramatical e lexical e também entre os tipos de verbos (inacusativos e inergativos) e os aspectos semânticos (télico e atélico).

Com os resultados da primeira amostra, tendo então dados sobre a população estudada e, juntamente com os da segunda amostra, com 124 ocorrências e os da terceira amostra, também com 106 ocorrências, pretende-se aplicar, no segundo momento, um teste paramétrico[90]. Ele é aplicado com o objetivo de verificar se há alguma diferença significativa entre os resultados observados. Com um teste paramétrico, espera-se confirmar, com mais segurança, os resultados do primeiro grupo, podendo, assim, com um grau de confiança maior, reproduzir a realidade das amostras a toda população de aspecto verbal no PB.

A importância de uma segunda e terceira amostra está no fato de se poder observar e comparar esses resultados com os obtidos na primeira análise. Com três amostras, poderá ser constatado, com um grau de certeza maior, se os resultados entre uma amostra e outra são semelhantes. Caso isso ocorra, é uma demonstração de que os resultados são confiáveis e podem refletir, com segurança, o comportamento do aspecto verbal de maneira generalizada, ou seja, determinar a probabilidade de ocorrência das classificações de aspecto gramatical com as classificações de aspecto semântico, a ocorrência de verbos inacusativos e inergativos com os aspectos semânticos télico e atélico e a influência dos advérbios na telicidade de uma sentença.

O próximo capítulo apresentará os dados obtidos após a utilização do Varbrul e a análise dos resultados.

89 Avaliam proposições sobre a natureza da distribuição dos valores populacionais. Neles se avalia se as frequências observadas diferem significativamente daquelas definidas pela teoria e calculadas com base no que se propõe na hipótese nula.

90 Testes que dependem de certos parâmetros das populações ou das probabilidades de distribuições.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA AMOSTRA I

Como ponto de partida para a análise dos dados, foi selecionado, aleatoriamente, um inquérito[91] do NURC. Com esse inquérito inicial, selecionaram-se alguns parágrafos e seus verbos. Nessa primeira seleção, os verbos foram classificados em télico/atélico, perfectivo/imperfectivo, transitivo/inergativo/inacusativo e modo *realis/irrealis*. Verificou-se, também, se havia adjunto adverbial modificando o verbo.

Este capítulo seis dedica-se à análise da primeira amostra. É uma análise detalhada e minuciosa, necessária ao estudo do aspecto. Tentou-se, neste capítulo, com uma única amostra, alcançar os quatro objetivos específicos da tese, porém de maneira inicial[92].

Assim, primeiramente, foi feito um cruzamento entre categorias relevantes no estudo do aspecto: modo verbal, tipo de verbo e aspectos gramatical e lexical (6.1). Em seguida, tem-se uma breve conclusão sobre a relevância da categoria modo no estudo do aspecto (6.2). Mais adiante (6.3), a análise desses cruzamentos é feita utilizando o Varbrul e o Teste X^2 (Qui-quadrado), oferecendo mais confiabilidade aos resultados encontrados. Nessa seção do livro, além das variáveis *aspecto* e *tipos de verbos*, inseriu-se o *advérbio*, com o objetivo de investigar se a presença dele, nas sentenças, poderia influenciar a classificação do aspecto. Cada resultado do Varbrul é comentado e parte-se, na seção 6.4, para uma nova possibilidade de análise do verbo: se várias ocorrências com o mesmo verbo, porém, com sentidos diferentes, podem apresentar aspectos distintos. Essa possibilidade é posta no intuito de verificar se o aspecto é composto pelo verbo apenas ou se o complemento pode influenciar o aspecto. Por fim, na seção 6.5, verifica-se o aspecto em verbos plenos e perífrases para observar, no caso de uma perífrase, se a manifestação do aspecto pode se dar nos verbos auxiliares assim como nos verbos principais.

No final do capítulo, há algumas considerações que já poderão ser feitas no estudo, em relação a essa primeira amostra.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

91 Inquérito 0101- duração 43 minutos – do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID) – locutor 116- data do registro: 21 de setembro de 1972, com o tema "casa".

92 1- Entender como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro; 2- Verificar se os demais elementos que constam no Sintagma Verbal, como advérbios e complementos, podem determinar telicidade ou atelicidade e, se sim, em que medida isso se dá; 3- Verificar a relação entre (a)telicidade e as estruturas inacusativa e inergativa; 4- Verificar a relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade, à medida que muitas formas verbais télicas surgem na forma perfectiva.

6.1 Classificação dos verbos

Na primeira análise, foram tomados 97 verbos. No entanto, dessa seleção, foram eliminados verbos como "não *é*?", "*sabe*?", considerados como elementos fáticos, totalizando 90 na seleção final. Ao transpor a tabela para o programa *Excel*, em uma segunda etapa, os verbos foram classificados quanto ao aspecto gramatical (perfectivo/imperfectivo), aspecto lexical (télico/atélico), modo (*realis/irrealis*) e tipo de verbo (transitivo, inergativo, inacusativo) objetivando uma primeira análise. Dos 90 verbos tomados, tem-se a seguinte classificação:

Quadro 14 – Classificação dos verbos

MODO	ASPECTO GRAMATICAL	ASPECTO LEXICAL	TIPO DE VERBO
Realis= 90%	Perfectivo=37%	Télico=32%	Transitivo=54%
Irrealis=6%	Imperfectivo=42%	Atélico=67%	Inacusativo=30%
Nulo*=4%	Nulo=20%*		Inergativo=15%

Fonte: Dados da pesquisa.
* Verbos no infinitivo.

Pela tabela acima, é possível constatar que quase 90% dos verbos selecionados estão no modo *realis*, 6% no modo *irrealis* e 4% foram considerados nulos, pois estavam no infinitivo. Com esse primeiro dado, já é possível considerar que o universo dos verbos *realis* precisará de uma atenção maior nessa amostra, uma vez que o *realis* é predominante no PB. Sobre o aspecto gramatical, após eliminar os verbos nulos, vê-se que a média é de quase 50% de verbos imperfectivos e 50% de verbos perfectivos. Já no que diz respeito ao aspecto lexical, quase 70% das formas verbais analisadas são de natureza atélica e pouco mais de 30%, télica.

Por fim, sobre os tipos de verbos, mais da metade são transitivos (54%), seguido dos inacusativos (30%), ou seja, só apresentam argumento interno e 15% são verbos inergativos, pois apresentam apenas argumento externo. Ressalta-se, mais uma vez, a relevância dessa categoria na investigação das relações entre tipo de verbos e aspecto, já que há estudos relacionando os verbos inergativos com o ponto de início da ação determinada pelo agente (atelicidade) e verbos inacusativos com o ponto de término da ação, em que apenas o resultado da ação é fixado (telicidade).

Verificou-se a associação dos aspectos para o mesmo verbo em cada sentença, com o objetivo de verificar se o mesmo verbo télico é, na maioria das vezes, também perfectivo e se o mesmo verbo atélico é, em grande parte, imperfectivo. A tabela, a seguir, exemplifica algumas ocorrências de cada classificação.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Quadro 15 – Exemplos de ocorrências de aspectos gramatical e semântico

TELICO + PERFECTIVO (T+P)	"Depois aumentou a sala até o fundo [...]". "... a pessoa que comprou antes de mim fez as reformas todas que eu teria feito".
TELICO + IMPERFECTIVO (T+I)	"...vou ao mercado [...]". "...vou com o carro lá".
ATÉLICO + PERFECTIVO (A+P)	"Mas, eh, quer dizer, agora ela finalmente ficou tudo como eu queria". "Eu soube que a casa estava pra vender".
ATÉLICO + IMPERFECTIVO (A+I)	"É claro que também eu trabalho mesmo num horário menor, mas não ganho a mesma coisa que um redator que trabalha o dia inteiro, eu acho perfeitamente justo, né?". "Agora estou aumentando a cozinha que era pequena [...]".

Fonte: Dados da pesquisa.

Este quadro demonstra como a classificação do aspecto não pode ser estanque e rígida, baseada apenas em um determinado ponto, como um morfema ou a semântica do verbo por si só. O exemplo "vou ao mercado" apresenta o verbo "ir" que, semanticamente, é atélico, não tende a terminar. Porém, o complemento adverbial "ao mercado" delimita um fim à ação de ir. Por isso, ele foi classificado como télico.

Da mesma forma, o exemplo "Eu soube que a casa estava pra vender" apresenta um verbo de estado "saber", portanto, atélico. Não obstante essa classificação, de uma ação que não tende a um fim, o morfema indica perfectividade, ou seja, o ME ficou no passado e não dura até o presente.

No último caso "[...] um redator que trabalha o dia inteiro [...]", o verbo "trabalhar", naturalmente expressa uma situação atélica, levando em conta sua semântica. E o advérbio "o dia inteiro" poderia ser indicação de telicidade, por ter um evento medidor. Porém, esse advérbio é indicação de habitualidade que expressa uma duração descontínua ilimitada, conforme Travaglia (2006), assim, consequentemente, expressa atelicidade.

6.2 O cruzamento de dados

O objetivo, neste momento, é compreender em que medida há relações entre categorias que podem influenciar o aspecto da sentença. A partir das variantes selecionadas (aspecto gramatical, aspecto semântico, tipo de verbo e modo) e do valor relativo de ocorrências de cada uma, serão feitos cruzamentos. Espera-se identificar se há correlação positiva entre as variantes, ou seja, se o aumento de ocorrência de determinada variante incide no aumento da ocorrência da outra variante também.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

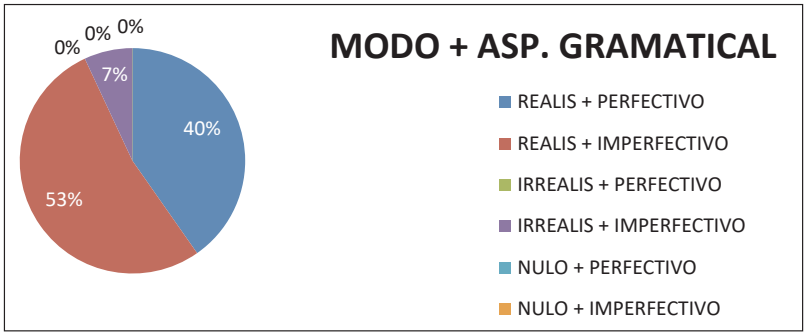
Com o objetivo de investigar a correlação[93] entre as variantes, serão utilizados dois tipos de regressões lineares: simples e múltipla. A simples será utilizada para medir a interdependência de uma variável (Ex.: aspecto perfectivo ou imperfectivo) e outra (Ex.: aspecto télico ou atélico).

Já na regressão linear múltipla, serão utilizadas diversas variáveis (Ex.: aspecto perfectivo e télico) para estimar outra variável (Ex.: verbo inacusativo). Para isso, serão apresentados, em seguida, gráficos e diagramas com o cruzamento dos dados e a análise de cada cruzamento.

6.2.1 O modo verbal e sua relação com outras categorias

Nesta segunda etapa da investigação, o objetivo foi comparar as ocorrências de uma categoria com outra. A primeira categoria a ser comparada foi de modo verbal, seguindo a ordem da primeira tabela deste capítulo. Ao compará-lo com a categoria de aspecto gramatical, como mostra o gráfico a seguir, vê-se que o modo *irrealis* não apresenta quantidade significativa na amostra, ele representa apenas 7% de todas as ocorrências.

Gráfico 1 – Cruzamento de Modo e Aspecto Gramatical



Fonte: Resultado da pesquisa.

Até aqui, pode-se afirmar que o modo *irrealis* representa apenas 7% de toda amostra e só aparece com os verbos imperfectivos. Já no modo *realis*, verificou-se que 40% deles também são perfectivos [*comprou*[94]*, pôde fazer*], enquanto 53% dos verbos *realis* são imperfectivos [*acontece*, *estava morando]*. Levando em conta esses dados que demonstram que a ocorrência de aspecto se dá, em sua maioria, no modo *realis*, pois o imperativo e o subjuntivo, por representarem ordem, dúvida ou desejo não marcam aspecto, esta tese contabilizará apenas os verbos no modo *realis*.

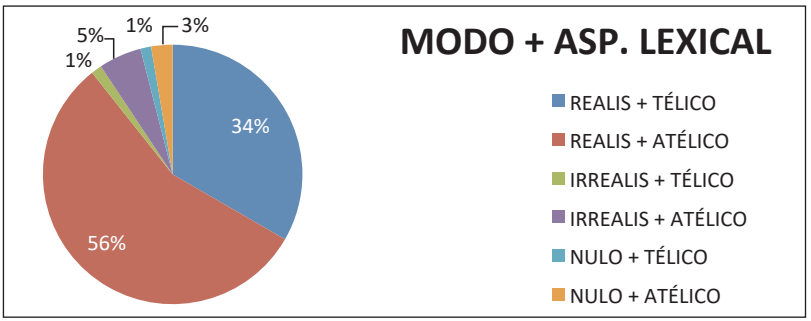
93 Correlação é o conceito utilizado para se determinar se há, ou não, uma relação estatística significante entre duas variáveis.

94 Sempre que possível, os exemplos serão demonstrados. E quando necessário, toda a sentença (incluindo argumentos externos, internos e adjuntos) será trazida para o leitor. Isso não será feito a todo o momento, na tentativa de tornar o texto mais corrente e menos fragmentado e extenso.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O gráfico a seguir apresenta o cruzamento das variantes modo e aspecto lexical:

Gráfico 2 – Cruzamento de Modo e Aspecto Lexical

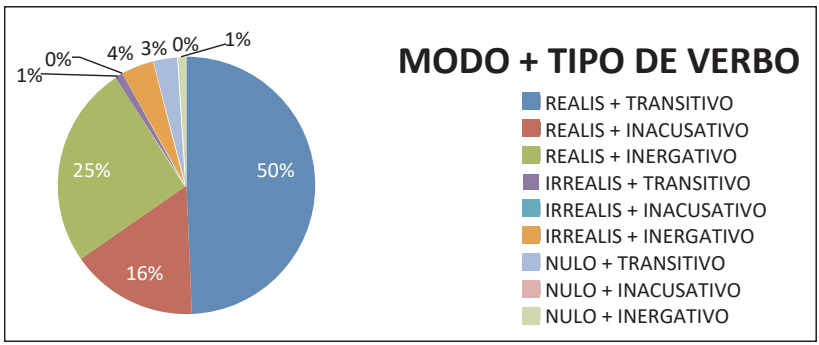


Fonte: Resultado da pesquisa.

Na análise do modo verbal com o aspecto lexical, constata-se que o modo *irrealis* também é pouco frequente. Vê-se que 34% dos *realis* são também télicos [*eles desistiram de vender*] contra 56% dos *realis* que são atélicos [*E então me conformei a continuar lá em Copacabana, ficou morando na casa ao lado*]. Isso também se percebe quando se compara a porcentagem de *realis* que também são imperfectivos (53%), [*a casa estava pra vender, a cozinha que era pequena,*] e *realis* que são atélicos (56%), [*o bom disso é a gente não ter nada da gente, né?]*. Essa porcentagem se assemelha com a de tipos de aspecto na amostra independente do tipo de modo.

Na análise de modo com tipo de verbo, como mostra o gráfico abaixo, o *realis* e também transitivo (50%) [*eu tentei oferecer um sinal maior a ela*] supera a soma do *realis* e inacusativo (16%) [*acontece que antes disso eu já tinha estado interessada*] juntamente com *realis* e inergativo (25%) [*Eu trabalhava no Diário carioca*]. Essa porcentagem também se assemelha com a do tipo de verbo, independentemente do modo.

Gráfico 3 – Cruzamento de Modo e Tipo de verbo



Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Até o momento, pode-se constatar que o modo verbal não parece ser um elemento que tenha significativa influência no aspecto lexical, gramatical ou no tipo de verbo da sentença. A quantidade de verbos em cada variante não apresentou mudanças significativas, após a inserção da categoria "modo" na análise. Parece que a formação e indicação do aspecto independe do modo verbal. Dessa forma, ratifica-se que o modo verbal não será mais variante independente a ser observada no decorrer do trabalho, neste livro[95].

6.3 O cruzamento de dados utilizando o Varbrul

Com a definição das variáveis que continuarão a ser investigadas, inicia-se a análise com o auxílio de testes de significância. Para isso, introduzem-se duas hipóteses nulas:

a) as categorias aspecto semântico e aspecto gramatical não mantêm relação entre si;
b) os verbos inacusativos e inergativos não apresentam correspondência com telicidade e atelicidade, respectivamente.

E para cada hipótese nula, há uma hipótese alternativa correspondente:

c) as situações télicas tendem a ser mais perfectivas e as situações atélicas tendem a ser mais imperfectivas;
d) os verbos inacusativos tendem a ser télicos e os verbos inergativos tendem a ser mais atélicos.

Com os resultados iniciais, obtidos na primeira seção, inseriram-se os dados no programa Varbrul. Nesse momento, a variante "modo (*realis/irrealis*)" não foi mais considerada na análise. Os dados foram inseridos nas células do programa, a partir de grupo de fatores, da seguinte forma:

e) aspecto perfectivo (P), imperfectivo (I) e verbos no infinitivo (N);
f) verbo inergativo (G), inacusativo (C) e transitivo (V);
g) presença de um advérbio na sentença (1), dois (2), três (3) ou nenhum (0).

O valor de aplicação foi TA, ou seja, aspecto (T)élico e (A)télico. Isso significa que o programa utilizou como referência, na análise multivariada, essas duas variáveis. Tem-se, a seguir, o resultado e posteriormente, no próximo tópico, as análisev

95 Levando em conta que a categoria modo foi eliminada do estudo, preferiu-se iniciar o cruzamento de dados com essa categoria. Assim, o tema não será retomado mais no trabalho.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tabela 1 – Resultado da primeira amostra

Group		T	A	Total	%
1 (2)					
P	N	19	15	34	37
	%	55	44		
I	N	6	32	38	42
	%	15	84		
N	N	4	14	18	20
	%	22	77		
Total	N		29	61	90
	%	32	67		
2 (3)					
V	N	23	26	49	54
	%	46	53		
C	N	2	25	27	30
	%	7	92		
G	N	4	10	14	15
	%	28	71		
Total	N		29	61	90
	%	32	67		
3 (4)					
0	N	23	52	75	83
	%	30	69		
1	N	4	7	11	12
	%	36	63		
3	N	0	2	2	2
	%	0	100	* KnockOut *	
2	N	2	0	2	2
	%	100	0	* KnockOut *	
Total	N		29	61	90
	%	32	67		
Total	N		29	61	90
	%	32	67		

Fonte: Resultado da pesquisa.

6.3.1 Aspecto gramatical

O grupo um refere-se à análise de aspecto perfectivo (P), imperfectivo (I) e verbos no infinitivo (N[96]) com o cruzamento dos dados de aspecto télico e atélico. Em cada linha horizontal tem-se dois números. O número de cima indica a quantidade de ocorrências marcadas com número absoluto e o número de baixo indica a quantidade de ocorrências em porcentagem. Nessa fase, o resultado indicou que 84% dos verbos com aspecto verbal imperfectivo são também atélicos e 15% dos verbos com aspecto verbal perfectivo são também télicos. Resta saber agora com que certeza as frequências observadas diferem significativamente das definidas pela teoria. Para isso será aplicado, em seguida, o Teste X^2 (Qui-quadrado)[97].

As duas tabelas que seguem são referentes ao teste X^2. Como o teste é composto por vários cálculos e etapas, optou-se por demonstrar apenas a tabela dos dados observados, que se refere às classificações feitas a partir dos inquéritos, e a tabela dos dados esperados, que é calculada a partir dos dados observados[98].

Tabela 2 – Dados observados para X^2- aspecto gramatical

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	19	15	34
IMPERFECTIVO	6	32	38
TOTAL	25	47	72

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3 – Dados esperados para X^2- aspecto gramatical

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	12	22	34
IMPERFECTIVO	13	25	38
TOTAL	25	47	72

Fonte: Dados da pesquisa.

Aplicando a fórmula a seguir, referente ao X^2, para cada célula da tabela, tem-se:

96 Escolheu-se (N) para representar os verbos nulos, aqueles na forma infinitiva, uma vez que não apresentam aspecto gramatical.

97 A primeira tabela apresenta os dados observados absolutos e seus totais, portanto não há porcentagens.

98 Os cálculos não serão expostos, uma vez que se torna desnecessária toda a sua demonstração.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

$$X^2 = \sum \frac{(O - E)^2}{E}$$

X^2= 4,08 + 2,22 + 3,76 + 1,96 = 12,02

Observando então a tabela do X^2 (a seguir) e tomando o Nível de Significância (NS) de 0.5 que equivale a 95% de certeza[99] e o Grau de Liberdade (GL) 1, uma vez que a tabela é de quatro células, o valor relativo à interseção Nível de Significância e Grau de Liberdade é de 3.841 (como se vê abaixo na primeira linha da 5ª coluna de probabilidade)[100]. Como o resultado do X^2 foi **12,02** (que é maior que 3,841), deve-se rejeitar a hipótese nula de que aspecto gramatical e aspecto semântico não têm relação entre si.

Tabela 4 – Tabela do X^2

g1	Probabilidade					
	0,995	0,99	0,975	0,10	0,05	0,01
1	----	----	0,001	2,706	3,841	6,635
2	0,010	0,020	0,051	4,605	5,991	9,210
3	0,072	0,115	0,216	6,251	7,815	11,345
4	0,207	0,297	0,484	7,779	9,488	13,277
5	0,412	0,554	0,831	9,236	11,070	15,086
6	0,676	0,872	1,237	10,645	12,592	16,812
7	0,989	1,239	1,690	12,017	14,067	18,475
8	1,344	1,646	2,180	13,262	15,507	20,090
9	1,735	2,088	2,700	14,684	16,919	21,666
10	2,156	2,558	3,247	15,987	18,307	23,209
11	2,603	3,053	3,916	17,275	19,675	24,725
12	3,074	3,571	4,404	18,549	21,026	26,217

Fonte disponível em: <http://www.ufpa.br/dicas/biome/biopdf/bioqui.pdf>.

Esses cálculos são muito relevantes e trazem, de forma quantificada e objetiva, a certeza da relação entre as categorias imperfectivo/atélico. O fato de as categorias se relacionarem com 95% de certeza, no mínimo, é suficiente para afirmar que os verbos imperfectivos são, em sua maioria, atélicos. O que também se constata é que os verbos télicos parecem ocorrer mais na forma

99 Para que um resultado tenha significância, espera-se que ele represente, no mínimo, 95% de certeza.
100 Este trecho é uma descrição de uma parte do teste X^2 e seus cálculos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

perfectiva, no entanto, a diferença entre estes não foi tão expressiva quanto a diferença entre aqueles. Com esse resultado, é ideal que a amostra seja ampliada na tentativa de observar melhor a relação existente entre essas categorias.

A princípio, esse fenômeno leva a pensar que o aspecto semântico atélico, formado a partir do verbo e a seleção argumental, e a sensibilidade do Sistema Computacional, em perceber a natureza dos traços semânticos do complemento, tem mais chances de desencadear o surgimento da forma gramatical imperfectiva, recebendo o traço de aspecto [-perfectivo] e o traço de tempo [-passado].

Quando se toma o aspecto gramatical como sendo 100% dos verbos analisados, ou seja, a amostra sendo apenas de verbos com aspecto gramatical perfectivo e imperfectivo, como se viu nos resultados do Varbrul, no grupo um, os dados demonstram com mais certeza a relação entre atelicidade e imperfectividade e, em alguma medida, a de perfectividade e telicidade. A tabela a seguir traduz esse resultado.

Tabela 5 – Cruzamento dos aspectos perfectivo e imperfectivo[101]

IMPERFECTIVO	Télico	15%
	Atélico	84%
PERFECTIVO	Télico	55%
	Atélico	44%

Fonte: Dados da pesquisa.

A hipótese nula apresentada sobre a não relação entre as categorias de aspecto gramatical e semântico é rejeitada, em parte. Pretende-se confirmar essa postulação com a inserção de duas novas amostras, no próximo capítulo.

6.3.2 Tipos de verbo

Há indícios de que os verbos inergativos, por terem apenas um argumento externo agente, indicam majoritariamente o ponto de início da ação. Essa noção é marcada pela ideia do sujeito agente desencadeador da ação, como em frases como "João correu", "Liza caminhou até à escola". Independentemente de a ação ser considerada como *activity* ou *accomplishment* (como indicam, respectivamente, os exemplos anteriores), diante do fato de haver um sujeito agente com um verbo inergativo, subentende-se que há apenas o registro de uma ação que foi iniciada, ou seja, não se registra o fim da ação.

101 Nas somas, falta 1% em cada resultado para completar a totalidade de100%. A quantia que falta é representada pelos verbos no infinitivo que foram retirados neste momento.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Já com os verbos inacusativos, em que há apenas argumento interno, algumas teorias (ARAD; 1996) (CIRÍACO; CANÇADO, 2004) propõem o contrário. Com esses verbos, o complemento, com papel temático que, em geral, é de paciente ou objeto estativo, indica apenas o resultado de uma ação que já ocorreu (mesmo quando não se sabe quando e quem foi o agente). Os exemplos "A carta chegou", "O portão bate", "A bola rola", "O arroz queimou" e tantos outros não possuem um agente, mesmo que a posição de sujeito esteja ocupada. O que essas frases têm em comum é a existência de um argumento interno que ocupa a posição de sujeito. Em todos os casos acima, nenhum dos argumentos deliberadamente desencadeou a ação, quer dizer, não há traço semântico de volição. No primeiro exemplo, sabe-se que não foi a carta que chegou por si só, alguém desencadeou a ação da entrega da carta e, nesse sentido, só se tem o resultado dessa ação, que é a chegada dela. O mesmo acontece com o portão, ele sofre a ação que foi desencadeada por alguém ou algum elemento da natureza. Assim, sucessivamente, ocorre com a bola (algo a faz rolar) e também com o arroz (algo o fez queimar).

Em contrapartida, sabe-se que os verbos de estado e os considerados modais, mesmo quando têm uma sentença como complemento, seja ela infinitiva, com verbo no gerúndio, seja ela no particípio, são inacusativos. Portanto, esse perfil dos inacusativos corresponde, na maioria das vezes, com o aspecto atélico, considerando as classificações verbais de Vendler (1967).

Como se constatou, com o Varbrul, as formas verbais com aspecto semântico télico (32% de toda a amostra) se comportam da seguinte maneira:

a) télico + transitivo = 79%
b) télico + inacusativo = 7%
c) télico + inergativo = 14%

Já os atélicos (67%):

d) atélicos + transitivo = 43%
e) atélicos + inacusativo = 41%
f) atélicos + inergativo = 16%

Como se observa, os verbos transitivos estão na análise, no entanto, é importante ressaltar que o foco nesta pesquisa, em relação aos tipos de verbos, são os verbos inergativos e inacusativos. Entretanto, como a maior parte da amostra de tipos de verbos é composta pelos verbos transitivos, eles não foram desconsiderados.

O que se viu é que os inergativos ocorrem de forma equilibrada entre télicos e atélicos, nessa amostra. Porém, os inacusativos têm demonstrado um comportamento diferente ao da teoria. Os dados têm mostrado que, ao invés

de eles serem mais télicos, são mais atélicos. Isso provavelmente se deve ao fato de esta tese ter considerado uma gama maior de verbos inacusativos.

Devido ao resultado que difere do resultado das autoras Ciríaco e Cançado (2004), resolveu-se repetir o teste, retirando os verbos de ligação [*eu fui habituada em trabalho de jornal*], modais [*ela não pôde fazer isso*] e os auxiliares que apresentam como complemento outro verbo no infinitivo [*a casa estava pra vender*], gerúndio [*a proprietária não estava mais morando aqui*] ou particípio [*eu já tinha estado interessada*]. Com essa metodologia na aplicação, talvez os dados observados correspondessem aos dados esperados. Assim, um novo Teste X^2 foi aplicado, considerando os inacusativos prototípicos [*mas isso me facilita muito*], [*acontece que antes disso...*].

Tabela 6 – Dados observados para X^2- com verbos inacusativos prototípicos

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	2	6	8
IMPERFECTIVO	4	10	14
TOTAL	6	16	22

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 7 – Dados esperados para X^2- com verbos inacusativos prototípicos

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	2	6	8
IMPERFECTIVO	4	10	14
TOTAL	6	16	22

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo o mesmo processo de cálculos, com tabela de quatro células e tendo como referência o valor relativo à interseção Nível de Significância e Grau de Liberdade de 3.841, o resultado do X^2 foi 0. Partindo do pressuposto de que a distribuição de X^2 pode ser maior ou igual a zero, esse resultado demonstra que os desvios são nulos, ou seja, não há diferença significativa entre os dados observados e os dados esperados. Dessa forma, baseando-se nessa amostra, não existe diferença entre as frequências dos grupos observados e esperados, quer dizer, a hipótese nula não pode ainda ser descartada.

A partir desse resultado, podem-se depreender duas possibilidades: a primeira é a de que a hipótese nula realmente não pode ser desconsiderada, uma vez que realmente pode não haver relação entre verbo inacusativo e telicidade, como propõem algumas teorias, ou porque a presença de verbos inacusativos e

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

inergativos prototípicos nessa amostra foi pequena. Em números absolutos, dos 90 verbos analisados, apenas oito eram inacusativos prototípicos. Concluiu-se que este teste deveria ser repetido no segundo momento com a inserção de outra amostra. Essa primeira não ofereceu dados suficientes para esse estudo, uma vez que, com menos de 30 dados, os testes de significância podem denotar resultados divergentes (WOODS; FLETCHER; HUGHES, 1986).

Voltando ao resultado obtido no Varbrul, com referência aos tipos de verbos que é o grupo 2, tem-se:

Tabela 8 – Análise de tipos de verbos no Varbrul

Group		T	A	Total	%
2 (3)					
V	N	23	26	49	54
	%	46	53		
C	N	2	25	27	30
	%	7	92		
G	N	4	10	14	15
	%	28	71		
Total	N	29	61	90	
	%	32	67		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Observando agora apenas o grupo dois, que cruza os dados de tipos de verbos: V (transitivos), C (inacusativos) e G (inergativos), expostos na primeira coluna vertical, com aspecto semântico T (télico) e A (atélico), na primeira linha horizontal, nota-se que os verbos transitivos não tendem a ser mais télicos ou mais atélicos. A proporção de telicidade entre os verbos transitivos (V[102]) foi equilibrada, com 53% deles apresentando aspecto télico e 46% apresentando aspecto atélico. Sabe-se que ainda é cedo para obter conclusões, mas esse dado pode sugerir que os complementos de verbos transitivos não indicam, por si só, o aspecto semântico de uma sentença. Talvez, no caso de verbos transitivos, o advérbio possa ter mais influência para indicar um limitador do evento. Essa hipótese indica que é importante verificar a relevância do advérbio na marcação de aspecto, com verbos transitivos.

Já os verbos em estrutura inacusativa (C) e inergativa (G), focos do trabalho, até o momento confirmaram, em parte, a hipótese inicial da pesquisa. Os

102 (V) foi o símbolo escolhido para representar a categoria de "verbos transitivos", (C) representa verbos inacusativos, (G) verbos inergativos e (L) verbos de ligação.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

verbos inergativos demonstraram ser mais atélicos, mas os verbos inacusativos não demonstraram ser mais télicos, como foi proposto. Talvez inclusive seja relevante, e necessário, na coleta de novos dados, buscar de forma direcionada mais verbos inacusativos e inergativos nos inquéritos do NURC.

6.3.3 Advérbios

O último grupo de fatores a ser analisado é o dos advérbios, ou seja, o grupo 3. Como já foi dito, anteriormente, o que se tem no resultado do Varbrul são os grupos de fatores, no caso, os advérbios e seu efeito combinado com o aspecto semântico télico e atélico. Para isso, apresenta-se, nesse momento, a terceira hipótese nula:

c) o aspecto verbal é indiferente à presença e à quantidade de advérbios na sentença.

Considerando as teorias apresentadas sobre advérbio e a possibilidade de ele indicar noção de tempo e aspecto e até mesmo o fato de alguns se posicionarem à esquerda para checar traços formais, a hipótese alternativa é:

c) a presença e a quantidade de advérbios na sentença influenciam o aspecto.

Tabela 9 – Análise de advérbios no Varbrul

Group		T	A	Total	%	
3 (4)						
0	N	23	52	75	83	
	%	30	69			
1	N	4	7	11	12	
	%	36	63			
3	N	0	2	2	2	
	%	0	100	*	KnockOut	*
2	N	2	0	2	2	
	%	100	0	*	KnockOut	*
Total	N	29	61	90		
	%	32	67			

Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Como já foi explicado anteriormente, a variável 0 indica que não há nenhum advérbio na sentença, a variável 1 significa que há apenas um advérbio na sentença, a variável 2 indica a presença de dois advérbios e a 3 indica que há três advérbios. O resultado obtido para a variável 0 mostra que 69% das 75 sentenças sem advérbios são atélicas contra 30% sem advérbios que são télicas. Esse resultado é muito representativo, pois ele aponta para o indício de que, sem a presença de advérbios, apenas 30%, ou seja, a minoria das sentenças apresenta um elemento que limita a ação verbal.

As sentenças com um advérbio também apresentam um resultado interessante, 36% delas são télicas e 63% são atélicas. Até o momento, esse resultado sugere que a presença do advérbio pode fazer com que o aspecto da sentença se modifique. Isso seria coerente na medida em que se espera que um advérbio possa servir como um evento medidor ou mesmo ou de demonstração de atelicidade.

No entanto, com a presença de dois e três advérbios, ocorreu *knockout,* pois 100% das sentenças com dois advérbios são télicas e 100% das sentenças com três advérbios são atélicas. Primeiramente, é necessário ressaltar que a quantidade de sentenças com dois ou três advérbios é mínima, apenas duas em cada fator. Ainda assim, é possível fazer o seguinte questionamento: se todas as sentenças com dois advérbios são télicas e todas as sentenças com três advérbios são atélicas, pode-se deduzir que a presença do advérbio é mais significativa para definição do aspecto do que a quantidade dele? Ou seja, não importa tanto se há muitos advérbios, a presença de um único, porém do tipo aspectual, seria suficiente para deixar definir o aspecto? Consequentemente, o tipo de advérbio presente é mais relevante do que a quantidade?

Essa primeira amostra sugere que as respostas para as perguntas acima sejam SIM. Observando algumas dessas sentenças, tem-se:

a) "A única vez que eu trabalhei em horário padrão de escritório foi quando eu, eu trabalhava no Diário carioca".
b) "E não me conformei em continuar lá em Copacabana durante mais um tempo e a [...]"
c) "Depois aumentou a sala até o fundo [...]"

Para avançar nesta análise dos advérbios, buscou-se fazer uma nova classificação das sentenças. Dessa forma, foram eliminados os advérbios que não marcavam aspecto (não, finalmente, justamente, melhor etc.) e contabilizaram-se apenas os advérbios aspectuais (o dia inteiro, até, a única vez, vários meses, lá, a manhã inteira, durante mais um tempo, sempre, neste dia, até o fundo etc.) Com a nova contagem, ficaram apenas as variáveis 1 e 2. E os resultados estão expostos a seguir:

Tabela 10 – Nova classificação de advérbios – Varbrul

Group		T	A	Total	%
3 (4)					
1	N	8	9	17	77
	%	47	52		
2	N	4	1	5	22
	%	80	20		
Total	N	12	10	22	
	%	54	45		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Com esse novo resultado, parece que a hipótese sugerida anteriormente começa a fazer sentido. As sentenças que apresentam um advérbio aspectual têm, de maneira equilibrada, aspecto télico e atélico. Já a sentença com dois advérbios aspectuais apresentou aspecto télico como mais frequente. Portanto, até o momento, rejeita-se a hipótese nula de que o aspecto é indiferente à presença e à quantidade de advérbios na sentença. As provas estatísticas indicam o contrário, que advérbios influenciam no aspecto semântico da sentença e os advérbios aspectuais fazem isso com mais intensidade. Porém, deverá ser aumentado o número de sentenças com advérbios para a análise da segunda e terceira amostra, para verificar em que medida ocorre influência de advérbio no aspecto.

Em seguida, haverá uma nova análise com os dados da amostra, porém, agora, o foco será o que, de fato, pode ser determinante na definição do aspecto.

6.4 Aspecto do verbo e aspecto do SV

Um dos objetivos deste livro, como foi visto há pouco, é verificar se demais elementos como advérbios e argumentos podem interferir na classificação do aspecto semântico ou se o verbo, por si só, indica o aspecto. Até o momento, as teorias apresentadas no capítulo um defendem que a atribuição do aspecto semântico se dá em função da presença ou ausência de complementos tidos como medidores da ação.

Outra maneira de averiguar essa hipótese é analisar o mesmo verbo em diferentes contextos. O objetivo dessa tarefa foi verificar se a telicidade da sentença era modificada a partir da presença ou ausência de complementos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Portanto, ao classificar os verbos, foi observado que há repetições de verbos como trabalhar, ter, ser, fazer etc., que apresentavam sentidos diversos quando representados em diferentes sentenças. Decidiu-se, então, analisar essas situações, como entradas verbais distintas, para avaliar se o verbo, por si só, pode definir o aspecto ou se, realmente, como se espera, os complementos diferenciam-no.

Para exemplificar, será tomado o verbo "trabalhar" em diferentes contextos do inquérito:

a) "A única vez que eu **trabalhei** em horário padrão de escritório foi quando eu, eu **trabalhava** no Diário Carioca".

b) "**Trabalhei** vários meses na Petrobrás até que não aguentei mais o ...".

Quadro 16 – O verbo TRABALHAR em diferentes contextos

	Tempo gramatical	Aspecto gramatical	Aspecto lexical
trabalhei	Pretérito perfeito	perfectivo	télico
trabalhava	Pretérito imperfeito	imperfectivo	atélico
trabalhei	Pretérito perfeito	perfectivo	télico

Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira ocorrência de "trabalhei" é antecedida pela locução adverbial "a única vez" que dá a ideia de uma ação pontual e única. É o advérbio que faz o papel de evento medidor da ação. Como a pessoa trabalhou em horário padrão uma única vez, pressupõe-se a telicidade da ação.

Já a ação de trabalhar no Diário Carioca, expressa pelo verbo com a forma verbal de imperfectivo, não indica um término para a ação de trabalhar em determinado local, no caso, no Diário Carioca. É importante observar que os dois verbos estão na mesma frase, apesar disso, um indica tempo de trabalho e o outro indica local de trabalho. Para o local, não há previsão de término da ação na frase destacada. Dessa forma, a ação tem uma natureza atélica e não apresenta limite.

Na terceira ocorrência de "trabalhei", também há a presença de um limitador, o advérbio "vários meses", ou seja, apesar de se ter trabalhado "vários" meses, não se trabalhou indefinidamente. Assim, a ação tende a um término. Parece que a hipótese de que o aspecto semântico não é determinado só pelo verbo, mas por todo o SV esteja se confirmando. Assim, acena-se como constituintes do SV tanto o complemento quanto os advérbios.

Por fim, tem-se o verbo "ir".

a) “E eles lá não pagavam, andavam com o pagamento atrasado, ficava meses sem receber dinheiro, e eu um dia me enchi daquela história, pedi demissão e **fui** pra Petrobrás[103]”.

b) “Precisa de uma coisa, compras de casa sou eu que faço, **vou** ao mercado e agora facilitou muito isso aqui, um mercado que tem aqui perto, que é o Humaitá, não tenho mais problema de feira, de modo que eu **vou** com o carro lá, encho de coisa e de modo que a manhã eu ocupo com isso, né?”

Quadro 17 – O verbo IR em diferentes contextos

	Tempo gramatical	Aspecto gramatical	Aspecto lexical
fui	Pretérito perfeito	perfectivo	Télico
vou	Presente	imperfectivo	Atélico
vou	Presente	imperfectivo	Atélico

Fonte: Dados da pesquisa.

A primeira ocorrência do “ir” é télica devido ao complemento “pra Petrobrás”. Quer dizer, a ação se finda quando a pessoa chega à Petrobrás. O segundo exemplo traz como limite o “ao mercado”, no entanto toda a sentença que antecede este complemento dá ideia de habitualidade. O último exemplo dado com o verbo “vou”: “E*u **vou** com o carro lá*”, inicialmente, seria uma situação télica, pois o “lá”[104] representa o mercado, já mencionado anteriormente. O “lá” (e todo o seu sentido no contexto) limitaria o verbo “ir”. Entretanto, no segundo exemplo (vou ao mercado), tanto o que antecede, quanto o que sucede o verbo, no caso é a expressão: “*de modo que a manhã eu ocupo com isso, né?*”, demonstra uma habitualidade. Parece, portanto, que a ação de ir ao mercado, pela manhã, tem duração descontínua ilimitada.

É possível afirmar que o verbo, por si só, não define o aspecto. Viu-se que o mesmo verbo apresenta aspectos diferentes com complementos diferentes. Realmente, é necessário considerar todo o SV (por vezes, até estruturas além do SV, como foi o caso dos dois últimos exemplos). Tem-se a indicação de que o verbo, por si só, não indica aspecto. Um mesmo verbo pode ser atélico se o limitador da ação for retirado.

Levando em conta esta primeira amostra, tem-se como uma resposta afirmativa à pergunta: “Demais elementos como advérbios e complementos

103 Apesar de saber que a palavra Petrobrás, hoje, não apresenta acento, na amostra, está acentuada, pois assim ela está no inquérito do NURC (ela perdeu o acento em 1994 com o intuito de intensificar a logomarca no exterior).

104 Pela gramática normativa, o “lá” seria um advérbio, mas observa-se que ele, na verdade, é um complemento do verbo, uma vez que o verbo “ir” pede um complemento adverbial.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

verbais podem determinar o aspecto semântico?". O que se observou até o momento é que não é o verbo que é télico ou atélico, mas, sim, toda a situação, dada pelo SV. Portanto, o ideal seria que a nomenclatura fosse "situação" télica ou atélica e não "verbo" télico ou atélico, como se tem tradicionalmente, como se a telicidade estivesse contida no verbo e fosse indiferente aos demais elementos. Por isso, a partir de então, nesta tese, esforçar-se-á para usar o termo "situação télica" ou "situação atélica", num movimento de que é preciso rever onde está a telicidade de uma situação, no verbo ou em outro elemento.

O fato de o aspecto não ser uma propriedade exclusiva do verbo, mas composto a partir da relação do verbo com seus argumentos, reafirma a tese de Verkuyl (2003) sobre a composição aspectual. Para ele, o verbo mais argumento interno e demais complementos resultam em uma unidade aspectual semântica. Verkuyl afirma que a informatividade aspectual é codificada nos elementos e maneiras pelas quais eles se relacionam sintaticamente.

Portanto, esta seção demonstrou com os dados trabalhados que o aspecto não é definido pelos traços do verbo apenas, mas por uma composicionalidade aspectual formada por traços tanto do argumento interno, como de outros argumentos e adjuntos. Dessa forma, o conceito de aspecto direciona mais por um conjunto de traços que compõem o verbo, seus argumentos e adjuntos do que apenas traços exclusivamente verbais.

6.5 O aspecto verbal em verbos plenos e perífrases

O objetivo geral desta obra é mostrar como se dá a representação do aspecto verbal à luz da Teoria Gerativa. Para tal, foram traçados objetivos específicos em que o aspecto deva ser compreendido de diversas formas para se chegar a um mapeamento de constituintes sintáticos. Nessa primeira fase de análise dos dados, com uma amostra de 90 verbos, tentou-se responder aos três últimos, dos quatro objetivos específicos, que foram:

a) Entender como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro;

b) *Verificar se os demais elementos que constam no Sintagma Verbal, como advérbios e complementos, podem determinar telicidade ou atelicidade e, se sim, em que medida isso se dá.*

c) *Delimitar a relação entre (a)telicidade e as estruturas inacusativa e inergativa.*

d) *Identificar a relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade, à medida que muitas formas verbais télicas surgem na forma perfectiva.*

Na tentativa de alcançar o primeiro objetivo específico, é preciso que seja retomada a questão sobre a cisão dos sintagmas de tempo e aspecto. Este livro apresenta o pressuposto, segundo os capítulos teóricos, de que os sintagmas de tempo e aspecto sejam cindidos, quer dizer, distintos, separados. Ao analisar os dados, neste primeiro momento, observou-se que os verbos plenos apresentam informação sobre aspecto de maneira diferente das perífrases verbais[105]. Viu-se que, por vezes, as perífrases apresentam sujeitos distintos no interior da própria formação. Comumente, o verbo auxiliar, interpretado como inacusativo não apresenta argumento externo, diferentemente do verbo principal, por meio de uma categoria vazia de PRO. Além de uma estrutura argumental diferente entre os próprios verbos de uma perífrase, há diferenças entre formas verbais e morfemas de tempo e aspecto.

Assim, o objetivo desta seção foi analisar as perífrases cuidadosamente, verificando se e como as combinações de estrutura argumental, tempo e forma verbais podem compor o aspecto da perífrase, levando em conta seu processo de formação na Sintaxe e que isso pode colaborar para o encaminhamento da resposta do primeiro objetivo.

Para isso, algumas questões já apresentadas na parte teórica deste livro precisam ser levadas em conta:

a) conforme a seção sobre verbos inacusativos, no capítulo dois, esta obra fez a escolha de não analisar sintaticamente a perífrase como um bloco único, apesar de compreender que semanticamente o sentido não é fragmentado, mas sim tomado a partir de uma composicionalidade sintática. Assim, a perífrase foi analisada sintaticamente de maneira distinta entre os verbos que a compõem, tendo o primeiro verbo como um verbo inacusativo e o segundo como transitivo, por exemplo, como ocorre em "agora estou aumentando a cozinha";
b) o fato de reconhecer que verbos de ligação, modais e ter e haver (com verbos em diferentes formas verbais: infinitiva, gerúndio, particípio) sejam inacusativos, pois não selecionam argumento externo, uma vez que a função prioritária deles, nas perífrases, é carregar traços formais à sentença, leva a pensar que a teoria de Wachowicz (2006) parece encaminhar a questão do aspecto para uma resposta coerente: a de que os chamados verbos auxiliares expressam aspecto e não somente os verbos principais;
c) os pressupostos de Mioto, Silva e Lopes (2006), de que os verbos auxiliares de perífrases são geralmente inacusativos e os pressupostos de Wachowicz (2003), de que o verbo auxiliar carrega informação

105 Qualquer aglomerado verbal em que se tem um verbo auxiliar ao lado de outro verbo em uma das formas nominais e com uma função determinada de marcar uma categoria gramatical ou uma noção semântica qualquer (TRAVAGLIA, 2006).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

aspectual, formam uma base teórica sólida no estudo do aspecto. Nessa perspectiva, o verbo auxiliar não seleciona argumento externo, e o item que ocupa a posição de sujeito, apesar de receber Caso nominativo, não tem o papel temático de agente ou experienciador, geralmente, atribuído a itens lexicais nessa posição. Independente disso, o verbo auxiliar carrega traço de [+/- perfectividade] e [+/- telicidade].

Retomando a metodologia da classificação de verbos neste trabalho, as perífrases e os verbos plenos já foram compreendidos com base na cisão entre tempo e aspecto. Algumas análises seguem abaixo:

d) "Mas nesse dia eu soube que essa daqui, passado esse tempo todo, estava de novo à venda".
e) "E eu soube que a casa estava pra vender, então vim procurar a proprietária que não estava mais morando aqui [...]".

No primeiro exemplo, pode-se dizer que a forma verbal "estava" tem representado, no morfema –va-, as categorias de tempo [+passado] e aspecto [-perfectivo]. Dessa forma, assim como há o *split* do SC, proposto por Rizzi (1997) em quatro outros nódulos (Força, Tópico, Foco e Finitude), e assim como também há o *split* do SV em SV e Sv, nota-se o *split* do SF em ST e SAsp. Essa divisão do Sintagma Flexional já vem sendo debatida há mais de 40 anos, na tentativa de encontrar o sintagma adequado para acomodar traços de tempo, de concordância, de tempo do auxiliar etc., principalmente depois de Pollock (1989), como foi visto no capítulo dois, sobre o histórico da Teoria Gerativa e da camada flexional. Portanto, parece bem provável a confirmação da hipótese de que o morfema –va-, no caso do exemplo acima, possa ser associado aos traços de tempo, modo e aspecto e ser acomodado em três sintagmas diferentes, cada um com sua interpretação categórica (categoria de modo, tempo, aspecto).

Pensando assim, tem-se a seguir uma possibilidade de representação sintática que inclua nódulos aspectuais: tanto de aspecto gramatical quanto de aspecto semântico. A representação que este livro propõe, inicialmente, com base na teoria utilizada e dados observados na primeira amostra, é uma estrutura arbórea que acomoda aspecto gramatical de verbos plenos e também, no caso de perífrases, o aspecto gramatical e semântico do verbo auxiliar.

A tese de Arad (1996) postula que há dois sintagmas de aspecto semântico. Eles também foram incorporados nessa proposta que se segue. Segundo Arad (1996), há um nó aspectual para acomodar os eventos medidores e um nó aspectual para acomodar originadores de eventos sem limitadores. A sugestão deste exemplar é de acolher a tese de Arad (1996), o que não modificaria a estrutura arbórea minimalista já existente. AspOR, nó aspectual para originador de eventos, tanto para verbos inergativos, como para verbos transitivos,

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

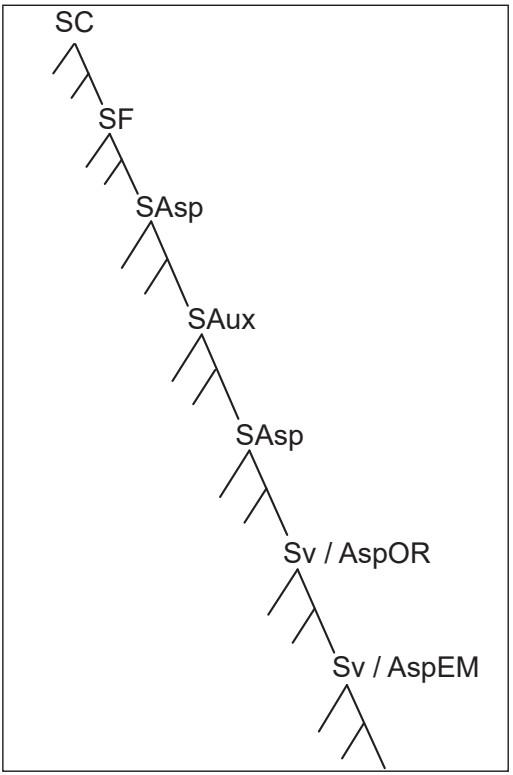
pode ser compreendido juntamente com Sv, posição onde nasce o sujeito da sentença. Já AspEM, nó aspectual para acomodar os eventos medidores, pode ser compreendido juntamente com SV, posição que acomoda complementos verbais e advérbios aspectuais e temporais no início da derivação.

Assim, este estudo aponta para uma representação sintática aspectual em que tanto o aspecto gramatical com seus traços de [+/- perfectivo], quanto o aspecto semântico com seus traços de [+/- télico] são representados por meio de sintagmas.

Uma questão que surge é o fato de o sintagma aspectual de verbos auxiliares não ser necessário em toda derivação de sentença. Entretanto, vê-se que inúmeras teorias (RADFORD, 2004; MIOTO; SILVA; LOPES, 2006; CINQUE, 1999; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015) admitem que sintagmas como o de negação, verbo *light*, número, força, foco, finitude, diferentes tipos de advérbios, entre outros, também não estejam sempre disponíveis no momento da derivação, por questões de economia, mas que, havendo necessidade de representação, eles já têm posições determinadas entre um sintagma e outro.

A estrutura sugerida é:

Figura 17 – Representação sintática aspectual proposta por esta tese

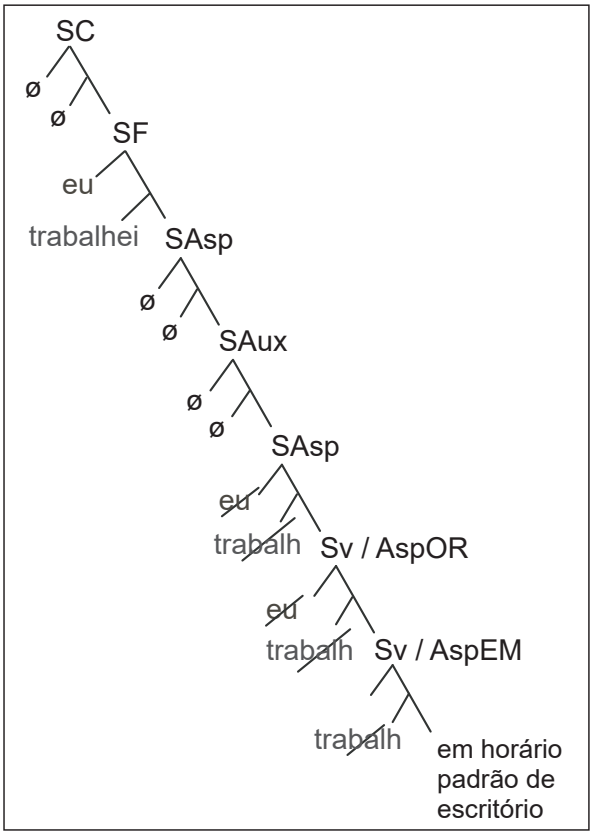


Fonte: Elaborado pela autora.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Com essa estrutura, uma sentença como "eu trabalhei em horário padrão de escritório" poderia ser representada da seguinte forma:

Figura 18 – Representação de sentença com verbo pleno



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse exemplo, os sintagmas de verbo auxiliar e de aspecto do verbo auxiliar não seriam necessários, o que não modificaria em nada a estrutura sintática no momento da derivação[106].

Retomando a análise de tempo e aspecto nas diferentes formas verbais, na perífrase "então vim procurar a proprietária", o verbo principal está no infinitivo e, por essa razão, não se marca aspecto. Como afirma Wachowicz (2012), o auxiliar teria informação aspectual que combinaria com a estrutura da sentença.

106 Os sintagmas de verbo auxiliar estariam sempre disponíveis, mesmo não sendo necessários. Nesse exemplo, poder-se-iam tirar os sintagmas Sasp e SAux. Eles não foram retirados apenas para que o exemplo ficasse mais claro para o leitor.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tanto é correto afirmar que o aspecto é composto por um feixe de traços que, em inúmeros exemplos, principalmente em perífrases, ele pode ser determinado levando em conta o conteúdo semântico do verbo, a presença de determinados advérbios, ou mesmo a influência de tipos de verbo, segundo a tipologia sugerida por Vendler (1967).

Os exemplos abaixo, dessa primeira amostra, podem retratar melhor o que foi exposto no parágrafo anterior.

a) "fiquei [+perfectivo][-télico] observando [-perfectivo] [-télico]";

b) "ficou [+perfectivo] [-telico] morando [-perfectivo] [-télico]".

> Quando o verbo ficar se apresenta com o primeiro significado (permanecer ou conservar-se em determinada situação), a perífrase marca o aspecto durativo principalmente se temos explícito, na frase ou no contexto, o período em que se permaneceu ou permanecerá na situação indicada. O verbo ficar pode ocorrer com o primeiro sentido nas perífrases FICAR+GERÚNDIO (TRAVAGLIA, 2006, p. 190-191).

Os exemplos acima demonstram que o verbo auxiliar tem um peso determinante no aspecto da perífrase. Conforme Wachowicz (2012), o verbo auxiliar também carrega marca aspectual. Dessa forma, os traços contidos no verbo pleno ou o verbo principal de uma perífrase são relevantes e devem ser considerados, porém não devem ser, exclusivamente, considerados.

Além de marcação de aspecto em verbo auxiliar, às vezes, o advérbio colabora para a definição do aspecto gramatical, uma vez que ele pode carregar traços de tempo (HORNSTEIN; 1993; CINQUE, 1999; KAYNE, 1994) e, possivelmente, de aspecto. Isso pode ser visto em: "E então me conformei em continuar lá em Copacabana durante mais um tempo". O advérbio, nesse caso, é o responsável pela mudança de aspecto. Os verbos "conformar" e "continuar" têm traços aspectuais de [-telicidade]. E apesar do aspecto gramatical perfectivo em "conformei" marcando uma situação acabada, "conformei em continuar" não tende a ter um fim e, nesse caso, o advérbio de lugar "lá", não é um evento medidor. Porém, delimitar um período para a situação, como em "durante mais um tempo", marca, sim, o fim e faz com que o aspecto se modifique para atélico.

Com este exemplo, vê-se mais uma vez a relevância da Teoria de Hornstein (1993) para este trabalho. Quando ele postula que advérbio é marca temporal e que há na sintaxe regras de restrição (CDTS) para estruturas temporais. Essa postulação fica mais clara quando se tem um exemplo, como:

c) *então vim procurar a proprietária, amanhã.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Alguns advérbios são incompatíveis com determinadas estruturas perfectivas ou imperfectivas, como essa retratada anteriormente. Para Hornstein (1993), o advérbio representa o MR, que é o limite para a interpretação temporal, e é o MR que é reconhecido pelo sistema de tempo de forma inata. Para o autor, o CDTS é uma propriedade inata da Faculdade de Linguagem. Isso seria mais um dado confirmatório de que o aspecto é composto por um feixe de traços.

Parece realmente haver sentido na hipótese de dois nódulos para aspecto, um para o aspecto de verbos plenos (como se viu na representação arbórea anterior) ou verbos principais e outro para a representação do aspecto de verbos auxiliares, além, é claro, de levar em conta o advérbio da sentença e de que forma ele influencia o aspecto. Assim, nos casos em que não houver um advérbio aspectual e o verbo principal das perífrases estiver numa forma infinitiva, o traço de [+perfectivo] ou [-perfectivo] do verbo auxiliar parece definir o aspecto da perífrase. Isso ocorreu no exemplo "então vim procurar a proprietária".

Nem sempre a amostra traz diferentes possibilidades de perífrases a ser analisada, por isso este livro procurou problematizar algumas possibilidades a partir de um exemplo da amostra. O exemplo é "...e agora estou aumentando a cozinha que era pequena, muito desajeitada". Nesse exemplo, tanto os traços aspectuais do verbo auxiliar, quanto os traços de aspecto do verbo principal demonstram imperfectividade e atelicidade. O "agora" não tem peso de advérbio aspectual e sim marca discursiva equivalente a "aqui", "pois é", "então", entre outras. Porém, este livro problematiza duas outras possibilidades a partir desse exemplo:

d) e agora estive aumentando a cozinha;

e) e agora tinha aumentado a cozinha.

Em (d), tem-se os traços {estive [+perfectivo] aumentando [-perfectivo]} e, em (e), {tinha [-perfectivo] aumentado [+perfectivo]}. Diferentemente dos outros exemplos, até o momento, parece que, nesses casos, o aspecto não é definido pelo auxiliar, mas sim pelos traços de aspecto semântico do verbo principal. Apesar da fala de Travaglia (2006, p. 173) que "*Com o auxiliar nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, os aspectos marcados serão o perfectivo, o acabado e o durativo*", foi o verbo principal o responsável carregar a noção aspectual de atélico em (d) e télico em (e).

Outra possibilidade provocativa para compreender o aspecto seria:

f) estive aumentando a cozinha, no último mês;

g) (?) tinha aumentado a cozinha, desde o último mês.[107]

O exemplo (f) mostra que, sem o advérbio, o verbo principal, no gerúndio tem mais peso que o verbo auxiliar. Porém, com a presença de um advérbio aspectual, o advérbio parece ter mais peso que qualquer verbo da sentença.

Em (g), também sem o advérbio, o verbo principal no particípio, marcando o aspecto télico parece ter mais força do que o aspecto do auxiliar. Isso é comprovado com a inserção de um advérbio que não concorda com a telicidade do verbo principal. O advérbio "desde o último mês" demonstra apenas o ponto de início de uma ação, indicando que ela pode não ter terminado, mas traço aspectual télico de "aumentado" é tão forte que, nem mesmo com a entrada de um advérbio, o aspecto da sentença poderia ser modificado.

Voltando à Teoria de Hornstein (1993), quando o autor afirma que há regras temporais sintáticas no momento da derivação, parece que o Princípio CDTS restringe prioritariamente o passado. Conforme Hornstein (1993), o fato de haver uma marcação de [+perfectivo] inviabilizaria que os demais verbos da perífrase tivessem, exclusivamente, traços de [+perfectivo], por exemplo, como em [*Liza esteve comido mamão]. Analisando as perífrases da amostra, nenhuma delas apresentam apenas traços de [+perfectivo]:

h) Estava [-] morando [-] aqui

i) Tinha [-] recebido [+] um sinal

j) Tinha[-] estado [+] interessada

k) Fiquei [+] morando [-] longe daqui

l) Tinha [-] sido [+] feito [+] esse banheiro

m) Estou [-] aumentando [-] a cozinha

As demais amostras serão analisadas sob esse viés, mas percebe-se que o traço de [-perfectivo] pode aparecer sem problemas em todos os verbos de uma perífrase, mas o de [+perfectivo] não. Essa pode ser considerada uma regra na estrutura sintática de aspecto e um forte argumento de que o aspecto e o tempo são autônomos na Sintaxe, apesar de complementares. Isso pode

107 Esse exemplo não é completamente natural na língua portuguesa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

ser visto com o exemplo (l), em que todos os verbos estão em alguma forma de passado, apesar de isso não definir a perfectividade.

O exemplo (j) pode ser um argumento para isso e também em:

n) Eu fui habituada em trabalho de jornal.

Tanto o "interessada", quanto o "habituada" não são verbos no particípio, indicando passado, mas adjetivos. Dessa forma, eles podem coocorrer com traços de [+ perfectivo] sem que haja restrição ou agramaticalidade na sentença. A teoria de Hornstein (1993) leva a sugerir que há uma estrutura hierárquica de aspecto na Sintaxe. Talvez mais forte de que a de tempo, uma vez que vários pretéritos são possíveis, mas não vários perfectivos.

Conforme Hornstein (1993), o advérbio pode modificar a estrutura sintática temporal, uma vez que ele carrega traços de tempo. Porém, avançando um pouco na Teoria, parece que os advérbios não mantêm relação hierárquica equivalente aos verbos. Isso porque, nas perífrases, os advérbios não parecem poder modificar a estrutura temporal tão automaticamente. No caso das perífrases, o advérbio parece ter um peso em um grau menor que o verbo, ou seja, os verbos receberiam prioritariamente traços de tempo e aspecto e o advérbio receberia esses traços aspectuais de forma complementar e dependente, no que tange à interpretação aspectual.

Hornstein (1993) fala em uma operação chamada SOT (Sequency of Tense). Parece que, em perífrases, o advérbio teria que seguir essa sequência, quer dizer, passaria sempre por essa operação, sendo impedido de modificar o tempo e o aspecto caso a perífrase tivesse traços de perfectividade e o advérbio, de imperfectividade. Tudo se daria com o princípio RTC (Rule for Temporal Connectives) de Hornstein (1993) que determina pré-requisitos para que determinadas estruturas ocorram.

Se houver uma ordem hierárquica para a emergência do aspecto em perífrase, até agora, os dados e as possibilidades verbais demonstram que, conforme Arad (1996) postula, a interface léxico-sintática determinaria o aspecto. As informações aspectuais semânticas dos verbos vindos do léxico, com traços de [+/- télico], parecem ter mais peso no momento da derivação. Esse traço só poderia ser desconsiderado se houvesse a presença de um advérbio. No entanto, esse advérbio não tem a capacidade de modificar o aspecto já marcado nos verbos principais, desde o léxico. Por último, o traço de aspecto gramatical do auxiliar teria maior peso nas perífrases se o verbo principal estivesse numa forma infinitiva.

Um quadro de hierarquia de definição de aspecto em perífrases é sugerido neste livro, baseado nas afirmações acima e de acordo com os dados.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Quadro 18 – Hierarquia de aspecto semântico em perífrases

	Maior peso	Circunstância	Exemplo	Agramaticalidades
1º	Aspecto semântico do verbo principal	Quando o verbo principal estiver no gerúndio ou particípio e não houver advérbio com aspecto divergente ao verbo auxiliar, o aspecto será definido pelo verbo principal.	João estava fazendo o para casa. João tinha feito o para casa. João esteve fazendo o para casa.	
2º	Advérbio aspectual	Quando o verbo principal estiver no gerúndio ou particípio e houver presença de advérbio não contraditório ao aspecto gramatical do verbo auxiliar, o aspecto será definido pelo advérbio.	João estava fazendo o para casa, ontem, pela manhã. João tinha feito o para casa, ontem. João esteve fazendo o para casa, pela manhã.	*João estava fazendo o para casa, na próxima semana. *João tinha feito o para casa, amanhã. *João esteve fazendo o para casa, amanhã.
3º	Verbo auxiliar	Quando o verbo principal estiver na forma infinitiva, o aspecto será definido pelo aspecto gramatical do verbo auxiliar.	João pode fazer o para casa. João pôde fazer o para casa. João irá fazer o para casa. João veio fazer o para casa.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo assim, retoma-se a Teoria de Arad (2006) sobre o aspecto verbal, quando ela afirma que todo o predicado define o aspecto e não apenas o léxico, exclusivamente. Para ela, o que determinaria a aspecto é a interface léxico-sintática com um bidirecionamento de regras. Parece, portanto, que as teorias escolhidas para o trabalho estão se tornando cada vez mais afins e complementares e, consequentemente, colaborando na confirmação de algumas hipóteses. Diz-se isso, pois o bidirecionamento de regras sugerido por Arad (1996) pode ser interpretado aqui, por exemplo, pelo CDTS sugerido por Hornstein (2003). O exemplo (g) não poderia ser gramatical, pois o "tinha aumentado" dá ideia de acabado e finalizado, enquanto o "desde o último mês" dá ideia de apenas iniciado, mas sem término definido. Logo, tanto os argumentos, quanto o verbo auxiliar, o verbo principal e os advérbios aspectuais são considerados elementos constitutivos do aspecto. Nenhum deles sozinho determina o aspecto, todos esses elementos e seus traços precisam ser levados em conta.

Com a sugestão dos exemplos (f) "Estive aumentando a cozinha no último mês" e (g) "*tinha aumentado a cozinha, desde o último mês" e suas (im) possibilidades de ocorrência, a Teoria de Bull (1968) é chamada a voltar ao debate nesta obra. Relembrando a teoria de tempo relativo (1968) apresentada

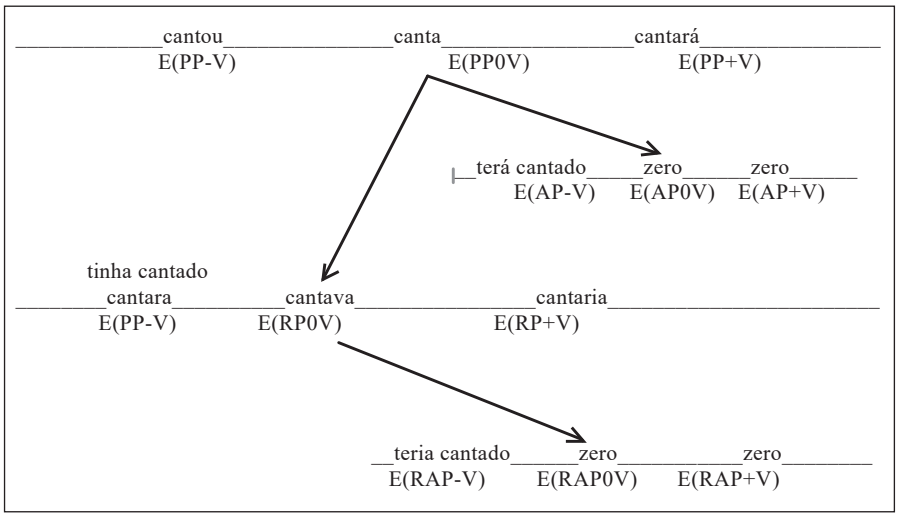
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

no capítulo três, Bull propõe eixos de orientação baseados em diferentes tipos verbais ou, melhor dizendo, diferentes tempos verbais. Levando em conta o exposto, a partir dos exemplos da amostra, parece que essa teoria só tem a somar no estudo do aspecto relacionado aos tempos verbais.

Retomando o esquema de Bull adaptado para o português, vê-se que é sempre do MF que se parte, ou seja, do ponto principal. A partir desse ponto, a sentença é formada de acordo com um eixo, comparado ao BTS (*Basic Tense Structure*), o evento estará localizado em um eixo temporal, seja ele o eixo AP (antecipado- futuro), eixo RP (retrocesso – pretérito) ou eixo RAP (futuro com referência o passado). É importante notar que, dentro de cada estrutura básica (BTS), há um a estrutura mais elaborada, aqui chamada por Bull (1968) de vetores, equivalentes ao DTS (Derived Tense Structures). As possibilidades das setas em Bull traduzem as possibilidades temporais na Sintaxe. Esta obra pressupõe também as possibilidades aspectuais na Sintaxe.

Figura 19 – Sistema temporal adaptado de Bull para o português brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Bull (1968).

As movimentações das setas são semelhantes, em alguma medida, às movimentações na Sintaxe para que o verbo possa receber traços como o de tempo e aspecto. Cada vetor seria acompanhado de um traço +/- perfectivo levando em conta sua posição no eixo, em comparação a outros vetores de outros eixos.

Quanto às perífrases, nota-se o peso dos verbos auxiliares, pois os auxiliares ocupariam, no esquema de Bull, as posições já postas como se fossem verbos principais, uma vez que só o auxiliar está na forma flexionada. O esquema de Bull parece considerar verbos plenos e perífrases para o estudo do

aspecto gramatical. Observando morfemas de aspecto gramatical nos verbos, é possível saber qual tipo de advérbio pode ser inserido na sentença, a partir do vetor e sua direção. Exemplo: na sentença (i) "tinha recebido um sinal" , há um vetor E (PP-V) para acomodar a perífrase.

Caso haja advérbios na sentença, ele precisa ser um advérbio que tenha traços equivalentes ao eixo onde se encontra o vetor. No caso do exemplo (i), pelo fato de o traço aspectual ser "tinha" (-perfectivo) e "recebido" (+perfectivo), o advérbio precisa ter referência no passado, pois o eixo é PP, equivalente ao pretérito de BTS. Contido no eixo PP, há o vetor

E (PP-V). Como o tempo desse vetor se finda antes da marcação de outro vetor, também de passado, e antes mesmo do vetor de tempo presente, observa-se que o advérbio para acompanhar essa perífrase precisará ter traços de [+perfectivo]. Exemplo:

a) Tinha recebido um sinal ontem;

b) Tinha recebido um sinal na semana passada;

c) * Tinha recebido um sinal no próximo sábado.

Tudo isso leva a crer que a estrutura sintática de aspecto é autônoma à de tempo, apesar de complementares e que todos os elementos pertencentes a categorias funcionais as quais precisam receber traços de tempo e aspecto no momento da derivação da sentença são sensíveis a uma interface léxico-sintática e por que não, semântica? Parece mesmo fazer sentido que a estrutura sintática de aspecto determina a relação entre morfemas aspectuais/temporais e demais elementos da sentença, como os advérbios.

6.6 Considerações preliminares baseadas na primeira amostra

Com o objetivo de apresentar de forma sucinta e objetiva os resultados preliminares referentes à primeira amostra, serão expostos a seguir, por meio de tópicos, as considerações sobre aspecto, tentando alcançar os objetivos propostos:

a) algumas categorias foram observadas como: modo, aspecto gramatical, aspecto semântico/lexical e tipo de verbo. Fez-se o cruzamento de cada categoria:
I. Modo verbal com aspecto gramatical,
II. Modo verbal com aspecto semântico,
III. Modo verbal com tipos de verbos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

b) nesse primeiro momento, observou-se que o modo não interfere de forma significativa no aspecto da sentença;

c) 90% das ocorrências estão no modo *realis,* ou seja, no modo indicativo. Preferiu-se dedicar a análise em sentenças apenas com modo *realis*, uma vez que esse universo é mais significativo;

d) a mesma quantidade de verbos imperfectivos se repete com os atélicos;

e) as situações atélicas tendem a ser mais imperfectivas;

f) rejeita-se parte da hipótese nula, constatando-se com, no mínimo, 95% de certeza matemática de que os aspectos gramatical e semântico se relacionam diretamente, ou seja, um exerce influência sobre o outro;

g) analisando o grupo dois da tabela do Varbrul, observa-se que os verbos inergativos são mais atélicos e imperfectivos, confirmando as afirmações teóricas. Já os verbos inacusativos não são em sua maioria perfectivos como sugere a literatura apresentada neste trabalho. Assim como os verbos inergativos, os inacusativos mostraram se mais atélicos;

h) uma hipótese para a não confirmação da postulação teórica sobre inacusativos serem mais perfectivos e télicos pode ter sido a pouca representatividade de verbos inacusativos. Sabe-se que o ideal é de, no mínimo, 30 ocorrências da mesma categoria;

i) o último grupo da tabela do Varbrul compara a presença e a quantidade de advérbio na sentença e sua relação com demais variáveis. A hipótese nula apresentada é a de que o aspecto verbal é indiferente à presença e à quantidade de advérbios na sentença. As provas estatísticas indicaram o contrário, que advérbios influenciam no aspecto semântico e os advérbios aspectuais fazem isso com mais intensidade. Até o momento, a segunda hipótese nula é rejeitada;

j) observou-se que um mesmo verbo, como *trabalhar* e *ir,* apresenta aspecto diferente a depender do complemento. Isso evidencia o fato de que o aspecto não é propriedade exclusiva do verbo, mas composto a partir da relação do verbo com seu argumento;

k) o advérbio, como marca temporal, pode restringir determinadas estruturas temporais e aspectuais através do CDTS (*Constrain Derived Tense Structures*) que é um princípio da Faculdade de Linguagem, considerado inato. Dessa forma, determinados advérbios podem ser

responsáveis ou relevantes pela definição do aspecto, a partir de noções de limite, de ação em desenvolvimento, de ação acabada e etc.;

l) verificou-se que o verbo auxiliar também carrega traço aspectual. E, até o momento, tudo indica que o traço aspectual do verbo auxiliar é mais forte que a do verbo principal de uma perífrase com verbo principal na forma infinitiva;

m) em perífrases com verbo principal no gerúndio e particípio parecem ter no verbo principal a força definidora do aspecto;

n) quando há presença de advérbio, parece que ele só será definidor do aspecto se concordar com traço de +perfectividade, quando houver;

o) as categorias de tempo e aspecto são cindidas, isso foi demonstrado com a presença de perífrases em que o verbo auxiliar apresenta traços aspectuais gramaticais distintos do verbo principal, sendo necessários sintagmas aspectuais para que os verbos possam receber esses traços, independentemente dos traços de tempo;

p) os traços aspectuais de [+/-perfectivo] e [+/- télico] vindos do léxico e que compõem argumentos internos, externos e adjuntos parecem definir o aspecto, ao contrário de um aspecto exclusivo do verbo. O aspecto seria resultado de uma interface léxico-sintática confirmando a ideia da composicionalidade aspectual.

Essas foram considerações referentes às análises da primeira amostra composta por 90 verbos e seus respectivos argumentos e adjuntos. O próximo capítulo trará duas novas amostras para serem analisadas com base nos mesmos critérios e objetivando os mesmos propósitos.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS AMOSTRAS II E III

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

O objetivo do capítulo sete é dar continuidade à análise dos dados apresentados no capítulo seis, porém com algumas modificações, já levando em conta os resultados preliminares. Nesta segunda fase da análise, a primeira diferença é que a amostra não é mais aleatória. As sentenças analisadas foram selecionadas a partir de alguns critérios:

a) não foram selecionadas sentenças com verbos no modo *irrealis;*

b) buscou-se, de forma direta, verbos inergativos e inacusativos, tentando completar a amostra desses verbos em, no mínimo, 30 ocorrências;

c) procurou-se por mais sentenças com presença de advérbios.

Nessas duas novas amostras, segunda e terceira da pesquisa, a segunda amostra é composta por 124 ocorrências e a terceira por 106 ocorrências. Pretendem-se complementar a análise, preenchendo o que faltou na primeira (vista no capítulo seis), como, por exemplo, a presença de mais verbos inacusativos e inergativos, e também aumentar o número de ocorrências (não finalizando a pesquisa, apenas, com as 90 primeiras), para que os testes de cruzamento de dados pudessem oferecer maior segurança nos resultados alcançados e, consequentemente, promover mais certeza estatística.

Outra modificação neste capítulo, em comparação com o anterior, é que se pretende demonstrar os resultados dos testes aplicados de forma objetiva, não mais explicando a aplicação dos testes de maneira paulatina, como já foi feito. Serão reutilizados o Programa Varbrul e o Teste X^2.

As hipóteses nulas, nesse segundo momento, continuam as mesmas:

a) as categorias aspecto gramatical, aspecto semântico e tipos de verbo não têm relação entre si;

b) o aspecto verbal é indiferente à presença e à quantidade de advérbios na sentença.

A ordem deste capítulo será semelhante à do anterior. Primeiramente, serão apresentadas as ocorrências de cada categoria. Em seguida, serão

apresentados os cruzamentos dos dados para se testar as hipóteses nulas. Posteriormente, haverá árvores sintáticas para analisar o aspecto composicional. Na ocasião, as teorias, principalmente de Verkuyl (2003), Arad (1996) e Wachowicz (2006), serão trazidas.

Ao utilizar a amostra, como base de dados para compreender a representação sintática do aspecto, demais teorias apresentadas na primeira metade deste livro serão novamente postas em evidência, em especial a Teoria de Reichenbach (1975), Bull (1968), Hornstein (1993) e Vendler (1967). Esse movimento de ir e vir entre parte analítica e teórica é importante para este trabalho, pois se pretende elencar os pontos para os quais esta investigação contribuirá no estudo do aspecto, a partir das teorias escolhidas como marco teórico.

Demais observações ou possíveis hipóteses surgidas a partir da análise dos dados serão comentadas nesse capítulo que antecede as conclusões finais da pesquisa e, consequentemente, deste livro.

7.1 Segunda amostra

A segunda amostra selecionada[108] foi composta por 29 frases e 124 ocorrências verbais. Da mesma forma que na primeira amostra, fez-se a análise multivariada entre categorias relevantes no estudo do aspecto: ocorrências de aspecto gramatical (perfectivo/imperfectivo) com aspecto semântico (télico/atélico) e também com tipos de verbo (transitivo/ inergativo/inacusativo). Utilizou-se o Varbrul para o cruzamento de dados e obtiveram-se os seguintes resultados:

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

108 Inquérito 0189- duração 40 minutos – do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID) – locutor 216- data do registro: 14 de novembro de 1973, com o tema “animais e rebanhos”.

Tabela 11 – Resultado da segunda amostra

Group		T	A	Total	%
1 (2)					
I	N	13	53	66	53
	%	19	80		
N	N	12	10	22	17
	%	54	45		
P	N	17	19	36	29
	%	47	52		
Total	N	42	82	124	
	%	33	66		
2 (3)					
C	N	8	31	39	31
	%	20	79		
V	N	29	42	71	57
	%	40	59		
G	N	5	9	14	11
	%	35	64		
Total	N	42	82	124	
	%	33	66		
3 (4)					
1	N	14	29	43	34
	%	32	67		
0	N	24	50	74	59
	%	32	67		
2	N	4	3	7	5
	%	57	42		
Total	N	42	82	124	
	%	33	66		
Total	N	42	82	124	
	%	33	66		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Observa-se que 52% dos verbos perfectivos apresentam aspecto atélico, contra 47% dos perfectivos que também são télicos. Constatou-se, também, que 80% dos verbos imperfectivos apresentam aspecto atélico. Com esse resultado, confirma-se a hipótese de que situações atélicas tendem a ocorrer mais em formas imperfectivas, porém traz um dado novo de que há a possibilidade de os verbos perfectivos serem mais atélicos do que télicos. Isso ocorre, pois, apesar de o verbo estar na forma perfectiva, tendo a ação como acabada, é possível que o verbo retrate uma ação que não tende a ter um fim. Alguns exemplos de verbos perfectivos atélicos são:

a) "E, e, e o meu pai sempre gostou muito de bichos, tinha muito assim, galo de briga, passarinho, houve época de se ter lá em casa o quê, umas trinta e tantas gaiolas".

b) "Toda a vida eles tiveram manias por, mania de bicho, bicharada, e era macaco, era, era pavão, era pomo, era tudo quanto raça de...".

c) "Uma vez apareceu um porco espinho, já viu?"

d) "Uma vez, eu me lembro, já estava trabalhando, eu trabalhava fora do Rio e, e tinha nascido lá numa ninhada uma, uma, uma franguinha com um defeito numa perna e eu acompanhei a bichinha, tratei, cuidei e ela ficou já grandona".

e) "Houve um problema lá e, e a mãe precisou matar um deles".

f) "E matou a minha aleijada e quando eu cheguei, mas criei um caso, eu acho que foi uma das, das poucas vezes durante a minha vida em que eu fiquei com raiva da minha mãe porque ela foi exatamente buscar a bichinha aleijada, quer dizer, ela com certeza raciocinou ainda em termos de , de, de, de seleção, né, pegou a, a franguinha aleijada, com defeito na perna e comeu, e matou".

g) "Eu comi já uma vez um coelho, eu achei não é dos piores...".

Esse é um dado novo e muito relevante. A primeira amostra apresentou de forma equilibrada formas verbais perfectivas em situações télicas e atélicas, tanto que a hipótese nula não pôde ser refutada. Na segunda amostra, os dados mostram uma informação contrária à teoria até então apresentada, a de que télicos tendem a ocorrer na forma perfectiva. Além disso, esse resultado confirma a tese deste livro de que aspecto e tempo são cindidos, uma vez que a ação pode ter ocorrido, mas não necessariamente tender a um fim.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tendo o aspecto como um resultado de inúmeros fatores, nota-se que os traços semânticos vindos do léxico são tão relevantes quanto os traços formais de aspecto gramatical adquiridos no momento da derivação. Uma vez que os traços de tempo são distintos dos traços de aspecto, espera-se que os traços de aspecto gramatical sejam também distintos dos traços de aspecto semântico. Por esse motivo, observa-se a necessidade de um sintagma para aspecto gramatical e outro para aspecto semântico.

Outra constatação é de que grande parte dos perfectivos atélicos são verbos classificados, na gramática tradicional, como verbos de ligação. Ou seja, são verbos de estado e, portanto, naturalmente atélicos. O fato de eles estarem sob a forma perfectiva não altera o *status* de atelicidade.

Já alguns exemplos de verbo com aspecto perfectivo e télico, nesta amostra são:

h) "E o senhor já levou seus filhos no jardim zoológico, né?

i) "Matei muito gato assim, mas hoje eu acho que eu não teria coragem não, sabe...".

j) "E matou a minha aleijada e quando eu cheguei, mas criei um caso, eu acho que foi uma das, das poucas vezes durante a minha vida em que eu fiquei com raiva da minha mãe porque ela foi exatamente buscar a bichinha aleijada, quer dizer, ela com certeza raciocinou ainda em termos de, de, de, de seleção, né, pegou a, a franguinha aleijada, com defeito na perna e comeu, e matou".

É relevante comentar que o verbo "criei" poderia ter sido classificado como atélico e perfectivo. Mas o complemento "criei um caso" faz com que ele seja compreendido como um *accomplishment,* segundo Vendler (1967). Isso faz toda a diferença. Arad (1996) chamaria "um caso" de medidor, dando um limite para a ação. E Verkuyl (2003) explica essas possibilidades de classificações com base na composicionalidade do aspecto, em que ele não é definido por um único fator, mas pela relação também com seu argumento interno, como nesse caso.

Sobre a relação entre tipos de verbos e aspecto semântico, os verbos transitivos novamente foram mais presentes, representando quase 57% da amostra em 71 ocorrências. Desses, 59% são atélicos e 40% são télicos. Inicialmente, essa maioria transitiva atélica pode surpreender, uma vez que o complemento de verbos transitivos poderia sugerir limite da ação. No entanto, um dado chamou a atenção nessa amostra. Ela foi composta por alguns verbos transitivos em que o papel temático do argumento externo não era de agente, mas de beneficiário ou experienciador, como em:

k) "E a tartaruga tem (beneficiário) uma coisa im... impressionante, que eu não sei (experienciador) se você conhece que é: ela tem (beneficiário) qualquer coisa nervosa que, eu nunca comi mas já vi (experienciador) matarem, não, já vi (experienciador) morta, assim com meia hora a carne ainda está mexendo".

l) "E, e, e o meu pai sempre gostou (experienciador) muito de bichos, tinha (pai- beneficiário) muito assim galo de briga e passarinho...".

O fato de o papel temático não ser de agente, elimina a possibilidade de haver um desencadeador da ação, o que leva pensar que, apesar de o verbo ser transitivo, nem sempre ele será um *accomplishment* ou *achievement*, mas um estado, por exemplo, sem um medidor que determine o fim. Nesses casos, parece que, na falta da relação agente-paciente, tendo o paciente ou o objeto estativo como medidores, chamado por Arad (1996) de elementos do nó AspEM, o limite seria representado apenas por um advérbio. Dizer, por exemplo, que "meu pai sempre gostou de bichos", apesar da presença do complemento verbal, o fato de ser um verbo (gostar), que requer um argumento externo com papel temático de "Experienciador", pode ser suficiente para demonstrar que verbos de estado ou atividade, conforme a classificação de Vendler (1967), não tendem a um fim, a não ser que tenham a presença de um advérbio no nó AspEM, como medidor.

Isso só reforça a noção de que o papel temático também é relevante no estudo do aspecto. O mais interessante é que este livro, inicialmente, trouxe a relação dos papéis temáticos com aspecto, tomando como base os verbos inacusativos e inergativos. Mas o estudo dos dados vem reforçando a hipótese de que o aspecto é composto por um feixe de traços. Isso pode ser verificado por meio de traços, como os de papel temático, já inscritos nas propriedades de seleção do predicador e atribuídos aos argumentos.

Voltando aos resultados do Varbrul, obtidos após a aplicação dos testes, sobre a relação entre tipos de verbos e aspecto semântico, verificou-se que os verbos inergativos e inacusativos majoritariamente são atélicos, como ocorreu na primeira amostra. Nessa amostra, a quantidade de verbos inacusativos aumentou, superando 30 ocorrências, mas não se encontrou a quantidade ideal para os verbos inergativos, pois só obtiveram-se 14 ocorrências. Ainda assim, os dados foram analisados.

Dos 14 verbos inergativos, nove são atélicos e apenas cinco foram classificados como télicos.

m) "As crianças brincam muito" (atélico).

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

n) "Eu vi uma vez, acho que já estava com mais de uma hora, na geladeira, assim em pedaço picado na geladeira e a carne mexendo ainda" (atélico).

o) "E matou a minha aleijada e quando eu cheguei, mas criei um caso..." (télico).

p) "Fiquei horrorizado de ver a agonia do bicho a se debater" (télico).

Apesar de poucas ocorrências e pouca diferença na quantidade entre essas duas classificações dos resultados obtidos, verificou-se que os inergativos atélicos continuaram sendo maioria, como também ocorreu na primeira amostra. A classificação desses verbos como atélicos parece ser mais clara. Para que o verbo seja considerado inergativo, ele precisa apresentar um argumento externo. Essa posição de argumento externo é mais ligada à ideia de agentividade (CASTILHO, 2014). Por conseguinte, a ideia de agente sugere um desencadeador (com controle) de uma ação e isso também direciona à ideia de que há o registro do início da ação, desencadeado por um sujeito de um verbo inergativo, uma vez que não há a presença de um argumento interno que poderia expressar um medidor. Ou seja, para que um verbo inergativo seja considerado télico, parece ser necessária a presença de um advérbio limitador do evento que indique o fim da ação. A sentença a seguir (q) demonstra isso.

q) "Em uma das viagens pra trabalhar em Angra, que eu trabalhei sete anos no colégio Naval em Angra, numa dessas viagens houve um problema lá...".

O verbo "trabalhar" é inergativo, pois apresenta um argumento externo com papel temático de agente, porém o advérbio "sete anos" funciona como um medidor. Segundo Arad (1996), o advérbio ocuparia o nó AspEM. Assim, o verbo "trabalhar", nessa sentença, seria classificado como inergativo télico.

Já entre os 39 verbos inacusativos, 20% foram classificados em uma situação télica e 79% como atélica. Não se vê, até o momento, que os verbos inacusativos tendem a ser mais télicos, como sugere Arad (1996) e Ciríaco e Cançado (2004). Alguns dos exemplos da amostra de inacusativos são:

r) "Houve época de se ter lá em casa o quê, umas trinta e tantas gaiolas".

s) "Eu vi uma vez, lá em Cascadura apareceu um, um, é uma coisa que eu guardo muito, eh, a lembrança, eh, e uma vez apareceu um porco-espinho, já viu?"

t) "Houve uma época em que saiu muitas notícias sobre maus tratos de animais nocivos, visitantes".

u) “Agora, até pouco tempo, da última, na última vez, eles estavam criando jacarés, incrível que não, não, não, não tem aquele cercado, cabem o quê, uns cinco ou seis (jacarés)...”.

O que se nota é que os dados não parecem confirmar o que a teoria apresentada indica. Assim, a partir dos dados obtidos, o Teste X^2 foi feito. Porém, os dados de inacusativos e inergativos dessa segunda amostra foram somados com o da primeira. A soma das duas amostras foi de 66 verbos inacusativos e 28 verbos inergativos. A hipótese nula manteve-se a mesma: os verbos inacusativos e inergativos não têm relação direta com o aspecto semântico. O resultado obtido foi 2.75, menor que 3.841. Levando em conta que o valor relativo da interseção Nível de Significância e Grau de Liberdade é de 3.841 (conforme tabela já mostrada no capítulo anterior), conclui-se que a hipótese nula não pode ser refutada.

Apesar de a hipótese nula não poder ser descartada ainda, sugere-se, conforme mostram os dados, que os verbos inergativos tendem a ser mais atélicos do que os verbos inacusativos serem, em sua maioria, télicos, conforme a literatura apresenta. Apresentar conclusões sobre isso, nessa segunda amostra, parece ser uma atitude precipitada, uma vez que, mesmo somando as duas amostras, não se têm mais de 30 verbos inergativos.

Entretanto, sobre o comportamento dos inacusativos é importante ressaltar algumas análises que já podem ser feitas. Conforme Cyrino, Nunes e Pagotto (2015), os verbos classificados como de ligação apresentam uma estrutura inacusativa. Isso porque eles não selecionam argumento externo, o que ocorre é que o argumento interno contém uma estrutura de predicação e ele seleciona argumento. Dessa forma, numa estrutura com verbo de ligação, não há argumento externo, mas um argumento interno do adjetivo que ocupa a posição de argumento externo na sentença. Isso também ocorre com verbos como “parecer” que precedem uma sentença finita. Ex.: “parece que...”. Nesses casos, “*o sujeito de construções predicativas foi alçado para esta posição a partir da estrutura de predicação subordinada*” (CYRINO; NUNES; PAGOTTO, 2015, p. 52).

Partindo do pressuposto de que os verbos de ligação não são télicos, pois expressam estados, o fato de eles serem inacusativos e atélicos diminui a probabilidade de os inacusativos serem télicos. Outra possibilidade é o fato de que a distinção entre inacusativo e inergativo estar longe de ser algo estanque (CIRÍACO; CANÇADO, 2004). Essas autoras sugerem, então, adotar uma proposta flexível na qual alguns verbos possuem tanto propriedades inacusativas quanto inergativas. A sentença abaixo pode demonstrar a necessidade da flexibilização na classificação:

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

v) "A senhora era, nessa altura, era uma velhinha, ela entrava lá e sentava no meio daquelas cobras e as cobras vinham e enrolavam nela, mas enormes, coisas assim, uns quinze centímetros de diâmetro. De maneira que a gente encostava com o dedo por fora do vidro, elas vinham alucinadas, juntavam todas".

Um das tarefas mais complexas deste trabalho foi de classificar alguns verbos, por isso o contexto nunca foi desconsiderado, levando em conta a flexibilização sugerida pelas autoras Ciríaco e Cançado (2004). Com o verbo "vir", do exemplo anterior, podem-se fazer os testes propostos no primeiro capítulo (CHIERQUIA, 2003) e no segundo capítulo (JACKENDOFF, 1972) deste trabalho para identificação de verbos inacusativos:

a) Teste de "por X minutos" (*as cobras vinham por dez minutos- atelicidade) e "em X minutos" (As cobras vinham em 10 minutos- telicidade)

b) Teste da posposição (vinham as cobras/ as cobras vinham);

c) Teste da passivização- inacusativos não aceitam as passivas, pois não têm sujeito para absorver a passivização (*vinda a cobra)

Chierquia (2003) é outro autor que defende a relativização das classificações, alegando que nem sempre é simples a distinção entre evento, processo e estado. No exemplo dado, o verbo "vir" parece ser inacusativo e télico, mas porque o contexto foi considerado. O fato de "as cobras virem à senhora" ou "até o vidro", fazem desse verbo télico. Mas, se não houvesse o medidor, ele poderia ser atélico, mesmo sendo inacusativo.

Mais uma vez, nota-se que a classificação de verbos intransitivos em inacusativos ou inergativos não é simples. Apesar de Cançado e Ciríaco (2004, p. 223) apresentarem uma lista de verbos mais e menos prototípicos, nos dois casos, esta pesquisa, ao analisar conversas de falantes reais, deparou-se com a complexidade das classificações que fogem a listas ou exemplos já mencionados por outros autores, como Travaglia (2006). Devido a isso, mais uma vez, remete-se a Comrie (1976) e Verkuyl (2003), entre outros que propõem a composicionalidade do aspecto, entendendo que o aspecto deve ser considerado como o resultado de um contorno de toda a ação verbal, incluindo complementos e advérbios, além de traços como os de papel temático.

Partindo para o terceiro e último grupo de fatores do Varbrul, tem-se a presença de advérbios na sentença e a relação disso para o aspecto. Dessa vez, tanto nas sentenças com nenhum advérbio, quanto nas sentenças com um advérbio, notou-se que 67% delas foram consideradas atélicas e 32% foram consideradas télicas. Já nas sentenças com dois advérbios, a quantidade de

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

sentenças télicas foi maior. As sentenças télicas totalizaram 57%, enquanto as atélicas com dois advérbios somaram 42%.

Tabela 12 – Análise de advérbios no Varbrul II

Group		T	A	Total	%
3 (4)					
1	N	14	29	43	34
	%	32	67		
0	N	24	50	74	59
	%	32	67		
2	N	4	3	7	5
	%	57	42		
Total	N	42	82	124	
	%	33	66		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Foi utilizado novamente o Varbrul, porém agora só foram consideradas as sentenças com advérbios aspectuais:

Tabela 13 – Análise de advérbios aspectuais no Varbrul

Group		T	A	Total	%
3 (4)					
1	N	9	9	18	85
	%	50	50		
2	N	2	1	3	14
	%	66	33		
Total	N	11	10	21	
	%	52	47		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Outra classificação que não é simples, como a de verbos inacusativos e inergativos, é a de advérbios aspectuais. Há autores que separam os advérbios aspectuais dos temporais, como fazem Rocha e Lopes (2015). Para elas, os advérbios temporais são adjungidos a SF e ocorrem em posição inicial ou final. Já os adjuntos aspectuais podem estar antes do verbo, entre dois verbos, após o

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

verbo ou após o objeto direto. As autoras apresentam uma forma de detectar se o advérbio é aspectual ou temporal, elas afirmam que "*podemos responder a uma pergunta que requer uma resposta afirmativa com tais adjuntos, mas apenas com eles (ou com verbo) e nunca com advérbios temporais*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 161). O exemplo é:

"*a*. __*Você já foi ao zoológico?*
__ *Já.*
b. __ *Ontem você foi ao zoológico?*
__ **Ontem*" (ROCHA; LOPES, 2015, p. 161).

Ainda assim, este livro não fará distinção entre os dois tipos de advérbios. Questões semelhantes ao exemplo dado demonstram que é tênue essa diferença, como em: "*João Antônio nada toda terça e quinta? Toda terça e quinta*". Inicialmente "terça e quinta" parece ser advérbio temporal, segundo os critérios das autoras, mas, com certeza, modifica o aspecto da sentença dando a ela noções de habitualidade e, consequentemente, atelicidade. Todo advérbio que puder indicar perfectividade/imperfectividade e/ou telicidade/atelicidade será considerado como advérbio aspectual. Foram considerados: "sempre, ainda, lá, na última vez, uma vez, já, nessa altura, no vidro, volta e meia, hoje, sete anos, numa dessas viagens, quando eu cheguei, uma das poucas vezes, nunca, com mais de uma hora e ainda com meia hora".

No total, 21 sentenças das 124 apresentaram advérbios aspectuais. O resultado mostrou que 18 delas apresentam um advérbio. Dessas, metade apresenta situação atélica e a outra metade, situação télica. Das três sentenças com dois advérbios, duas apresentam situação atélica e uma, télica. O que se viu, mais uma vez, é que não há uma diferença significativa em o advérbio indicar só telicidade ou só atelicidade. Esse comportamento homogêneo parece fazer sentido, pois a sentença tanto pode ter, por exemplo, o advérbio "sempre" indicando atelicidade ou o advérbio "uma vez", indicando telicidade.

O que se pode afirmar, até o momento, é que os advérbios modificam o aspecto da sentença, porém pode modificar dando ideia de telicidade ou atelicidade. Inicialmente, essa conclusão parece bem previsível, mas é relevante, uma vez que não se pode afirmar que os advérbios tendem a deixar a sentença mais atélica, por exemplo. É notório que essas definições dependem do tipo de advérbio e não só da sua presença. Alguns exemplos da segunda amostra são:

w) "Agora[109], até pouco tempo, da última, na última vez, eles estavam criando jacarés, incrível, que não, não, não, não tem aquele cercado, cabem o quê. Uns cinco ou seis, mas toda vida eles tiveram manias

109 Marcador discursivo e não advérbio.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

> por, mania de bicho, bicharada, e era macaco, era, era, era pavão, era pombo, era tudo quanto era raça de...".

Nessa sentença, o advérbio grifado indica atelicidade, entretanto, se for observado o verbo a que ele se adjunge ("tiveram"), há um aspecto perfectivo marcado pelo morfema que também marca o pretérito. Se a sentença fosse apenas "eles tiveram manias de bichos", seria considerada perfectiva. Porém, com a inserção do advérbio, ela passa a ser imperfectiva, ou seja, não se pode afirmar que a ação ainda acabou.

Retomando Hornstein (2003), um advérbio pode ser considerado marca de tempo subdeterminado pela estrutura sintática, cujo CDTS (*Constraint Derived Tense Structures*) é um princípio que restringe determinadas estruturas. Por exemplo, a sentença (w) traz: "até pouco tempo, da última, na última vez, eles estavam criando jacarés". O falante, com hesitação, fala três diferentes advérbios, mas nenhum deles contrapõe ao tempo verbal de "estavam criando", ou seja, MR e ME são contemporâneos. Porém, se houvesse, no lugar de algum desses advérbios, a expressão "a partir de agora", o princípio CDTS restringiria essa formação. Por isso, Hornstein (2003) acredita na relação direta de MR com ME, excluindo o MF em circunstâncias como essas.

Este livro sugere que o MR possa ser representado pelo advérbio, que pode, em várias situações, representar aspecto; enquanto o ME possa representar tempo. Todavia, os dois momentos precisam ser interpretados como contemporâneos pelo princípio CDTS, como já foi comentado na análise da primeira amostra. Se isso for constatado em mais dados, o advérbio pode ser marca de tempo e aspecto, assim como morfemas verbais são marca de modo, tempo e aspecto. Talvez, por isso, não seja tão essencial a divisão estanque entre advérbios temporais e adverbiais.

7.1.1 Aspecto do verbo e aspecto do SV

Seguindo a mesma estrutura do capítulo anterior, foi feita uma análise dos mesmos verbos em diferentes contextos. Mais uma vez, observa-se que o aspecto não pertence ao verbo, ou seja, não se trata de um aspecto verbal apenas, mas de uma composicionalidade aspectual em que o contexto precisa ser considerado. Retomando alguns exemplos da amostra, pode-se detectar:

a) "Uma vez, eu me lembro, já estava trabalhando, eu trabalhava fora do Rio e, e tinha nascido lá numa, numa ninhada uma, uma, uma

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

franguinha com um defeito numa, defeito numa perna e eu acompanhei a bichinha, tratei, cuidei e ela ficou já grandona".

b) "Em uma das viagens pra trabalhar em Angra, que eu trabalhei sete anos no colégio Naval em Angra, numa dessas viagens houve um problema lá...".

O exemplo (a) demonstra uma situação atélica e mesmo com a presença do advérbio (fora do Rio) não há alteração do aspecto, pois o advérbio não é aspectual. Já no exemplo (b), a situação é télica, apesar de se tratar do mesmo verbo. O fato é que o advérbio "sete anos" delimita a ação de trabalhar. Segundo Arad (1996), esse advérbio ocuparia o nó AspEM.

7.1.2 O aspecto em verbos plenos e perífrases

Essa segunda amostra foi analisada, partindo do pressuposto de que as perífrases não devem ser vistas como um bloco único, quando se trata de uma análise sintática e que os verbos auxiliares são inacusativos, assim como os modais "ter e haver". Nesse sentido, confirmou-se que os verbos auxiliares podem marcar aspecto tanto gramatical quanto semântico. O quadro abaixo mostra alguns exemplos retirados da segunda amostra.

Quadro 19 – Perífrases da segunda amostra

	Verbo auxiliar	Aspecto gramatical	Aspecto lexical	Verbo principal	Aspecto gramatical	Aspecto lexical
1	*vivem*	imperfectivo	atélico	*conversando*	imperfectivo	atélico
2	*vivem*	imperfectivo	atélico	*pedindo*	imperfectivo	atélico
3	*estão*	imperfectivo	atélico	*indo*	imperfectivo	atélico
4	*vai*	imperfectivo	atélico	*conversando*	imperfectivo	atélico
5	*vai*	imperfectivo	atélico	*lembrando*	imperfectivo	atélico
6	*tinha*	imperfectivo	atélico	*nascido*	perfectivo	télico
7	*foi*	perfectivo	atélico	*buscar*	-	télico
8	*está*	imperfectivo	atélico	*mexendo*	imperfectivo	télico
9	*estava*	imperfectivo	atélico	*trabalhando*	imperfectivo	atélico
10	*precisou*	perfectivo	atélico	*matar*	-	télico
11	*vi*	imperfectivo	atélico	*matarem*	-	télico

Fonte: Dados da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Pelo que se vê, os verbos auxiliares precisam sempre marcar aspecto gramatical, uma vez que também são responsáveis pelos traços formais da perífrase. Eles indicam número, pessoa, tempo e, como se vê, aspecto. Já os verbos principais nem sempre precisam marcar aspecto gramatical. Quando estão no gerúndio, marcam aspecto imperfectivo, de uma ação em progresso; quando estão no particípio, marcam aspecto perfectivo de uma ação acabada, mas, quando estão no infinitivo, não marcam aspecto gramatical.

Sobre a relação entre os dois verbos da perífrase, quando se trata de aspecto gramatical, essa segunda amostra confirma o que foi observado na primeira: o aspecto do verbo auxiliar não precisa ser o mesmo do verbo principal, assim, pode-se ter perfectivo para um e imperfectivo para outro e vice-versa. Também é possível que os dois sejam imperfectivos, porém, não há a possibilidade de os dois serem perfectivos. A marcação do aspecto perfectivo parece inibir a marcação de outro perfectivo na mesma perífrase.

O exemplo (6) do quadro mostra bem isso. A perífrase "tinha nascido" é gramatical, já "teve nascido", não seria. Com esse exemplo, confirma-se também a hipótese de que o peso do verbo principal é maior sobre a perífrase, quando o verbo principal estiver no gerúndio ou particípio. O peso do verbo auxiliar será maior quando o verbo principal estiver na forma infinitiva, como mostram os exemplos (7), (10) e (11).

Sobre o peso dos advérbios, nessa amostra, não houve ocorrência de advérbio aspectual, juntamente com as perífrases. Portanto, a hipótese sugerida no quadro da primeira amostra de que, "quando o verbo principal estiver no gerúndio ou particípio e houver presença de advérbio não contraditório ao aspecto gramatical do verbo auxiliar, o aspecto será definido pelo advérbio" se mantém, até o momento.

As análises com perífrases ajudam a confirmar a hipótese de que os sintagmas de tempo e aspecto precisam ser independentes, uma vez que cada um indica um fenômeno distinto, em relação à ação verbal. Além de observar que os sintagmas de tempo e aspecto são cindidos, observa-se também que os sintagmas de aspecto do verbo auxiliar e do verbo principal de uma perífrase também são distintos. Até o momento, tudo indica que haja um sintagma para aspecto e outro para tempo, tanto do verbo auxiliar, quanto do verbo principal ou pleno de uma sentença, conforme já foi observado na primeira amostra.

Constata-se ainda que não seja suficiente indicar apenas o aspecto gramatical, com seus traços formais. O aspecto semântico é essencial e, como os conceitos dessas duas categorias são distintos, é necessário que haja um nódulo para indicar cada categoria. Viu-se que a tendência é que um verbo com aspecto télico seja perfectivo e um verbo com aspecto atélico seja imperfectivo,

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

no entanto, isso não é uma regra e as classificações podem se alternar. Por isso, é relevante que haja, no momento da derivação, um sintagma para cada tipo de aspecto.

Até agora as representações sintáticas sugeridas por Arad (1996) e Wachowicz (2006) parecem ser ideais para abarcar os sintagmas necessários. Conforme já foi demonstrado no capítulo anterior, deve haver um sintagma de aspecto gramatical para o verbo auxiliar e para o verbo principal e também um sintagma de aspecto semântico também para cada verbo da sentença. Conforme a proposta do capítulo anterior, deve haver um nódulo AspOR, já conhecido como Sv para acolher o sujeito, que também é o originador de uma ação verbal, e outro nódulo, chamado por Arad (1996) de AspEM para acolher o evento medidor, seja ele um advérbio ou um argumento interno. Esse sintagma AspEM também é denominado de SV.

Com essa possibilidade de representação sintática, os sintagmas de aspecto semânticos não são acrescidos, apenas compartilhados com outros já existentes, no caso, o Sv e SV.

Por fim, esta pesquisa parte agora para uma última amostra, com mais 106 dados. Esperam-se, com esta última análise, considerações finais sólidas sobre as questões ligadas ao aspecto verbal e sua relação com outras categorias, tanto funcionais como lexicais. Com esta última amostra, somarão, ao todo, 320 dados analisados sob uma perspectiva qualitativa e quantitativa. Além do número expressivo de dados analisados, a metodologia adotada dará ao trabalho mais credibilidade, confiança nos resultados, além de certeza estatística.

7.2 Terceira amostra

A terceira e última amostra selecionada foi composta por dois inquéritos. O primeiro[110] composto por 27 frases e 84 ocorrências verbais e o segundo inquérito[111] composto por 8 frases e 22 ocorrências. Da mesma forma que na primeira amostra, fez-se a análise multivariada entre categorias relevantes no estudo do aspecto: ocorrências de aspecto gramatical (perfectivo/imperfectivo) com aspecto semântico (télico/atélico) e também com tipos de verbo (transitivo/ inergativo/inacusativo). Utilizou-se o Varbrul para o cruzamento de dados e obtiveram-se os seguintes resultados:

110 Inquérito 0258- duração 41 minutos – do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID) – locutor 311- data do registro: 11 de novembro de 1974, com o tema "cidade e comércio".

111 Inquérito 0045- duração 40 minutos – do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID) – locutor 054- data do registro: 06 de abril de 1972, com o tema "cinema, televisão, rádio, teatro, circo".

Tabela 14 – Resultado da terceira amostra

Group		T	A	Total	%
1 (2)					
I	N	6	59	65	61
	%	9	90		
N	N	3	8	11	10
	%	27	72		
P	N	26	4	30	28
	%	86	13		
Total	N	35	71	106	
	%	33	66		
2 (3)					
V	N	13	36	49	46
	%	26	73		
C	N	17	27	44	41
	%	38	61		
G	N	5	8	13	12
	%	38	61		
Total	N	35	71	106	
	%	33	66		
3 (4)					
1	N	17	24	41	38
	%	41	58		
0	N	13	38	51	48
	%	25	74		
2	N	5	6	11	10
	%	45	54		
3	N	0	3	3	2
	%	0	100	* KnockOut *	
Total	N	35	71	106	
	%	33	66		
Total	N	35	71	106	
	%	33	66		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

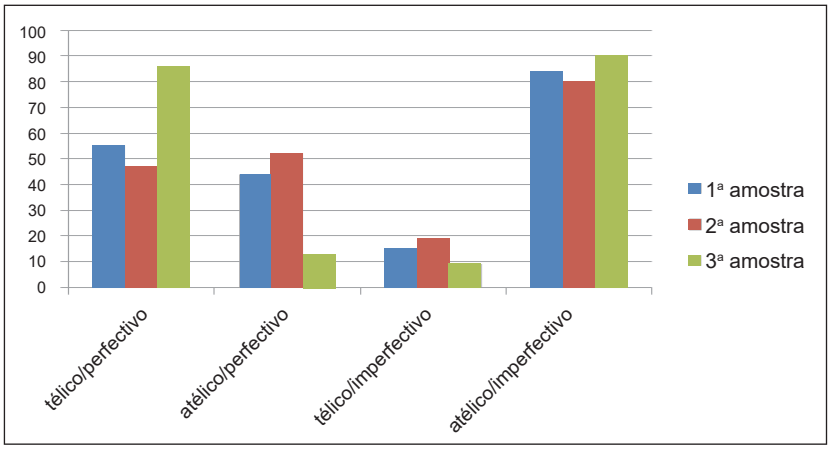
Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Observa-se que, nessa última amostra, apenas 13% das situações atélicas se apresentam com verbos perfectivos, contra 86% das situações télicas com verbos perfectivos. Com esses dados, vê-se que o comportamento dos perfectivos dessa amostra foi bem diferente dos perfectivos da primeira e segunda amostras, em que os perfectivos ficaram em equilíbrio nas duas categorias (télico/atélico). De fato, os perfectivos se mostraram mais télicos, em duas amostras e isso é um dado muito relevante. Porém, nessa última, o resultado foi distinto, pois a diferença entre perfectivos télicos foi muito significativa, em relação aos perfectivos atélicos. Ainda assim, não se pode desconsiderar que os perfectivos, não raro, também ocorram numa situação atélica, como mostrou este livro.

Esses resultados também levam a pensar que os verbos que apresentam traços semânticos, já vindos do léxico, de uma ação que não tende a um fim, como sugere Vendler (1967) com verbos de estado, atividade e alguns *accomplishments,* raramente receberão traços de (+) perfectividade no momento da derivação da sentença. A carga semântica de verbos télicos é mais compatível com traços de (+) perfectividade e a carga semântica de verbos atélicos é mais compatível com traços de (-) perfectividade. Isso foi constatado com o resultado dos verbos atélicos, nas três amostras. Nessa terceira amostra, os verbos imperfectivos e atélicos somaram 90% de toda amostra, contra apenas 9% de imperfectivos télicos. O interessante é que essa diferença expressiva também foi observada na primeira amostra com 84% dos imperfectivos atélicos e, na segunda amostra, com 80% dos imperfectivos atélicos.

Para um melhor entendimento do que foi observado nas três amostras, tem-se o gráfico abaixo que demonstrará o cruzamento das possibilidades entre aspecto gramatical e semântico nos dados observados.

Gráfico 4 – Aspecto gramatical e semântico nas três amostras



Fonte: Resultado da pesquisa.

Com a ajuda do gráfico, nota-se, na primeira amostra, que os verbos atélicos e imperfectivos ocorrem em quantidade bem maior do que os télicos imperfectivos, os quais aparecem esporadicamente. Já a relação estreita entre as categorias de télico e a forma perfectiva não é tão homogênea como era esperada, conforme a teoria postula. Com a ajuda do gráfico, veem-se mais situações télicas com formas perfectivas do que situações atélicas na forma perfectiva. Contudo, há oscilações dependentes das amostras e dos dados observados. Enquanto na primeira amostra houve um equilíbrio entre os cruzamentos dessas duplas de categorias, na segunda, verifica-se a superioridade de situações atélicas na forma perfectiva. Já na terceira amostra, o que se observou foi a superioridade de situações télicas na forma perfectiva. Assim, apesar de as situações télicas ocorrerem mais na forma perfectiva, isso não parece ser uma regra rígida.

As circunstâncias avaliadas como atélicas tendem a ocorrer mais na forma imperfectiva, independentemente de qualquer especificidade de amostra. E a relação entre imperfectividade e atelicidade tende a ocorrer mais, nos dados observados, que a relação entre perfectividade e telicidade. Apesar dessas diferenças, verbos que tendem a um fim, como os *achievements*, têm mais chances de aparecer em uma forma perfectiva, assim como os verbos atélicos tendem majoritariamente a aparecer numa forma imperfectiva.

Alguns exemplos de combinação de aspecto gramatical e semântico dessa terceira amostra foram:

Quadro 20 – Combinações de aspecto gramatical e aspecto semântico

Aspecto télico e perfectivo	Aí o marido dela disse: então vamos embora. Ela falou: não, agora eu já paguei, vou ficar até o fim. O centro da cidade modificou-se muito. Com grande surpresa minha, fechou-se uma grande loja, onde compraram os seus bonitos, as suas bonitas fazendas, minha mãe, minhas tias, minha avó, que era a Notre-Dame de Paris.
Aspecto télico e imperfectivo	Estou, por exemplo, frequentando um curso e chego aqui em casa uma hora da manhã. Eu morava em São Cristóvão, então vinha a um lugar muito interessante chamado galeria Cruzeiro e lá tomava o ônibus. Muitos casamentos se fazem e muitos casamentos se desfazem.
Aspecto atélico e perfectivo	O que ficou mesmo do passado é a velha confeitaria Colombo. Andei muito neste Camões. Fiquei com a loja toda fechada.
Aspecto atélico e imperfectivo	No show da Gal tinha três instrumentos de percussão, se não me engano. Normalmente, se li... primeiro de tudo se liga o rádio. Sou do tempo que se pagava duzentos reis pela passagem e que havia uma coisa chamada ponto de cem reis.

Fonte: Dados da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

A fim de comparar as divergências entre as frequências observadas nos dados e as frequências esperadas pelas postulações teóricas apresentadas, será feito o Teste X^2 em dois momentos. O primeiro levará em conta apenas a terceira amostra, em relação ao aspecto gramatical e semântico, como segue abaixo:

Tabela 15 – Dados observados para X^2- terceira amostra

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	26	4	30
IMPERFECTIVO	6	59	65
TOTAL	32	63	95

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 16 – Dados esperados para X^2- terceira amostra

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	10	20	30
IMPERFECTIVO	22	43	65
TOTAL	32	63	95

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo o mesmo processo de cálculos, com tabela de quatro células e tendo como referência o valor relativo à interseção Nível de Significância e Grau de Liberdade de 3.841, o resultado do X^2 foi 55.98. Com o resultado muito superior a 3.841, definitivamente a hipótese nula de que as categorias aspecto semântico e aspecto gramatical não mantêm relação entre si deve ser refutada.

Tomando por base agora o somatório de todos os dados, das três amostras, sobre aspecto gramatical e semântico, tem-se o seguinte resultado para X^2:

Tabela 17 – Dados observados para X^2- todas as amostras

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	62	38	100
IMPERFECTIVO	25	144	169
TOTAL	87	182	269

Fonte: Dados da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tabela 18 – Dados esperados para X²- todas as amostras

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
PERFECTIVO	32	68	100
IMPERFECTIVO	55	114	169
TOTAL	87	182	269

Fonte: Dados da pesquisa.

Com os dados acima, o resultado do X² foi 65.60. Também foi um resultado muito superior a 3.841 e, de fato, a hipótese nula de que as categorias aspecto semântico e aspecto gramatical não mantêm relação entre si foi refutada, levando em conta o somatório de todas as amostras. Esse resultado faz valer a hipótese alternativa de que as situações télicas tendem a ocorrer mais na forma perfectiva e as situações atélicas tendem a ocorrer mais na forma imperfectiva.

Voltando aos resultados obtidos com a aplicação do Varbrul, no segundo grupo, sobre a relação entre tipos de verbos e aspecto semântico, ocorreu um resultado bastante curioso: os verbos inacusativos e inergativos apresentaram-se com mesma porcentagem tanto para telicidade (38%), quanto para atelicidade (61%). Os dois tipos de verbos mostraram-se mais atélicos do que télicos e em uma quantidade expressiva. Esse resultado da terceira amostra não foi diferente das demais. Em todas as três amostras, os verbos monoargumentais são majoritariamente atélicos. Sobre os transitivos, a situação também não foi diferente: de acordo com as demais amostras, os transitivos também estão mais presentes em situações atélicas. A tabela a seguir demonstra isso:

Tabela 19 – Resultado Varbrul segundo grupo- terceira amostra

Group		T	A	Total	%
2 (3)					
V	N	13	36	49	46
	%	26	73		
C	N	17	27	44	41
	%	38	61		
G	N	5	8	13	12
	%	38	61		
Total	N	35	71	106	
	%	33	66		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Aplicando o teste X^2 para o segundo grupo, tem-se o seguinte resultado:

Tabela 20 – Dados observados para X^2- terceira amostra

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
INACUSATIVO	17	27	44
INERGATIVO	5	8	13
TOTAL	22	35	57

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 21 – Dados esperados para X^2- terceira amostra

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
INACUSATIVO	17	27	44
INERGATIVO	5	8	13
TOTAL	22	35	57

Fonte: Dados da pesquisa.

Aplicando a fórmula do X^2 para a tabela de quatro células, o resultado com esses dados foi O. Esse resultado demonstra que os desvios são nulos, então, não há diferença significativa entre os dados observados e os dados esperados. Dessa forma, a hipótese nula não pode ainda ser descartada. Levando em conta que essa é a última amostra e que sozinha também não apresentou, no mínimo, 30 verbos inergativos, decidiu-se repetir o X^2, agora, com todas as amostras. Os resultados são apresentados a seguir:

Tabela 22 – Dados observados para X^2- todas as amostras

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
INACUSATIVO	30	80	110
INERGATIVO	11	30	41
TOTAL	41	110	151

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 23 – Dados esperados para X^2- todas as amostras

	TÉLICO	ATÉLICO	TOTAL
INACUSATIVO	27	83	110
INERGATIVO	14	27	41
TOTAL	41	110	151

Fonte: Dados da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Após a inclusão de todos os dados, observam-se 41. Com isso, alcançou-se o mínimo de 30 dados que é o ideal. Os inacusativos totalizaram 110. Aplicando a formula do X^2, obteve-se o resultado 1.52. Como esse resultado é menor que a referência 3.841, com segurança matemática, a hipótese nula não pode ser refutada e é mantida. Ou seja, os verbos inacusativos e inergativos não apresentam correspondência com telicidade e atelicidade, respectivamente. Os dados indicam que tanto os inergativos como os inacusativos têm relação maior apenas com situação de atelicidade. Não se comprovou, nesta fase, que os verbos inacusativos ocorrem mais em situações télicas. Na verdade, os resultados vão além dos dados esperados.

A teoria aponta que os verbos inacusativos "*são entendidos como aqueles que visam apenas ao ponto final do evento* [...] *muitos autores já correlacionaram a ideia de telicidade aos inacusativos*" (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 14). Mas parece que essa ideia não faz tanto sentido quando se classificam os verbos conhecidos como "verbos de ligação" e os "modais" como verbos inacusativos. Esses são tidos como verbos de estado e, por isso, não visam apenas ao ponto final do evento. Alguns exemplos de inacusativos da terceira amostra serão apresentados a seguir:

a) Hoje há quatro casas na Avenida Atlântida apenas.

b) Há também alguns apartamentos que já deviam ser demolidos de tão velhos.

c) Ah, uma das coisas mais agradáveis do meu tempo foi quando comecei a frequentar teatro.

d) Então a criançada toda vinha à volta, vinha trás aos pulos, aos saltos alegríssimos.

e) Também o, o abas... abastecimento d'água deste prédio em que moro, são doze andares e vinte e quatro apartamentos, nunca faltou água.

f) Estou, por exemplo, frequentando um curso e chego aqui em casa uma hora da manhã. No entanto, é ali na rua Maris e Barros, mas é longe, então o cu... acaba à meia-noite e eu chego a uma hora da manhã. Vejam que realmente as distâncias são grandes.

g) Porque eles não tinham reparado ainda.

h) Bem, depois apareceram outras marcas.

i) Hoje, não, já, já perdeu completamente a, a, a ma... o feitio, o... Mas era realmente um carro muito bonito. E outras marcas vieram, por exemplo, havia o Buick. Carro muito caro. Propriamente o Cadilack apareceu quando eu já estava na escola Normal.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

j) Não adiantava nada, porque o camarada telefonava três, quatro vezes.

k) Certa vez, aconteceu uma coisa interessante.

l) Tinha um picadeiro onde ficavam os artistas e feras e bichos e malabaristas e cômicos, palhaços, atletas, enfim, aquela plêiade de gente que trabalha em circo.

Como se pôde verificar, houve, na amostra, alguns inacusativos prototípicos como: ter, haver, aparecer, faltar, acabar, chegar, vir, existir, entre outros. Mas ocorreram também os verbos de ligação e os modais que, tradicionalmente, não são considerados inacusativos. Porém, retomando os argumentos já expostos no capítulo dois, eles selecionam apenas complementos, mesmo que sejam uma minioração. Tais verbos também não atribuem Caso acusativo, podem ter um sujeito lexical, mas não é o verbo que atribui a ele o papel temático; sem contar que, como os verbos de ligação não são predicadores, o sujeito da sentença não é argumento externo do verbo, na maioria das vezes é um DP que aparece na posição de sujeito (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007).

Para comprovar que, em alguns casos, não é o verbo que atribui papel temático ao sujeito, mas o próprio complemento, retomam-se os exemplos a seguir (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 150, 152).

a) *A pedra parece ser doente.

b) *Pedras odeiam rolar pela montanha.

c) Pedras costumam rolar pela montanha.

Analisando os exemplos, vê-se que a estranheza da sentença não está no fato de o sujeito "pedras" ser incompatível com o verbo parecer, em (a), mas "*a incompatibilidade temática se verifica entre a pedra e (ser) doente, o que equivale a dizer que a pedra é argumento de doente e não de parecer*" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 152).

No caso dos exemplos (b) e (c), comprova-se que, em (b) o verbo odiar não aceita qualquer sujeito, o que significa que ele atribui papel temático a seu argumento. Mas no caso de (c), com o verbo "costumam", reconhece-se que ele é inacusativo, justamente pelo fato de aceitar qualquer tipo de sujeito. "*Se isso acontece é porque este verbo não seleciona seu argumento externo, sendo o sujeito alçado de outra posição de dentro do complemento de costumar. Isso nos indica que se trata, portanto, de um inacusativo*" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 153).

Levando em conta o exposto acima, este trabalho optou por tomar a seguinte decisão: classificar como inacusativos não só os verbos prototípicos sem argumento externo, mas também os verbos de ligação e modais. Assim,

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

com a inserção dos verbos de estado na categoria de inacusativos, eles não indicam sempre o ponto final da ação, por isso não são télicos, em sua maioria. Essa constatação não refuta a hipótese nula, portanto, não se pode afirmar que os verbos inacusativos tendem a ocorrer mais em situações télicas. De acordo com os resultados alcançados, pode-se afirmar que tanto os inacusativos quanto os inergativos tendem a ocorrer mais em circunstâncias atélicas.

Ainda sobre os tipos de verbos, um dado chamou a atenção nessa amostra. Vários verbos vieram acompanhados do "se", como em: "procura-se a informação", "se liga o rádio", "casamentos se fazem e casamentos se desfazem", "o centro da cidade modificou-se", "fechou-se uma grande loja", "se pagava duzentos reis pela passagem" e "falava-se muito". No momento de classificá-los, quanto a diferença entre o "se" representar uma partícula apassivadora ou índice de indeterminação de sujeito, houve dúvida e divergência. Numa primeira análise, não se vê, nesses verbos, um sujeito agente. Na falta da agentividade explícita, tende-se a classificá-los como inacusativos, pois alguns deles só têm a indicação de argumento interno.

Pesquisando um pouco mais, Bagno (2001), ao sinalizar que o "se" pode indicar indeterminação do sujeito ou partícula apassivadora, lembra que, no caso da indeterminação do sujeito, apesar de ele não ser explícito, existe. A posição de argumento externo não pode ser ocupada, justamente pelo fato de aquela posição já está reservada para algum item lexical com essa função.

Bagno (2001) afirma, no caso da partícula apassivadora, os verbos transitivos são sempre marcados com a possibilidade de um argumento externo que necessite ter um traço semântico de [+ humano]. Isso dá a entender que, além de esses verbos necessitarem de um argumento interno, há uma necessidade de um argumento externo, mesmo que ele não ocorra explicitamente. O autor salienta, inclusive, que é essa evidência semântica que leva os falantes a manterem o verbo no singular, em casos como "aluga-se casas", fazendo o verbo concordar com o sujeito que é indeterminado.

Outra dúvida sobre a ocorrência do "se" foi o fato de os inquéritos analisados terem sido gravados há mais de 30 anos. Como se sabe, a língua sofre variações. Assim, houve dúvida de esse fenômeno ser uma característica de um modo de dizer da época e, no caso desta pesquisa, o ideal poderia ser ignorar esse fenômeno. No entanto, em um estudo feito, também com dados do NURC, "*foi analisado um conjunto de 1.085 dados*", "*os resultados do levantamento feito mostram que, de cada 100 frases analisadas, 78 têm o sujeito pronominal expresso*" (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015, p. 99, 100). Viu-se que há uma tendência de não se deixar nenhum verbo sozinho, por isso tanto uso do "se" justificado, mesmo em situações quando o verbo for um infinitivo, tradicionalmente classificado como verbo impessoal.

Bechara apud Bagno (2004) afirma que o "se" como indeterminação do sujeito, era acompanhado exclusivamente de verbos que não tinham objeto

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

direto, mas estendeu o seu papel aos transitivos diretos, em que a interpretação da voz passiva passa a ter uma interpretação de indeterminação do sujeito (venderam-se as casas, por exemplo). Ou seja, houve uma passagem do emprego do "se" como voz passiva para um entendimento de que o "se" é sempre índice de indeterminação do sujeito. Esse movimento da língua fez com que o falante não mais fizesse o uso da concordância, como em "aluga-se casas", tão usual. Isso porque o que era sujeito (casas) passou a ser compreendido como um objeto direto, e que outro sujeito (alguém) teria casas para alugar.

Nesse sentido, ocorreu uma reanálise sintática. Essa transformação linguística postula que o "se" é, portanto, sempre um índice de indeterminação de sujeito. Sendo assim, esta pesquisa classificou os verbos acompanhados do "se" como verbos inergativos, ou seja, que selecionam um argumento externo, mesmo que esse argumento não esteja explícito na sentença. Voltando à análise dos verbos com "se" na amostra, observou-se que eles não são verbos que aceitam qualquer tipo de sujeito, como os inacusativos. Esse foi mais um critério para classificá-los como inergativos.

Assim, antes que se volte às análises dos verbos e a relação deles com o aspecto no estudo dos dados deste livro, é importante frisar que nessa última amostra da pesquisa, deparou-se com duas questões muito importantes e que não eram esperadas quando se iniciou a escrita desta obra: a primeira é de que os verbos de ligação e os verbos modais são considerados inacusativos e a segunda de que o "se" deve sempre ser considerado como índice de indeterminação do sujeito, quando se leva em conta o falante num estudo gramatical. Por conta dessas ocorrências na última amostra e, consequentemente, da necessidade de se buscar aprofundamento nessas concepções estabeleceu-se novos critérios no método de análise dos dados.[112]

Partindo agora para a análise dos advérbios e sua relação com o aspecto, tanto nas sentenças com nenhum advérbio, quanto nas sentenças com um ou dois advérbios, notou-se que a maior parte delas é atélica. A atelicidade se sobressaiu, no caso das sentenças sem nenhum tipo de advérbio, quer dizer, nenhum tipo de medidor, tanto que, apenas 25% delas foram consideradas circunstâncias télicas. Esse fenômeno foi observado em todas as amostras. Em todas elas, as sentenças sem advérbios só expressavam situações télicas em uma pequena quantidade. Parece, realmente, que a falta de algum advérbio torna mais difícil a possibilidade de a sentença tender a um fim. A explicação para isso deve-se ao fato de que, na ausência de um item lexical medidor, a tendência é a sentença ser atélica. Isso, por si só, já evidencia a relação direta entre presença/ausência de advérbio e aspecto semântico.

112 As concepções de verbo inacusativo e as concepções do "se" como índice de indeterminação do sujeito foram comentadas apenas nesse capítulo e não no capítulo 6 de metodologia, uma vez que não era esperado o estabelecimento de novos critérios além dos já explicitados anteriormente.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Tabela 24 – Análise advérbios no Varbrul III

Group		T	A	Total	%	
3 (4)						
1	N	17	24	41	38	
	%	41	58			
0	N	13	38	51	48	
	%	25	74			
2	N	5	6	11	10	
	%	45	54			
3	N	0	3	3	2	
	%	0	100	*	KnockOut	*
Total	N	35	71	106		
	%	33	66			

Fonte: Resultado da pesquisa.

Analisando, por fim, somente as sentenças com advérbios aspectuais, como mostra a tabela seguir, verificou-se uma quantidade maior de situações atélicas. A atelicidade se mostrou mais recorrente, de novo. Com um ou dois advérbios, a terceira amostra foi constituída por SV denotando atelicidade.

Tabela 25 – Análise de advérbios aspectuais no Varbrul II

Group		T	A	Total	%
3 (4)					
1	N	6	8	14	73
	%	42	57		
2	N	2	3	5	26
	%	40	60		
Total	N	8	11	19	
	%	42	57		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Chegando ao final das três amostras com esse resultado de que a maior parte das sentenças são atélicas, mesmo com a presença de apenas advérbios aspectuais, esta pesquisa demonstra a contabilização quanto à posição desses advérbios. Essa decisão foi tomada com o intuito de observar se os advérbios aspectuais, por marcarem tempo e aspecto, ficam majoritariamente à esquerda dos sintagmas. Baseado em Cinque (1999), os advérbios seriam categorias funcionais e, para ganhar traços de tempo e aspecto, não poderiam permanecer à direita do verbo.

A postulação de Cinque (1999) é interessante e lógica, no entanto, ele não demonstra sua teoria com árvores sintáticas, ficando a cargo do leitor da obra dele sugerir a representação arbórea de sintagmas com advérbios à esquerda. Sabe-se que a posição de especificadores é ocupada pelo sujeito da sentença. Essa é uma posição em que o sujeito se acomoda até se fixar na posição final que é no especificador de SF, posição em que é atribuído Caso nominativo e que o sujeito pode, enfim, concordar com o verbo. Se a posição de especificador já está designada para acomodar o sujeito e o núcleo dos sintagmas é posição para acomodar verbo, para que o advérbio ficasse sempre à esquerda do verbo, imagina-se que deveria haver uma espécie de adjunção em cada sintagma, onde a projeção máxima seria o lugar do advérbio e não mais do sujeito. Sant'ana (2010), em sua tese, defende a Hipótese do Especificador, mas também não apresenta representação arbórea para a questão. Com isso, este livro decidiu mapear os advérbios aspectuais encontrados nas três amostras. Segue abaixo o que foi feito.

Quadro 21 – Mapeamento dos advérbios aspectuais da primeira amostra

Advérbios aspectuais à esquerda do verbo	Advérbios aspectuais à direita do verbo
já (4x) sempre (2x) nesse dia passado esse tempo todo depois logo que cheguei agora às vezes a única vez a manhã	durante mais um tempo antes de mim até o fundo o dia inteiro (2x) até muito tarde quando eu trabalhava no Diário Carioca vários meses num horário menor lá

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 22 – Mapeamento dos advérbios aspectuais da segunda amostra

Advérbios aspectuais à esquerda do verbo	Advérbios aspectuais à direita do verbo
sempre (2x) até pouco tempo da última vez na última vez toda a vida uma vez já (4x) de vez em quando hoje sete anos poucas vezes durante a minha vida nunca nessa altura volta e meia	às vezes lá (2x) uma vez (3x) já (2x)

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 23 – Mapeamento dos advérbios aspectuais da terceira amostra

Advérbios aspectuais à esquerda do verbo	Advérbios aspectuais à direita do verbo
hoje (2x) já (2x) às vezes (2x) muitas vezes nunca muitas vezes depois no começo	sempre a primeira vez há vinte anos uma hora da manhã à meia noite em 1922 três, quatro vezes

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nas amostras, não se viu uma diferença significativa entre as posições dos advérbios aspectuais. Observando todas as amostras, não se nota que os advérbios aspectuais tendem a ficar somente à esquerda do verbo. Esse dado pode sugerir que os advérbios que não recebam traços aspectuais no momento da derivação da sentença, então não precisam estar sempre à esquerda do verbo. O que parece ocorrer é que os advérbios já vêm do léxico com seus traços semânticos de [+/-telicidade], deixando apenas para os verbos a possibilidade de receber traços de aspecto gramatical durante as movimentações. Com esses dados, observa-se que a postulação de Cinque (1999) de que os advérbios ocupariam a posição de especificadores de projeção máxima pode não se sustentar como uma regra geral. Sant'ana (2010), em sua tese, defende

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

a Hipótese do Especificador, mas assim como Cinque (1999) não apresenta representação arbórea para essa questão. Portanto, não se pode afirmar que os advérbios de tempo e aspecto, como é o caso desta obra, ocuparão a posição de especificadores de projeções máximas.

7.3 Considerações sobre as amostras analisadas

Esta pesquisa chega ao final da análise com 320 ocorrências divididas em três amostras. Os resultados a seguir foram baseados nas três amostras e não apenas nas duas últimas apresentadas nesse capítulo sete. Os resultados serão apresentados em forma de tópicos, da mesma maneira como foi feito no capítulo seis, porém só serão apresentados os resultados que ampliem o entendimento dos resultados já mencionados.

a) A primeira hipótese nula apresentada foi: as categorias aspecto semântico e aspecto gramatical não mantêm relação entre si. No entanto foi verificado, com certeza matemática de 65.20 no teste X^2, que os aspectos semântico e gramatical se relacionam diretamente, ou seja, um exerce influência sobre o outro. As situações atélicas são encontradas mais vezes nas formas imperfectivas e as situações télicas, mesmo que em menor porcentagem, são evidenciadas também mais perfectivas. Assim, a hipótese nula é refutada e considera-se, a partir de então, a hipótese alternativa de que as situações télicas tendem a ser mais perfectivas e as situações atélicas tendem a ser mais imperfectivas. Verificou-se que os verbos atélicos tendem a ser mais imperfectivos, independentemente de qualquer especificidade de amostra. E a relação imperfectividade e atelicidade tende a ocorrer mais que a relação perfectividade e telicidade;

b) A segunda hipótese nula foi: os verbos inacusativos e inergativos não apresentam correspondência com telicidade e atelicidade, respectivamente. Os dados indicam que tanto os verbos inergativos como os verbos inacusativos ocorrem mais vezes apenas com a atelicidade. Essa postulação justifica-se devido ao resultado do teste X^2 de 1.52. Com esse resultado, menor que 3.841, a hipótese nula não pode ser desconsiderada. Comprova-se que os verbos inacusativos não tendem a ser télicos. O que se verifica é que os verbos atélicos tendem a ser mais imperfectivos e que a maioria das sentenças no português são atélicas, independentemente do tipo de verbo e da quantidade de advérbios na sentença. Assim como os verbos inergativos, os inacusativos ocorreram mais vezes em situações atélicas;

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

c) Sobre os advérbios, de um modo geral, a hipótese nula foi: o aspecto verbal é indiferente à presença e à quantidade de advérbios na sentença. Comprovou-se que advérbios influenciam no aspecto semântico e que os advérbios aspectuais fazem isso com mais intensidade;

d) Em perífrases, pode-se afirmar que o aspecto seja entendido como uma categoria presente tanto no verbo auxiliar, quanto no verbo principal, pois verbos auxiliares também expressam aspecto. Conclui-se que o aspecto do verbo auxiliar não precisa ser o mesmo do verbo principal, assim, pode-se ter perfectivo para um auxiliar e imperfectivo para um principal e vice-versa. Também é possível que os dois sejam imperfectivos, porém, não há a possibilidade de os dois serem perfectivos. O fato de haver uma marcação de [+perfectivo] inviabilizaria que os demais verbos da perífrase tivessem, exclusivamente, traços de [+perfectivo]. A impossibilidade de que haja marcação simultânea de dois ou mais traços de [+perfectivos] em uma perífrase se dá pelo Princípio CDTS que restringe prioritariamente o passado;

e) Assim, este estudo postula que haja uma representação sintática aspectual em que tanto o aspecto gramatical com seus traços de [+/- perfectivo], quanto o aspecto semântico com seus traços de [+/- télico] são representados por meio de sintagmas. Para essa representação, evidencia-se a teoria de Arad (1996), o que não modificaria a estrutura arbórea minimalista já existente. Acolhendo a teoria da autora, o sintagma AspOR (sintagma aspectual para originador de eventos), tanto para verbos inergativos, como para verbos transitivos pode ser compreendido juntamente com Sv, sintagma já existente, onde nasce o sujeito da sentença. Já AspEM (sintagma aspectual para acomodar os eventos medidores) pode ser compreendido juntamente com SV, posição que acomoda complementos verbais e advérbios aspectuais e temporais no início da derivação;

f) Todos os elementos pertencentes a categorias funcionais que precisam receber traços de tempo e aspecto no momento da derivação da sentença são sensíveis a uma interface léxico-sintática. Por isso, a estrutura sintática de tempo e aspecto determina a relação entre morfemas temporais/aspectuais e demais elementos da sentença, como os advérbios;

g) Acredita-se que MR possa ser representado pelo advérbio, que pode, em várias situações, representar aspecto; enquanto o ME

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

possa representar tempo. No entanto, os dois momentos precisam ser interpretados como contemporâneos pelo princípio CDTS;

h) No momento da derivação das sentenças, os verbos receberiam prioritariamente traços de tempo e aspecto e o advérbio já viria do léxico com os traços semânticos para serem acomodados na sentença, ora à esquerda do verbo, ora à direita;

i) Quanto à formação do aspecto em perífrases, viu-se que o traço aspectual do verbo auxiliar é mais forte que a do verbo principal de uma perífrase com verbo principal na forma infinitiva; já as perífrases com verbo principal no gerúndio e particípio parecem ter no verbo principal a força definidora do aspecto; e, quando há presença de advérbio, parece que ele só será definidor do aspecto se concordar com traço de [+perfectividade], quando houver;

j) Por fim, reforça-se que o aspecto é resultado de uma interface léxico-sintática confirmando a ideia da composicionalidade aspectual.

O próximo capítulo, último deste livro, traz de forma sistemática e descritiva as conclusões da pesquisa.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último capítulo traz as conclusões desta investigação. Para descrevê-las, este capítulo será dividido em duas partes. A primeira parte trará as conclusões da pesquisa baseada no objetivo geral e nos objetivos específicos. Cada objetivo será novamente apresentado e, em seguida, as conclusões relacionadas a cada um. A segunda parte trará as contribuições desta pesquisa, em relação à teoria apresentada na primeira parte do livro. Os temas principais, que se transformaram em capítulos: Teoria gerativa, Aspecto, Tempo e Advérbio serão retomados, a fim de que se demonstre como os resultados desta pesquisa se articulam ao aporte teórico em questão.

A estrutura do livro apresenta três partes bem demarcadas: a parte teórica, a metodologia e a análise dos dados. Na parte teórica, elegeu-se a Teoria Gerativa e seus pressupostos de uma gramática formalista como ponto de partida. O aspecto foi visto como um contorno interno da ação verbal e classificado em dois subtipos: o aspecto gramatical (perfectivo e imperfectivo) e aspecto lexical/semântico (télico e atélico). Já no capítulo de tempo, viu-se que, apesar da categoria "tempo" apresentar uma relação próxima com aspecto, elas se diferem e tempo e aspecto podem ser cindidos no momento da derivação de uma sentença. Como proposta para uma estrutura sintática que acomode o aspecto, tem-se a inserção de dois sintagmas aspectuais, um para acomodar o aspecto de verbos plenos ou verbos principais de perífrases e outro para acomodar o aspecto de verbos auxiliares de perífrases. Além desses sintagmas, há a proposta de Arad (1996) que postula que o aspecto pode se dar com a presença de um originador da ação, representado pelo sintagma SF, já existente e que também passa a ser chamado de AspOR. O aspecto também pode se dar com a presença de limitadores da ação, promovendo a telicidade na sentença e daria origem a um sintagma denominado AspEM. A parte final da teoria foi dedicada aos advérbios e conclui-se que eles influenciam e podem, inclusive, modificar o aspecto de uma sentença.

Sobre a metodologia, partiu-se de uma abordagem qualitativa, passou-se por uma abordagem quantitativa e, por fim, retomou-se a abordagem qualitativa, para significar os resultados encontrados. Na análise quantitativa do trabalho, utilizou-se o Varbrul que é um programa estatístico de linguagem. Com ele, foi possível cruzar dados e verificar o efeito combinado das variáveis. Em seguida, utilizou-se o teste do Qui-quadrado para analisar os dados observados em comparação com os dados esperados pela teoria

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

apresentada. A amostra da pesquisa foi composta por 4 inquéritos do NURC, somando ao todo 320 ocorrências de aspecto.

Na terceira e última parte desta obra, tem-se a seção de análise dos dados. Sobre a representação aspectual na Sintaxe, considera-se que a camada flexional é cindida em tempo e aspecto e que há dois sintagmas de aspecto gramatical, um abaixo de SAux, que é destinado à valoração de traços aspectuais do verbo principal e outro abaixo de ST, que é destinado à valoração de traços aspectuais do verbo auxiliar. Propõe-se também a inclusão de dois sintagmas de aspecto semântico, o Sintagma Flexional, chamado aqui também por AspOR (responsável pelo originador da ação) e o Sintagma Verbal, chamado também por AspEM (responsável pelo evento medidor da ação verbal). A hipótese de haver dois sintagmas para aspecto gramatical possibilita abarcar as sentenças que apresentam verbo auxiliar, já que se constatou que o verbo auxiliar apresenta traços de tempo e aspecto, enquanto alguns verbos principais de perífrases parecem apresentar apenas traços de aspecto. Esta obra chega ao fim propondo quatro sintagmas aspectuais que parecem satisfazer a derivação da sentença: (a) SAsp gramatical para acomodar verbos auxiliares, (a) SAsp gramatical para acomodar verbos plenos ou principais, (c) SAsp semântico AspOR para indicar o originador e (d) SAsp semântico AspEM para indicar o evento medidor. Constatou-se também que a presença de advérbios pode influenciar na marcação de aspecto da sentença.

8.1 Considerações finais baseadas nos objetivos da obra

O objetivo geral deste livro foi demonstrar como se dá a representação do aspecto verbal à luz da Teoria Gerativa. Para alcançá-lo, foram elencados quatro objetivos específicos. O primeiro deles foi (a) identificar a relação entre (a)telicidade e (im)perfectividade.

O que se pode afirmar sobre essa relação é que a maior parte dos verbos são atélicos, independentemente de serem perfectivos ou imperfectivos. Os verbos atélicos representaram 214 de 320 verbos, ou seja, 67% dos verbos são atélicos. Após o cruzamento de verbos em situações télicas e atélicas com o aspecto gramatical, conclui-se que a maior parte das sentenças são atélicas e imperfectivas, elas totalizaram 85% da amostra. A menor parte das sentenças são atélicas perfectivas, apenas 15%.

Partindo agora para as conclusões a respeito dos verbos télicos, pode-se afirmar que a maioria daqueles analisados nesta pesquisa realiza-se na forma perfectiva. Ou seja, os verbos télicos e perfectivos representaram

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

62% de toda a mostra, enquanto os atélicos imperfectivos representaram 38%. Contudo, as situações télicas não parecem ter um comportamento tão homogêneo quanto as atélicas, pois as atélicas, independente de amostragem, são sempre mais imperfectivas.

Analisando mais de perto as formas verbais perfectivas, em relação à (a)telicidade, verificou-se que os verbos na forma perfectivas, em duas amostras, apresentaram-se quantitativamente equilibrados entre télicos e atélicos. Entretanto, na primeira amostra, a diferença foi muito grande, 86% das sentenças foram perfectivas télicas, apenas 13% perfectivas atélicas. Conclui-se que os verbos perfectivos se comportaram diferentemente nas amostras. Isso indica que, para que eles sejam télicos, algumas variáveis devem ser levadas em conta, como, por exemplo, o campo semântico dos verbos da amostra selecionada. Assim, afirma-se que, de fato, os verbos télicos tendem a ser mais perfectivos, como foi verificado na pesquisa com 320 dados. No entanto, essa afirmação pode variar conforme o contexto e o campo semântico dos verbos analisados. Já os verbos atélicos são certamente mais imperfectivos independentemente de qualquer variável, como contexto ou campo semântico dos verbos em uma amostra.

O segundo objetivo específico foi delimitar a relação entre (a)telicidade e as estruturas inacusativa e inergativa. Esperava-se constatar que os verbos inacusativos fossem mais télicos, mas não foi esse o resultado encontrado. O que se constatou foi que os verbos inacusativos ocorrem mais vezes em situações atélicas, assim como os verbos inergativos também. Depois de toda análise e cálculos, esse resultado parece realmente fazer sentido, já que a maioria dos verbos são atélicos, seria mais coerente que os inacusativos o fossem também, como ocorreu, diferentemente do que se esperava, ao basear na teoria apresentada. Conclui-se que os verbos inacusativos não fixam sempre o ponto final da ação, ou seja, não tendem a terminar. Isso porque, além de verbos inacusativos prototípicos, verificou-se que os verbos de ligação e os modais também são inacusativos, pois selecionam apenas argumento interno e este, na maioria das vezes, pode ser de qualquer tipo (+animado, -humano etc.) e ocupar a posição de argumento externo. Com a inclusão desses verbos, que, na maior parte das vezes, são verbos de estado, não se tem mais a ideia de que os inacusativos marcam apenas o término da ação. Assim, eles passam a pertencer ao grupo dos atélicos com 75% da amostra.

Os verbos inergativos, como já era esperado, são na maioria atélicos, esses representaram 65%, os inergativos télicos foram apenas 35% de todos os inergativos. O fato de o verbo inergativo apresentar apenas argumento externo diminui consideravelmente a chance de ele ser télico, uma vez que,

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

sem a presença de um argumento interno, a chance de a sentença ter um evento limitador da ação é pequena. Constatou-se também que o grupo dos verbos inergativos é pequeno, eles representaram somente 41 verbos dos 320 analisados. Inclusive, eles foram uma das justificativas de se necessitar de quatro inquéritos e três amostras analisadas, a fim de garantir mais de 30 ocorrências de cada variável.

Conclui-se que os inergativos são mais incomuns que os inacusativos e que, no português, as sentenças com argumento interno, ou seja, com algum tipo de complemento, independentemente de o verbo ser transitivo ou inacusativo, representam a maior parte. Na amostra, o número de sentenças com complemento totalizou 87%. Esse resultado indica que, no português brasileiro, não é só o sujeito que tende a ser explícito, mas também o complemento do verbo é, sem dúvida, termo essencial da sentença.

Os verbos transitivos, apesar de não serem foco da pesquisa, também foram computados. Na primeira amostra, eles tiveram um peso equilibrado entre as categorias de télico e atélico. Mas, nas duas últimas amostras, os atélicos se sobressaíram. Computando todos os 320 dados, os verbos transitivos atélicos somaram 61% deles. Assim, chega-se ao final da obra com a hipótese de que os verbos transitivos, apesar de apresentarem complemento, em mais da metade dos dados, não apresentam, em grande parte, limitador de evento. Em apenas 39% dos dados, os complemento dos verbos foram suficientes para limitar a ação. Com esse resultado, fica mais forte a hipótese de que, mais do que os complementos, os advérbios podem exercer forte influência na marcação do término da ação, ou seja, no aspecto semântico.

Partindo desse pressuposto, tem-se o terceiro objetivo específico deste livro que é verificar se os demais elementos que constam no Sintagma Verbal, como advérbios e complementos, podem determinar telicidade ou atelicidade e, se sim, em que medida isso se dá. Quando se computou a influência de advérbios baseando-se na presença deles, viu-se que as sentenças com nenhum advérbio são, com uma média de 70%, atélicas. Isso faz pensar que a presença de advérbios propicia a telicidade da sentença, quer dizer, por não ter nenhum advérbio a chance de a sentença apresentar um elemento limitador da ação é de apenas 30%.

Um fato diferenciou-se em relação à análise dos advérbios. A presença de um advérbio não modificou muito a quantidade de sentenças com situações atélicas, como se esperava. Então, os resultados matemáticos indicaram que a presença de um advérbio não fez com que as situações expressas nas sentenças se tornassem mais télicas, como se o advérbio fosse um evento medidor. Esse resultado se repete mesmo quando permanecem na amostra

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

apenas os advérbios aspectuais e temporais. Porém, quando se considera a análise qualitativa e não mais quantitativa, tem-se um fator muito relevante: o tipo de advérbio aspectual e/ou temporal.

Analisando apenas os advérbios aspectuais e/ou temporais, o aspecto atélico, denotado nas sentenças pesquisadas, continua sendo maioria, como já foi dito acima. Mas, além da quantidade de 70% de sentenças atélicas com um advérbio cair para uma média de 55%, o tipo de advérbio é definidor, ou seja, na maioria das vezes, o advérbio com ideia de atelicidade ("sempre", "toda noite" etc.) é mais presente, por isso a análise quantitativa aponta que, independentemente da quantidade de advérbios, a maior parte das sentenças continua sendo de natureza atélica. Entretanto, a análise qualitativa mostrou que, mesmo com menos sentenças com situações télicas, a presença de advérbio é definidora de aspecto, isso porque não é a quantidade de advérbio que é o mais importante, mas sim o tipo dele. Advérbio com ideia de telicidade (tais como: uma vez, ontem, até o vidro, por sete anos) modifica, sim, o aspecto de uma sentença, assim como um advérbio com ideia de atelicidade (tais como: sempre, muitas vezes, toda a vida).

Sobre a presença de mais de um advérbio aspectual e/ou temporal, verifica-se que a quantidade dessas ocorrências não foi significativa na pesquisa para se ter uma conclusão. Das 62 sentenças com advérbios aspectuais, apenas 13 tinham dois advérbios. Dessas, oito foram classificadas como atélicas e cinco como télicas. O resultado sugere que pode haver a possibilidade de quanto mais advérbio aspectual na mesma sentença, maior a chance de haver um limitador da ação, mas prefere-se, neste momento, não concluir esse fato, apenas sugere-se, levando em conta o número baixo de ocorrências. Assim, o que define o aspecto de uma sentença é o tipo de advérbio presente e não sua quantidade.

Da mesma forma que um advérbio pode definir o aspecto, um complemento verbal também o pode. Primeiramente, porque o lugar do complemento verbal é no sintagma aspectual AspEM, ou seja, o sintagma de evento medidor, também conhecido como SV. Em segundo lugar, porque o que indica telicidade a uma sentença é o complemento verbal ou o advérbio. Apenas com análises quantitativas não se pode afirmar que a presença do complemento é suficiente para fazer com que a sentença seja télica. Contudo, fazendo uma análise qualitativa e voltando em cada sentença de verbo inacusativo e transitivo, conclui-se que os complementos, inúmeras vezes, promovem a telicidade. Já nas sentenças com verbos inergativos, apenas os advérbios a tornam télicas. Sendo assim, tanto os complementos como os advérbios podem determinar telicidade ou atelicidade e essa medida se dá com o tipo de complemento ou advérbio presente na sentença.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

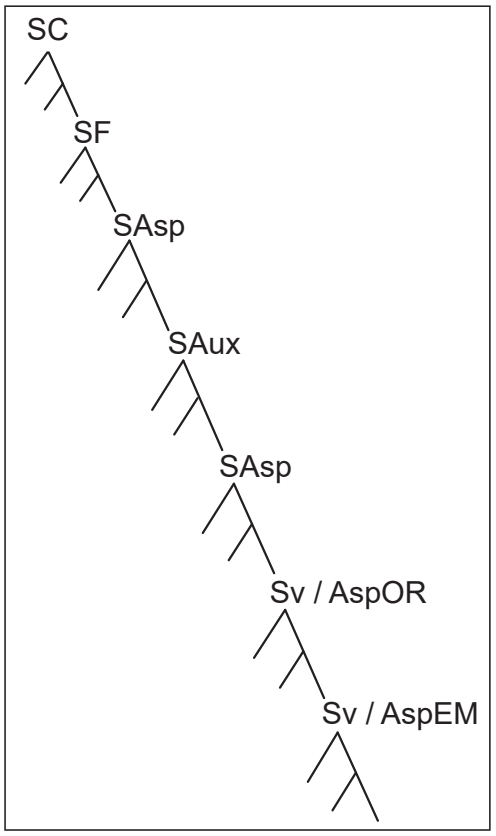
Por fim, tem-se o último objetivo do livro que é descrever como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro. Conclui-se que a categoria aspecto é representada autonomamente, em relação ao sintagma de tempo. Há sintagmas aspectuais independentes de demais sintagmas como os de tempo, modo, negação etc. Afirma-se, então, que a camada flexional pode ser cindida em tempo e em aspecto e que todas as formas verbais apresentam formas aspectuais, por isso, tanto os verbos auxiliares, quanto os verbos principais ou plenos têm sintagmas aspectuais ligados a eles. Para isso, próximo a um sintagma que acolha a forma final de um verbo, sempre haverá, anterior a ele, um sintagma aspectual gramatical, em que serão acolhidos os traços de [+perfectivo] ou [- perfectivo]. Conclui-se também que a definição de aspecto gramatical se dá no momento da derivação da sentença. Já o aspecto semântico vem do léxico definido *a priori* pelos complementos, advérbios e carga semântica dos verbos, como, por exemplo, os verbos de estado. A representação do aspecto semântico dá-se também através de sintagmas, porém, os sintagmas de aspecto gramatical foram acrescentados a uma estrutura básica e conhecida pela Teoria Gerativa, indo além dos sintagmas SC, SF, Sv e SV. Já os sintagmas de aspecto semântico não foram acrescidos, apenas identificados como também sendo sintagmas aspectuais, tendo apenas a nomenclatura acrescida. Assim, o sintagma SV que acolhe os complementos verbais e advérbios também foi chamado de AspEM, pois esses complementos, por vezes, são itens lexicais que limitam a ação e definem o aspecto da sentença como télico. O sintagma Sv que acolhe o sujeito da sentença, tendo como um dos traços semânticos o papel temático de agente, também passa a ser chamado de AspOR, já que acolhe o originador de uma ação.

Em relação à representação mental dos advérbios como definidores de aspecto, conclui-se que eles nem sempre serão especificadores de projeções máximas, como se viu em Cinque (1999). Eles nem sempre precisam estar à esquerda para receber traços de tempo, uma vez que já vêm do léxico com o aspecto semântico definido. Assim, eles também podem se posicionar à direita do verbo e podem ser considerados como adjuntos.

Com essas postulações advindas de análises de vários dados, chega-se finalmente na questão principal da pesquisa que é o objetivo geral do livro: demonstrar como se dá a representação do aspecto à luz da Teoria Gerativa. Baseando-se nas teorias apresentadas, em conjunto com os resultados das análises dos dados, passa-se à demonstração da representação do aspecto.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Figura 20 – Representação do aspecto à luz da Teoria Gerativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Com a representação proposta, o aspecto semântico já viria determinado do léxico e seria posicionado nos sintagmas SV/AspEM ou Sv/AspOR. O aspecto gramatical seria formado no momento da derivação da sentença, a partir de traços do aspecto semântico, já vindos do léxico. Por exemplo, uma sentença que contenha um advérbio como "sempre", não poderia receber traços de [+perfectividade] na formação do aspecto verbal, assim como uma sentença com um advérbio como "por sete anos" não poderia receber traços de [-perfectividade]. Esses traços de aspecto verbal gramatical seriam fixados nos sintagmas próprios. O verbo auxiliar teria seu aspecto gramatical fixado no sintagma aspectual logo abaixo de SF, e o verbo principal teria seu aspecto fixado no sintagma aspectual acima de SV, como nos casos de particípio e gerúndio. Nos casos de verbo pleno, o aspecto se daria em SAsp, abaixo de SF. Já os advérbios, conforme sua localização na sentença, poderiam ocupar tanto uma posição de adjunção à esquerda ou à direita.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

8.2 Contribuições teóricas da pesquisa

Esta segunda parte da conclusão será dedicada à demonstração de como os resultados obtidos nesta pesquisa articulam-se ao aporte teórico apresentado neste livro. Seguindo a ordem de apresentação, o primeiro tema a ser abordado aqui será o aspecto.

Os principais teóricos apresentados no início do capítulo um foram Verkuyl (2003), Smith (1997), Chierquia (2003), Vendler (1967) e Comrie (1976). A análise de dados desta pesquisa contribui para confirmar a tese apresentada por todos esses autores de que o aspecto não é propriedade do verbo, mas é composto por um feixe de traços resultantes das relações entre verbo, argumentos e advérbios na sentença. Smith (1997), Chierquia (2003) e Vendler (1967) propõem classificações de verbos e cada classificação corresponde a uma relação diferente com o aspecto, pois os tipos de verbos dependem do tipo de complemento que eles predicam, por isso a relação do aspecto é mais estreita com o argumento interno do que com o argumento externo. Assim, o conjunto das definições aspectuais desses três autores expressa que os tipos de verbos associados a demais elementos da sentença é que compõem o conceito de aspecto.

Comrie (1976), muito citado na parte teórica desta obra, propõe uma divisão entre aspecto gramatical (perfectivo/imperfectivo) e aspecto semântico ou lexical (télico/atélico). Essa divisão acomoda todas as demais nomenclaturas utilizadas por diversos autores, tais como Mattoso Câmara Jr. (1956), Castilho (1968) e Travaglia (2006). As classificações de aspecto pontual, inceptivo, conclusivo, permansivo, iterativo, terminativo, cessativo, não começado, não acabado, habitual, progressivo etc. podem, certamente, ser abarcadas pelas classificações de perfectivo ou imperfectivo, télico ou atélico. Da mesma forma como Binnick (1991) afirmou que o progressivo é imperfectivo, este livro afirma que todas essas nomenclaturas podem ser acomodadas nas duas divisões de aspecto: gramatical e semântico.

Este livro incorpora a postulação de Arad (1996) sobre a inclusão de dois nós aspectuais, o AspOR e o AspEM. Porém, enquanto Arad sugere a inclusão dos dois nós, mas não apresenta árvores sintáticas demonstrando suas posições, este livro apresenta a representação sintática incluindo os dois nós, mas de forma que eles são incorporados aos nós Sv e SV já existentes, ou seja, não há proposta de acréscimo de outros nós, além dos já propostas pela teoria atualmente.

Sobre tipos de verbos, esta obra avança em um ponto crucial à teoria apresentada até então: o entendimento dos verbos inacusativos. Inicialmente, o marco teórico trouxe a possibilidade de o verbo inacusativo ser entendido

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

como os que visam "apenas" o ponto final do evento e, por isso, seriam télicos. Porém, com a análise dos dados, viu-se que mesmo os verbos inacusativos prototípicos não são em sua maioria télicos. Com esse comportamento, decidiu-se investigar mais sobre as características dos inacusativos e constatou-se que os verbos de ligação são considerados verbos inacusativos. Nessas circunstâncias, o sujeito, na sentença, é visto como argumento interno do predicativo do sujeito. Como o verbo de ligação não seleciona argumento externo, consequentemente, a sentença aceita vários tipos semânticos de sujeito, uma vez que a posição de sujeito é ocupada, mas sem necessariamente satisfazer a exigência de seleção de argumento externo. Com a inclusão dos verbos de ligação, vê-se que aumenta a quantidade de verbos inacusativos nas sentenças e, como muitos são verbos de estado, não tendem a um fim.

Além desses verbos, constatou-se que há outros com comportamento semelhante: são os verbos modais, tanto com sentenças infinitivas quanto com verbos no gerúndio ou particípio. Nesses casos, o argumento externo do verbo principal não é argumento do verbo inacusativo. Exemplo: "João Antônio parece gostar de pipoca". Como se viu no exemplo, os modais são inacusativos, pois não atribuem papel temático, apenas oferecem traços formais. Nesse caso, o argumento externo do verbo principal ocupa a posição de sujeito, para que o princípio EPP seja satisfeito, mas não atribui papel temático.

Outra contribuição deste livro, em relação à Teoria Gerativa, é a proposta de cisão da camada flexional em tempo e aspecto. Em Pollock (1989), a proposta de Split da camada flexional era de que os sintagmas de tempo e concordância fossem independentes. Nesta obra, tempo e aspecto seriam noções distintas, apesar de complementares. Assim, fortalece-se o argumento de que os sintagmas de tempo e aspecto são cindidos.

Em relação ao estudo do tempo, apresentado no capítulo quatro, além da postulação de que os sintagmas de tempo e aspecto são cindidos, há outras contribuições teóricas feitas por este estudo. A primeira delas é de que a Sintaxe, além de ser sensível ao aspecto, como se viu, é sensível à estrutura temporal, por exemplo, eventos futuros não apresentam morfemas temporais de passado, assim como eventos passados não apresentam advérbios de presente ou futuro. O verbo auxiliar, por exemplo, quando carrega traço aspectual de passado, o verbo principal não pode ter a mesma marcação. Isso indica que a Sintaxe é sensível aos traços temporais, incluindo, como Princípio da Faculdade de Linguagem, o CDTS que seria o princípio responsável por não aceitar duas marcações de perfectividade na mesma oração.

A segunda delas é que este livro apresenta uma proposta de adaptação em português do modelo temporal de Bull (1968) em que os tempos verbais do português também são abarcados pelo esquema, assim como os tempos

do inglês, propostos pelo autor, na versão original. Isso é relevante, pois o esquema tem o foco no tempo, mas trabalha com ideia de perfectividade, imperfectividade, início e término da ação associado ao morfema de tempo e aspecto, além da categoria de duração da ação, a partir das setas e seus eixos.

Outra articulação desta obra com o aporte teórico se refere ao entendimento dos três momentos de Reichenbach (1975). Aprofundando o entendimento dos tempos a partir da teoria de Hornstein (1993) em que há tempos básicos (BTS – presente, pretérito e futuro) e tempos derivados (DTS- pretérito perfeito, futuro do presente, pretérito mais-que-perfeito etc.) e que o ME tem relação direta com o MR e MF com MR, vê-se que há relação entre ME e tempo e MR e aspecto.

Conforme Hornstein (1993), advérbio tem marcação temporal. Conforme foi visto nos dados, o advérbio pode ser considerado temporal ou aspectual marcando o aspecto semântico de uma sentença. Nesse sentido, esta obra avança na literatura quando propõe que tempo básico pode ser entendido como a categoria de tempo e tempo derivado como a categoria de aspecto. Essa postulação é feita com a contribuição do quadro de Bull (1968) em que os eixos representariam os tempos básicos e os vetores representeariam os tempos derivados.

Ainda, verificou-se que os dados obtidos nesta investigação se articulam ao aporte teórico de Hornstein (1993) quando sugere que MR represente aspecto e o ME represente tempo. Chega-se a essa sugestão levando em conta o fato de o advérbio ser considerado MR, na teoria apresentada, e nos dados analisados, ser concebido como marcação aspectual. Como advérbio pode ser entendido como MR, parece que MR, consequentemente, pode ser considerado aspecto. Outra confirmação de que MR seria aspecto é o fato de os verbos auxiliares, conforme Wachowicz (2006), marcarem o MR e ter, por vezes, um verbo principal que não marque aspecto, como os infinitivos. Esses casos demonstram como o verbo auxiliar pode marcar aspecto e ser considerado MR, já o verbo principal nem sempre marca aspecto e muito menos é entendido como MR. Por isso, acredita-se que MR seja a representação de aspecto.

Por fim, tem-se o último capítulo teórico, o dos advérbios e as contribuições deste trabalho, demonstrando em que a pesquisa avançou. No capítulo quatro, o livro apresenta as teorias de adjunção e do especificador (esta última, defendida por essa obra). Ao verificar o posicionamento dos advérbios na amostra, observou-se que não havia maioria de advérbios à esquerda. Sabe-se que não há possibilidade de um item lexical ser gerado numa posição e surgir depois de *Spell-out* em outra. Assim, parece que os advérbios podem sim carregar traços de tempo e aspecto, porém muitos são adjuntos e podem expandir o SV em camadas à direita. Isso porque os advérbios não são selecionados

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

por predicadores, mas escolhem (pelo escopo) a qual item vão se adjungir. Portanto, afirma-se que os advérbios podem se posicionar à esquerda ou terem sua posição de realização à direita, conforme o escopo dele.

Chega-se ao final deste trabalho com duas propostas de continuidade de pesquisa: a primeira, em relação aos verbos inacusativos e a necessidade de se pesquisar mais sobre essa categoria e sua relação com aspecto, investigando o comportamento desses verbos. A segunda proposta de pesquisa envolve o tema advérbio. Neste livro, o objetivo foi saber se o advérbio influenciava o aspecto e em que medida essa influência se dava. Mas, para o futuro, acredita-se que é preciso aprofundar mais o estudo entendendo as possibilidades de ocorrência do advérbio.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

NOTIFICAÇÕES PARA LEITORES(AS) DESTA OBRA

O último parágrafo da tese de doutorado, no qual este livro foi baseado, apresentava duas propostas de futuras pesquisas: uma em relação à continuidade de estudos sobre advérbios e outra sobre verbos inacusativos e sua relação com aspecto.

A autora gostaria de comunicar que as investigações, após a defesa da tese, foram mantidas. Assim, duas pesquisas já foram finalizadas, relativas às duas sugestões anteriores.

1. Em relação ao aprofundamento do estudo sobre advérbios, foi feita em 2016 e 2017 uma pesquisa, sob a coordenação da autora deste livro, com o auxílio do Programa Institucional de Bolsas (PIBIC-JR) do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), de acordo com o edital 25/2016, e contou com a participação da bolsista Isadora Pereira do Couto e a coorientação da Prof.ª. Dr.ª Arabie Bezri Hermont, representando a parceria entre o IFMG e a PUC-MG. A pesquisa foi intitulada "O estudo do advérbio nas sentenças do português brasileiro" e teve seus resultados publicados em um artigo, de mesmo nome, o qual pode ser encontrado, de acordo com a seguinte referência:

   XAVIER, Gláucia do Carmo; HERMONT, Arabie Bezri, COUTO, Isadora Pereira do. O estudo do advérbio nas sentenças do português brasileiro. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 43, p. 69-88, jan./abr. 2018.

   Também em 2018, o IFMG publicou os resultados de algumas pesquisas desenvolvidas na instituição. Assim, essa pesquisa sobre advérbios foi transformada em capítulo de livro, com o objetivo de dar visibilidade às pesquisas desenvolvidas no IFMG, campus Ouro Preto, e aos alunos bolsistas da instituição. O capítulo de livro pode ser verificado, por meio da seguinte referência:

   COUTO, Isadora Pereira do; XAVIER, Gláucia do Carmo; HERMONT, Arabie Bezri. O advérbio e a ordem dos constituintes das sentenças produzidas no português brasileiro. In: GONÇALVES,

Gisleyne Elisana; OLIVEIRA, Shirlene Bemfica de (Orgs.). **Pesquisa e extensão na escola pública**: possibilidades e desafios. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.

2. Já sobre a relação dos verbos inacusativos e a relação deles com o aspecto, a autora desta obra coordenou ainda um projeto de pesquisa, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), de acordo com o edital 01/2016- Demanda Universal, entre os anos de 2017-2019, com o tema: "Verbos de ligação: representação no módulo mental, natureza sintática e relações com o aspecto verbal". A pesquisa conta com apoio financeiro da FAPEMIG e a participação da bolsista Kelly Cesário de Oliveira. Essa pesquisa fez parte do estágio de pós-doutorado da autora, na Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a supervisão do Prof. Dr. Eduardo Kenedy. Os resultados do primeiro ano de investigações podem ser vistos no artigo publicado em 2018, com a seguinte referência:

   XAVIER, Gláucia do Carmo; KENEDY, Eduardo; OLIVEIRA, Kelly de. Estudo formal dos verbos de ligação: natureza sintática e representação no módulo mental. **Cadernos CESPUC**: Belo Horizonte, n. 33, p. 112-139, jul./dez. 2018.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALTMANN, E. G.; GERLACH, M. Statistical laws in linguistics. In: **Proceedings of the Flow Machines Workshop**: Creativity and Universality in Language. Paris, 2014.

ARAD, Maya. **A minimalist view of the syntax-lexical semantics interface**. UCL Working Papers in Linguistics 8.1996.

_____. **Locality constraints on the interpretation of roots**: the case of hebrew denominal verbs. Natural Language & Linguistic Theory 21. Netherlands: Kluwer Academic Publishers. 2003.

_____. **Psych-notes**. UCL Working Papers in Linguistics 10. 1998.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 38. ed. Rio de Janeiro, YHL. In: Bagno, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BELETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Psych Verbs and Theta Theory. **Natural Language and Linguistic Theory 6**. 1988.

BENNEMA, Reineke Bok. In: OOSTERDORP, Mark van; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. **Progress in Grammar**. Articles on the 20th Anniversary of the Comparison of Grammatical Models Groupin Tilburg. 2001.

BENUA, Laura; BORER, Hagit. **Passive/Anti-passive in a Predicative Based Approach to Argument Structure**. Talk presented at Glow 19, 1996.

BERLINK, Rosane Andrade; AUGUSTO, Marina R.A.; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística** – domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

BERTINETTO, Pier Marco; BIANCHI, Valentina. Tense, aspect and syntax. A review of Giorgi & Pianesi (1997). **Linguistics 41**. 2003.

BINNICK, Robert I. **Time and the Verb**: A Guide to tense & Aspect. New York: Oxford University Press, 1991.

BORER, Hagit. **The projection of arguments**. Umass, Amherst. University os Massachusetts Occasional Papers 17, p. 19-47. 1994.

BORGES NETO, José. **Ensaios de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BÜHLER, Karl. Teoria del Language. 2. ed. Tradução para o espanhol de Julián Marías. Madrid: **Revista de Occidente**. 1961.

BULL, William. **Time, Tense and the Verb**: a study in theoretical and apllied linguistics, with particular attention Spanish. Los Angeles: University of California Press, 1968.

BURZIO, Luigi. **Anatomy of a Generalization**. **Arguments and Case**: Explaining Burzio's Generalization, ed. Eric Reuland, p. 195-240. Amsterdam: John Benjamins. 2000.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de fatos gramaticais**. Rio de janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CANÇADO, Márcia. **Hierarquia Semântica**: uma proposta para o PB. Revista Letras, Curitiba, v. 61, p. 17-43, 2003.

_____. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CASTILHO, Ataliba de. **Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal**. 1968. Tese (Doutorado). Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIERQUIA, Gennaro. **Semântica** . Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da Sintaxe.**. .Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado. 1975.

_____. **Knowledge of language**: its Nature, Origin and Use. Praeger: New York, 1986.

_____. **Language and problems of knowledge**. Cambridge: MIT Press, 1988.

_____. **Linguagem e Pensamento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Minimalism Inquiries**: the framework. Ms., 1998.

_____. **Syntactic strutures**. The Hague, Netherlands: Mouton Publishers, 1957.

_____. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistics perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CIRIACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade do PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 46, n. 2, p. 207-225, jul/dez. 2004.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. **Tense**. 8. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CORREA, Letícia Maria Sicuro. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 7-34, mar. 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA Luis Felipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

CYRINO, Sônia M., NUNES, Jairo ; PAGOTTO , Emílio. Complementação. In: KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: v. 2, a construção da sentença. São Paulo: Contexto, 2015.

DOWTY, David. Thematic proto Roles and Argument Selection. **Language 67**. p. 547-619. 1991.

EMONDS, Joseph. **A transformation approach to syntax**. New York: Academic Press, 1976.

ERNST, Thomas. **Adverbs and Light Verbs**. University of Massachusetts, Amherst. 2010.

_____. **The Syntax of Adjuncts**, Cambridge Univ. Press, Cambridge. 2002.

FERRARI NETO, José. O Minimalismo: conceitos-chave. In: FERRARI NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Orgs.). **Programa Minimalista em foco**: princípios e debates. Curitiba, PR: CRV, 2012.

FILLMORE, Charles J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinnehart and Winston, 1968. p. 1-88.

GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio. **Tense and aspect**. OXFORD: Oxford University Press, 1997.

GRUBER, Jeffrey S. Studies In lexical relations. 1976. Tese (Doutorado). MIT, 1965; reeditado como parte de **Lexical Structures in syntax and semantics**. Amsterdam.; North Holland, 1976.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: Instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Mark Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it envolve? **SCIENCE**, New York, v. 298, p. 1569-1579, nov. 2002.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Martin Heidegger. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 8. ed. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1988. 2 v. (Pensamento humano).

_____. **Ser e tempo**. 12. ed. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2002. 2 v. (Pensamento humano).

HERMONT, Arabie Bezri. **Aquisição de Tempo e Aspecto no Déficit Especificamente Lingüístico**. 2005. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil, 2005.

HERMONT, Arabie Bezri; LIMA Ricardo Joseh. Gramática Gerativa: aspectos históricos e perspectivas atuais. In: HERMONT, Arabie Bezri; ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva do; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva (Orgs.). **Linguagem e cognição**: Diferentes Perspectivas, de cada lugar um outro olhar. BH: PUC Minas, 2010.

HERMONT, Arabie Bezri; MORATO, Rodrigo A. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. **Revista Linguística** [on-line], v. 10, p. 14, 2014.

HORNSTEIN, Norbert. **As time goes by**: Tense and Universal Grammar. Cambridge, Mass, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

IAGALLO, Patrícia Ormastroni. **A construção da significação linguística do tempo em língua portuguesa**: sistema cognitivo, estrutura conceptual e estrutura semântica. 2015. Tese (Doutorado). Araraquara: UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras, 2015.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: EDUC, Contexto, 1997.

_____. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Os reflexivos e a interpretação dos prossintagmas**. Cadernos de Estudos Linguísticos, 2. p. 56-156. 1981.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic interpretacion in generative grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

KAMP, Hans; ROHRER, Christian. **A Discourse Representation Theory account of tense in texts**. Manuscript, University of Stuttgart. 1989.

KAYNE, Richard. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: MIT Press. 1994.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano MARTELOTTA. (Org.). **Manual de Linguística.**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Léxico e Computações Lexicais. In: FERRARI NETO, José.; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Orgs.). **Programa Minimalista em foco**: princípios e debates. Curitiba, PR: CRV, 2012.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averburg e Clarisse Souza. Rio de janeiro: LTC, 1987.

MAFRA, Johnny José. Fundamentos da Gramática Latina. v. 1. **Teoria do Caso**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2013.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOUREATOS, Alexander. Events, processes, and states. In: **Linguistics and philosophy II**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1978.

NOVELLO, Mário. **O círculo do tempo**: um olhar científico sobre viagens não-convencionais no tempo. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto** : visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência: a beleza essencial. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PARDAL, Poliana Priscila Matos. **Conceitos do Existencialismo vistos sob a ótica de Martin Heidegger**. Disponível em: <http://meuartigo.brasilescola.com/filosofia/conceitos-existencialismo-vistos-martin-heidegger.htm>. Acesso em: 19 out. 2013.

PIÑON, Christopher. **Agent-oriented adverbs as manner adverbs**. Université de Lille 3, Humboldt University. 2009.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-425, 1989.

PRIOR, Arthur N. **Papers on time and tense**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

RUSSELL, Bertrand. **ABC da relatividade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

RADFORD, Andrew. **Minimalism Sintax**: Exploring the Struture of English. New York: Cambridge University Press, 2004.

RAIBLE, Wolfgang. Types of tense and aspect systems. In: BECHERT, Johannes; BERNINI, Giuliano; BURIDANT, Claude. **Toward a Typology of European Languages**. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1990.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: Dover, 1975.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). **Elements of Grammar**, Kluwer, Dordrecht, p. 281- 337. 1997.

ROCHA, Maura A. Freitas; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Adjunção. In: KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: v. 2, a construção da sentença. São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, F. C.; NOVAES, C. V. Processamento sintático *on-line* de tempo e aspecto. **ReVEL**. v. 6, n. 11, agosto de 2008.

SANT'ANA, Mauro Simões. **Sintaxe e processamento de advérbios no português brasileiro**. 2010. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2010.

SCREMIN, Florinda de Fátima. **A Expressão de Tempo Passado através do Presente Perfeito e Passado Simples em Inglês e do Pretérito Perfeito em Português**. 1982. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil, 1982.

SILVA, Haroldo. **Tempo, espaço e os enganos que provocam**. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2013.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SMITH, Carlota; PERKINS, Ellavina; FERNALD, Theodore. **Time in Navajo**: Direct and Indirect Interpretation. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

STEN, Holger. **L'infinitivo impessoal et l"infinitivo pessoal em portugais moderne**. Boletim de Filologia13,1953.

TENNY, Carol. The Aspectual Interface Hypothesis. In: **Sag and Szabolcsi** (Eds.). p. 1-27, 1992.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 4. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

VENDLER, Zeno. Verb and Times. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca,NY: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. **Aspectual Composition**: Surveying the Ingredientes. Utrecht Institute of Linguistics OTS. p. 201-2019. 2003.

VOGEL, Alan Robert, **Jarawara Verb Classes.** Master's thesis, University of Texas at Arlington. 2004.

WACHOWICZ , Teresa Cristina. O aspecto do auxiliar. **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 55-75, jul./dez. 2006.

WAGNER, Laura. **Acquiring Viewpoint Aspect One Level at a Time**. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1997.

WOODS, Anthony; FLETCHER, Paul; HUGHES, Arthur. **Statistics in language studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

WOOLFORD, Ellen. Burzio's Generalization, markedness, and locality constraints on nominative objects. In: **New Perspectives on Case Theory**, edited by Ellen Brandner and Heike Zinsmeister, no. 156 in CSLI Lecture Notes, p. 301–329. CSLI, Stanford, Ca. 2003.

XAVIER, Gláucia do Carmo; MORATO, Rodrigo A. Teoria Gerativa: uma introdução aos principais conceitos. In: HERMONT, A. B.; XAVIER, G. C. (Orgs.). **Gerativa**: (inter)faces de uma teoria. 1. ed. Florianópolis: Beconn – produção de conteúdo, 2014.

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

Versão do autor para leitura e divulgação acadêmica – Livro não comercializado

SOBRE O LIVRO
Tiragem não comercializada
Formato: 16 x 23 cm
Mancha: 12,3 X 19,3 cm
Tipologia: Times New Roman 11,5/12/16/18
Arial 7,5/8/9
Papel: Pólen 80 g (miolo)
Royal Supremo 250 g (capa)